

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

ANTONIO WALLACE LORDES

PATHOS, ETHOS E LOGOS
EM CHARGES DE CHARLIE HEBDO

Belo Horizonte

2019

ANTONIO WALLACE LORDES

PATHOS, ETHOS E LOGOS

EM CHARGES DE CHARLIE HEBDO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística do Texto e do Discurso.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso

Linha de Pesquisa: Análise do Discurso

Orientador: Prof. Dr. Renato de Mello

Belo Horizonte

2019

CATALOGAÇÃO

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

L866p Lordes, Antonio Wallace.
Pathos, Ethos e Logos em charges de Charlie Hebdo [manuscrito] /
Antonio Wallace Lordes. – 2019.
206 f., enc.: il. (color)

Orientador: Renato de Mello.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de Pesquisa: Análise do Discurso.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 191-198.

Anexos: f. 199-206.

1. Charlie Hebdo – Teses. 2. Análise do discurso – Teses. 3.
Ethos – Teses. 4. Logos – Teses. 5. Atos de fala – Teses. 6.
Persuasão (Retórica) – Teses. I. Mello, Renato de. II. Universidade
Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418



FOLHA DE APROVAÇÃO

PATHOS, ETHOS E LOGOS EM CHARGES DE CHARLIE HEBDO

ANTONIO WALLACE LORDES

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Análise do Discurso.

Aprovada em 26 de agosto de 2019, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Renato de Mello - Orientador
UFMG

Prof(a). Argus Romero Abreu de Morais
UFSJ

Prof(a). Rony Peterson Gomes do Vale
UEV

Prof(a). Lucas Piter Alves Costa
UFMG

Prof(a). Ivanete Bernardino Soares
UFOP

Belo Horizonte, 26 de agosto de 2019.

Prof. Wander Emeciano de Souza
Coord. Programa de Pós-Graduação
em Estudos Linguísticos

FALE/UFMG

À minha mãe, Helena, e ao meu marido, Iury.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Renato de Mello, pela enorme paciência, sinceridade, ética e acompanhamento de meu trabalho, até nos momentos em que eu me introvertia e me fechava em mim mesmo;

Aos professores Drs. João Benvindo de Moura e Rony Petterson Gomes do Vale, pela participação na banca de qualificação, pela leitura e direcionamentos precisos para a finalização de minha tese;

Aos membros da banca de defesa da tese, pela disponibilidade em contribuir com as leituras criteriosas;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG que me receberam de braços abertos;

Às Professoras Dras. Ida Lucia Machado e Gláucia Muniz Proença Lara, pelas aulas nas respectivas disciplinas que cursei;

Ao Instituto Federal do Espírito Santo, especialmente ao *campus* Nova Venécia, pela concessão de afastamento durante esta pesquisa;

Ao meu amigo Bernardo Luiz Zanetti Ferrari, pela ajuda e pelo apoio, mesmo morando longe de mim;

A todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para que esse sonho se tornasse realidade.

É a linguagem que permite ao homem pensar e agir. Pois não há ação sem pensamento, nem pensamento sem linguagem. A linguagem é um poder, talvez o primeiro poder do homem.

Patrick Charaudeau.

RESUMO

O jornal *Charlie Hebdo* ganhou notoriedade mundial em decorrência do seu envolvimento em polêmicas, as quais culminaram em atentados promovidos por grupos extremistas islâmicos. Com um humor peculiar, o teor dos efeitos de sentido gerados pelas charges de Charlie Hebdo atinge todos os estratos da sociedade, especialmente aqueles ligados à posição direitista, cujas ideologias se contrapõem ao posicionamento esquerdista do jornal. Além da religião, a política, o meio artístico, a economia também são, frequentemente, pautas para suas matérias, sinalizadas em suas capas por charges provocantes e, às vezes, chocantes, do ponto de vista tanto verbal quanto visual. A charge, tomada neste trabalho como gênero discursivo, serve como chamariz aos assuntos discutidos ao longo de toda a composição redacional do periódico. Sob um jogo de estratégias em busca de adesão do discurso, estão envolvidos fatores de ordem linguístico-discursivos os quais são orientados pelos estados emotivos dos enunciadores de Charlie Hebdo. Deste modo, neste trabalho, considera-se que o *pathos*, o *ethos* e o *logos* se realizam na *mise en scène* discursiva como forte estratégia de captação, oriunda de sujeitos intencionais e racionais que, em prol de um projeto linguageiro, buscam manter sua legitimidade e credibilidade e persuadir o outro. Este apelo se faz pela desenvoltura e integração (inevitável) das três provas retóricas: o *pathos*, o *ethos* e o *logos*, através das quais acionam-se, estrategicamente, outros elementos relacionados ao ato de fala tais como os imaginários sociodiscursivos, instituídos a partir dos saberes de crença. Diante desta dinâmica, supõe-se que os enunciadores de Charlie Hebdo, por um lado, influenciam o surgimento de uma tópica de emoções negativas como raiva, revolta, tristeza, indignação e, por outro, emoções positivas como orgulho, alegria, senso de justiça, empatia, etc. em seu público. Diante do exposto, nosso arcabouço teórico em relação às provas retóricas concentra-se em Amossy (2007; 2008; 2014a; 2014b; 2014c; 2014d; 2017; 2018), Charaudeau (1996; 2000; 2001; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2007; 2008a; 2008b; 2009; 2010; 2011a; 2011b; 2014; 2017), Maingueneau (1997; 2008a; 2008b; 2010; 2014; 2015) e Plantin (2008; 2010; 2011a; 2011b).

Palavras-chave: Charlie Hebdo; *pathos*; *ethos*; *logos*; Análise do Discurso.

ABSTRACT

The Charlie Hebdo newspaper has gained worldwide notoriety as a result of its involvement in polemic issues, which led to attacks by extremist Islamic groups. With a peculiar sense of humor, the tone of the effects of meaning generated by the cartoons of Charlie Hebdo reaches all strata of society, especially those linked to the rightist position, whose ideologies oppose the leftist position of the newspaper. In addition to religion, politics, the arts, and economics are also often guidelines for their stories, flagged on their covers by provocative and sometimes shocking cartoons, both verbally and visually. The cartoon, taken in this work as a discursive genre, serves as an attraction factor to the subjects discussed throughout the newspaper's editorial composition. Under a strategy game in search of discourse adhesion, linguistic-discursive factors are involved which are guided by the emotional states of Charlie Hebdo's enunciators. Thus, in this work, it is considered that *pathos*, *ethos* and *logos* come to happen in the discursive *mise en scène* as a strong capture strategy coming from intentional and rational subjects who, for the sake of a language project, seek to maintain their legitimacy and credibility and persuade the other. This appeal is made through the performance and (inevitable) integration of the three rhetorical proofs: *pathos*, *ethos* and *logos*, through which other elements related to the act of speech are strategically activated, such as the socio-discursive imaginaries, instituted from the knowledge of belief. Given this dynamic, it is assumed that the statements of Charlie Hebdo, on the one hand, influence the emergence of a topic of negative emotions such as anger, rebellion, sadness, indignation and, on the other, positive emotions such as pride, joy, sense of justice, empathy etc. in its audience. Given the above, our theoretical framework for rhetorical evidence focuses on Amossy (2007; 2008; 2014a; 2014b; 2014c; 2014d; 2017; 2018), Charaudeau (1996; 2000; 2001; 2004a; 2004b; 2005; 2006a ; 2006b; 2007; 2008a; 2008b; 2009; 2010; 2011a; 2011b; 2014; 2017), Maingueneau (1997; 2008a; 2008b; 2010; 2014; 2015) and Plantin (2008; 2010; 2011a; 2011b).

Keywords: Charlie Hebdo; *pathos*; *ethos*; *logos*; Analysis of Discourse.

RÉSUMÉ

Le journal Charlie Hebdo a acquis une notoriété mondiale par son implication dans des polémiques qui ont abouties aux attaques portés par des groupes extrémistes islamiques. Avec son humour atypique, le ton aperçu par les charges de Charlie Hebdo, atteint tous les niveaux de la société, en especial à ceux lié au positionnement de la droite, dont les idéologies s'opposent au positionnement de la gauche du journal. En plus de la religion, la politique, l'art et l'économie sont fréquemment des sujets abordés par le journal, affichés sur sa couverture sur la forme de caricature, peuvent être aperçus comme provocants voire choquants aussi bien que sur le côté visuel que le côté verbal. La charge aperçue comme étant du genre discursif sert pour attirer l'attention sur les sujets abordés dans le journal. Dans ce jeu de stratégies dans le but d'une adhésion au discours, des facteurs linguistiques et discursifs sont impliqués et influencés par les états émotionnels des locuteurs du Charlie Hebdo. Ainsi, dans cet ouvrage, *pathos*, *ethos* et *logos* sont considérés comme faisant partie du discours sur la mise en scène comme une stratégie forte de capture, émanant de sujets intentionnels et rationnels qui, en faveur d'un projet linguistique, ils cherchent à maintenir leurs légitimité et leur crédibilité et à persuader les autres. Cet appel est fait par la débrouillardise et l'intégration (inévitable) des trois preuves rhétoriques: *pathos*, *ethos* et *logos*, par lesquels d'autres éléments sont déclenchés et liés à l'acte de langage, tels que les imaginaires sociodiscursifs, institués à partir de la connaissance de la croyance. Face à cette dynamique, on suppose que les annonceurs de Charlie Hebdo d'un côté influencent l'émergence d'un ensemble d'émotions négatives telles que la colère, la révolte, la tristesse, l'indignation et de l'autre côté, les aspects positifs tel que l'orgueil, la joie, le sens de la justice, l'empathie etc. dans son public. À la lumière de ce qui précède, notre cadre théorique relatif aux preuves rhétoriques se concentre sur Amossy (2007; 2008; 2014a; 2014b; 2014c; 2014d; 2017; 2018), Charaudeau (1996; 2000; 2001; 2004a; 2004b; 2005; 2006a; 2006b; 2007; 2008a; 2008b; 2009; 2010; 2011a; 2011b; 2014; 2017), Maingueneau (1997; 2008a; 2008b; 2010; 2014; 2015) e Plantin (2008; 2010; 2011a; 2011b).

Mots-clés: Charlie Hebdo; *pathos*; *ethos*; *logos*; Analyse du Discours.

LISTA DE CHARGES ANALISADAS EM CHARLIE HEBDO

Charge	Data de publicação	Nº da Revista
01	05/02/2006	712 – Edição especial - Capa
02	30/09/2009	902 - Capa
03	20/04/2011	983 - Capa
04	02/11/2011	1011 - Capa
05	09/11/2011	1012 - Capa
06	19/09/2012	1057 - Capa
07	26/09/2012	1058 - Capa
08	07/11/2012	1064 - Capa
09	22/05/2013	1092 - Capa
10	22/05/2013	1092 - Interna
11	10/07/2013	1099 - Capa
12	12/11/2013	1099 - Interna
13	31/12/2013	1124 - Capa
14	01/10/2014	1163 - Capa
15	12/02/2014	1130 - Capa
16	22/10/2014	1166 - Capa
17	14/01/2015	1178 - Capa
18	11/11/2015	1217 - Capa
19	02/09/2016	1255 – Última página
20	23/08/2017	1309 - Capa

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1	- Princípios da Inferência Emocional de Ungerer.....	67
Quadro 2	- Tópicos de Plantin	69
Quadro 3	- O ato de linguagem e seus sujeitos	154
Figura 1	- Gráfico publicado pelo jornal <i>Le Monde</i> com o ranking de assuntos recorrentes nas capas de Charlie Hebdo de 2005 a 2015	102

SUMÁRIO

RESUMO	07
ABSTRACT	08
RESUME	09
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	26
1. AS PAIXÕES NA FILOSOFIA DE ARISTÓTELES E DESCARTES	28
1.1. A CÓLERA	32
1.2. A CALMA	34
1.3. O AMOR E O ÓDIO	34
1.4. O DESPREZO E A EMULAÇÃO.....	35
1.5. O TEMOR E A CONFIANÇA	36
1.6. A VERGONHA E A IMPUDÊNCIA	36
1.7. A BONDADE	37
1.8. A COMPAIXÃO	38
1.9. A INDIGNAÇÃO	38
1.10. A INVEJA	39
2. AS EMOÇÕES NA LINGUÍSTICA	40
2.1. AS EMOÇÕES SEGUNDO CHARAUDEAU.....	40
2.1.2. CONSIDERAÇÕES DE CHARAUDEAU SOBRE AS EMOÇÕES NA PSICOLOGIA E NA SOCIOLOGIA	41
2.1.3. CONSIDERAÇÕES DE CHARAUDEAU SOBRE AS EMOÇÕES NA ANÁLISE DO DISCURSO	44
2.1.4. A PATEMIZAÇÃO COMO FATOR DE INTENCIONALIDADE	46
2.1.5. A PATEMIZAÇÃO COMO FATOR DE SABERES DE CRENÇA	47
2.1.6. A PATEMIZAÇÃO COMO FATOR DE REPRESENTAÇÕES PSICOSSOCIAIS	48
2.2. AS EMOÇÕES SEGUNDO PLANTIN	59
2.3. O <i>ETHOS</i> SEGUNDO MAINGUENEAU	71

2.4.	O <i>ETHOS</i> SEGUNDO CHARAUDEAU	76
2.5.	O <i>ETHOS</i> SEGUNDO AMOSSY	78
2.6.	O FATOR PATÊMICO DO <i>LOGOS</i> COMO RECURSO ARGUMENTATIVO	80
2.6.1.	A ARGUMENTAÇÃO SEGUNDO AMOSSY	80
2.6.2.	A ARGUMENTAÇÃO SEGUNDO PLANTIN	90
CAPÍTULO II – O <i>CORPUS</i> E O HUMOR.....		94
1.	CHARLIE HEBDO.....	95
1.1.	CARACTERÍSTICAS GERAIS E HISTÓRIA DO JORNAL	95
1.2.	CARACTERÍSTICAS DO JORNAL CHARLIE HEBDO NAS VERSÕES FÍSICA E ONLINE	99
1.3.	A CHARGE COMO GÊNERO DISCURSIVO	100
1.4.	O HUMOR EM CHARLIE HEBDO	105
1.5.	O HUMOR SEGUNDO CHARAUDEAU.....	108
1.6.	AS CATEGORIAS DE HUMOR SEGUNDO CHARAUDEAU	115
1.7.	OS POSSÍVEIS EFEITOS DE SENTIDO DO ATO HUMORÍSTICO SEGUNDO CHARAUDEAU	116
CAPÍTULO III –ANÁLISE DAS CHARGES DE CHARLIE HEBDO		120
1.	A DIMENSÃO IMAGÉTICA NA COMPOSIÇÃO DISCURSIVA DAS CHARGES... ..	124
2.	MANIFESTAÇÕES PATÊMICAS EM CHARLIE HEBDO – CONSIDERAÇÕES INICIAIS	129
2.1.	O <i>PATHOS</i> NO DISCURSO DE CHARLIE HEBDO – AS EMOÇÕES VISADAS	130
3.	MANIFESTAÇÕES ETHÓTICAS DE CHARLIE HEBDO	150
3.1.	OS SUJEITOS DAS CHARGES	151
3.2.	O <i>ETHOS</i> DITO	155
3.3.	O <i>ETHOS</i> MOSTRADO	157
3.4.	O MODO DELOCUTIVO	158
3.5.	O MODO ALOCUTIVO.....	168
4.	O <i>LOGOS</i> COMO RECURSO ARGUMENTATIVO EM CHARLIE HEBDO	170
4.1.	AS MODALIDADES PATÉTICA E POLÊMICA E SEUS REGISTROS	170
4.2.	OUTRAS MODALIDADES ARGUMENTATIVAS E REGISTROS	173
4.3.	AS CATEGORIAS DE HUMOR E OS EFEITOS DE SENTIDO NAS CHARGES	175
4.3.1.	A CATEGORIA DE IRONIA E POSSÍVEIS EFEITOS DE SENTIDO	176

4.3.2. OUTRAS CATEGORIAS E POSSIVEIS EFEITOS DE SENTIDO	179
4.3.3. A CATEGORIA DE SARCASMO	179
4.3.4. A CATEGORIA DE PARÓDIA	181
CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	191
ANEXOS	199
ÍNDICE REMISSIVO DAS CHARGES	206

INTRODUÇÃO

“L’éthos a une structure pathémique.”

Plantin

Falar sobre sujeitos e emoções no discurso pode ser um exercício complexo e arriscado. Tal afirmação advém da observação imediata quando nos deparamos com um conjunto de linhas de pesquisa e definições movediças ao longo dos estudos clássicos até sua inserção nos estudos da linguagem. A maneira como estas correntes tratam os sujeitos e a manifestação das emoções no ramo da comunicação e da filosofia, em geral, ora as afastam umas das outras, ora as aproximam. Afastam-nas quando associam sujeitos e emoções ao raciocínio lógico, como na era clássica, quando antes das teorizações propostas por Aristóteles (2003), Platão, por exemplo, considerava razão e emoção antagônicas. E aproximam-se quando consideraram que as emoções têm um caráter inerente à influência (positiva ou negativa) sobre o público, como refletiu Aristóteles (2003), na Retórica, ao propor que as emoções poderiam engendrar, em parte, o discurso argumentativo, compondo a tríade *pathos*, *logos* e *ethos*. Assim, ao pesquisar sobre o assunto, os termos *pathos*, *ethos* e *logos* nos levam a reflexões complexas, visto a interdependência entre várias áreas de estudos, além das flutuações semânticas ocorridas ao longo do tempo. Segundo Aragão (2007, p. 26), “O termo *emoção* tem variado ao longo da história da filosofia ocidental, sendo substituído com frequência por *paixão*, *sentimento*, *desejo*, *atitude*, *humor*, *temperamento*, *reação*, *ética*, *preferência* e *afeto*”. (grifos do autor).

Voltando à diferença das linhas de pensamento sobre sujeitos e suas emoções, encontramos, na perspectiva clássica, noções que ligam os afetos à irracionalidade e, por outro lado, noções mais modernas, que associam o fenômeno à tomada de atitude como estratégia de persuasão, ou seja, ligada à racionalidade. Deste modo, observamos que parte desta controvérsia pode ser atribuída à problemática segundo a qual emoção e racionalidade, aparentemente, não têm correspondência teórica. À sombra desta última afirmação, alguns teóricos tomam por consideração que o ato de se emocionar tem uma estreita relação com a percepção sensorial dos sujeitos e suas pulsões, mas não com seu intelecto. Sob essa ótica, a emoção seria subjugada a uma interpretação cartesiana, o que nos desvia, aqui, de nossa proposta cujo eixo baseia-se em uma análise de filiação discursiva, retórica. Esta última perspectiva nos revela efeitos e desdobramentos que serviram de pano de fundo para as teorizações nas ciências da linguagem, especialmente aquelas cujos alicerces perpassam uma perspectiva psico-sócio-linguagreira.

Assim, tratar das dos sujeitos e de suas emoções discursivamente nos induz a pensá-los sob o viés dos mecanismos de funcionamento do discurso: os participantes da

cena linguageira, suas identidades, suas intenções e os elementos linguísticos que compõem e circundam o ato de comunicação. Posto deste modo, duas tarefas se interpuseram diante de nós ao elaborar esta tese: a escolha do tema, relativo ao tratamento que deveria/poderia ser dado aos sujeitos e às emoções; e a escolha e captação do *corpus*. Para ilustrarmos a dinâmica de escolhas e gerenciamento do material coletado ao longo do trabalho, adaptamos algumas observações de Charaudeau (2011a)¹, conforme o qual, ao propormos um exercício de análise no âmbito das ciências da linguagem, devemos ficar atentos tanto aos fatores internos quanto aos externos do ato de comunicação. São eles:

- i) A materialidade linguística (referente às produções orais ou escritas do material coletado);
- ii) Escolha do suporte das materializações do *corpus* (jornal *Charlie Hebdo* nas versões impressa e *online*);
- iii) Natureza do *corpus* (parcial e fechado, o que se faz aqui em decorrência do tipo de *corpus* que selecionamos. Isto, por um lado, nos impede de abarcar a totalidade da questão, mas, por outro, nos dá certa estabilidade de análise dos dados);
- iv) E, por último, as categorias da análise linguística que podem servir de base para se analisar o *corpus*; categorias gramaticais (conectores, pronomes, verbos, adjetivações, etc.), categorias lexicais (por campos semânticos das emoções), categorias sintáticas (segundo algumas construções tais como voz passiva, ativa, orações predicativas com suas atribuições adjetivas que imprimem um caráter qualitativo, etc.).

Nosso trabalho, portanto, baseia-se em um arcabouço teórico que nos fez refletir como as relações discursivo-enunciativas cotidianas e o fenômeno da patemização estão interligados de maneira a produzir efeitos de sentido variados de modo que a instância de comunicação proponente do ato procure tocar no afeto do auditório. O objetivo é tratar da discursivização² das emoções nos enunciados que compõem as charges de *Charlie Hebdo*, jornal francês cujo projeto de fala é atingir (tocar patemicamente?) pessoas em diversos setores da sociedade. Falar de *pathos*, de *ethos* e de *logos* neste tipo

¹Artigo disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/-Traductions,11-.html>. Acessado em 26/06/2018.

² No âmbito da discursivização, serão considerados os estratos verbal e não-verbal.

específico de manifestação linguística nos leva a refletir sobre o discurso emotivo como cerne do processo de comunicação e seus efeitos variados, sobretudo visando à persuasão do público ao qual se dirige, levantando a hipótese de surgimento de patemias diversas para fins específicos.

Com o avanço da perspectiva interacionista nos estudos da linguagem, as emoções deixaram o binômio racionalidade *versus* emoção, de certo modo, em segundo plano. Isso porque a percepção da manifestação das emoções no discurso (falado ou escrito) entendidas como orientadoras do processo de comunicação tornou-se uma tônica cada vez mais defensável. O homem é um ser emocionante e emocionado. Nossas relações cotidianas estão repletas de paixão (que modificam nosso estado da alma, como diriam os cartesianos). É natural que essa característica humana se imprima nos mais variados discursos e, por extensão, se materialize nos mais variados gêneros. Contudo, é discutível que alguns gêneros de discurso incitem mais a presença de índices patêmicos do que outros: uma nota de falecimento tem maior probabilidade de emocionar do que uma bula de remédio! (embora esta não esteja isenta de suscitar emoções e aquela pode não emocionar). Portanto, a potencialidade de patemias³ pode ser amplamente encontrada em textos dos mais diversos teores (do científico ao literário), em situações bem diferentes e aleatórias. Tudo depende das finalidades do sujeito comunicante que, em seu projeto de fala, seleciona/direciona mecanismos linguístico-enunciativos para conseguir adesão de seu interlocutor, deixando refletir suas marcas intencionais não só através do *pathos*, mas também do *ethos* e do *logos*.

O discurso a que nos propusemos analisar desdobra-se em manifestações linguísticas na esfera midiática e, especificamente, se materializam em textos chárgicos. A repercussão desse tipo de discurso que, no caso do jornal analisado, possui traços de polemização⁴, vem causando, nas últimas décadas, reações positivas e negativas por parte do público. Uma breve consulta pelos mais diversos sites de notícias disponíveis e outros veículos de comunicação impressos pode ratificar esta assertiva. Assim, considerando o cenário polêmico que se instaurou nos últimos anos na França por conta das publicações do semanário Charlie Hebdo, principalmente depois dos atentados à sua sede, pudemos levantar a hipótese de que a escolha do *corpus*, vinte charges de Charlie

³Essa questão será discutida e ilustrada no capítulo de pressupostos teóricos onde Charaudeau expõe as marcas-traços do patêmico, ou seja, como as emoções podem ser demonstradas pelo emprego de certas palavras, mas também quando elas não têm nenhum traço patêmico e mesmo assim, patemizam.

⁴ O conceito de polemização aqui encontra sua base teórica em Amossy (2017).

Hebdo, somada às investidas provocativas do jornal, já predispunham uma gama de emoções no universo enunciativo do veículo e um perfil *ethótico* dos envolvidos.

Em certa medida, as possibilidades de patemização evocadas pelas charges se devem, assim, ao *ethos* e a seus desdobramentos. Um desses desdobramentos trata da atribuição de características *ethóticas* à imagem dos enunciadores, as quais antecedem a leitura do jornal, ou seja, existe a construção de um *ethos* pré-discursivo, Maingueneau (2015, p. 18), proveniente de alguns fatores pré-estabelecidos tanto pelo gênero discursivo no qual as charges se enquadram, até sua estruturação temática, ou seja, os assuntos abordados em sua cotidianidade, além, é claro, do DNA subversivo que permeia a história de Charlie Hebdo. Em outras palavras, o contrato de comunicação chárgico desse jornal se inscreve em uma proposta cujo intuito inicial não seria apenas entreter ou informar, mas também provocar polêmica no espaço de circulação do texto.

Todavia, em seu bojo da incitação à polêmica há um discurso inflamado em busca de adesão, mas que coleciona dissabores de várias comunidades discursivas. Além disso, se olharmos para trás, perceberemos que esta forma polêmica de exercer a palavra não é nova. Desde sua origem, na França, a charge tem uma proposta de entreter, criticando todos os estratos da sociedade acerca dos mais variados assuntos como a política, a economia, a religião dentre outros. Contudo, nos limitaremos a delinear a charge como proposta textual-discursiva que suscita emoções e movimentos discursivos específicos, a saber a patemização, o humor e a argumentação. Estas características temáticas e funcionais deste gênero e de seu discurso serão objeto de discussão no capítulo de análise.

Voltando aos aspectos motivacionais da construção de nosso texto, apesar da relativa dificuldade de se trabalhar teoricamente com a instabilidade diacrônica do termo emoção e, conseqüentemente, com suas conceituações, conforme veremos em Plantin (2010; 2011a; 2001b) e em Charaudeau (2007; 2010), outros aspectos desta noção se interpuseram, mas, ao mesmo tempo, nos motivaram a estudar o fenômeno da patemização. A primeira motivação veio de nossa leitura de Plantin e Charaudeau, especialmente pelo tratamento discursivo dado às emoções. Respeitados os devidos limites, estes autores convergem em vários pontos de suas reflexões. Para erigir parte de sua teoria, Charaudeau dialoga com autores de outras áreas. Notamos que boa parte de suas reflexões no artigo “A patemização na televisão como estratégia de autenticidade”, de 2010, está baseada nas contribuições de teóricos de outras áreas como a Psicologia e a Sociologia. Estes trabalhos estão reunidos na obra *La couleur des pensées: sentiments*,

émotions, intentions a qual tivemos acesso. Os aspectos dos fatores psicossociais que integram a dinâmica de manifestação das emoções vão ser mais bem desenvolvidos no capítulo I, quando nos debruçaremos sobre as discussões/contribuições deste autor para este ramo de estudo.

Por ora, limitamo-nos a informar que este caráter social da emoção eleva nossa motivação devido às relações de troca e de sentido presentes na comunicação cotidiana, ou seja, há um movimento de representação da língua, que se estabelece entre os sujeitos de uma comunidade/sociedade em situações de comunicação reais. Esta dinâmica social da língua permeia toda a teoria de Charaudeau (a Semiolinguística), a qual adotamos como embasamento teórico de parte de nossa tese, considerando o sujeito e suas relações com a sociedade no centro da análise linguística, em um processo de discursivização da língua e das emoções, ou seja, podemos afirmar que discursivizar a língua e as emoções fazem parte de um “processo de semiotização do mundo” (CHARAUDEAU, 2005, p. 13).

O segundo ponto que consideramos decisivo para nossa escolha acerca do *pathos* como objeto de pesquisa tem a ver com sua orientação argumentativa. Neste aspecto, tomamos como referência, além de Charaudeau, os estudos de Plantin (2008; 2010; 2011a; 2011b). Estes autores possuem convergências segundo as quais a emoção pode funcionar como elemento de persuasão (argumentação). Na perspectiva de Charaudeau, se no interior do projeto de fala, o sujeito comunicante pressupõe ser ouvido e ser credibilizado pelos seus pares, há aí uma forte inclinação para o discurso surtir como efeito de persuasão, de aderência do outro. Acerca disso, Plantin (2010) também nos orienta sobre o processo de persuasão através das emoções. Para o autor, assim como é possível fazer uma assertiva diante de uma constatação (As nuvens estão se dissipando, vai ter sol amanhã), fundando um dever crer ou (Está ensolarado, vamos à praia), fundando um dever fazer, pode-se igualmente fundar um dever experienciar, ou seja, em prol de uma “orientação explícita de um discurso em direção à expressão de um afeto” (PLANTIN, 2010, p.57).

Não vamos nos alongar nos referidos conceitos neste momento, já que, ao longo da tese, especialmente no capítulo teórico, vamos detalhá-los mais. Por hora, limitamo-nos a informar que nossa proposta teórica se situa em uma problemática apontada, primordialmente, por esses dois autores no que diz respeito ao valor emblemático das emoções no discurso e sua função argumentativa.

Além disso, é importante salientar que, inserido na proposta teórica anunciada, obviamente virão conceitos com os quais trabalharemos, dentre os principais podemos citar a tríade argumentativa da retórica aristotélica, qual seja, o *pathos*, o *ethos* e o *logos*. Além destes conceitos teóricos, outros surgirão oportunamente já que, ao se propor analisar um ato de linguagem, as três provas retóricas não são suficientes⁵, dadas as vicissitudes das teorias que selecionamos como fios condutores de toda a tese e as especificidades do *corpus* e dos mecanismos de funcionamento do ato de linguagem.

No que concerne às provas retóricas, ao abordarmos as emoções e seus desdobramentos, embasamo-nos em Plantin e Charaudeau além de fazermos menção aos estudos de Aristóteles (2003) e Descartes sobre o assunto. Como fundamentação teórica do *ethos*, teremos como referências Maingueneau, Amossy e Charaudeau. E, por fim, ao falar do *logos*, nossa base será em Plantin e Amossy. Salientamos que, se por ventura, um ou outro desses conceitos se sobressair em alguns pontos de nosso texto, isso se deve à eminência pontual na qual o conceito está sendo discutido. Portanto, essa prioridade é apenas momentânea, uma vez que na dinâmica que rege nossa percepção global e, por extensão, esta tese, o *pathos*, o *ethos* e o *logos* são indissociáveis e consubstanciais.

Diante do exposto, visando à objetivação, vamos agora afinar o teor de nossa pesquisa, abrangendo aspectos gerais e específicos que contemplem a globalidade de nossas reflexões, à guisa de procedimentos introdutórios da tese. Nossa análise propõe uma reflexão sobre charges publicadas no jornal francês Charlie Hebdo, entre o período fevereiro de 2006 e agosto de 2017, com o intuito principal de descrever os componentes da cena comunicativa, com ênfase nas emoções suscitadas e seu reflexo nas provas retóricas. A análise inicial dos enunciados de Charlie Hebdo nos leva a um horizonte de percepção em que a visada patêmica emerge do processo enunciativo o qual se traduz em textos com diferentes tonalidades *ethóticas*, ou seja, o projeto de fala que se apresenta através das charges tentam tocar o afeto do público a partir da imagem que o jornal constrói e seus tons de vocalização direcionados à instância de interação/recepção.

Portanto nossa dinâmica de análise será pautada por meio de mecanismos teóricos específicos, a fim de deslindar como os efeitos patêmicos incidem sobre o

⁵ Em Charaudeau (2010, p. 26), o autor afirma que embora a Retórica propusesse uma “tópica” da emoção, ela (a Retórica) “[...] deve ser completada por uma teoria do sujeito e pela situação de comunicação”.

corpus chárgico. Assim, todo o trabalho empreendido nas análises contempla uma dinâmica retórico-argumentativa e sócio discursiva, com base no tripé aristotélico, como citado anteriormente. Após elucidarmos o porquê de se trabalhar com o *pathos* como carro-chefe de nossas reflexões, entendemos também que ele será o ponto de partida. Vamos à justificativa de tal escolha: primeiramente, por uma questão metodológica, optamos por tratar os dados da patemia por representarem uma visada crucial na dinâmica de captação do discurso chárgico. Em segundo lugar, essa visada nos leva aos outros procedimentos de análise de forma interligada, já que a crença de que as emoções estão no cerne da comunicação linguística com efeito argumentativo parece ser uma tônica nos estudos discursivos atuais. Plantin (2011a, p. 30), por exemplo, ao teorizar sobre a importância do *ethos* afirma que “[...] o *ethos* possui uma estrutura patêmica”⁶.

Portanto, ao iniciarmos nosso procedimento de análise pelo viés emotivo, afastamos a possibilidade de se fazer uma análise sedimentada e em vez de trabalharmos as emoções “em detrimento” das outras categorias, vamos trabalhá-las “de forma integrada” às outras categorias. Além disso, essa primazia do *pathos* sobre as outras provas retóricas vai se equilibrando à medida que o tratamento dado à palavra (o *logos*) e às imagens dos participantes (*ethos*) da cena comunicativa vão tomando corporeidade e se legitimando ao longo dos capítulos da tese.

Esse movimento de análise integrada ocorrerá da seguinte maneira: para a análise das emoções, seguimos suas pistas, principalmente, através do *logos*, partindo do ponto de vista do emissor (proponente do ato). Nesse contexto, não perderemos de vista que as categorias patêmicas abrangem um movimento complexo de manifestação podendo gerar efeitos visados, pretendidos, supostos, produzidos. Para atingirmos este objetivo, levaremos em conta também a imagem que os locutores fazem de si e do outro, além do *ethos* que os precedem, é claro. Todos esses possíveis interpretativos serão levados em conta na hora da análise.

Para a composição do *corpus*, optamos pela coleta de vinte (20) charges (cf. anexo), publicadas entre o período de fevereiro de 2006 e agosto de 2017. Esse recorte temporal se deve ao fato de que, segundo nossa percepção, a manifestação de patemias se tornou mais evidente e mais agressiva no período referido, uma vez que os acontecimentos que se desenvolveram nesse período estimularam um tom mais patêmico e, por consequência, mais persuasivo do jornal.

⁶ No original: “L’*éthos* a une structure pathémique.”

As charges do jornal Charlie Hebdo sempre abordaram temas diversos que podem ser percebidos pelo contexto sócio-político, tanto na França como no mundo. Aqui abrimos um parêntese e esclarecemos que embora o jornal Charlie Hebdo seja escrito para qualquer leitor, seu alvo primordial é o público francês. A abordagem do jornal e, especialmente, das charges é provocativa e “mexe na ferida” de vários grupos político-sociais, ligados, primordialmente, à religião e à política. Ciente de um *ethos* leviano oferecido ao público, o jornal, em um tom de ironia, sinaliza em sua capa, charge nº 07 (cf. anexo), a partir da edição 1058, de 26/09/2012, o teor de suas matérias e charges afirmando ser um *jornal irresponsable* (jornal irresponsável).

As charges externas ocupam a capa do jornal de maneira chamativa (além da caricatura de personalidades, há o uso de cores fortes e outras características não verbais) e remetem a textos internos do jornal. Todavia, decidimos nos ater às charges de capa, pois as consideramos mais impactantes e, segundo nossa percepção e pesquisa, causaram mais polêmica, replicando discursos inflamados ao redor do mundo.

Como manifestação textual, no âmbito desta pesquisa, consideramos que as charges compõem um gênero do contrato midiático (CHARAUDEAU, 2006b), afinado com os acontecimentos do cotidiano, ou seja, com uma visada informativa (*fazer-saber*) e, ao mesmo tempo, uma visada persuasiva (*fazer-fazer*).

Apoiando-nos nas reflexões de Plantin e Charaudeau, afirmamos que é possível usar racionalmente os mecanismos linguísticos e direcioná-los a uma visada patêmica, com intenção argumentativa. Essa assertiva e o arcabouço teórico no qual nos apoiamos ao longo desta tese nos leva às seguintes questões:

- Como detectar as emoções no *corpus* selecionado?
- Como elas se manifestam no *pathos*, no *ethos* e no *logos*?
- Quais procedimentos metodológicos podemos usar para analisar, de forma integrada, o *pathos*, o *ethos* e o *logos*?
- Quais os efeitos patêmicos e *ethóticos* visados, supostos, sugeridos nas instâncias de comunicação que compõem os proponentes das charges?
- Quais os efeitos argumentativos sugeridos pelo *logos*?
- Qual a relação das charges com o humor?
- Quais categorias podemos utilizar para analisar o humor nas charges?

Depois de vislumbrarmos aspectos introdutórios sobre nosso trabalho, direcionamos a atenção às partes que o compõem. Estruturalmente, dividimos esta tese da seguinte maneira: uma introdução, um capítulo teórico, um capítulo sobre as características do *corpus* e sua relação com o humor, um capítulo de análise, um capítulo de considerações finais, além, é óbvio, de suas referências bibliográficas e seus anexos.

Na introdução, apresentamos o tema, nossas motivações para a escritura da tese, as referências teóricas com as quais trabalhamos, direta ou indiretamente, a metodologia utilizada, alguns conceitos teóricos e exemplos de categorias de análise que utilizamos.

No capítulo I, discutimos os conceitos que permeiam e dão sustentação teórica à tese, com filiação, principalmente, à Análise do Discurso. Os principais autores com os quais trabalhamos são: Aristóteles (2003), Charaudeau, Plantin, Amossy e Maingueneau. Antecipamos que a escolha dos autores seguiu a orientação estratégica à medida que íamos abrangendo os conceitos segundo nossos objetivos, ou seja, estes pesquisadores são as autoridades teóricas nas quais nos espelhamos na elaboração de nossas ideias e reflexões. A maioria deles trata dos conceitos principais deste trabalho, que são: o *pathos*, o *logos* e o *ethos* e a relação destes com a estruturação da situação sociolinguageira.

Outros conceitos também surgiram ao longo de nossa pesquisa, tais como *ethos* prévio, *ethos* dito, *ethos* mostrado, imaginários sociodiscursivos, estereótipo, saber de crença, modalidades argumentativas e registros discursivos, categorias e efeitos de humor. Isto aconteceu porque ao trabalhar com o tripé aristotélico, sentimos necessidade de abarcar outras ideias que tocam obliquamente nosso *corpus*.

No capítulo II, descrevemos as principais características do *corpus*, isto é, das charges, sua história, os aspectos gráficos do jornal (seu suporte físico), a noção de gênero discursivo para a charge, a presença do humor e suas categorias na composição dos enunciados chárgicos, e os possíveis efeitos de sentido do humor.

No capítulo III, aplicamos os conceitos teóricos ao *corpus* a fim de desenvolver algumas ideias relacionadas às nossas hipóteses postas inicialmente. Primeiramente fazemos alguns comentários, de uma maneira geral, sobre como o estrato icônico dialoga e complementa o estrato verbal das charges, fazemos um levantamento dos índices patêmicos diretos e indiretos segundo as contribuições de Charaudeau (2010) e Plantin (2010) para, logo em seguida, aplicarmos esses conceitos à análise das charges. Baseados em Maingueneau (2015), descrevemos o *ethos* dito e o *ethos* mostrado das

charges, através dos modos enunciativos propostos por Charaudeau (2008), indicamos a ocorrência dos diferentes *ethé* que podem ser encontrados no discurso das charges. Em seguida, elencamos as modalidades argumentativas e seus registros discursivos de acordo com Amossy (2008; 2017), definimos as categorias de humor e seus efeitos de sentido de acordo com Charaudeau (2006a; 2006b; 2011a, 2011b).

Em seguida, tecemos nossas considerações finais e o balanço dos resultados obtidos a partir das observações e análises que regem este trabalho a fim de confirmar, refutar ou retificar algumas considerações perante a alguns resultados. Por fim, apresentamos nossas referências bibliográficas e nossos anexos (charges) que compõem nosso objeto de análise. Esperamos contribuir com este trabalho oferecendo reflexões que possam ser feitas a respeito dos discursos midiáticos em questão, com vistas a conferir-lhe seu caráter patêmico e seus efeitos sugeridos, suscitados, visados. Além disso, não esgotamos, é claro, as discussões que possam ser advindas do exercício de reflexão presente nesta tese. Passemos aos pressupostos teóricos que dão sustentação a este trabalho.

CAPÍTULO I

PRESSUPOSTOS TEÓRICO- METODOLÓGICOS

*Quaisquer que sejam as
posições tomadas, emoções e
crenças estão indissoluvelmente
ligadas: qualquer modificação
de uma crença leva a uma
modificação de emoção [...]*

Charaudeau

Neste trabalho, partimos do pressuposto de que as emoções obedecem a uma lógica persuasiva. Essa lógica é reflexo de um movimento de incorporação entre aquilo que é dito e aquilo que é sentido. Obviamente, nenhum ato de linguagem é neutro. Sempre estamos buscando adesão a nosso discurso, às nossas ideias, num movimento eterno de legitimação, captação e credibilidade. Entretanto, essa busca pela adesão se dá através de diversos mecanismos presentes na linguagem, dentre eles, a emoção.

Em consequência disso, são numerosas também as reflexões que ocorrem em várias áreas de estudo para delimitar sua visão sobre as emoções humanas. Correntes de estudo como a sociologia, psicologia e filosofia além, é claro, da análise do discurso, cada uma a sua maneira, com pontos de convergência e divergência. O que queremos salientar parte de uma postura teórica a qual aderimos aqui, filiando-nos à análise do discurso, de modo que não tratemos da emoção centrada no sujeito nem nas explicações causais de seu comportamento emocional, sendo ele fisiológico ou psíquico. O foco, para nós, é nas relações de sentido que a emoção pode ocasionar dentro de um quadro discursivo, servindo a possibilidades de interação/interpretação variadas.

Há uma definição proposta por Marty (1908), Caffi e Janney (1994b), da qual Plantin (2011a) se apropria, que julgamos interessante para nos orientar acerca do papel das emoções na análise do discurso. Esta definição distingue *comunicação emocional* e *comunicação emotiva*. Segundo o autor, a *comunicação emocional* designa uma relação causal entre o fator de emoção e o sujeito, sem intenção deste de informar ou argumentar. Por sua vez, a *comunicação emotiva* é da ordem do controlável, do racional, do estratégico. Ou seja, esta ordem da comunicação da emoção tem sua base estruturada, organizada discursivamente, o oposto da primeira. Nas palavras de Plantin (2011a, p. 139), citando Marty (1908), Caffi e Janney (1994b):

A *comunicação emotiva* é “a sinalização estratégica intencional da informação afetiva na fala e na escrita [...], a fim de influenciar a interpretação das situações pelo parceiro e alcançar diferentes objetivos”. A *comunicação emocional* é “um tipo de vazamento ou explosão não intencional, espontâneo da emoção no discurso”. (aspas do autor)⁷

Deste modo, segundo o autor, cabe ao analista do discurso valer-se da *comunicação emotiva* uma vez que esta engloba aquilo que, no discurso, é consciente,

⁷ No original: “La communication *émotive* [emotive] est ‘the intentional strategic signalling of affective information in speech and writing [...] in order to influence partner’s interpretation of situations and reach different goals. La communication *émotionnelle* [emotional] est ‘a type of spontaneous, unintentional leakage or bursting out of emotion in speech’.”

previsível, intencional. Ao nosso ver, essas são prerrogativas para uma análise discursiva em que o sujeito, dotado de racionalidade e intencionalidade, usa suas emoções como elemento constitutivo do ato de comunicação, trabalhando com elas no espaço de manobras e restrições do contrato de fala.

Diante das reflexões expostas anteriormente, duas questões gerais podem ser levantadas: o discurso patêmico remete a quê? E quais efeitos de sentido é capaz de produzir levando-se em consideração, é claro, todo esquema enunciativo que lhe é próprio: sujeito, lugar de enunciação, materialidade e alvo do discurso, modos de organização discursiva? O que parece ser consenso, pelo menos nas considerações de alguns teóricos das ciências da linguagem, é que o discurso, pelo viés da emoção, pode influenciar o outro, a partir de estratégias de sedução, de persuasão, revelando um campo produtivo de discussão sobre o assunto.

Com intuito de ratificar nossa posição diante dos fatos de linguagem sobre o discurso patêmico, relacionamos alguns posicionamentos na área da filosofia, com Aristóteles (2003), depois com Descartes, e na área da linguagem com Charaudeau e Plantin como base teórica deste assunto para esta pesquisa no sentido de refletir, esclarecer e posteriormente aplicar à análise. Sendo assim, passemos às proposições de Aristóteles (2003) e Descartes sobre as paixões.

1. AS PAIXÕES NA FILOSOFIA DE ARISTÓTELES E DESCARTES

Aristóteles foi aluno de Platão por vinte anos. Antes de escrever sua *Retórica*, obra na qual tratava, grosso modo, da arte do falar bem, de persuadir seu auditório, seu conhecimento enciclopédico o permitiu escrever, segundo Meyer (2003), sobre diversos ramos da ciência antiga incluindo a lógica (ao tratar do discurso da verdade pelo silogismo), depois nos *Tópicos* tratou do verossímil, mediante a dialética. Escreveu sobre física, psicologia e metafísica, sobre moral e política. Enfim, seus estudos nos servem até hoje para reflexões e aplicação em diversas áreas do saber. Na *Retórica*, o que nos interessa mais de perto, o pensador pontua o que considerava o falar bem associado ao pensar bem, unificando, assim, a retórica e a filosofia, Meyer (2003). Sua motivação para a criação da *Retórica* veio de suas críticas ao caráter pouco filosófico no tratamento da argumentação dado por Isócrates, considerado mestre de retórica até então.

Para Aristóteles (2003), a retórica deveria se dedicar a uma rigorosa técnica de argumentar, de maneira diferente do que fazia a lógica. Enquanto esta utilizava silogismos para provar pela demonstração, a retórica de Aristóteles (2003) utilizava-os como pontos de argumentação refutáveis, embora convincentes. Assim era possível contrapor teses antagônicas sem excluí-las mutuamente.

Trazendo estas e outras características de sua obra para nosso trabalho, nesta seção, elaboramos um panorama sobre seu pensamento acerca das emoções e discutimos sua contribuição para os estudos posteriores, em especial, para a área da linguagem. Em suas reflexões, Aristóteles (2003) lançou as bases que abririam portas para uma análise discursiva das emoções. Esclarecemos desde já que a discussão de Aristóteles (2003) sobre o *pathos* servirá apenas de base, ou seja, pontapé inicial para nossas reflexões acerca deste assunto, uma vez que muitos autores da área da Linguística e outras correlatas têm nos apresentado frutíferas discussões sobre este fenômeno, os quais utilizamos também para nossa pesquisa.

Para discutir as reflexões de Aristóteles (2003), utilizamos três versões de sua obra Retórica. A edição de 2003, intitulada “Retórica das paixões”, com prefácio de Michel Meyer e introdução e tradução da professora Dr^a Isis Borges B. da Fonseca, na qual estão reunidos apenas os capítulos de 1 a 11, do livro II da obra original. A edição de 2017 com tradução de Edson Bini. E, por fim, a versão eletrônica de 2005 com prefácio e introdução de Manuel Alexandre Júnior e traduzida por Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena.

Aristóteles (2003) discorda de seu mestre Platão em relação às emoções, pois enquanto este, nas obras *República* e *Leis*, repudiava as manifestações emotivas, Aristóteles (2003) as incentivava, desde que orientadas, não admitindo exibições dramáticas. Para ele, as paixões não podiam ser consideradas vícios, mas hábitos ou tendências transitórias ocasionadas pelo estado de espírito do orador. Além disso, deveria haver prudência na consideração das emoções, uma vez que as inclinações para a manifestação das emoções variavam segundo o tipo de emoção, de pessoa para pessoa e de acordo com suas motivações.

Assim, podemos afirmar que Platão rechaçava as emoções de seus estudos por considerá-la perigosa ao exercício do pensamento, à plenitude da razão. A ausência de razão no discurso poderia incitar a prática do mal, pois a Razão tende para o bem e se beneficia dele para a aquisição do conhecimento. Ou seja, a paixão “é o que faz que eu ignore; a razão que eu conheça”, Aristóteles (2003, XXIII). Essa rejeição de Platão

diante do *pathos* é algo paradoxal, segundo Meyer (2003, XXI), pois a vontade de lutar contra ela é tamanha que determina um combate apaixonado. A Razão, representada pelo *logos*, tornava-se matéria de fácil aniquilação caso a paixão fosse atrelada a sua existência, pois o *logos* era reduzido apenas a sua apoditicidade. Esse aspecto do discurso rejeita a alternância que a paixão pressupõe, pois ela é princípio de alteridade, lugar de inversão, de troca, induzindo o sujeito à perda de si mesmo. Deste modo, a paixão é “o lugar do outro, da possibilidade diferente do que somos afinal. [...] A paixão é, portanto, relação com o outro e representação interiorizada da diferença entre nós e esse outro”, Aristóteles (2003, XXXV).

Segundo Meyer, inicialmente, Aristóteles não dava total autonomia à paixão na orientação do discurso. Alertava que sua manifestação deveria ser comedida, controlada. Nas palavras de Meyer, o pensador grego preferia “sempre a força apodítica do saber científico”. Nesta perspectiva, a paixão deveria estar sob controle, pois seu excesso poderia suplantar a razão. Para Aristóteles (2003, p. 160), “As emoções são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças em seus juízos [...]”. Por isso Aristóteles (2003) propunha um equilíbrio de modo que não houvesse soberania desta sobre aquela. Para exemplificar esta proposição, Meyer (2003, XXXIX) cita a avareza segundo a qual nos privaríamos de usufruir dos bens materiais em decorrência do vício que ela causa. Por outro lado, o contrário da avareza, a prodigalidade nos afastaria da possibilidade de posse de bens desejáveis, além de ser socialmente nociva. Antes de discutirmos a presença das paixões segundo o pensamento aristotélico, é importante salientar que, segundo Meyer (2003), a lista das paixões em Aristóteles (2003) é diferente na *Ética a Nicômaco* e na *Retórica*, pois na primeira há a presença da alegria, do desejo ou do pesar, estados da alma que podem ter caráter de experimentação individual, isolado. Na *Retórica*, ao contrário, as paixões passam por resposta a outra pessoa, ou seja, as emoções podem ser motivadas pelo exercício de alteridade, elas estariam associadas à representação que o outro faz de nós.

Como podemos constatar, na cultura filosófica ocidental, as emoções estiveram à margem da construção epistemológica por se acreditar que elas desestabilizavam a racionalidade. Esta linha de pensamento, que teve início nas reflexões de Platão, para quem as emoções eram algo irracional, bestial, que pervertiam e distorciam o raciocínio lógico, se prolongou até o século XVII na obra de Descartes. Essa posição aproximava o ser humano à selvageria e conseqüentemente à falta de razão.

Alinhado à efervescência científica da época (o tratado de Descartes sobre as paixões foi publicado em Paris em 1649), Descartes considerou o corpo como uma máquina autônoma, desenvolvendo assim uma teorização naturalista para explicar a manifestação das paixões. Sua abordagem era o prenúncio da neurofisiologia como ciência. Esse filósofo da modernidade associava a manifestação das paixões à glândula pineal, localizada na parte central do cérebro. Sua perspectiva unia mente e alma, pois, segundo suas teorizações, a glândula funcionava como porta de entrada de agitações sanguíneas e a variação dessas agitações se alinhavam aos estados da alma. Na visão naturalista de Descartes, as paixões são estímulos-resposta das agitações da alma, associadas ao fluxo fortuito dos espíritos animais. As paixões, em sua perspectiva, não são exatamente prejudiciais, mas devem se submeter ao controle moral.

Em *Paixões da Alma*, (DESCARTES, s.d.), no artigo 10, intitulado “Como se produzem no cérebro os espíritos animais”, o pensador argumenta que o sangue, ao sair das artérias para todo o corpo, quando chega ao cérebro, não encontra vazão total, pois suas veias muito finas não o permitem. O que entra então no cérebro são as partes mais agitadas (pelos batimentos cardíacos e pela movimentação do sangue até este local) e mais sutis denominadas por Descartes de “os espíritos animais”. Estes seriam corpos muito pequenos os quais, depois de entrar no cérebro, sairiam pelos poros que os conduziriam aos nervos e por conseguinte aos músculos. Esse disparo não é homogêneo fazendo com que quantidades diferentes de espíritos sejam destinadas a diferentes músculos, o que causa diferentes estímulos, reações. O fato é que a ação da alma é um dos motivadores de disparo dos espíritos aos músculos. Assim, vemos delinear-se uma noção de emoções baseadas em reações e sensações diversas, motivadas pela condução dos espíritos ao corpo e disponibilidade sensório-motora do cérebro.

A conceituação de “paixões” se dá em dois momentos desta obra. Primeiro no artigo 17, de uma maneira mais ampla, quando diz que “pode-se em geral chamar suas paixões toda espécie de percepções ou conhecimentos existentes em nós”, Descartes (s/d, p. 234); depois no artigo 27, de maneira mais estrita, quando afirma que: “[...] podemos em geral defini-las por percepções, ou sentimentos, ou emoções da alma, que referimos particularmente a ela, e que são causadas, mantidas e fortalecidas por algum movimento dos espíritos”, (DESCARTES, s/d, p. 237).

A fim de contextualizar e tonar mais clara a citação acima, vejamos o que o autor fala sobre os termos percepções/sentimentos/emoções, os quais constituem sua definição de “paixões”, levando em conta ainda que estes termos frequentemente estão

presentes tanto em textos de diversos autores da linguística como também aparecerão ao longo das seções deste trabalho. O primeiro deles, *percepções*, (DESCARTES, s/d, p. 237) utiliza “para significar todos os pensamentos que não constituem ações da alma ou vontades”, ou seja, ações que não estejam ligadas ao intelecto do homem, mas sim à sua sensibilidade de percepção de fatores externos ao seu corpo (o calor de um objeto aquecido por exemplo). O segundo termo, *sentimentos*, o autor afirma que são paixões “recebidas na alma do mesmo modo que os objetos dos sentidos exteriores, e não são de outra maneira conhecidos por ela”, (DESCARTES, s/d, p. 237). Ao que parece, trata-se de sentimentos nunca experimentados pela alma que, assim como os objetos exteriores ao corpo, entram em contato com o indivíduo, porém de maneira a afetar sua alma. O terceiro termo, *emoções*, Descartes acha mais apropriado por conseguir denotar as variações violentas, mais profundas que abalam as espécies de pensamento humano.

Após essa breve contextualização, passemos à descrição das catorze paixões elencadas por Aristóteles (2003), segundo Meyer (2003), em sua obra Retórica. Antes, porém, frisamos que Aristóteles (2003) define e classifica cada emoção considerando o estado de espírito de quem as experimenta, além da razão e da causa de cada uma delas.

1.1.A CÓLERA

Esta paixão consiste na projeção de um alvo particular (não um alvo coletivo) e está associada a outras emoções, está ligada à *tristeza* e ao desejo de vingança à determinada pessoa. Além da tristeza, há um sentimento de *esperança* em realizar a vingança, o que causa ao orador um certo *prazer*. Ademais, o encolerizado sente profundo *desprezo* pela pessoa, alvo da *cólera*. Como podemos perceber, a dinâmica das paixões revela uma relação de consubstancialidade, independente de sua orientação positiva ou negativa, atraindo seus pares, antitéticos ou não. Uma espécie de causa-efeito entre elas revela os reflexos que o orador desencadeia sobre si mesmo e sobre o alvo de suas paixões. No caso da cólera, por exemplo, ela desencadeia a tristeza, o desprezo, o prazer, a esperança. Aristóteles (2003) ainda especifica em que condições o indivíduo encoleriza-se, com quem e por qual razão. Segundo o filósofo, o sujeito encoleriza-se quando experimenta um desgosto, quando não alcança o objetivo e, pior ainda, quando o outro se interpõe contra suas ações desejáveis, mostrando pouca consideração para com seu estado presente, ou seja, quando o outro se revela indiferente

a qualquer de nossos desejos. Cita como exemplo o doente que se irrita com aqueles que desprezam sua doença, o sedento contra o qual se obsta matar sua sede.

As pessoas com as quais nos encolerizamos, segundo Aristóteles (2003), são aquelas que nos escarnecem, zombam, troçam e, conseqüentemente, ultrajam-nos. Nossa raiva, portanto, direciona-se contra aqueles que nos causam algum tipo de prejuízo moral. Com aqueles que não retribuem o bem na mesma moeda, encolerizamo-nos mais com os amigos do que com aqueles que não temos amizade, pois dos primeiros não esperamos ser privados de um bem. Com os que se alegram com nossos infortúnios, com aqueles que mostram desdém diante daqueles que precisam de socorro, com aqueles que nos ironizam quem fala seriamente (pois para o pensador, a ironia é desdenhosa), com aqueles que fazem benefícios aos outros, mas não os fazem a nós, com aqueles que não manifestam seu reconhecimento, sendo seu dever reconhecer, com aqueles que esquecem nosso nome, pois, embora não seja um ato de grande importância, o esquecimento pode denotar indiferença e esta é um tipo de desdém. Enfim, nos encolerizamos contra todos que, de certa forma, ameaçam nossa imagem, afetam negativamente nossa identidade.

Como a cólera é um tipo de emoção recorrentemente suscitada nas charges de Charlie Hebdo, trazemos para fins de exemplificação a charge nº 16 (cf. anexo) em que esta emoção, além de visível nas expressões faciais das personagens, aparece também em sua forma linguística no enunciado: “As escravas sexuais de Boko Haram em cólera⁸”. Aqui, percebemos que a cólera, como insinua Aristóteles (2003), toca pessoalmente os sujeitos da enunciação, neste caso, as personagens da charge, já que sua aparência facial é fiel ao estado de cólera. Seus traços físicos expressam a cólera que as mães estão sentindo ao reivindicar um direito que lhes foi tirado: um benefício familiar oferecido pelo governo francês, por terem sofrido abuso sexual em seu país de origem (Nigéria) do qual saíram para viver a condição de refugiadas aceitas na França. Numa relação de exposição das charges, podemos detectar a cólera como emoção direcionada aos políticos que aprovaram, através da Assembleia Nacional, a redução do benefício.

⁸ No original: “Les esclaves sexuelles de Boko Haram en colère”

1.2.A CALMA

Aristóteles (2003) define a calma como contrária à cólera, por isso o pensador propõe-se examinar a calma relativa ao estado de ânimo das pessoas, de acordo com quem se comportam e por que meios a calma se manifesta. Assim, somos calmos com os que não praticam o desdém, com aqueles que reconhecem seus erros e se arrependem, com os que se humilham diante de nós e não contestam, pois se se humilham, não desdenham e se não desdenham, não nos encolerizamos. Há calma também com aqueles que nos tratam de maneira séria quando agimos seriamente. Com aqueles que nos fizeram grandes favores, com aqueles que, ao contrário, solicitam e suplicam, demonstrando humildade. Com aqueles que não zombam, que não são insolentes. Sentimos calma perante àqueles que respeitamos ou tememos, pois, segundo Aristóteles (2003), não se pode sentir *temor* e *cólera* simultaneamente. A calma também aparece depois que descarregamos a *cólera* em outro, quando nos sentimos vingados. Assim, o pensador considera a *calma*, em geral, pelas circunstâncias contrárias à *cólera*.

1.3.O AMOR E O ÓDIO

Aristóteles (2003) associa o amor a uma série de comportamentos direcionando-o ao nível da amizade, do companheirismo e da cumplicidade. Afirma que amar é querer o bem para alguém sem esperar nada em troca. Segundo Aristóteles (2003), o amigo se regozija com nossos bens e sofre com nossas tristezas sem interesse particular. Associa também ao amor e à amizade uma série de semelhanças e sentimentos em comum entre os pares. Por exemplo, para o pensador, os amigos de verdade têm amigos e inimigos em comum. Têm também os mesmos desejos. São amigos aqueles que fizeram o bem para nós ou para aqueles a quem demonstramos interesse. Aqueles que demonstram bondade. Aqueles que amam os que amamos, os que são amados por aqueles que nos são caros. Aqueles que são sensatos, justos, os que não se intrometem na vida alheia. Amamos também aqueles que nos zombam e se deixam zombar de maneira recíproca, cujo objetivo seja apenas a pilhéria, não a ofensa. Aqueles que reconhecem, admiram e elogiam nossas qualidades, mesmo aquelas que acreditamos não ter. Amamos aqueles que não censuram nossos erros, os que não guardam rancor de nossas ofensas, aqueles que não são maledicentes conosco, nem com as outras pessoas.

Amamos aqueles que nos tratam com solicitude, aqueles que não são dissimulados conosco, aqueles que têm os mesmos desejos que nós, aqueles perto dos quais não temos vergonha até mesmo de reconhecer nossos defeitos. Aqueles que não causam temor, pois para Aristóteles (2003), quem teme não pode ser amado. Enfim, aqueles com quem é agradável passar nossas vidas e nossos momentos bons. Aristóteles (2003) elenca como forma de amizade o companheirismo, a familiaridade, o parentesco e suas relações análogas.

Em relação ao ódio, como no caso da cólera e da calma, Aristóteles (2003) cita circunstâncias contrárias ao amor para defini-lo. Além disso, relaciona-o ao ultraje, à calúnia e o relativiza à cólera. Para o estudioso, a cólera nos toca pessoalmente, enquanto o ódio pode advir mesmo de uma situação coletiva. Para ele, “o ódio volta-se também para as classes de pessoas”, Aristóteles (2003, p. 29).

Por fim, enquanto a cólera objetiva causar o desgosto, o sofrimento alheio, o ódio objetiva apenas fazer o mal. Aquele que odeia não quer apenas que o outro sofra, ele deseja que desapareça. O colérico, inclusive, pode até sentir compaixão. O que odeia nunca a sente.

1.4.O DESPREZO E A EMULAÇÃO

O desprezo é a atualização daquilo que julgamos sem valor, que não merece nossa consideração. Aristóteles (2003) descreve três espécies de desprezo: o desdém, a difamação e o ultraje. O primeiro relaciona-se a não atribuição de valor ao alheio, assim, desdenhamos o que, segundo nosso julgamento, não possui relevância. O segundo, Aristóteles (2003) define como um tipo de desdém, como “um obstáculo aos atos de vontade de outrem, não com o fim de que uma coisa seja proveitosa para si mesmo, mas de que não o seja para o outro”, Aristóteles (2003, p. 09). O terceiro consiste em fazer algo que cause vergonha à vítima e aumente, assim, seu sentimento de superioridade sobre ela, mesmo que não se leve vantagens sobre isso. A única vantagem é sentir prazer em ultrajar.

A emulação, Aristóteles (2003) a vê como algo digno, saudável. Na visão do pensador, tal paixão seria um sentimento de competição segundo o qual os homens estariam inclinados a se sentir motivados a possuir bens por seus méritos. Aristóteles (2003) contrapõe a emulação à inveja. Esta também traduz o desejo de possuir bens

alheios, porém é motivada a impedir que o próximo os possua. Assim, a emulação pode ser equiparada à ambição do sujeito em vencer na vida por seus méritos enquanto a inveja é considerada um sentimento “peculiar aos espíritos vis”. Na descrição do amor e do ódio, ele diz ser possível, por exemplo, amar “aqueles de quem somos rivais ou queremos provocar o sentimento de competição, mas não o da inveja”, Aristóteles (2003, p. 27). Sob o ponto de vista não materialista, o filósofo considera também invejáveis os que possuem virtudes como a coragem, a sabedoria, a autoridade.

1.5.O TEMOR E A CONFIANÇA

O temor, Aristóteles (2003) o define como um sentimento de grande desgosto ou preocupação de um mal iminente, algo com capacidade de causar danos ou de arruinar algo ou alguém. O autor aponta causas, pessoas e situações em que o temor pode se manifestar. Indícios dessa iminência também nos causam temor como a pessoa encolerizada ou cheia de ódio, pois têm poder de fazer algo mau. Aqueles que cometem ou que sofrem uma injustiça são passíveis também de causar temor. Os primeiros por possuírem poder e terem medo de ser vingados, os segundos por se motivarem a se vingar. São também temíveis os calmos, os dissimulados e os astutos, pois não se sabe se estão prestes a agredir, a fazerem um mal qualquer.

A confiança é caracterizada por Aristóteles (2003) como o contrário do temor. Nessa perspectiva, a confiança suscita esperança de que os meios de salvação estão próximos, enquanto no temor ou eles não existem, ou estão distantes. Portanto, o que motiva a confiança é o distanciamento dos fatores que causam temor. Assim, o ser confiante não tem antagonistas, não pratica ou sofre injustiça, não sofre os efeitos do poder alheio. Os confiantes se acham nas seguintes disposições: tiveram resultados felizes, não sofreram danos, não temem seus semelhantes porque estes não representam uma ameaça. De certo modo, os confiantes se sentem superiores por possuírem vantagens sobre seus pares.

1.6.A VERGONHA E A IMPUDÊNCIA

Aristóteles (2003) define a vergonha como algo que nos desonra, algo que, proveniente de nossos vícios, nos causa tristeza ou perturbação. Já a impudência ele define como a indiferença a estes mesmos defeitos. Como exemplos de vergonha, cita: aquele que é iníquo, aquele que é covarde, aquele que mantém relações sexuais com quem não convém ou em lugar inapropriado, aquele que tira proveito de pessoas indefesas. Algumas situações que demonstram sinal de avareza como aquele que não empresta dinheiro ao que precisa ou empresta menos do que se pode, aquele que recebe auxílio de quem menos recursos tem.

Daí por diante, Aristóteles (2003) enumera uma série de comportamentos do ser humano que ele julga serem vergonhosos, a saber, não se sentir compadecido pelo sofrimento de pessoas mais velhas, não participar da educação de nossos iguais, não reagir a atos que nos violentam (estes últimos o pensador associa à falta de coragem ou à covardia). Em resumo, a vergonha é uma espécie de representação concernente à má reputação. No entanto, a ameaça a esta reputação só nos causará vergonha se estiver ligada à avaliação que fazemos daqueles por quem temos consideração. Ou seja, só se sente vergonha por aqueles que consideramos, de alguma forma, dignos de nos julgar. O contrário disso, ou seja, aqueles com os quais não nos importamos com a opinião, nos causa ausência de vergonha ou impudência.

1.7.A BONDADE

Aristóteles (2003) define a bondade ou a obsequiosidade como um serviço prestado àquele que necessita sem nenhum interesse de vantagem do prestador. Ao que parece, esse sentimento nos aproxima da ideia de satisfação ou prazer em ajudar alguém que, estando numa posição de beneficiário, necessita de nossa bondade, de nossa atitude. Aristóteles (2003) associa a bondade às seguintes causas: a peculiaridade, a quantidade, a qualidade, o tempo ou o lugar.

Esses fatores determinam em maior ou menor grau a relevância da bondade oferecida. Assim, a bondade é grande se for prestada àquele que está muito necessitado, ou se se trata de um grande ou difícil serviço. Ou, ainda, se o benfeitor for o único capaz de fazê-la, ou se o fizer com excelência. Essas são as condições que caracterizam a bondade e sua pertinência. Contudo, os fatores que eliminam a ideia de bondade são:

prestá-la em interesse próprio, prestá-la por acaso, prestá-la forçadamente, prestar um favor de muito pouca importância, ou um mau serviço.

1.8.A COMPAIXÃO

Aristóteles (2003) define compaixão como um pesar por um mal que se mostra destrutivo ou penoso, uma ameaça iminente que pode atingir aqueles com quem nos importamos em certa medida. Afirma, ainda, que aqueles que são suscetíveis de sentir compaixão, assim o são se acreditarem poder sofrer algum mal. Caso contrário, os que nada têm a perder não sentem compaixão, pois acreditam não poderem ser atingidos, já que nada lhes pode ser subtraído. O oposto também não pode sentir compaixão, ou seja, aqueles que são extremamente felizes, pois sua prepotência os faz acreditar que nada pode atingi-los. Assim, Aristóteles (2003) associa a compaixão à possibilidade de ser atingido por um mal. Pessoas como os idosos (por serem prudentes e terem experiência), os fracos, os tímidos, os homens instruídos (por serem capazes de calcular o futuro), os que têm família (pais, filhos e esposas), todos eles são suscetíveis de sentir o peso da compaixão.

O que inspira a compaixão, segundo Aristóteles (2003), são males dolorosos, causados pela má sorte, destrutivos como as mortes, os ultrajes corporais, os maus tratos, a velhice, as doenças, a falta de alimentação e outras intempéries. Por isso, temos compaixão com aqueles que nos são semelhantes no caráter, nos hábitos, nas dignidades, na origem, porque, segundo Aristóteles (2003), são casos que são mais evidentes a possibilidade de nos acontecer. Para finalizar, além do critério de afinidade para com os que sofrem (sejam parentes, amigos ou pessoas com as quais nos identificamos de alguma forma) e nos causam compaixão, o filósofo aponta o fator tempo, ou seja, aquilo que ocorreu recentemente nos aguça a compaixão ao passo que algo muito distante no tempo não.

1.9.A INDIGNAÇÃO

A indignação, Aristóteles (2003) a define como o pesar pelos sucessos inmerecidos. Como um sentimento de revolta por aqueles que são felizes, mas não estão

numa posição de mérito para desfrutar dessa felicidade. O filósofo coloca a indignação como oposta à compaixão e próxima à inveja. Entretanto, pondera que há uma diferença entre a inveja e a indignação. O invejoso, segundo ele, está no mesmo patamar que o invejado, não havendo repulsa a seu mérito, enquanto o indignado está numa posição (supostamente) superior e reconhece seu alvo de indignação como um ser não meritoso.

1.10.A INVEJA

A inveja é definida por Aristóteles (2003) como um certo pesar pelo sucesso evidente e bens alheios de outrem. Como foi dito no item anterior, sente-se inveja de nossos iguais ou semelhantes. Aristóteles (2003) considera iguais ou semelhantes aqueles que possuem algumas características que os ligam como nascimento, parentes, hábitos, reputação e bens. Dentre os invejáveis, o filósofo cita aqueles com quem competimos e que estão próximos a nós pelo tempo, lugar, idade, fama. Sentimos inveja daqueles que têm as mesmas aspirações. Não se sente inveja de quem está em posição muito inferior ou superior, entretanto. Sentimos inveja também daqueles que possuem aquilo que nos cabia ou que já nos pertenceu um dia. Ou daqueles que possuem aquisições ou êxitos que um dia almejamos. Isso nos causa pesar e com o pesar vem o sentimento de inveja. Enfim, sentimos inveja do que não é nosso, mas que, por algum motivo, acreditamos que deveria nos pertencer.

É importante salientar que essas paixões elencadas por Aristóteles (2003) de alguma forma sofreram adaptações, pois não vivemos na mesma sociedade em que o mestre viveu. Assim, a ideia e a dinâmica das emoções atravessaram os séculos adaptando-se aos seus públicos, às diferentes sociedades, à maneira como o homem se relaciona com seus pares. Por outro lado, há paixões que, embora tenham mudado o público, sua essência permanece a mesma, como a cólera e a indignação. Por esse motivo, as paixões elencadas pelo filósofo nos servirão de referência geral quando forem citadas ao longo do trabalho. Utilizaremos os aspectos universais que possam ser enquadrados em nosso tempo. Finalizadas as contribuições da filosofia para a descrição e reflexão sobre as emoções, passemos às contribuições de Charaudeau.

2. AS EMOÇÕES NA LINGUÍSTICA

2.1. AS EMOÇÕES SEGUNDO CHARAUDEAU

Nesta seção, vamos nos debruçar sobre a posição teórica de Charaudeau (2007, 2010) a respeito das emoções e seus aspectos em diferentes áreas de intersecção até chegarmos ao ponto de como o analista trata a emoção e seus objetos relacionados (efeitos patêmicos, patemia, patemização) sob uma perspectiva psicossociolinguageira. Aproveitamos para destacar as contribuições do autor e nos posicionar segundo a posição teórica que adotamos sobre as emoções para o desenvolvimento desta tese.

Porém, antes de falarmos de pressupostos teóricos, traremos alguns esclarecimentos sobre o termo “emoção” e seus correlatos de acordo com Charaudeau (2007; 2010), delimitando o (nosso) campo de atuação desses termos. Em Charaudeau (2007, p. 240), o autor diz que não vai discutir a escolha dentre os termos que se correlacionam com a noção de emoção: *pathos*, *émotion*, *sentiment*, *affect*, *passion*, pois tais termos têm valor semântico específico conforme o campo de uso. Ele apenas faz a distinção da noção entre “*sentiment*” e “*émotion*”, sendo o primeiro relacionado à ordem da moral e o segundo à ordem do sensível, mas para não alongar mais sobre a discussão, ele prefere usar os dois termos indistintamente. Já em Charaudeau (2010, p. 35), ele justifica a escolha dos termos *pathos*, *patêmico* e *patemização*⁹ em lugar de emoção para inserir a análise do discurso na filiação retórica, que trata do discurso em uma perspectiva de visada e de efeitos, e, ao mesmo tempo, afastá-la da psicologia e da sociologia. Nos limites deste trabalho, para tratar esta questão da nomenclatura, vamos seguir a linha de registro de Charaudeau (no sentido de usar *pathos* ou emoção) e dos artigos de pesquisadores do Brasil, que registram *pathos* com *th* mas patemias e seus derivados sem o *th*, por serem neologismos ou palavras derivadas.

Voltando ao campo de teorização das emoções propriamente ditas, Charaudeau (2010) lança as bases que dão suporte a uma parte deste trabalho. Sua contribuição diz respeito ao teor sócio-linguageiro o qual constrói sobre as emoções. Segundo esse autor, tratar das emoções numa perspectiva linguageira requer três ações: primeiro, delimitar o quadro de tratamento desta noção; segundo descrever as condições do seu surgimento; e, terceiro, explicar como se dá esse processo. Assim, Charaudeau traça um quadro teórico-metodológico para definir o tratamento das emoções no âmbito das ciências da

⁹ No original: *pathos*, *pathémique* e *pathémisation*.

linguagem. Sua proposta coloca as emoções no centro das regulações e normas sociais. Isso porque, segundo o autor, “[...] as emoções não advêm somente da pulsão, do irracional e do incontrolável [...]” Charaudeau (2010, p.24), mas elas têm “um caráter social” que daria ao sujeito um “sentimento de pertencimento a um grupo”. É como se houvesse uma espécie de regra moral que impusesse ao sujeito sentir a emoção, ou pelo menos demonstrá-la. Se nos voltarmos à era clássica, veremos que Aristóteles (2003) já apreciava o caráter social imanente à emoção, uma vez que “as paixões formam um reservatório de ditos espirituosos em que se juntam o particular e uma certa forma de universalidade, o bom senso ou o senso comum”. Em outro ponto do texto, podemos ler, através das palavras de Meyer (2003), o que Aristóteles afirma sobre este aspecto das paixões: “A paixão é [...] uma representação sensível do outro, uma reação à imagem que ele cria de nós, uma espécie de consciência social inata, que reflete nossa identidade tal como esta se exprime na relação incessante com outrem”.

Entretanto, Charaudeau (2010) faz algumas observações sobre outras áreas e, para isso, aponta autores, ora distanciando-se deles, ora fazendo alianças teóricas. Vejamos esse percurso, sem a pretensão de abarcar a totalidade ou esgotar o assunto, mas com o intuito de nos servir de palco teórico-metodológico diante de suas contribuições, marcando, juntamente à posição do autor, o nosso posicionamento.

2.1.2. CONSIDERAÇÕES DE CHARAUDEAU SOBRE AS EMOÇÕES NA PSICOLOGIA E NA SOCIOLOGIA

Primeiramente, Charaudeau marca seu lugar de fala apontando o tratamento dado às emoções por outras áreas, abordando suas diferenças com a Análise do Discurso, inclusive demarcando casos fronteirizos dos quais a sua disciplina pode tirar proveito. Charaudeau (2010) faz três observações sobre a psicologia das emoções, dentre as quais, por aproximação teórica, podemos aglutinar a primeira e a terceira: na primeira, para a psicologia das emoções, a manifestação emotiva é de caráter sensorial e impulsiva e obedece a fatores externos que são perceptíveis através da mensuração de alguns estados, pois podem ser provocadas fisiologicamente: como o *stress*, a angústia ou o medo. Em consequência disso, além da sensorialidade, na terceira observação feita por Charaudeau (2010), existe a possibilidade de re-ação que está intrinsecamente ligada a um estímulo-resposta por parte do sujeito que reage a um acontecimento do mundo,

ou seja, aqui não se fala de sensorialidade, mas de uma resposta natural reagente a uma situação causativa na qual o sujeito estaria incluso ou suscetível a ela, diríamos um reflexo acional: sob essa perspectiva, pode-se “[...] chegar à definição de categorias de base como a *vergonha*, o *orgulho* ou a *humilhação*.” (CHARAUDEAU, 2010, p. 24 - grifos do autor). Há também, na segunda observação, a questão dos comportamentos emocionais recorrentes nos sujeitos cuja explicação estaria baseada em traços comportamentais relacionados a seus temperamentos, a sua personalidade. Estados que o autor designa por adjetivos como: “colérico, mal humorado, apaixonado, medroso, angustiado e raivoso”, Charaudeau (2010, p. 24).

Charaudeau (2010) assevera que tais acepções são voláteis, ou seja, podem conduzir discussões em várias áreas¹⁰, já que, em resumo, essas proposições tratam as emoções como fator fisiológico ou psíquico. O medo, por exemplo, “[...] pode ser mensurado quimicamente, considerado como uma característica de temperamento ou como um comportamento reativo podendo provocar pânico” (CHARAUDEAU, 2010, p. 24).

A interdisciplinaridade das considerações de Charaudeau (2010) também se estendem à Sociologia. O autor dialoga com Mauss e Durkheim (*apud* PAPERMAN, 1995) segundo os quais a cena emotiva predispõe fatores sociais como o reconhecimento de regras que integram um grupo e os faz reconhecerem-se como unidade coesiva. Em seu artigo intitulado *L’absence d’émotion comme offense*, Papermann deixa claro que essas regras refletem na adesão ou refutação do discurso do outro, estreitando ou distanciando os laços sociais dos grupos nos quais estas emoções estão em jogo. Isto, em outras palavras, quer dizer que o sujeito inserido em uma dada sociedade se identifica com um sentimento de pertencimento a um grupo, pois as emoções estariam apoiadas em julgamentos coletivos que fazem parte do repertório comportamental e avaliativo dessa sociedade. Infringir esse repertório resultaria numa sanção. Por outro lado, cabe afirmar que a obediência a ele faz parte de uma dinâmica que ao ser reconhecida pelo grupo, dá a sensação de coesão social.

Nessa perspectiva, o sujeito patemizante dessa sociedade estaria submisso a essas regras morais que poderiam ser descritas segundo a fórmula emoção-norma-julgamento consoante a quatro parâmetros globais: o grau de universalidade, a especificidade cultural, a maior ou menor orientação acional e a racionalidade. Ao

¹⁰ Em nota de rodapé, Charaudeau (2010) cita a Fisiologia do Comportamento, a Psicologia Diferencial, a Psicologia Social e a Psicanálise.

estipular estes parâmetros, Charaudeau (2010) cita algumas emoções que podem ser observadas sob estes critérios, são elas: a cólera, a vergonha, o pudor, o orgulho, a indignação, a compaixão e a angústia.

Como podemos constatar, o ponto de vista da sociologia das emoções, então, aproxima-se do ponto de vista da análise do discurso por seu caráter social. Essa aliança com outras disciplinas fica evidente não só em Charaudeau (2010), mas é uma constante que perpassa toda sua obra. Desde seu primeiro livro, *Linguagem e discurso* de 1983, ao qual tivemos acesso à edição de 2008, o autor já informa que sua teoria é antropofágica. No texto de 2010, o autor faz a seguinte afirmação sobre a psicologia e a sociologia:

[...] a análise do discurso precisa delas, na medida em que suas análises evidenciam os mecanismos de intencionalidade do sujeito, os da interação social e a maneira como as representações sociais se constituem (CHARAUDEAU, 2010, p. 26).

Assim, algumas noções ligadas às áreas da retórica (como a argumentação) e às áreas da sociologia e psicologia (como a intencionalidade dos sujeitos, a interação social, as representações sociais) seriam um ponto de convergência para os estudos da análise do discurso. Categorias como a emoção, segundo Charaudeau (2010), seriam mais suscetíveis à interdisciplinaridade, pois estaria no centro destes diferentes mecanismos das ciências sociais.

Sobre a vertente social e intencional das emoções, Charaudeau (2010) dialoga com Elster (1995), segundo o qual a racionalidade está ligada à vontade do sujeito para se atingir um objetivo, ou seja, ele direciona sua intencionalidade conscientemente para a busca de um objeto do qual acredita ser beneficiário. Para Elster (1995, p. 35), “[...] o conceito de racionalidade é todo subjetivo”¹¹ (tradução nossa). Poderíamos falar, assim, de uma visada acional, baseada no desejo do sujeito. Além disso, para atingir o objeto desejado, o sujeito obedece a uma lógica das representações sociais, que o faz posicionar-se diante de valores socialmente partilhados e o condiciona a um universo de enunciados que ditam certas regras sociais as quais estão baseadas nos saberes de crença. Isso porque a busca pelo seu objeto para se atingir um objetivo está condicionada ao desejo, que, por sua vez, é orientado segundo o conhecimento das vantagens e desvantagens que se pode obter com esta busca. A visão que este sujeito

¹¹ No original: “[...] le concept de rationalité est de part en part subjectif.”

tem de seu objeto para satisfazer seu desejo é da ordem do subjetivo, está dentre um conjunto de possíveis interpretativos, logo passa pelo crivo das representações.

As representações sociais, como afirma Charaudeau (2010), são construídas a partir dos saberes de crença e dos saberes de conhecimento. A existência desses saberes somada ao conjunto de textos que circulam em uma determinada sociedade e interpelam o sujeito a reconhecê-los e a agir segundo suas trocas de sentido, formam uma grande rede de intertextos que Charaudeau (2010) chama de “imaginário sociodiscursivo”. É por via dos imaginários sociodiscursivos que o sujeito comunicante se sente inserido em uma lógica coletiva das emoções, “[...] permitindo ao indivíduo constituir seu sentimento de pertencimento a um grupo [...]” (CHARAUDEAU, 2010, p. 24), e representando a vitalidade da consciência coletiva. Portanto, a emoção tem uma base racional, de natureza individual, e não apenas das pulsões, segundo diria a psicologia das emoções, mas está ancorada nas representações oriundas dos imaginários sociodiscursivos.

2.1.3. CONSIDERAÇÕES DE CHARAUDEAU SOBRE AS EMOÇÕES NA ANÁLISE DO DISCURSO

Ao afirmar que uma análise do discurso tem como matéria-prima a linguagem, o autor defende que não se pode considerar/mensurar o que o indivíduo efetivamente sente, uma vez que a linguagem “[...] traz em si mesma o signo de uma coisa que não está nela, mas da qual é portadora” (CHARAUDEAU, 2010, p. 25). Ou seja, indiretamente o autor remete à força de representação da linguagem e seus sentidos múltiplos que estão à disposição do falante a partir do signo, mas não no signo.

Por conseguinte, a emoção na análise do discurso deve ser interpretada “como sinal daquilo que pode acontecer ao sujeito”, estando este em condições de reconhecê-la como uma figura, isto é, uma representação que ecoa no imaginário social. Ao citar Barthes (1977), em nota de rodapé, Charaudeau faz uma incursão na origem da palavra discurso e nos lembra que “O discurso é, ao mesmo tempo, ‘...aquilo que exprime e constitui o pensamento’ e ‘...aquilo que circula entre os membros de uma comunidade social’”. (CHARAUDEAU, 2010, p. 25 - aspas do autor). Segundo essa linha de pensamento, não se pode garantir em termos discursivos o que a instância receptora sente, mas o que possivelmente pode estar sentindo, um efeito visado e não confirmado.

A esse processo, o autor chama de “efeitos patêmicos do discurso”. Assim, a análise do discurso não teria ferramentas suficientes para afirmar o que é sentir uma emoção, cabendo-lhe, em vez disso, descrever sua representação do ato de sentir uma emoção.

Nesta perspectiva, o autor considera esse ponto de vista próximo ao de “uma retórica da visada de efeito”, que é instaurada por categorias de discursos. Ao se referir a essas categorias, Charaudeau traz para as proximidades da análise do discurso elementos da Retórica Clássica de Aristóteles (2003), pois tais categorias têm a ver com a elaboração do discurso alicerçado por quatro elementos: *inventio* ou invenção, que trata da estruturação temática do discurso, ou seja, do seu assunto; *dispositio* ou disposição, que trata da organização desses temas em uma estrutura global; *elocutio* ou elocução, que tem a ver com a forma adequada de expressão linguística e *actio* ou ação, que aborda a declamação do discurso, em que a modulação da voz e gestos devem ser condizentes com o conteúdo. Em outro ponto do texto, o autor ratifica sua linha de filiação (ou inspiração?) retórica, ao explicar a escolha do uso dos termos *pathos*, *patêmico* e *patemização*¹² em lugar de emoção:

É a razão pela qual prefiro os termos “pathos”, “patêmico” e “patemização” em lugar de emoção. Isso me permite, por um lado, inserir a análise do discurso das emoções na filiação da retórica que desde Aristóteles trata os discursos em uma perspectiva de visada e de efeitos [...], por outro lado, me permite dissociar a análise do discurso, caso seja necessário, da psicologia e da sociologia. (CHARAUDEAU, 2010, p. 35, aspas do autor)

Depois de traçar um quadro metodológico geral para o tratamento das emoções, Charaudeau (2010) estabelece três facetas desse processo que, segundo ele, são consenso entre sociólogos, psicólogos e filósofos. Os três pontos juntos vão delinear a discursivização do universo patêmico. É importante salientar que essas três formas de se abordar as emoções possuem um caráter de contiguidade. Portanto, não são excludentes, nem devem ser tratadas como independentes, ficando difícil, às vezes, sua teorização compartimentada. São elas: as emoções são de ordem intencional, baseiam-se em saberes de crença e se inscrevem numa problemática de representações psicossociais. Na próxima seção, vamos falar um pouco mais sobre essas dimensões e trazer, a partir de suas características, uma ambientação para nosso *corpus*.

¹²No original: “pathos”, “pathémique” e “pathémisation”.

2.1.4.A PATEMIZAÇÃO COMO FATOR DE INTENCIONALIDADE

Para fundamentar sua posição acerca desses três pontos supracitados, Charaudeau (2010) refere-se a vários autores cujas contribuições estão reunidas na obra organizada por Paperman e Ogien: *La couleur des pensées: sentiments, émotions, intentions*, de 1995. São eles: Cayla, Church, Elster, Livet, Nussbaum, Ogien, Papermann e Thévenot. Segundo Charaudeau (2010), é consenso entre estes e outros autores da psicologia, filosofia e sociologia que as emoções não são totalmente irracionais, ou seja, redutíveis à ordem da simples sensação ou pulsão. Ao citar Martha Nussbaum (1995), filósofa norte-americana, Charaudeau (2010) nos lembra de que a filosofia ocidental sempre distinguiu emoções como o amor e o medo de pulsões e instintos físicos como a fome e a sede. Ele ainda afina suas conclusões ao dizer que o critério da sensação não é suficientemente eficaz para discernir a diversidade das emoções. Para exemplificar, lembra-nos de que duas emoções (o ciúme e o desejo) podem nos causar uma sensação (a dor), ao passo que uma mesma emoção (o ciúme) pode nos causar diferentes “estados qualitativos” como a dor, a excitação, a cólera.

Charaudeau (2010, p. 27) afirma que, embora ele não queira entrar no debate das teorias ditas cognitivas, reconhece que elas estejam ligadas à racionalidade, ou seja, “[...] admite-se que as emoções têm uma ‘base cognitiva’” (aspas do autor). E dá prosseguimento às suas reflexões citando Elster (1995), segundo o qual a racionalidade estaria a serviço do alcance de um objetivo através de uma visada acional por parte do agente que é o próprio beneficiário do resultado dessa visada. De acordo com essa linha de raciocínio, “[...] a visada acional e o desejo desencadeador não são únicos. Eles são o resultado de uma escolha entre um conjunto de possíveis” (CHARAUDEAU, 2010, p. 28).

Por consequência, este desejo (que é subjetivo) passa pela avaliação de uma gama de opções à qual o sujeito vai ter acesso e vai decidir a que melhor lhe convier segundo seus conhecimentos de mundo. Por efeito de contiguidade, se a escolha da opção para se atingir o objeto visado passa pelo conhecimento de mundo do sujeito, este terá que interpretar a representação desse objeto, fato que o coloca numa escolha racional ligada aos conhecimentos que ele adquiriu, às experiências que vivenciou e aos valores que ele atribuiu a essas experiências, ou seja, suas escolhas estarão alicerçadas por seus saberes de crença.

Assim, o primado da intencionalidade e saberes de crença estão intimamente ligados. A intencionalidade orienta o sujeito à direção daquilo que ele objetiva, entretanto, antes de atingir o objetivo final, o sujeito capta a informação e a avalia em termos de pertinência, mas segundo seus valores de crença. Charaudeau termina exemplificando com emoções como compaixão ou ódio que, segundo suas proposições, não são apenas o simples resultado de uma pulsão, e sim a soma de elementos com motivação externa (elementos exógenos) e interna (elementos endógenos). Passemos às considerações do autor sobre os saberes de crença.

2.1.5.A PATEMIZAÇÃO COMO FATOR DE SABERES DE CRENÇA

Ao lado da racionalidade há um fator que somado a ela é crucial para a dinâmica de funcionamento discursivo das emoções. Pois se, como foi dito antes, o sujeito capta uma informação do mundo e não a avalia, de nada servirá essa informação para a manifestação emotiva. Referimo-nos aos saberes de crença que se opõem aos saberes de conhecimento, elencados por Charaudeau em alguns momentos (CHARAUDEAU 2007; 2008a; 2008b; 2010). Em uma breve avaliação contrastiva, podemos afirmar que os saberes de conhecimento são explicados a partir da relação mundo/homem, pois eles são impostos ao homem numa relação de existência e consequente verificação, ou seja, são interpretados como verdades objetivas, não sendo passíveis, pois, da ação subjetiva humana. Já os saberes de crença advêm da relação homem/mundo, porque, neste caso, cabe à subjetividade humana interpretar os fatos e tomá-los para si como verdadeiros a partir da adesão social, baseada em suas crenças, ou seja, este saber está sujeito a avaliações construídas socialmente e culturalmente, não necessitando de provas concretas para sua existência.

Ao trazer a noção de saberes de crença para a discussão sobre sua relevância no entendimento das emoções, trata-se, segundo Charaudeau (2010), de não apenas perceber algo, mas avaliar esse algo e transformá-lo em estímulo emocional, se assim pede a situação. O autor cita por exemplo o fato de o sujeito se deparar com um leão, reconhecer sua forma, e não reagir a ele caso não esteja apto a avaliar o perigo que este leão representa. Prosseguindo nessa linha de convicção, Charaudeau se apoia novamente em Elster (1995) segundo o qual esse tipo de saber tem duas características: 1) ele se estrutura em torno de valores polarizados; 2) ele não corresponde (totalmente)

à realidade, visto que passa pela subjetividade do sujeito, ou seja, são construídos simbolicamente através de um exercício de captação, internalização e re-avaliação da realidade. Como afirma Charaudeau (2008a, p. 21 - grifo do autor) em outro texto, “O mundo não é dado a princípio. Ele *se faz* através da estratégia humana de significação”.

Continuando o debate sobre os valores de crença, Charaudeau (2010) apoia-se agora em Nussbaum (1995) para estabelecer o tipo de relação entre emoções e saberes de crença. Depois de apontar várias interpretações dessa relação, Charaudeau (2010, p. 29) parece inclinar-se para o fato de que “[...] a emoção é simplesmente uma espécie de crença e de julgamento”. Isto porque parece que a emoção, do ponto de vista racional, apoia-se em valores compartilhados socialmente e, para completar o raciocínio, Charaudeau alega: “E uma interpretação que se apóia em valores origina um julgamento de ordem moral, visto que a ausência de emoção em tais circunstâncias provoca uma sanção moral [...]” (CHARAUDEAU, 2010, p. 29). Numa ratificação dessa ideia, mais adiante, Charaudeau (2010) aponta o valor indissolúvel entre crença e emoção, afirmando que a mudança de crença provoca uma modificação da emoção e uma modificação de emoção provoca um deslocamento de crença.

Ecoando a fala dos autores nos quais se sustenta, em síntese, Charaudeau (2010) resume a questão de saberes de crença da seguinte forma: i) as crenças advém de um saber polarizado, ou seja, elas obedecem a um princípio de alteridade para sua existência; ii) o que desencadeia no sujeito um estado emocional é a mobilização de redes inferenciais que dão corporeidade aos universos de crenças disponíveis em sua sociedade, em específico na situação de comunicação da qual ele participa; iii) a manifestação do estado emocional vai, inevitavelmente, passar por uma sanção social que acabará em julgamentos variados de ordem psicológica ou moral, reforçando, resta dizer, esses saberes que já estão calcados na memória discursiva dos sujeitos de tal sociedade. Finalizada a exposição sobre os valores de crença e sua relação com as emoções, passemos ao terceiro tópico que compõe o tratamento discursivo do universo patêmico.

2.1.6.A PATEMIZAÇÃO COMO FATOR DE REPRESENTAÇÕES PSICOSSOCIAIS

Já sinalizamos na seção anterior que os saberes de crença estão subjugados a uma avaliação cujos valores são polarizados. E, também, que essa avaliação passa por

um processo de reconhecimento condizente com o repertório de saberes que o sujeito tem de formas ritualizadas na sociedade na qual está inserido. Isso implica, diretamente, um processo psicossocial que está ligado ao mundo simbólico e à interioridade do sujeito, pois para avaliar aquele saber e não passar por uma sanção negativa, o sujeito, subjetivamente, assimilará os fatos do mundo (através da linguagem) e os representará.

Charaudeau (2010) nos ensina que esse processo de representação não se dá de forma tão simplória. Para isso acontecer há um duplo movimento: de simbolização e de autoapresentação. O primeiro processo consiste em o sujeito arrancar os objetos de sua existência inerte, semanticamente falando, e lhe dar sentido, ou melhor, construir seu sentido através de operações linguísticas. Estas operações são mecanismos das línguas naturais que transformam os signos com potencial semântico em real-discursivo. Poderíamos aproximar esse raciocínio da noção de “processo de semiotização do mundo” do qual fala Charaudeau (2005, p. 13). Deste modo, os objetos do mundo não têm valor semântico por si só porque devem passar pela experiência psíquica do sujeito que a transforma em experiência linguística, tornando-a realidade discursiva.

O segundo processo, o de autoapresentação, tem relação com o princípio de alteridade do sujeito. Ao mesmo tempo em que o sujeito constrói as imagens do mundo através do processo de simbolização, ele se identifica com essas imagens e, em um efeito de reflexividade, elas retornam a ele, ratificando sua identidade. As trocas sociais realizadas a partir da experiência intelectual e emotiva dão concretude à consciência psíquica do sujeito que vai se avolumando ao longo de sua vida.

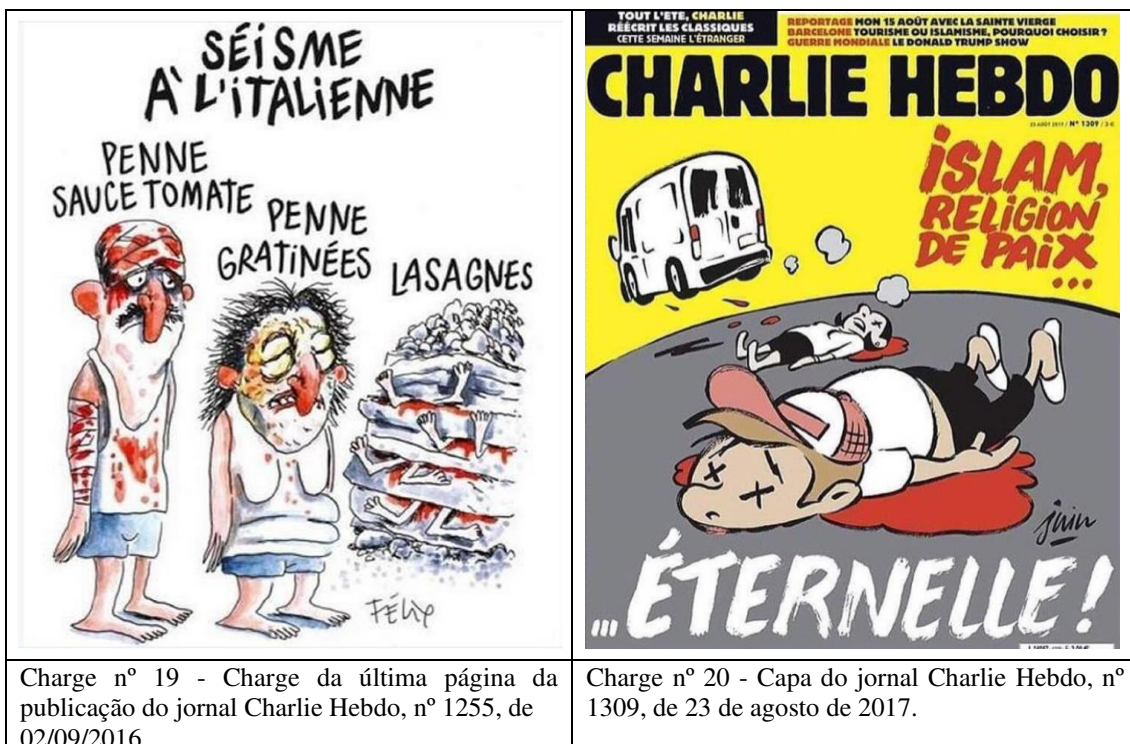
Contudo, Charaudeau (2010), ao citar Church (1995), nos adverte que o exercício da representação não significa necessariamente a interiorização dela e uma possível mudança de comportamento. A explicação é que essas representações permanecem ocultas integrando um amplo repertório que pode ser incitado à manifestação ou permanecer no psíquico do sujeito. Como exemplo de Church, Charaudeau (2010) fala da interiorização de uma regra gramatical de uma língua estrangeira podendo ser aplicada pelo sujeito em diversas situações, mas sem ter seu domínio interno, ou seja, o uso daquela língua em situação real.

Na continuidade de suas reflexões, Charaudeau (2010) traz duas problematizações pertinentes para a análise do *corpus* desta pesquisa: como classificar essas “representações como patêmicas” e onde residem suas especificidades?; e quando as representações podem ser chamadas de “sociodiscursivas”? O autor, trazendo à tona a noção de afetividade ligada à racionalidade, considera que as representações podem

ser “patêmicas” quando um julgamento de valor socialmente partilhado questiona um actante e faz o sujeito, balizado pelas normas sociais, acreditar (sentir) ser ele próprio vítima ou beneficiário de uma ação. Como exemplificação desse fenômeno, o semiolinguista cita o acidente, acontecimento com dimensão de tragédia, como ação desencadeadora. Nas palavras de Charaudeau (2010):

Um acidente é uma situação a propósito da qual podemos nos representar vítimas cuja norma social nos diz que são pessoas que estão sofrendo e que devem ter nossa compaixão, emoção sentida em maior ou menor grau segundo a relação que nos une às vítimas (parentesco, amizade, amor ou mitologia, como no caso da morte de Lady Di), (CHARAUDEAU, 2010, p. 31):

Aproveitamos para trazer esta noção para a realidade de nosso *corpus*, tomando como referência dois acontecimentos que foram “pauta” para charges no Charlie Hebdo: um acidente provocado e o outro natural. O último trata-se do terremoto que atingiu a região central da Itália, especialmente a cidade de Amatrice, que teve o maior número de vítimas fatais, no dia 24 de agosto de 2016. O primeiro aconteceu em Barcelona, Espanha, no dia 17 de agosto de 2017, com 13 vítimas fatais. Eis a reprodução das charges referentes ao incidente na Itália e em Barcelona, respectivamente:



Sobre estes acontecimentos, Charlie Hebdo publicou charges que causaram polêmica por todo o mundo, especialmente na Espanha e na Itália, ou seja, um actante coletivo que acredita ser a vítima do ataque do jornal. A partir destas publicações, emoções de ordem negativa foram manifestadas por pessoas de diversos seguimentos (cidadãos comuns, políticos, personalidades da mídia, etc.) nas mais diversas mídias, principalmente na *internet*. Mas o que queremos trazer para o foco aqui é o fato desencadeador de tais emoções, com reminiscências nas representações “patêmicas”. De acordo com nosso entendimento sobre tal ponto, as pessoas que se manifestaram contra as charges e exprimiram sentimentos negativos, identificaram-se como vítimas da representação que Charlie Hebdo ofereceu sobre os fatos. Os reclamantes sentiram-se ofendidos porque estavam inseridos, nas palavras de Charaudeau (2010, p. 31), numa “[...] situação a propósito da qual um julgamento de valor coletivamente partilhado [o respeito aos mortos] – e, por conseguinte, instituído em norma social [...]” deveria ser respeitado. Para estender um pouco, poderíamos dizer que as pessoas que se opuseram ao teor humorístico das charges, dotadas de racionalidade, partilharam de um reconhecimento de um grupo social (os indignados com Charlie Hebdo) cujos valores constituíam uma consciência coletiva, uma espécie de regra, que foi posta em xeque pelos chargistas, culminando numa sanção (a extrema rejeição, críticas e até um processo contra o jornal, impetrado pelo governo da Itália). Em síntese, as representações “patêmicas” seriam uma situação que envolve um sujeito racional, dotado subjetivamente de representações e valores sociais, que, a partir de um fato desencadeador, sente-se tocado, patemizado, seja pelo benefício, seja pelo prejuízo moral.

Passemos à segunda problematização que Charaudeau (2010) propõe: quando as representações podem ser chamadas de “sociodiscursivas”? Segundo Charaudeau (2010), podemos dizer que as representações são sociodiscursivas quando o processo de simbolização do mundo ocorre por meio da troca social dos signos que compõem os enunciados. Assim, todo enunciado, inserido numa conjuntura de troca social, adquire sentido segundo a dinâmica de valor desses signos que os compõem. De acordo com o autor, “Esses enunciados tornam-se objeto de partilha e contribuem para constituir um saber de comum (sic) e, particularmente, um saber de crenças” (CHARAUDEAU, 2010, p. 32). Assim, uma representação “sociodiscursiva” caracteriza-se quando o sujeito é implicado a acionar seus saberes de crença para uma tomada de posição e uma avaliação

subjetiva diante dos fatos do mundo, em detrimento dos saberes de conhecimento que são externos ao sujeito e se impõem a ele, sem chance de avaliação.

A tomada de posição do sujeito, apoiada pelos saberes de crenças, implica o surgimento de enunciados que se integram em uma vasta rede de intertextos e podem ser reagrupados, segundo Charaudeau (2010), sob a ótica de um *imaginário sociodiscursivo*. Esta noção é de extrema importância para nosso *corpus*, porque é a partir dela que os interlocutores vão formular suas posições, opiniões, comentários, críticas, enfim, uma gama de enunciados que farão todo sentido quando subjugados às normas sociais em comum que perpassam suas crenças. Quando Charlie Hebdo zomba da tragédia na Itália, por exemplo, o criador da Charge, no caso Coco, causa uma “quebra de protocolo” ao tentar incitar reações decorrentes de um assunto que tradicionalmente (culturalmente) nos traz pesar. Isto acontece porque em nossa cultura ocidental a morte é representada a partir de signos que simbolizam emoções (estados qualitativos) negativas como a tristeza, o inconformismo, às vezes a indignação (como no caso do atentado em Barcelona). Em contrapartida, o chargista e o jornal que o representa foram alvo de reações cujo reflexo pode ser percebido pela instância do *logos*, ou seja, através de índices patêmicos de indignação, protesto, raiva e até mesmo ódio, por parte da mídia mundial. Comentários como “[...] sobre a desgraça e a morte não se faz piada”¹³, proferidas pelo prefeito de Amatrice, principal cidade atingida pelo terremoto, Sergio Pirozzi, confirmam o caráter proibitivo de tais representações humorísticas no contexto de tragédia. Os dizeres das duas charges agridem saberes de crença polarizados, do tipo sério/não sério, respeito às vítimas/não respeito a elas, representação da morte, da dor/representação do riso, do engraçado.

Após definir um quadro discursivo para o tratamento das emoções na análise do discurso, Charaudeau (2010) ainda persiste nas problematizações e elenca outras três: a primeira refere-se à determinação do objeto do tratamento discursivo, ou seja, como garantir o sucesso da correspondência da visada emotiva com aquilo que o sujeito realmente está sentindo; a segunda refere-se à organização do campo temático, isto é, tratar dos critérios para a classificação dos tipos de emoção e como elas incidem na situação de comunicação; e a terceira refere-se às marcas que poderiam funcionar como traços de emoção, ou seja, na linguagem verbal como as emoções manifestam-se.

¹³ Portal Terra de notícias: <https://noticias.terra.com.br/mundo/europa/charlie-hebdo-faz-charge-de-terremoto-na-italia-e-causa-revolta,d559abef5252101491ea6935a033a1461m129ztl.html>. Acessado em 15/12/2017.

Esses problemas nos interessam mais de perto, já que nos possibilitam trazer algumas das reflexões acerca da contribuição de Charaudeau (2010) para nosso *corpus*. Passemos agora em revista sobre essa problematização a fim de expor o pensamento do autor e de tecer nossas considerações.

Na primeira problemática, sobre a determinação do objeto do tratamento discursivo, Charaudeau (2010) põe em xeque a autenticidade das emoções sentidas pelo sujeito. O autor enfatiza que a análise do discurso não dispõe de meios metodológicos para garantir o efeito da emoção no destinatário. Para reforçar sua tese, ele cita Elster (1995) que por sua vez faz a seguinte ponderação:

Não sei se os outros veem as cores como eu, nem se suas emoções são as mesmas que as minhas. Será que quando vivenciam a vergonha, eles sentem o que sinto quando vivencio a vergonha? Não podemos responder à questão; é até mesmo possível que ela não tenha nenhum sentido.¹⁴, (ELSTER, 1995, p. 39).

Charaudeau (2010) levanta outras possibilidades: como podemos comprovar a sinceridade e a autenticidade da emoção do outro? A emoção pode ser simulada, controlada, dominada, omitida, encenada.

As manobras não param por aí: segundo Charaudeau (2010), podemos emocionar sem querer fazê-lo, ou querendo fazer, podemos não conseguir. Enfim, uma gama de possibilidades que nos orienta a não ter certeza se as emoções podem realmente provocar um estado emocional no outro. Depois de afirmar que “Não há relação de causa e efeito direta entre exprimir ou descrever uma emoção e provocar um estado emocional no outro”, Charaudeau (2010, p. 34), o autor ainda questiona? “[...] a emoção deve ser estudada a partir de sua manifestação no sujeito que a vivencia, ou naquilo que constitui o desencadeamento, a origem?” Charaudeau (2010, p. 34). Por isso, uma forma de estudar as emoções na análise do discurso seria tratá-la como efeito visado e não como produzido.

Há dois modos de identificar o efeito visado. O primeiro seria a partir de uma *expressão* patêmica, através da qual o sujeito vai assumir uma enunciação elocutiva ao dizer, por exemplo, “Tenho medo!” ou uma enunciação alocutiva ao dizer, por exemplo, “Não tenha medo!”, “Tenha compaixão!”. O segundo modo seria através de uma

¹⁴ No original: “Je ne sais pas si les autres voient les couleurs comme moi, ni si leurs émotions sont les mêmes que les miennes. Quand ils éprouvent de la honte, ressentent-ils ce que j’éprouve quand j’ai honte? On ne peut pas répondre à la question; il se peut même qu’elle n’ait aucun sens.”

enunciação delocutiva da descrição patêmica, através da qual o sujeito narra uma dramatização que procura tocar o afeto do outro. Enunciados como “A multidão está furiosa!” orientam uma dramatização em direção a um destinatário projetado cujo efeito emocional vai depender da relação dele com a situação descrita. Ou seja, trata-se de um efeito patêmico instaurado por uma relação identificação-projeção proposta ao destinatário.

A segunda questão que Charaudeau (2010) nos coloca, que diz respeito à organização do universo patêmico, é que as emoções podem ser classificadas seguindo alguns critérios, de acordo com a intenção do analista. Para exemplificar, o autor baseia-se em Livet (1995), apontando as seguintes possibilidades: grau de generalidade das emoções, distinguindo aquelas que têm caráter mais universal (a cólera) e aquelas que têm um caráter mais específico relacionado ao contexto social (o pudor, a vergonha); grau de racionalidade segundo o julgamento social (a indignação perante uma injustiça); categorias também mais afetivas (tristeza, alegria), outras informativas (interesse, aborrecimento) e, ainda, aquelas de caráter apreciativo (ódio, cólera).

Entretanto, depois de apontar vários caminhos para a classificação, Charaudeau (2010) contrapõe esses critérios que, se forem combinados, dificultam a operacionalização. Isso acontece porque as emoções podem se sobrepor e gerar um efeito adverso. A indignação, por exemplo, que tem uma base racional, pode desencadear uma manifestação de cólera não racionalizada. Além disso, a interpretação para as emoções pode variar conforme os contextos socioculturais que, por vezes, mudam o caminho percorrido pelo desencadeador ou indutor da emoção até o sujeito. Isso porque cada sociedade possui um código de comportamento (baseado nos imaginários sociais) mais ou menos estável de como reagir ao repertório de emoções segundo a situação.

Ao aproximarmos esses critérios ao nosso *corpus* chágico, podemos observar que algumas charges do Charlie Hebdo não provocam o mesmo impacto aqui no Brasil, mesmo sendo frequentemente espetacularizadas e exageradas pela mídia. Vejamos um exemplo:



Nesta edição, Charlie Hebdo faz uma crítica a um controverso e polêmico comediante francês Dieudonné M’bala M’bala, considerado por alguns franceses como antissemita. A sátira está ancorada no imaginário francês culinário, pois *quenelle* é um prato francês e também o nome do gesto criado pelo comediante. Este gesto consiste em colocar a mão esquerda no ombro direito e o braço direito estendido apontado para baixo. Na França, o gesto é interpretado como a famosa saudação nazista de Hitler, só que invertida. As autoridades francesas têm procurado proibi-lo porque denota antissemitismo e até nazismo. Além disso, a França tem ainda em sua memória recente episódios de discriminação, intimidação e violência contra judeus, apesar de ser o país na Europa com a maior parcela desse estrato social, cerca de 550 mil¹⁵. Assim, para gerar um efeito específico, a “*quenelle*” que, depois de pronta, tem formato fálico, foi usada de maneira jocosa, enfiada no traseiro do personagem da charge, para desmoralizar o autor do gesto homônimo do prato com os dizeres: “Feliz ano novo, aprecie sua *quenelle*!”¹⁶.

¹⁵ Segundo o site de notícias Euronews: <https://pt.euronews.com/2018/11/07/muitos-judeus-franceses-deixam-a-franca>. Acessado em 15/07/2018.

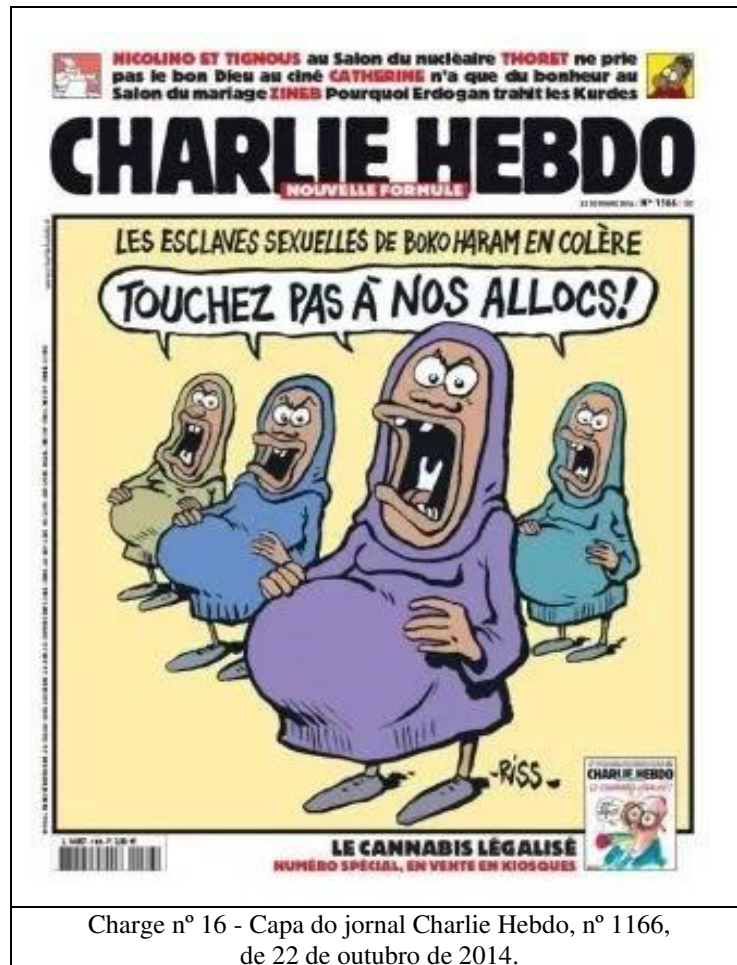
¹⁶ No original: “Bonneannée, bonnequenelle!”

Como podemos observar, esta charge representa um imaginário social que não condiz muito com a realidade do Brasil, por três motivos principais: a população judaica no Brasil é significativamente menor que a da França (107.000¹⁷ contra 600.000). O Holocausto, fato histórico associado metonimicamente ao gesto, foi um acontecimento estritamente europeu. A *quenelle*, palavra da base também metonímica para o gesto e para o falo, gatilho do efeito da charge, é uma comida tipicamente francesa. Ou seja, nenhum desses elementos que dão força à interpretação da charge e um possível desencadeamento de patemias, em decorrência de sua divulgação, têm ancoragem sociodiscursiva no Brasil, o que justifica uma das formas que Charaudeau propõe para a classificação dos termos no universo patêmico: “[...] então é preciso abordar essa questão da natureza do patêmico segundo a trilogia da qual falei acima: *situação de comunicação, universos de saber partilhado, estratégia enunciativa*” (CHARAUDEAU, 2010, p. 36 - grifos do autor).

O terceiro problema que Charaudeau (2010) nos apresenta tem a ver com as marcas-traços do patêmico, ou seja, como as emoções podem ser demonstradas pelo emprego de certas palavras, mas também quando elas não têm nenhum traço patêmico e mesmo assim, patemizam. De modo a tornar sua teorização mais operacional, Charaudeau (2010) a subdivide em três tipos de problemas, a saber:

- i) Existem palavras que, de antemão, sugerem um alto grau de patemização, tais como medo, raiva, ódio, amor. Quando elas estão inseridas num contexto fortemente denotativo, ou seja, significam exatamente aquilo que sua forma lexical nos mostra, a relação com a visada patemizante é natural. Observemos a charge publicada em 22 de outubro de 2014:

¹⁷ Segundo o censo do IBGE realizado em 2010 e atualizado em 17 de agosto de 2012. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137>. Acessado em 15/07/2018.



Na charge acima, podemos observar a palavra “cólera” sendo usada no seu uso denotativo no enunciado: “As escravas sexuais de Boko Haram em cólera¹⁸”. A charge retrata a insatisfação de mulheres que são escravas sexuais na Nigéria, pela organização islâmica Boko Haram, mas que, num contexto futuro de migração para a França, ou seja, como refugiadas aceitas, viriam a receber um benefício familiar oferecido pelo governo francês e usufruiriam desse benefício segundo o número de filhos que tivessem (uma espécie de bolsa família como há aqui no Brasil). O fato é que houve uma proposta de mudança (corte no valor do auxílio) na distribuição dos benefícios, o que teria causado a ira das mães reclamantes, expresso no enunciado: Não mexam nos nossos benefícios!¹⁹ A medida foi aprovada pela Assembleia Nacional dois dias após a publicação dessa edição.

Contudo, nem sempre a aparição da palavra que denota patemia garante totalmente a carga e emocional sugerida. Assim, palavras como cólera, angústia, horror,

¹⁸ No original: “Les esclaves sexuelles de Boko Haram en colère.”

¹⁹ No original: “Touchez pas à nos allocs.”

indignação etc., podem surgir num contexto em que as emoções sejam neutralizadas, apagadas, disfarçadas, imperceptíveis, enfim, podem, usando o termo de Charaudeau (2010), sofrer o processo de “despatemização”.

ii) Existem palavras que não descrevem exatamente emoções, mas são potencializadoras de seu surgimento, pois pertencem a um campo semântico “vizinho”. Às vezes estabelecem uma relação hiperônima ou hipônima. A palavra “arma”, (hiperônima de revólver) e “assassinatos” (hipônimo de crime), por exemplo, pode nos abrir um campo patêmico de violência, medo, morte. A título de ilustração, observemos a próxima charge:



Charge n° 11 - Capa do jornal Charlie Hebdo, n° 1099, de 10 de julho de 2013.

Nesta charge n° 11, as palavras que sugerem estados emotivos estão ligadas a um contexto de morte, assassinato, religião, todas potencializadoras de patemias. Os dizeres da etiqueta rosa na parte superior à esquerda informam: “assassinatos [ou matança] no

Egito²⁰” e em letras brancas: “O Corão é uma merda”²¹, seguidas da etiqueta amarela: “Ele não para as balas”²².

iii) O terceiro problema apontado por Charaudeau diz respeito ao fato de existirem “enunciados que não comportam palavras patemísantes” e que, portanto, a princípio, não nos ofereceriam possibilidade de produção de efeito patêmico. Entretanto, pode acontecer de essas palavras produzirem tal efeito por estarem inseridas num contexto onde a patemia vai ser acionada por fatores contextuais dentro da situação de comunicação. Assim, palavras como “Basta!” encabeçando uma manifestação popular pode nos levar a patemias relacionadas à dinâmica discursiva dos movimentos populares.

Por fim, Charaudeau (2010) segue sua exploração teórica acerca das emoções apresentando sua proposta discursiva e apontando critérios para o surgimento do efeito patêmico no quadro da análise do discurso. No final de seu texto, Charaudeau (2010) aponta quatro grandes tópicos e seus opostos discernidos em efeitos positivos e negativos. Não vamos discutir essas tópicos aqui, pois, devido ao seu caráter operacional, elas estarão presentes no capítulo de análise.

Apresentadas as considerações de Charaudeau sobre as emoções, passemos às reflexões de Plantin sobre o mesmo assunto a fim de discutirmos sobre sua contribuição para este tópico e, ao mesmo tempo, sinalizarmos o caminho a ser trilhado por nós na construção dos conceitos sobre emoção e sua aplicação ao *corpus*.

2.2. AS EMOÇÕES SEGUNDO PLANTIN

Inicialmente, gostaríamos de esclarecer que depois da leitura do material sobre emoções de Plantin, percebemos que suas postulações se encontram disseminadas em vários textos e retomadas pelo próprio autor de maneira aleatória. Diante disto, dois desafios se colocam na busca e discussão de suas ideias: o primeiro trata da reunião sistemática dessas teorizações de modo a não parecerem desconexas em um mar de

²⁰ No original: “Tuerie en Égypte”

²¹ No original: “Le Coran c’est de la merde”

²² No original: “Ça n’arrête pas les balles”

conceitos. Segundo, dada a essência interdisciplinar da obra de Plantin sobre as emoções e outros assuntos, algumas ideias dele estão relacionadas com autores com os quais não trabalhamos diretamente, mas que nossas considerações e análise vão tocar obliquamente. Outro aspecto que deve ser esclarecido na abertura desta seção trata-se da nomenclatura do termo emoção e seus correlatos nas reflexões de Plantin, exercício que já realizamos no capítulo teórico de Charaudeau.

Plantin (2010, p. 58-59) posiciona o conceito de emoção sob uma perspectiva psicológica citando Wierzbicka (1995) e fazendo comparações dos termos emoção (*émotion*) e sentimento (*sentiment*) nas línguas inglesa e francesa. Segundo Wierzbicka (*apud* Plantin, 2010, p. 58-59), o termo *sentiment* (em francês contemporâneo) designa exclusivamente um sentimento com base cognitiva, enquanto *émotion* (também em francês), além de ter um limite semântico mais amplo que no inglês, possui um valor de algo involuntário, inesperado, intenso, geralmente de conotação mais positiva que negativa. Essa discrepância semântica, embora de radicais idênticos, no caso de *émotion* (francês) e *emotion* (inglês), segundo Plantin (2010, p. 59), faz parte do “[...] risco de alinhamento dos conceitos em relação às particularidades linguísticas”. Depois, aponta para o fato de que o emprego da palavra emoção na linguística francesa não se dá muito naturalmente, pois emoção dá acesso a uma família de correlatos tais como emotivo, emocional, emocionado, emocionar, emocionante enquanto a família de sentimento é bem mais reduzida tal como em sentimental e talvez ressentir e ressentimento. Como podemos observar, os usos dos termos relacionados à emoção e todo seu universo correlato são bem volúveis. Acerca disso, Plantin (2010), ao citar Scherer (1984; 1993), Galati (1986), Cosnier (1994) e Balibar-Mrabti (1995), nos dá uma direção:

O interesse pelo léxico das emoções é partilhado entre psicólogos e linguistas. [...] Assim sendo, parece-nos que os psicólogos preferem partir dos substantivos. Os linguistas, por sua vez, trabalham não somente com o léxico das emoções, mas também com os verbos de emoções e, como consequência, com os enunciados de emoções, (PLANTIN, 2010, p. 59-69)

Ainda no domínio do uso dos termos, percebemos que ao longo do texto Plantin (2010) usa o termo *emoção* mais vezes que *pathos*, restringindo este último ao campo da retórica. O fato é que o termo *pathos*, cujo correlato atribui-se frequentemente à emoção, ao longo da história dos estudos retóricos e de outras áreas, ganhou diferentes conotações que oscilaram entre “afeto, emoção, experimentado, humor, paixão, *pathos* e

sentimento”²³ (tradução nossa). Plantin (2011, p. 5), citando o dicionário Bailly (1901) sobre termos greco-franceses explica que a palavra *pathos* veio de empréstimo do grego, e que nessa língua significava “aquilo que a gente experiencia...um estado da alma agitada por circunstâncias exteriores”²⁴. Assim, entendemos que o termo *pathos* e o termo emoção participam de um universo discursivo cujo alcance semântico pode variar, porém estão ancorados num conjunto de relações teóricas que os tomam, na maioria das vezes, como sinônimos.

Agora, vamos direcionar o foco da discussão para as contribuições teóricas de Plantin sobre a manifestação das emoções no discurso. O fundamento da emoção com visada argumentativa, além de perpassar as teorizações de Charaudeau, como foi visto em capítulo anterior, parece também ser uma constante na obra de Plantin. O teórico afirma que o ponto de partida para a discussão sobre as emoções é que, em razão dela, o sujeito produtor do discurso patêmico funda uma noção: a do dever experimentar, pois, para Plantin (2010), assim como a visada argumentativa, o discurso patêmico pressupõe uma visada emotiva. Esta ideia de emoção como ferramenta de persuasão nem sempre está explícita. Segundo Plantin (2010), existem enunciados que não contêm termo de emoção, mas que são orientados em direção a uma emoção, ou seja, para se chegar à argumentação de uma emoção, deve-se considerar a orientação desses enunciados, os quais darão “pistas” emotivas, também consideradas “traços argumentativos”, termo utilizado numa auto-citação da obra de 1990 (PLANTIN, 1990, p. 152), e retomado pelo autor em 2010 com o termo *patemas*, Plantin (2010, p. 65 - ênfase do autor).

Continuando a linha de raciocínio baseada nas postulações de Plantin, o autor propõe “[...] especificar [...] os princípios gerais que regulam esta orientação [a dos traços argumentativos] em direção a uma emoção”, (PLANTIN, 2010, p. 65). Para realizar esse inventário de termos patêmico-argumentativos, o autor vale-se da aliança que propõe com outros autores de outras áreas, além da Análise do Discurso e da Retórica Antiga e Clássica, tais como: da Pragmática, da Psicologia e até da Cognição.

Inicialmente, para o autor supracitado, há argumentação de uma emoção quando esta está no cerne de uma confrontação de um discurso, motivada por uma visada emocional. Por uma questão sistemática, o autor propõe determinar “[...] as condições de reconstrução do enunciado de emoção, conclusão da argumentação”, Plantin (2010,

²³ São termos elencados por Plantin (2011, p. 5).

²⁴ No original: “ce qu’on éprouve... état de l’âme agitée par des circonstances extérieures”

p. 61). Em outros termos, isso implica determinar os elementos que justificam a visada emocional ou que, em decorrência dela, colocam a emoção como propulsora de uma argumentação. Assim, a determinação das condições de reconstrução do enunciado emotivo, segundo Plantin (2010), passa, primeiramente, pela problematização de duas questões: determinar o *lugar psicológico em potencial* e o *termo de emoção*.

Sobre *lugar psicológico em potencial* trata-se de um termo que Plantin (2010, p. 61) toma de empréstimo da gramática gerativa (que trabalha com “verbos psicológicos”) e atribui à “pessoa que experiencia o sentimento”, Plantin (2010, p. 60) ou àquele ao qual podemos nos referir como “[...] um estado psicológico, designado por um termo de emoção” (PLANTIN, 2010, p. 58). Trata-se então do ator da cena discursiva que, ao falar, coloca-se como sujeito enunciativo e experimenta as mesmas emoções como sujeito falante, a menos que profira um discurso de mentira ou simule uma emoção. Em outro ponto do texto, Plantin (2010) afirma que os lugares psicológicos são instâncias:

[...] a quem serão eventualmente atribuídas as experiências [patêmicas]. Para isso, constituímos paradigmas de designação, isto é, o conjunto de termos (substantivos comuns ou próprios) e expressões que designam os diferentes atores do texto. De uma maneira geral, os lugares psicológicos potenciais são, inicialmente, os humanos, sem excluir os animais, pelo menos os superiores. O locutor e o interlocutor, enquanto referentes dos pronomes de 1ª e 2ª pessoa (eu/tu, nós/vós), são lugares psicológicos como os outros. (PLANTIN, 2010, p. 61)

Sobre o segundo ponto, Plantin levanta o problema de não conseguirmos facilmente concluir que um determinado termo é um *termo de emoção*. Para tanto, Plantin (2010, p. 62) expõe uma série de ocorrências através das quais pode-se designar um termo de emoção, obedecendo a algumas variantes. Adiante, discorreremos sobre estes tipos de designações, pois acreditamos que elas sejam um ponto interessante de reflexão e análise pertinentes ao nosso trabalho. Ao mesmo tempo, a fim de ilustrar a aplicação da teoria, vamos incorporar estas designações ao nosso *corpus*, à guisa de exemplificação.

(i) Designação direta da emoção.

A designação direta é autoexplicativa uma vez que seus correspondentes no léxico indicam claramente uma manifestação de uma emoção. Além disso, fornecem um

amplo campo derivacional de itens morfolexicais a partir de substantivos de base. De ódio, pode-se recorrer, por exemplo, a odioso, odiar. Inclusive, esse tipo de designação pode ter sua base também em verbos cujo alcance semântico recobre tipos de emoções. Podemos observar este tipo de designação na charge nº 16 (cf. anexo) que já foi aludida na seção 1, subseção 1.1 deste capítulo, de teorização sobre a cólera, segundo Aristóteles (2003) e na seção 2, subseção 2.1.6 também neste capítulo em que Charaudeau teoriza sobre os termos que denotam emoção.

Para evitarmos redundância, não vamos expor aqui todo o contexto que envolve a charge em questão. O que nos interessa, desta vez, é analisar as circunstâncias em que os enunciados preenchem o conceito proposto por Plantin. No enunciado “As escravas sexuais de Boko Haram em cólera²⁵” podemos observar uma designação direta da emoção de cólera, explícita no plano textual e complementada no plano icônico, basta olharmos o semblante de raiva das quatro personagens e a diagramação das letras e do balão que indicam que todas estão proferindo o mesmo enunciado, ao mesmo tempo e em voz alta (as letras garrafais cumprem esse papel).

O fator imagético é, neste ponto, crucial para a interpretação da charge. A organização verbal está disposta num espaço de manobra a partir de fatores gráficos, ratificando o sentimento de cólera experimentado pelas personagens. Deste modo, a designação direta ocorre por um efeito metalinguístico e intersemiótico em que o enunciado “As escravas sexuais do Boko Haram em cólera” é confirmado pelo grito das personagens e também por suas expressões faciais.

(ii) Designação indireta (reconstrução sobre a base de índices linguísticos).

A designação indireta obtém-se a partir de índices linguísticos, os quais, inevitavelmente, passam pelo crivo de interpretação dos fatores socioculturais, por isso devemos ter cautela para não incorrerem na falta de correspondência semântica entre o vocabulário de um idioma para outro e de uma cultura para outra. Plantin (2010) cita o exemplo das cores que, não necessariamente, indicam estados emocionais. Por exemplo, uma pessoa pode enrubecer devido a fatores fisiológicos ou climáticos ou, ainda, o enrubescimento pode variar seu significado de cultura para cultura. Assim, o enrubescimento para nós no Brasil geralmente é entendido como vergonha ou cólera, ao

²⁵ No original: “Les esclaves sexuelles de Boko Haram en colère”

passo que, nas palavras do autor, “[...] ao que nos parece, em francês, o rubor da cólera ‘não sobe à face’” (PLANTIN, 2010, p. 63). A exemplo dessa designação, podemos citar o enrubescimento do personagem da charge nº 02 (cf. anexo).

Outra faceta da designação indireta citada por Plantin (2010) versa sobre a predisposição do enunciado em suscitar um verbo de emoção, ou seja, algumas expressões, por força linguística do uso, pela repetição numa dada língua, pressupõe o uso de verbos de emoção. Plantin (2010) exemplifica com a forma pronominal do verbo “consumir”. Assim, quando dizemos que alguém está “se consumindo”, predispomos o uso de um verbo abstrato de sentimento como em “Ele está se consumindo de curiosidade, de ódio, de amor, de remorso...” dentre outros. Um exemplo desses verbos em nosso *corpus* se encontra na charge nº 04 (cf. anexo) em que o verbo *morrer* na expressão *morrer de rir* pode pressupor uma série de substantivos abstratos como em “morrer de tristeza, de alegria, de raiva”.

(iii) Designação indireta (reconstrução sobre a base de lugares comuns situacionais e atitudinais).

Nesse tipo de designação indireta, Plantin (2010, p. 63) fala da importância de se considerar os fatores culturais, por meio dos lugares comuns a algumas emoções. Enunciados como “Nunca mais terei coragem de me olhar no espelho” podem denotar vergonha. Questões atitudinais também são colocadas pelo autor, por exemplo, se o indivíduo está de cabeça baixa, isso pode pré-determinar uma ideia de arrependimento, perplexidade, vergonha e outras emoções.

(iv) Enunciados psicológicos e enunciados de emoção.

Por fim, Plantin (2010) problematiza a diferenciação entre enunciados psicológicos e enunciados de emoção citando M. Gross, que por sua vez propõe outra nomenclatura: verbos de sentimento e verbos psicológicos. A questão é discernir o emotivo do cognitivo, pois alguns termos são polissêmicos e não indicam uma divisa clara entre esses dois campos.

Plantin (2010, p. 64) segue suas reflexões rumo a um *inventário das emoções* a fim de *reconstruir o perfil emocional de um ator do discurso*, baseado em teóricos de diversas áreas para então traçar o seu quadro que resume a *Tópica das emoções*. Dentre

os teóricos citados estão: Scherer (1984; 1986; 1993), psicólogo cognitivista; Lausberg (1960), da Retórica; Ungerer (1995), da Linguística Cognitiva; e Caffi e Janney (1994a, 1994b), da Pragmática.

Estas noções, a nosso ver, representam um ponto de encontro muito importante entre a teoria de Plantin e de outros autores com os quais ele indica aliança. Além disso, essas incursões delineiam um quadro teórico interdisciplinar, fato que ocorre também em Charaudeau e, em geral, por toda a disciplina da Análise do Discurso. Por último, este recurso da interdisciplinaridade vai trazer à tona como Plantin constitui seu quadro tópico de emoções.

Plantin (2010) aponta princípios geradores de emoção segundo a retórica antiga e se baseia, neste momento, em Lausberg (1960), o qual aponta três formas de suscitar a emoção. Plantin recategoriza como regras (R) ou preceitos e as desdobra em cinco, abaixo discriminadas:

- (i) Regra sobre a emoção encenada: esta regra está ligada ao fato de o orador sentir ou simular o sentimento daquilo que quer que seja sentido, ou seja, ele deve experimentar o sentimento visado, ou pelo menos simulá-lo (R1): “Mostre-se emocionado!” Como princípio desta regra, podemos remeter às charges de nº 01 e nº 11 (cf. anexo).
- (ii) Regra sobre a apresentação e a representação das emoções: esta regra tem a ver como objetos, imagens e a representação das emoções podem tocar o interlocutor. No esquema de Plantin (2010, p. 66) corresponderiam à (R2): “Mostre objetos emocionantes”; (R3) “Mostre imagens!” e (R4): “Mostre a emoção!” Nesta regra, podemos nos remeter à charge nº 20 (cf. anexo) em que há a representação (caricata) do atentado ocorrido em Barcelona, Espanha. Na imagem, podemos ver em primeiro plano dois corpos ensanguentados e ao fundo o carro que os teria atropelado, ainda em movimento. Estas cenas, mesmo na composição chárstica, chocam, pois tornam sensível uma imagem que está no imaginário das pessoas que se compadeceram com as vítimas do atentado, estando ligadas a elas ou não.
- (iii) Regra sobre a mimese: esta regra diz respeito à descrição das emoções através de mecanismos linguístico-cognitivos, ou seja, caso não seja possível mostrá-los (R2, R3), o proponente do ato pode descrever suas sensações e até amplificar (R5) os dados emocionais tornando uma coisa grave, em mais grave, mais chocante. Esta última regra pode ser ilustrada em nosso *corpus* pela charge nº 10 (cf. anexo) em

que há a representação intradieética da agressão a homossexuais fazendo o percurso desde as agressões ideológicas (ou seja, causadas pelas ideias, como nos balões da charge) até as agressões físicas (representadas também pelo personagem da charge).



Continuando a exposição de Plantin, baseado novamente em Lausberg (1960), as emoções podem se manifestar em todos os lugares. A partir dessa ideia, Plantin sugere uma forte ligação com a teoria de indutores (desencadeadores) de emoção no discurso jornalístico e, em mais uma aliança, expõe os “Princípios da inferência emocional” criados por Ungerer (1995). O quadro está reproduzido abaixo na íntegra:

PRINCÍPIOS DA INFERÊNCIA EMOCIONAL	DESENCADEADORES LINGÜÍSTICOS
<p>1. Princípios da relevância emocional Princípio de proximidade: “nós vs eles”. Foco no que está próximo do leitor. Princípio de animação (princípio de “vida e morte”). Foco no que é perigo de vida ou geração de vida para a existência humana. Princípio de classificação e numeração: Foco no que concerne a muitas e importantes pessoas.</p>	<p>Dêiticos, termos de uso familiar, afetuosidade, formas de endereçamento. Vocabulário de “calamidades”: homicídio, estupro, assalto, terremoto, vítimas, assassinato, ferimentos. Numerais e outras expressões de quantidade, denominações.</p>
<p>2. Princípio da avaliação Proporciona avaliações baseadas em normas de sua cultura.</p>	<p>Advérbios de comentário, itens lexicais com conotações positivas/negativas</p>
<p>3. Princípio da intensidade de apresentação: seja drástico</p>	<p>Use detalhes vívidos e conexões metafóricas com domínios emocionalmente estabelecidos (Bíblia)</p>
<p>4. Princípio do conteúdo emocional Menção de aspectos emocionais em eventos específicos</p>	<p>Termos de emoção descritiva (adjetivos, substantivos e verbos)</p>

Quadro 1 - Princípios da Inferência Emocional de Ungerer (1995, *apud* PLANTIN, 2010, p. 67)

Mais adiante, sob o foco pragmático, Plantin continua em sua interdisciplinaridade e na esteira dos autores Caffi e Janney (1994a, 1994b) segundo os quais a linguística e a psicologia teriam lugar privilegiado para reflexão, mediadas pela retórica, exhibe uma perspectiva de análise, sob critérios da psicologia combinados com os da linguística, formando um quadro de correspondência entre eles. O método de análise, segundo essa proposta, seria detectar os índices linguísticos correspondentes a seis categorias linguísticas: avaliação, proximidade, especificidade, evidência, volicionalidade e quantidade²⁶.

Outra vertente com a qual Plantin (2010) dialoga é a cognição. Embora não seja nossa pretensão trabalhar com disciplinas dessa área, entendemos que seja relevante expor esse tipo de discussão que Plantin tem com Scherer de modo a enriquecer e ratificar o caráter interdisciplinar das contribuições de Plantin para a reflexão sobre as emoções no discurso.

A respeito da dimensão cognitiva, Plantin referencia Scherer (1984; 1993), segundo o qual, para a análise das emoções, o componente cognitivo é o mais importante. De acordo com Plantin (2010), este componente é interessantemente mais produtivo para a análise do discurso, pois suas variantes denotam que estados

²⁶ Estas categorias são citadas apenas para fins de explanação da aliança de Plantin com outras áreas/autores. Por isso, não vamos explorá-las.

emocionais pressupõem processos cognitivos. A tarefa do analista do discurso, então, seria “[...] trabalhar com operações linguísticas que correspondem a estas operações cognitivas” (PLANTIN, 2010, p. 71). O componente cognitivo, segundo Scherer (1993; 1984 *apud* PLANTIN, 2010, p. 69) “[...] garante um controle permanente dos estímulos internos e externos”. Esses estímulos seriam, portanto, o reflexo de uma série de operações cognitivas cuja emoção seria seu sintoma mais flagrante. Porém, a exteriorização desses estímulos cujos resultados são emocionais, pode sofrer variação interpretativa.

Assim sendo, segundo a visão cognitivista, quando instrumentalizamos os componentes cognitivos a serviço dos componentes linguísticos, há o risco de se cair em descrédito, já que a “tradução” da emoção não se dá de maneira direta. Além disso, o discurso é apenas seu sintoma secundário, pois a emoção, como foi dito anteriormente, é sintoma cognitivo.

Partindo para a construção de um quadro tópico das emoções e dando continuidade às suas contribuições, Plantin (2010, p. 71) esclarece: “Sabe-se que uma tópica é um conjunto de regras que governam a produção de argumentos”. Assim, a tópica seria um conjunto de informações que levam à representação/recriação do evento que originou a emoção. E se o que governa essa representação/recriação é o argumento (índice retórico), a criação da tópica é fruto de esforço da encenação do real posta a serviço da argumentação. Além disso, Plantin pondera sobre o fato de a tópica não ter origem nem no âmbito cognitivo, nem no linguístico. Segundo o autor, pode-se encontrar em Cícero (*apud* PLANTIN 2010, p. 71) “[...] a ideia de que a invenção não faz parte verdadeiramente da retórica e que se origina, sobretudo, de mecanismos gerais do pensamento”. Assim, a tópica seria “[...] um sistema de mapeamento do real, de coleta de informação e de tratamento do evento com múltiplas finalidades: narrativa, descritiva, argumentativa, (PLANTIN, 2010, p. 71).

Segundo o autor, as tópicas possuem graus de generalidade. A mais geral seria: “Quem fez o que, quando, onde, como, por quê...”, mas acrescenta que há tópicas mais específicas que atendem domínios específicos, tais como a tópica da deliberação política, cujas questões mais óbvias seriam: “É justo? É legal? É apropriado? É útil? É necessário? É seguro? É possível? É fácil? É honrável? É agradável? Qual é o efeito previsto?”, Plantin (2010, p.71).

Plantin (2010) ainda diferencia seu sistema tópico do sistema cognitivo de Scherer (1984; 1986; 1993). Segundo Plantin (2010), o dispositivo linguístico, cujo

componente discursivo é a fala/escrita, é o traço de uma operação cognitiva profunda. Enquanto o sistema cognitivo constrói as emoções segundo as facetas (propostas por Scherer), os enunciados linguísticos seguem o parâmetro das regras tópicas.

Depois desse quadro teórico, Plantin (2010) traça um quadro tópico das emoções e propõe a análise baseado em dados retóricos clássicos seguindo as teorizações sobre princípios de inferência emocional propostos por Ungerer, as categorias linguísticas pragmáticas de Caffi e Janney e o quadro de Scherer. Eis uma reprodução do quadro de Plantin (2010, p. 73):

T1: O quê?	Casamento / enterro; façanha / derrota; má ação / boa ação; amigo / inimigo.
T2: Quem?	mulheres, crianças, o Presidente, um mendigo, os notáveis
T3: Como?	Diria que era um campo de batalha.
T4: Quando?	No dia de seus 20 anos. Morto na guerra em 10 de novembro de 1918.
T5: Onde?	O caminhão explode em um camping. Assassinato na catedral.
T6: Quanto?	A maior catástrofe do transporte aéreo de todos os tempos. Uma explosão incrível.
T7: Por quê?	O acidente foi provocado por um deslizamento de terra / por um roda-dura bêbado.
T8: Consequências?	A gente fala que nosso franco é forte, mas serão necessários sete francos para ter um único Euro!
T9: Normas?	A pátria está em perigo.
T10: Controle?	Inexoravelmente
T11: Distância de y?	Estrangeiros. Pessoas como você e eu.
T12: Aprovação?	Genial!

Quadro 2 – Tópicas de Plantin

Plantin (2010) finaliza suas reflexões fazendo um paralelo entre a definição das tópicas, elencadas por ele, e os autores supracitados. Falaremos, brevemente, sobre as concepções de cada tópica (T1 à T12):

A T1 refere-se à representação do acontecimento, ou seja, como proceder para representar o teor emotivo do acontecimento. Relaciona-se, portanto, com a regra retórica da mimese emocional: “Mostre-se emocionado!” A T2 é dedicada à descrição da emoção segundo sensibilidade da pessoa afetada. Algumas pessoas são mais suscetíveis de demonstrar a emoção conforme a gravidade e sua relação com os fatos. A

morte de uma criança, potencialmente, afeta mais que a morte de um idoso, por exemplo.

A T3, segundo Plantin (2010), está relacionada ao princípio de Ungerer que, por sua vez, estabelece relação entre domínios metafóricos e domínios de emoção. A T4 diz respeito ao aspecto temporal dos fatos desencadeadores da emoção, segundo a subjetividade da pessoa alvo da emoção. Ou seja, essa tópica garante a localização, no tempo, do fato que desencadeou a emoção.

A T5 é importante marcador à medida que faz referência ao lugar do acontecimento e relativiza a distância entre y (o interlocutor, isto é, o alvo da emoção) e o fato. A T6 corresponde ao fator de numeração e intensidade, atendendo ao princípio (R5): “Seja drástico!”, em que se consegue maximizar a emoção tornando coisas que não pareceriam alarmantes, inicialmente, em dados pavorosos. A T7 está ligada à delegação de responsabilidade, pois indica o agente da ação e relativiza seu estatuto de legitimidade perante aos acontecimentos. A T8 refere-se às consequências do ato emotivo. Quais são as sanções? Os ganhos, as perdas? Quais os efeitos e sua duração?

A T9 está em ligação com os valores que regulam as normas éticas e sociais de y, isto é, estabelece um vínculo com o que é socialmente aceito e culturalmente construído pela cultura do destinatário. Algumas emoções são recebidas de forma diferente por suas comunidades, exatamente por interpretarem as regras sociais e os valores de maneira também diferente. Cenas de seminu na comunidade islâmica tem uma repercussão diferente da repercussão na sociedade brasileira.

A T10 diz respeito ao potencial de controle do evento pelo alvo, assim, o alvo teria possibilidades de influenciar o evento e controlar seus efeitos. A T11 trata da proximidade ou envolvimento do alvo (y) com o evento. Ou seja, qual sua ligação com o ocorrido? Em que medida essa aproximação ou distanciamento vai influenciar nas suas emoções? A T12, finalmente, segundo Plantin (2010, p. 77), corresponde à avaliação conclusiva e global do evento. Ou seja, é agradável? Tem a aprovação ou reprovação de y?

Vale lembrar que esses dados não são rígidos e funcionam apenas como parâmetros gerais para se chegar a um consenso do que, possivelmente, representaria a tópica de uma emoção, isto é, uma tentativa de mapear os posicionamentos acerca das características patêmicas de um evento, considerando-se ainda outros aspectos elencados em outras seções desse trabalho.

Assim, finalizamos as contribuições de Plantin acerca da teorização sobre as emoções e passamos para as considerações de Maingueneau sobre o *ethos*.

2.3.O ETHOS SEGUNDO MAINGUENEAU

Seguindo a explanação dos postulados teóricos que sustentam este trabalho, passemos agora à noção do *ethos*, um dos elementos-base de sustentação da tríade aristotélica, mas que de acordo com o interesse teórico da nossa pesquisa, vai seguir as considerações balizadas por Maingueneau (1997; 2015), nesta seção, e de Amossy (2014a; 2014b; 2014c; 2014d) e Charaudeau (2008a; 2008b), nas próximas subseções. A escolha destes autores como base teórica deve-se ao fato de posicionarem a noção do *ethos* sob uma perspectiva que mais se aproxima do teor de nosso trabalho, que é inserido em um quadro sociodiscursivo. Por isso, acreditamos que estipular como ponto de motivação e de partida as considerações destes autores, nos ajuda, além de demarcar nosso lugar de fala, submeter nosso trabalho às suas contribuições.

Comumente apontado como a imagem de si no discurso, ou seja, as imagens que fazemos de nós mesmos, de nossos interlocutores, mas também as imagens que eles fazem de nós, o *ethos* está presente desde a origem discursiva do locutor, pois influencia diretamente na elaboração de seu discurso, até na recepção desse ato, já que seus interlocutores elaboram uma imagem sua. Este conceito é crucial para a análise dos sujeitos que interagem com as charges, pois determina a imagem visada como marca persuasiva quando se tem, ou se quer ter, o controle desta imagem diante do outro.

Partindo de textos fundadores de Maingueneau, esboçamos algumas considerações sobre o *ethos* e seus desdobramentos inseridos em um quadro teórico da análise do discurso. Apesar de o autor falar sobre o *ethos* em várias de suas obras e artigos (Maingueneau, 1997; 2008a; 2008b; 2014; 2015), nos detivemos, primordialmente, em Maingueneau (2015) onde o autor reúne suas postulações sobre o *ethos*, ao fazer o seguinte trajeto: lembra as principais características do *ethos* retórico, fala da dificuldade que se põe quando se quer estabilizar a noção de *ethos* a fim de operacionalizá-la e, por fim, dá sua contribuição sobre a concepção do *ethos*.

Segundo Maingueneau (2015), o *ethos*, fora dos limites da retórica, assume primeiro plano nas discussões teóricas do discurso e da pragmática a partir do trabalho de Ducrot (1987). A demarcação deste quadro teórico foi decisiva para se tratar da

noção de *ethos* em uma problemática que o tornasse mais maleável nos limites da análise do discurso, já que “não vivemos no mesmo mundo da retórica antiga, e a palavra não está mais condicionada pelos mesmos dispositivos [...]”, (MAINGUENEAU, 2015, p. 12). Esse pressuposto advém do fato de que a noção de *ethos*, oriunda da retórica clássica, não pode ser tratado nos mesmos limites desta disciplina se se quiser atingir novos alcances teóricos.

Assim, as considerações de Maingueneau nos levam a um conjunto de traços teóricos os quais são úteis para a análise do *corpus* desta tese, pois vão de encontro à nossa proposta de se identificar, em um quadro enunciativo, as vozes que se impõem no discurso das charges, auxiliando na constituição de imagens dos sujeitos enunciativos, portadores do discurso, enfim, fiadores da palavra.

Os fiadores das charges não são designados nem visíveis a não ser por suas assinaturas no desenho. Porém o texto “mostra” a imagem do produtor da charge através de seu discurso. Assim, o leitor é convocado a participar de sua opinião ou refutá-la, segundo suas convicções. A ativação do mundo *ethótico* se faz com base em estereótipos e saberes de crença que já estão incutidos no público que interage com as charges.

Em decorrência da realocação do *ethos* da retórica para a análise do discurso, reconhecemos que adaptações devem ser feitas, frente à necessidade de operacionalização destes conceitos. Essa vantagem se contrapõe à dificuldade de se manipular a noção de *ethos* face às vicissitudes dos *corpora* aos quais ele pode ser aplicado. Em nosso caso específico, ganha-se em se trabalhar com o *ethos* coletivo dos chargistas, por exemplo, mas arrisca-se em projetá-loa grupo(s) ao(s) qual (quais) não se tem acesso direto devido a fatores culturais e geográficos, como no caso da charge nº 13 (cf. anexo), já aludida na subseção 2.1.6, seção 2 deste capítulo. Assim, assumimos o risco de captar uma faceta do *ethos* (a autoapresentação nas charges) considerando esses fatores de distanciamento, mas que podem ser realocados também segundo nosso recorte teórico. Deste modo, um discurso que ecoa no imaginário sociodiscursivo francês pode aliar-se a ecos discursivos no contexto brasileiro, segundo dois fatores: alguns saberes de crença são universais e o trinômio proposto por Charaudeau (2010, p. 25), “emoção-norma-julgamento” do comportamento social pode ser balizado pelo parâmetro do grau de universalidade. Em outras palavras, emoções como a cólera, o amor e a compaixão são universais, estão presentes em qualquer sociedade e sua manifestação como norma pode levantar julgamentos sobre o sujeito.

Não é nossa intenção aqui refazer todo o percurso da noção de *ethos*, da retórica até nossos dias, como de costume o fazem alguns teóricos, mas apenas localizar alguns pontos que Maingueneau (2008a; 2008b) coloca como essenciais no quadro teórico de Aristóteles (2003). Estes pontos serão retomados em nossa análise e discutidos à luz de nossos objetivos, ou seja, tomaremos essas considerações de Maingueneau, sempre que possível, para delinear nosso quadro expositivo e teórico sobre o *ethos*.

Primeiramente Maingueneau (2015) elabora uma proposição a respeito da complexidade do termo, suas variações e sua difícil operacionalização. Maingueneau (2015) cita Auchlin (2001) para reforçar duas noções problemáticas: primeiro que o *ethos* é altamente intuitivo, ou seja, ele não se consolida como um conceito teórico claro. Em decorrência do primeiro fator, o *ethos* é de caráter mais prático, tornando difícil sua manipulação, a menos que o coloquemos em um quadro cujos traços teóricos sejam convergentes suficientemente para tornar suas características mais maleáveis. Na sua versão clássica, em Aristóteles (2003), o *ethos* era designado pelo “caráter” e já se configurava como elemento de persuasão. O intuito do orador era angariar apoio, credibilidade através da imagem que ele queria “mostrar” ao seu interlocutor. Para tanto, ele se valia de três qualidades: a *phronesis*, ou prudência, a *aretè*, ou virtude, e a *eunoia*, ou benevolência. Segundo Charaudeau (2008, p. 113), esse trinômio foi abandonado por um tempo e ocultado por uma crítica literária, mas reapareceu recentemente nos estudos relativos à argumentação. De acordo com Charaudeau (2008), entre essas categorias, a noção de *ethos* foi retomada e redefinida por autores da Análise do Discurso. A título de comparação, vejamos, de forma topicalizada, a noção de *ethos* sob a perspectiva de alguns deles:

- Para Aristóteles (2003), é ao caráter moral que o discurso deve quase todo o seu poder de persuasão, ou seja, em certa medida o filósofo insinua a primazia do *ethos* sobre as outras provas retóricas.
- Em Auchlin (2001): a noção de *ethos* é pouco teórica e mais prática. Sua peculiaridade é que representa uma extensão de nosso ser, o que aciona estratégias de proteção, daí a ideia de se passar um *ethos* positivo ao nosso público.
- Para Barthes (1970 *apud* MAINGUENEAU, 2008), o *ethos* são os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (não importando sua sinceridade) para causar boa impressão. Segundo Barthes (1970), ainda, a eficácia do *ethos* baseava-

se no fato de ele não se manifestar explicitamente na enunciação, ou seja, ele tinha que ser percebido, captado por seu interlocutor.

- Contrariando Barthes, Ducrot (1987), ao submeter a noção de *ethos* à pragmática, estabelece a dinâmica deste conceito demarcando dois tipos de enunciação: locutor – L (que seria o locutor apreendido como enunciador) e locutor-lambda (apreendido como ser do mundo), direcionando-nos para a noção pragmaticista do mostrar e dizer. Assim, o *ethos* não deve ser dito no enunciado (locutor – L), mas está sensível à percepção do público pelo locutor-lambda.
- Kerbrat-Orecchioni (2010) nos aponta um *ethos* baseado em atos locucionais partilhados socialmente, ou seja, um *ethos* coletivo em que um grupo social partilhe “um quadro invisível e imperceptível” do discurso.

Apesar das diferentes abordagens e possíveis divergências entre estes autores, Maingueneau (2008a, p. 17) afirma “[...] estar de acordo com alguns princípios mínimos [...] sem submeter o *ethos* a prejulgamentos no interior dessas disciplinas. Os princípios mínimos que Maingueneau propõe são:

- a) O *ethos* é uma noção discursiva. Nesse ponto Maingueneau (2015) considera o *ethos* como uma imagem produzida no discurso, não como uma imagem do locutor exterior a sua fala. Percebe-se, assim, que se trata de uma estratégia que Maingueneau (2015, p. 12) propõe que consiste em estabilizar o *ethos* retórico para torná-lo operacional no interior do quadro da análise do discurso.
- b) O *ethos* é um processo de interação que visa a influenciar o outro. Nesta perspectiva, o *ethos* se constrói no desenrolar das manifestações enunciativas e se predispõe ao jogo de intersubjetividades que acontece na hora da troca comunicativa.
- c) O *ethos* possui um caráter híbrido. Primeiro porque está associado a um comportamento socialmente avaliável e submetido a uma situação de comunicação precisa (caráter sociodiscursivo). Segundo, porque essa situação específica está integrada a uma conjuntura sócio-histórica.

Deste modo, Maingueneau (2015) acredita estar localizando a noção de *ethos* no interior da disciplina da análise do discurso e ao mesmo tempo sendo fiel às

predisposições da retórica de Aristóteles (2003), sem burlar os princípios básicos da disciplina à qual se inscreve.

Ao estender os domínios do *ethos* do texto oral (como a retórica tradicional o tratava) para o texto escrito, Maingueneau (2015) propõe uma série de conceitos que nos fazem levar em conta a amplitude do *ethos* para além do exercício oratório. Em sua concepção, Maingueneau (2015) “encarna” a manifestação ética desde traços psicológicos, baseados no caráter até traços físicos, como a maneira de se vestir e se movimentar durante o ato de fala.

Além disso, Maingueneau (2015) associa o reconhecimento e a aceitação do *ethos*, na percepção dos interlocutores, a índices liberados na enunciação de forma a reconhecermos uma “vocalidade” que pode se manifestar em uma multiplicidade de “tons” do discurso. Esse reconhecimento da vocalidade textual e seu tom vão delinear a figura de um fiador. Essa noção, segundo Charaudeau (2008a; 2008b), Maingueneau desenvolve a partir de Barthes que, por sua vez, resgata a noção de “ares” de Aristóteles (2003). Trata-se de uma instância abstrata que sustenta a existência e legitimidade de um *ethos* do fiador que, por sua vez, implica um mundo *ethótico* ao qual pertence e ao qual ele mesmo dá acesso. Ademais, o reconhecimento do fiador passa pela dinâmica da avaliação e julgamento sociais, pois está apoiada em situações estereotípicas do comportamento dos sujeitos, ou seja, essa noção remete ao que Charaudeau (2010) classifica como representações sociais, as quais dão sustentação aos imaginários sociodiscursivos.

O *ethos*, nas palavras de Maingueneau (2015), passa por um processo de “incorporação” através da dinâmica de manifestação ou percepção, dadas pelo enunciador e pela audiência respectivamente. A incorporação, assim, funciona sob três registros: a) a enunciação dá corporeidade ao fiador, ou seja, lhe dá corpo; b) o interlocutor incorpora (assimila) um conjunto de esquemas que orientam uma maneira específica de se comportar diante desse *ethos* colocado à mostra; c) esses dois primeiros movimentos permitem uma representação imaginária de um corpo daqueles que aderem ao mesmo discurso.

Em consonância com os efeitos *ethóticos* e patêmicos, salientamos também a influência dos imaginários sociodiscursivos, os quais espelham a formação da imagem dos interlocutores e orientam também as emoções que podem ser suscitadas no ato comunicativo. Porém, essa noção será desenvolvida na próxima subseção com Charaudeau.

2.4.O ETHOS SEGUNDO CHARAUDEAU

Ainda que os estudos de Charaudeau sobre o *ethos* estejam ligados primordialmente ao discurso político, nesta seção fazemos um apanhado de suas concepções sobre esta categoria a fim de marcar as contribuições de seus estudos nessa área e, ao mesmo tempo, nos apropriarmos do que julgamos ser mais pertinente ao nosso trabalho. Para Charaudeau (2008a; 2008b), o *ethos* é o que possibilita ao orador parecer digno de fé, confiável aos olhos do público. Essa premissa que perpassa os estudos do *ethos*, como ferramenta que proporciona o sujeito ser fiador de seu discurso, é adotada não só pelos retoricistas, mas também pelos analistas do discurso. No entanto, Charaudeau (2008a; 2008b) coloca o *ethos* sob a égide de dois problemas que são objetos de debates: o primeiro diz respeito ao fato de o *ethos* estar ligado à pessoa real que fala ou, sob um ponto de vista diferente, estar ligado à pessoa como ser da fala (o enunciador). A segunda questão diz respeito ao alcance do *ethos* em relação à construção da figura discursiva representada por ele, quer dizer, o *ethos* concerne apenas ao sujeito que fala, seja ele locutor ou enunciador, ou pode ser atribuído a um grupo? Assim, o autor desenvolve suas ponderações a partir desses dois problemas, ponderações que servem também para nos posicionar, já que a questão da identidade dos sujeitos e da construção do *ethos* no discurso e pré-discursivo toca tangencialmente nosso *corpus*.

Charaudeau (2008b) propõe uma fusão nas duas situações. No que concerne à questão sobre a identidade do sujeito, ser real, empírico, que fala ou sujeito enunciativo, sujeito do discurso, Charaudeau (2008b) assume que o *ethos* compõe a imagem do ser enquanto sujeito social, colocado à percepção do outro em seu contexto situacional, mas também enquanto ser discursivo, sujeito enunciador associado à identidade linguística que o subjaz. Assim, o sujeito constrói seu *ethos* a partir daquilo que diz e, ao mesmo tempo, está suscetível à construção alheia, pois o outro o constrói segundo os dados preexistentes ao discurso, ou seja, o que ele sabe a priori do locutor somado àquilo que o locutor traz no próprio ato de linguagem.

Isso nos leva à segunda resolução. O sujeito, percebido em seu coletivo, não é reduzido à essencialização unívoca. O locutor possui o direito à palavra segundo o lugar social que ocupa, segundo aquilo que lhe dá legitimidade de ser comunicante em função das circunstâncias da situação de comunicação. Essas circunstâncias ao mesmo tempo

que lhe impõe restrições e o caracteriza como ser social da fala, propiciam também manobras discursivas das quais o sujeito falante vai tirar proveito para construir sua identidade discursiva e, sob o olhar do outro, apresentar-se como melhor lhe convier. Assim, ao olhar do outro, o sujeito desdobra-se em sua dupla identidade: psicológica e social. Fica evidente, deste modo, que, na visão do autor, o *ethos* não só funde esses dois sujeitos atribuindo-o uma dupla identidade, como também é percebido pelo público como tal.

Vale dizer aqui que esse caráter duplo de subjetivação já é uma constante nos estudos de Charaudeau, já que em vários momentos de sua carreira como semiolinguista deixou claro a ideia de sujeito social e sujeito discursivo. Em Charaudeau (2008a; 2008b; 2009), por exemplo, ele trata dessas mesmas questões relacionadas à identidade dos sujeitos, que remetem à dinâmica do reconhecimento do ser de fala, empírico, e do ser social, discursivo, enfim, do *ethos*. Porém o autor faz esse movimento aos moldes de uso de outros termos como identidade social (ou psicossocial), identidade cultural, identidade discursiva e identidade linguística.

Assim, à concepção de sujeito social e sujeito linguístico na semiolinguística subjaz a noção de formação do *ethos*. Em outras palavras, o sujeito *ethótico* para Charaudeau se constrói no liame da intersubjetividade, já que para os sujeitos do ato comunicativo se perceberem como planejam, devem explorar essa associação/fusão dos dois sujeitos. Fica evidente, porém, que nem sempre é possível controlar o resultado da apresentação do *ethos* para o interlocutor. Segundo Charaudeau (2008a; 2008b), parte dessa apresentação é consciente e parte é intuitiva. Assim vale também para a auto e hetero-percepção do *ethos*. Não conseguimos controlar sua totalidade. Sob essa perspectiva, é possível afirmar que o *ethos* caracteriza-se por uma produção conjunta, feita pelas instâncias enunciativas de ambos os polos de comunicação.

Na Teoria Semiolinguística, a tomada de consciência de si e do outro é mais que a simples construção do *ethos*. Trata-se de um valor constitutivo para a existência do sujeito que se faz no e pelo discurso. Assim, o outro é o que eu não sou, e vice-versa. Claramente, essa é uma concepção benvenistiana da qual Charaudeau (2008a) se apropria e aprimora para erigir sua teoria sobre os sujeitos da linguagem, a qual tem longo alcance, não só na perspectiva do *ethos*. Essa teoria do reconhecimento dos sujeitos em Charaudeau está em sintonia com a visão do *ethos* discursivo que existe no discurso e é construído pelo discurso. É nessa perspectiva que estão inscritos os desdobramentos do reconhecimento do sujeito e da construção do *ethos*, a saber: as

representações sociais e os imaginários sociodiscursivos (dos quais já falamos na subseção 2.1.2, seção 2 deste capítulo, por isso não vamos retomá-las aqui). Em resumo, podemos dizer que os saberes partilhados pelos sujeitos da comunicação contribuem para a construção da identidade de si e do outro. Encerradas as contribuições de Charaudeau sobre o *ethos*, passemos às proposições de Amossy sobre o mesmo assunto.

2.5.O EHTOS SEGUNDO AMOSSY

A noção básica do *ethos* como a apresentação de si já foi sinalizada em Maingueneau e retomada em Charaudeau, nas subseções anteriores. Agora, em Amossy (2014a; 2014b; 2014c, 2014d), vamos retomar essa noção e pontuar as contribuições dos estudos dessa autora para nosso trabalho. Amossy, em diferentes textos, disserta sobre as provas retóricas para, além de explicar a origem e as mudanças pelas quais estas provas passaram, desde a filosofia clássica até os estudos linguísticos contemporâneos, situar seu lugar de fala, ou seja, posicionar-se sobre a evolução dessas provas que, no bojo da Análise do Discurso, podem se configurar como categorias de análise. Para tal empreitada, a autora dialoga com vários autores, de diferentes áreas. A fim de entender seu posicionamento e também situar nosso lugar de fala, perscrutamos alguns textos da autora e percebemos que na obra *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*, a qual tivemos acesso à edição de 2014, ela reúne grande parte de sua contribuição através das reflexões feitas a partir de outros estudiosos. O que mais chamou nossa atenção é o caráter social e argumentativo de suas proposições. Assim como Plantin e Charaudeau, a pesquisadora faz um conjunto de considerações que levam em conta a troca linguageira e sua natureza social, baseada nos valores de crença, ou seja, no partilhamento cultural dos falantes de uma dada sociedade. Deste modo, nesta seção vamos apresentar as contribuições de Amossy (2014a; 2014b; 2014c, 2014d) sobre o *ethos* a fim de delinear nosso recorte em sua teoria para a análise de nosso *corpus*.

Para Amossy (2014a; 2014b; 2014c; 2014d) o fator social das interações verbais tem grande participação na influência de como o locutor e seu interlocutor vão gerenciar sua percepção sobre a imagem do outro. Isso porque, como toda interação social está

condicionada ao contexto em que ocorre, os dados situacionais e os papéis sociais dos sujeitos da interação vão orientar discursivamente a construção do *ethos*.

Assim, os modelos de representações sociais acionados no momento da interação constituem o comportamento preestabelecido dos participantes de modo que seus papéis sejam desenvolvidos plenamente segundo aos lugares sociais que ocupam. Deste modo, as práticas rotineiras inerentes aos seus papéis põem em funcionamento as práticas languageiras. Essas práticas languageiras simbolizam, em sentido amplo, a busca pela adesão do outro através do discurso. Assim, os modelos representacionais que cobrem uma das facetas do *ethos* vão funcionar como desencadeadores argumentativos, dando a ele (ao *ethos*) um caráter persuasivo.

Sobre o valor argumentativo do *ethos*, Amossy (2014a; 2014b; 2014c; 2014d) nos faz refletir a respeito da importância dos estereótipos na construção do auditório ao qual o discurso se direciona. Isso porque ao acionarmos o dispositivo enunciativo, fazemos previsões (*ethos* prévio) dos modos de raciocínio próprios de um grupo social e não de outro. Por exemplo, ao engendrar um discurso que vise à captação de um grupo político de direita, o locutor vai levantar hipóteses do uso de mecanismos linguísticos para atingir esse grupo. Diferente do que faria se o grupo fosse da ordem de ativistas *gays* cujas ideologias, saberes de crença (saberes partilhados) seriam diferentes das características discursivas do grupo anterior. Então pode-se afirmar que o processo de estereotipagem pode condicionar determinados *ethé* que por sua vez dão passagem ao surgimento de patemias diversas.

Em relação à eficácia do discurso, à legitimação do locutor e, conseqüentemente, à construção do *ethos*, Amossy (2014, p. 119-120) cita Bourdieu (1982) segundo o qual a influência do orador sobre o auditório não depende exclusivamente da dimensão languageira, mas sim de sua identidade social. Nas palavras de Bourdieu (2008, p. 87): “O uso da linguagem, ou melhor, tanto a maneira como a matéria do discurso, depende da posição social do locutor que, por sua vez, comanda o acesso que se lhe abre à língua da instituição, à palavra oficial, ortodoxa, legítima”.

Em um prolongamento deste pensamento de Bourdieu, trazendo esta noção para a execução de nossos objetivos acerca de nosso *corpus*, asseveramos que a construção da imagem do locutor depende, em parte, de sua identidade social, mas também do discurso que este produz, pois tal discurso vai concretizar (ou até refutar) a imagem pré-concebida do locutor, ou seja, o estatuto social do locutor traz uma ideia prévia do *ethos* (*ethos* prévio) e, ao mesmo tempo, é complementado pelos recursos languageiros,

dando, inclusive, passagem à interpretação (ponto de contato) do *pathos* através do *logos*.

Como afirmamos ao longo de nosso texto, é difícil discernirmos objetivamente qualquer movimentação isolada das provas retóricas (ou categorias de análise, dependendo do foco dado a elas), ratificando, assim, seu caráter de consubstancialidade. A visão de preponderância do estatuto social do locutor sobre suas palavras na construção do *ethos* encontra ressonância na afirmação de Amossy (2014c, p. 121, grifos nossos): “Em resumo, *e para levar as coisas ao extremo*, a eficácia da palavra não depende do que ela enuncia, mas daquele que a enuncia e do poder do qual ele está investido aos olhos do público”. Este raciocínio, porém, de se atribuir a influência do locutor sobre o interlocutor segundo sua posição social parece se fragilizar quando levamos o estatuto social do primeiro *ao extremo*. Ou seja, aquilo que se fala é tão importante quanto quem fala e de onde fala.

Diante dessas reflexões de Amossy sobre o jogo de imagens que o *ethos* põe em funcionamento, pensamos, primeiramente, na seguinte questão, já levantada por Amossy (2018) e adaptada aqui: como delinear a imagem do auditório? Seria ela uma imagem mental, ou seja, criada a partir dos valores e crenças que o locutor tem de seu auditório, ou, seria ela uma imagem verbal, ou seja, construída a partir da alocação? Essas e outras questões são comentadas na seção de análise, por isso nos restringimos apenas a anunciá-las. Finalizadas nossas considerações sobre o *ethos* segundo a perspectiva de Amossy, passemos à próxima seção em que falaremos sobre a força argumentativa das emoções no *logos*.

2.6.O FATOR PATÊMICO DO LOGOS COMO RECURSO ARGUMENTATIVO

2.6.1.A ARGUMENTAÇÃO SEGUNDO AMOSSY

Desde a Antiguidade, a figura retórica do *pathos* tem suscitado questionamentos sobre sua pertinência no processo argumentativo. Havia autores que consideravam que a emoção afetava a avaliação do auditório, enquanto outros defendiam que não há argumentação eficaz sem se tocar o afeto do público. Acontece que o *pathos* ao longo dos séculos vem, entre recusas e adesões, se firmando como poderosa ferramenta de

persuasão na perspectiva de muitos teóricos, não só da Retórica e da Linguística, mas de outras áreas que trabalham com a linguagem.

Nessa perspectiva, o *pathos* como recurso retórico de persuasão alia-se às outras categorias: o *logos* e o *ethos*. Vários estudiosos assumem que essas três figuras retóricas são indissolúveis, fato consensual entre os autores com os quais trabalhamos na elaboração dessa pesquisa, sobretudo entre aqueles decidimos nos basear teoricamente para falar da persuasão no discurso das charges. Por isso, nesta seção vamos discutir a relevância que o *pathos* conquistou, nos estudos retóricos, linguísticos e nas teorias da argumentação, desconstruindo o paradigma da emoção *versus* razão, ideia que se manteve forte, e em alguns casos ainda se mantém, nas reflexões de alguns estudiosos que não consideram o fenômeno patético como motivador positivo do processo de persuasão.

Sendo assim, nossa análise sobre o teor argumentativo no discurso das charges segue um recorte teórico centrado no *logos* balizado nas reflexões de Amossy (2007, 2008, 2017, 2018) e Plantin (2008, 2010). Em Amossy (2017), nos debruçamos sobre a influência do *pathos* no funcionamento discursivo da polêmica, como estratégia persuasiva. Mais especificamente, apoiados nos estudos de Amossy (2008), nos apropriaremos das noções de modalidade argumentativa e registro discursivo. Sobre as contribuições de Plantin, nossa atenção será direcionada ao fato de ser possível argumentar emoções.

Esses autores têm muitos pontos de convergência entre si e também com outros teóricos com os quais dialogam em suas obras, no que diz respeito à influência das emoções na argumentação. Esse caráter interdiscursivo se dá pelo fato de ambos estudarem a emoção como fator fundamental no discurso persuasivo. Amossy (2018), por exemplo, cita Plantin (1996) para o qual o discurso deve, além de ensinar, agradar e tocar. Para a autora “impor-se a razão não significa minar a vontade que autoriza a ação”, Amossy (2018, p. 196), ou seja, considerar a emoção como fator de legitimidade da persuasão não compromete o valor argumentativo do ato linguístico.

Assim, toca-se também na delicada dicotomia razão *versus* emoção, ora afastando a ideia de se persuadir através da emoção, atribuindo-se o valor persuasivo à razão, ora colocando as emoções no centro dos processos persuasivos. Nos estudos de Amossy, constatamos o caráter interdisciplinar nos escritos sobre o assunto, pois à medida que a autora vai explanando seu posicionamento, vai também dialogando com os mais diversos autores no universo da argumentação. Além disso, suas análises são

voltadas para os mais diversos gêneros do discurso, dos mais (supostamente) neutros, isentos de emoção, aos mais impregnados de subjetividade e patemias. Amossy (2007) analisa, por exemplo, o discurso testemunhal a partir da obra *A espécie humana*, de Robert Antelme. Trata-se de um caso em que o discurso em questão é levado em conta a partir da experiência de Antelme ao testemunhar o universo dos campos de concentração nazistas. Segundo Amossy (2007), há um paradoxo: ao mesmo tempo em que o sujeito pode dizer que presenciou o fato, “eu estava lá”, ele deve, em tese, ser o mais imparcial possível no relato testemunhal. Assim, a imparcialidade do sujeito se apagaria à medida que relatasse aquilo que vivenciou.

Assim, uma das questões que se impõem nessa reflexão sobre a argumentação é a dicotomia entre razão e emoção, o que no bojo das teorias ficou conhecida como a distinção entre convencer e persuadir. Segundo Amossy (2018), o primeiro verbo está ligado às faculdades intelectuais, ou seja, à argumentação firmada na razão, no raciocínio lógico; o segundo está ligado à emoção, ao fato de conquistar a confiança do auditório ao tocar seu sentimento. Amossy em seus estudos sobre a argumentação afirma que esta é parte integrante do discurso e que é essencial que a análise do discurso explore tanto a sua inscrição na materialidade da língua quanto em sua ancoragem social e institucional.

Para demarcar seu território de atuação discursiva a respeito deste assunto, Amossy dialoga com autores como Pascal, Lamy, Gibert, Quintiliano, Cícero, dentre outros, e analisa suas contribuições nessa discussão entre o racional e o passional. As retóricas, segundo Amossy (2018), têm dificuldades em assumir a presença das emoções nos processos argumentativos e, quando as aceitam, o fazem com restrições sob o pretexto das emoções abalarem os pilares da logicidade dos argumentos. Amossy cita alguns autores tais como Angenot, Perelman e Olbrechts-Tyceca, Michael Rinn, Eemeren, os quais têm essa dificuldade em “integrar plenamente o elemento emocional” nas teorias da argumentação.

Entretanto, a “virada” em prol do fator emotivo acontece quando autores contemporâneos, incitados pelos estudos de Michel Meyer, ao divulgar o pensamento de Perelman, reposicionam a emoção como capital no processo argumentativo, reavaliando-a radicalmente. Essa guinada Amossy atribui aos trabalhos de Douglas Walton, reunidos na obra *The Place of Emotion in Argument* de 1992. Segundo a autora, embora Walton preserve a desconfiança secular em torno do *pathos*, é a partir dos

trabalhos dele que as emoções adquirem um lugar relativamente importante na argumentação.

Esse movimento tem prosseguimento, segundo Amossy (2018), nos trabalhos de Molinié, Plantin e Charaudeau. A autora também cita Raphaël Micheli (2008), o qual traça um panorama sobre as novas concepções a respeito da emoção nos domínios da retórica e das ciências da linguagem. Micheli (2008) nos lembra Charaudeau (2010), ao destacar o valor social das emoções e sua influência sobre o público, baseando-se em suas crenças. Em seu artigo *La construction argumentative des émotions: pitié et indignation dans le débat parlementaire de 1908 sur l'abolition de la peine de mort* o autor analisa a presença das emoções da piedade e da indignação nos discursos que lutam pelo fim da pena de morte na França.

Diante dessa perspectiva segundo a qual a emoção encontra-se na centralidade dos debates argumentativos sem colocar em xeque sua legitimidade, resta-nos nos posicionar em que nível discursivo o *pathos* pode atuar. Para tanto, contamos com as contribuições de Amossy (2018) que destaca os diferentes níveis discursivos em que a emoção pode surgir.

Para surtir tal efeito, Amossy (2018, p. 207) aponta inicialmente dois caminhos: aquele em que a emoção é mencionada e aquele em que a emoção é apenas suscitada, sendo o segundo caso, de acordo com a autora, o mais problemático, pois não se consegue facilmente apontar aquilo que proporciona a manifestação do *pathos* sem índices lexicais.

Como possível resolução da questão, a autora remete ao sistema de tópicos proposto por Plantin (2010) o qual citamos neste trabalho na subseção 2.2, seção 2 deste capítulo. Através desse esquema, o público acessa tópicos, as quais estão associadas a lugares, que, em determinada cultura, suscitam emoção. Numa situação hipotética, um texto que fale sobre fome e miséria, por exemplo, já abriria o campo semântico para a presença de emoções. O caso ficaria mais proeminente caso os atores sociais desse texto fossem crianças ou pessoas desprovidas das condições mais básicas de vida como saúde, educação, moradia e alimentação. Nesse sentido, a emoção se inscreve em um saber de crença que, ancorado em representações sociais, interpelam moralmente o público a se emocionar. Normas sociais, valores e crenças implícitas são o sustentáculo dessa dinâmica que fundamenta a razão das emoções. Essa dinâmica, como vimos nas subseções 2.1.4 e 2.1.5, seção 2 deste capítulo, nos remete também a Charaudeau (2010)

que tem postulações semelhantes sobre a racionalidade na manifestação das emoções no discurso.

No segundo caso (aquele em que a emoção é mencionada), Amossy (2018) fala da presença de *pathémata*, que no grego corresponde ao plural de *páthema*, o que poderíamos traduzir como patemias e patemia, respectivamente, ou seja, os *pathémata* são elementos considerados capazes de desencadear uma emoção no público. Assim, nesses tipos de discurso as emoções seriam acessadas através de um encadeamento de imagens que levam a uma conclusão emocional, seja através do léxico explícito, isto é, termos que denotem emoção, seja através da construção discursiva que remete a um cenário patêmico, enunciados que falem de crianças em situação de miséria, por exemplo. Processo semelhante ao que já foi apontado também em Charaudeau, na subseção 2.1.6, e em Plantin na subseção 2.2, ambas na seção 2 deste capítulo.

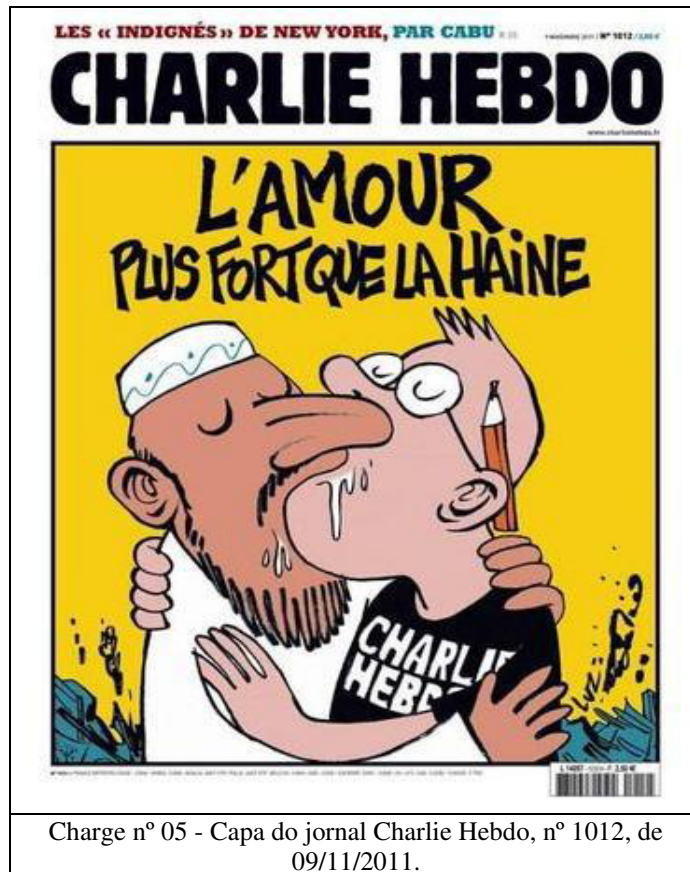
A inscrição da argumentação no discurso é também apontada pela autora em “As modalidades argumentativas do discurso”, Amossy (2008). Nesse texto, a autora propõe a integração das aquisições da retórica clássica e dos estudos argumentativos contemporâneos em prol da construção de uma teoria da argumentação no discurso. Para tal empreendimento, Amossy propõe modalidades argumentativas que traduzem os movimentos argumentativos da tese ou do ponto de vista do locutor para o auditório. Trata-se, segundo a autora, de tipos de trocas argumentativas que atravessam os gêneros do discurso e modelam as formas argumentativas num quadro tanto dialogal quanto dialógico. Essas modalidades são divididas da seguinte forma:

- a) Modalidade demonstrativa: baseia-se em apresentar uma tese ao auditório, a partir de um discurso monogerado, por meio da demonstração racional, apoiada em provas. Como exemplos de gêneros dessa modalidade, Amossy cita o discurso parlamentar, o artigo científico, o editorial entre outros.
- b) Modalidade patética: trata-se de tentar tocar o afeto do auditório, através de um discurso monogerado ou de um diálogo, em busca de obter adesão. Essa modalidade nos interessa mais de perto, por motivos óbvios. Como exemplos de gêneros que convocam essa modalidade estão o apelo à ajuda humanitária, o discurso lírico, a defesa perante os jurados.
- c) Modalidade pedagógica: a partir dessa modalidade, o auditório, que está na posição de aprendiz, é levado à reflexão por vias do diálogo ou da troca verbal monogerada.

Dentre os exemplos de gêneros que convocam essa modalidade, pode-se citar o manual escolar, o livro didático, o romance de tese entre outros.

- d) Modalidade de co-construção: nesse tipo de modalidade, os participantes de interações concretas co-construem sua argumentação a fim de resolverem juntos o dissenso em questão. Alguns exemplos de gêneros dessa modalidade podem ser a reunião de condomínio, a conversação familiar (em torno de algum problema em comum), o debate em prol de uma resolução para um problema que afeta a todos, etc.
- e) Modalidade negociada: os parceiros desse tipo de interação buscam, através do comprometimento, buscar uma solução para o problema levantado, a fim de chegar a um consenso. Como exemplos de gêneros, podemos citar a conversação familiar, as negociações comerciais, as trocas diplomáticas.
- f) Modalidade polêmica: nesse tipo de modalidade, os adversários numa confrontação de teses antagônicas tentam convencer o outro ou um terceiro desabonando seu discurso, atacando-o, desmerecendo-o de alguma forma. Nosso *corpus* encontra-se primordialmente nesse nível de argumentação, pois o discurso chágico de Charlie Hebdo procura atacar o adversário em investidas discursivas que desmoralizam e tentam anular a figura do opositor. Dentre outros exemplos, pode-se citar a controvérsia filosófica, os debates midiáticos (como nos debates políticos) e muitos outros gêneros, já que a polemização está cada vez mais presente em nossa sociedade, especialmente com o alargamento da utilização das redes sociais.

Dentre as modalidades apontadas acima, a título de ilustração, podemos oferecer exemplos mais abundantes em duas delas: a patética e a polêmica. A título de exemplificação, tomemos a charge de nº 05 (cf. anexo), reproduzida abaixo.



A charge nº 05 foi publicada após o primeiro atentado contra a redação do jornal em 2011 quando extremistas do islamismo explodiram uma bomba no prédio onde funcionava a redação de Charlie Hebdo. Sobre as modalidades argumentativas, podemos perceber o apelo à emoção tanto no plano escrito, nas palavras amor e ódio, como no plano imagético, em que dois personagens representantes do islamismo e do jornal, respectivamente, beijam-se apaixonadamente na boca. Isso por si só já é polêmico devido ao teor de ousadia em representarem uma figura religiosa masculina beijando uma pessoa do mesmo sexo, algo impensável segundo os preceitos do islão. A polêmica se intensifica e se agrava ao representarem um beijo tão apaixonante a ponto de os personagens estarem babando. Não nos aprofundaremos na análise dessa charge, deixando tal exercício para a subseção 2.1, seção 2, capítulo III.

Ao avançar em seus conceitos sobre as modalidades argumentativas, Amossy (2008) nos apresenta os registros discursivos, maneiras pelas quais as modalidades podem aparecer no discurso. Eles são complementares às modalidades à medida que mobilizam um tom particular para assegurar o sucesso do empreendimento persuasivo. Em outras palavras, os registros marcam a tonalidade do discurso perceptível, às vezes, de maneira intuitiva pelo auditório. A autora, coincidentemente remetendo ao humor,

evocado aqui como parte de nossa análise sobre o discurso chárstico, exemplifica a diferença entre modalidade argumentativa e registro discursivo apontando o humorístico como pertencente a este último caso em que o auditório percebe facilmente o teor humorístico de um ato linguageiro, apesar da análise do humor ser de grande complexidade.

Assim, segundo Amossy (2008), as piadas, os trocadilhos e outras situações consideradas humorísticas não são modalidades da argumentação, entretanto podem servi-la quando postos à subordinação de seus objetivos. Em sentido oposto, a negociação, que é uma modalidade argumentativa, não pode ser considerada um registro discursivo, uma vez que ela convoca recursos verbais para se chegar a um consenso entre as partes, mas por si só não estabelece registro específico, podendo variar numa gama de registros que por sua visada persuasiva, concretiza-se como modalidade argumentativa.

Um terceiro ponto de vista adotado por Amossy (2008), coincidentemente, trata da dupla função das duas modalidades argumentativas com as quais decidimos trabalhar: a polêmica e a patética. Estas modalidades podem se desdobrar em registros discursivos de diversas formas. O que as caracteriza como modalidade argumentativa já foi falado anteriormente, mas, em suma, na polêmica, sob um choque de ideias opostas, o adversário tenta convencer ou seu antagonista, ou um terceiro sobre o seu ponto de vista. Para fazer isso, ele tenta destruir o oponente desacreditando seu discurso e suas teses.

Na categoria patética, o locutor tenta, através do discurso emocionado, tocar o afeto do auditório de modo que este adira suas proposições. Acontece que, além de desempenhar essas funções como modalidades argumentativas, a polêmica e a patemia incidem sobre o registro discursivo deixando marcas de seu estilo na linguagem verbal ou no seu tom discursivo. Sobre o registro patético, por exemplo, fala-se em um apelo patético, uma narrativa patética perceptível na sua estrutura linguística. Quanto ao registro polêmico, fala-se em tom e estilo agressivos que caracterizam a tomada de turno na dinâmica dialogal, ou nesses mesmos termos (tom e estilo agressivos) na fala monogerada em que palavras e expressões de violência são direcionadas a um alvo.

Segundo Amossy (2008), apesar de manterem relações estreitas, as modalidades patética e polêmica com seus respectivos registros discursivos nem sempre se realizam plenamente de seus planos argumentativos para sua realização semântica. Sabemos, por exemplo, que a emoção não precisa necessariamente se realizar no plano formal através

de índices patêmicos. O contrário também pode acontecer. Ao se materializar no plano formal, através de pistas no *logos*, o discurso pode querer induzir à patemização, mas não conseguir. São os casos de despatemização, já aludidos neste trabalho. Isso ocorre quando o auditório visado a ser patemizado, por algum motivo, não se revela sensível às investidas do locutor patemizante. O mesmo vale para a argumentação polêmica. Sua estrutura argumentativa não garante rastros polêmicos no plano linguístico formal, podendo o locutor polemizar mesmo sem intenção. Em sentido oposto, pode-se querer agregar grande valor polêmico através de registros discursivos violentos e não se chegar a lugar algum. Nesses termos, percebemos que a imagem do auditório construída (visada) pelo locutor e a imagem que o auditório, de fato, pode construir sobre o proponente do ato comunicativo podem não coincidir, colocando todo o processo persuasivo em xeque.

Outro aspecto a ser levado em conta na organização argumentativa do discurso de Charlie Hebdo diz respeito ao teor polêmico de suas publicações. Sob essa ótica, mais uma vez nos apoiamos em Amossy (2017) que, ao teorizar sobre o discurso polêmico, nos dá uma contribuição para entender como a argumentação se dá por diferentes nuances discursivas em Charlie Hebdo.

Em *Apologia da polêmica*, Amossy (2017) investiga com profundidade a natureza dos debates conflituosos com base em exemplos reais – de um debate televisivo a um fórum de discussão na internet. A autora reflete sobre a importância da polêmica nas sociedades atuais, sobre seu funcionamento e suas funções no espaço democrático. Na verdade, ela associa a polêmica ao dissenso e reconhece que este é “sem dúvida, o motor incontestado da democracia”, (AMOSSY, 2017, p. 19). Nessa perspectiva, a polêmica é um elemento fundamental para a constituição da democracia e do próprio espaço público.

Na busca do alinhamento desses conceitos ao nosso trabalho, chegamos à relação da polêmica com nosso objeto de pesquisa, o *pathos*. Sobre esse aspecto, Amossy (2017) afirma que, de fato, pode haver presença de emoções, como a indignação e a cólera, mais propensas aos gêneros discursivos que carregam traços polêmicos. Entretanto, essa relação não é automática, nem obrigatória. É preciso avaliar outros vieses que compõem tais gêneros, ou seja, “[...] é necessário ainda que [os gêneros polêmicos] se acompanhem de um embate de opiniões contraditórias”, (AMOSSY, 2017, p. 138). Em outro momento a autora ratifica seu posicionamento:

Se, então, a paixão não for um traço definatório da polêmica, não é menos verdade que ela contribui para o fenômeno, radicalizando os aspectos mencionados nos debates polêmicos, para questões da sociedade que interpelam fortemente os participantes. (AMOSSY, 2017, p. 146)

Assim, as emoções não são condição *suis generis* para o discurso polêmico, mas elas o potencializam à medida que buscam identificação com o público através do apelo emocional.

Somado ao fato da não obrigatoriedade das emoções no discurso polêmico, quando elas estão presentes, levantam a desconfiança do discurso polêmico, imbuído de emoção, ser não credível frente ao aspecto lógico, racional que ele necessita. Em resumo, os questionamentos seriam os seguintes: será que onde há polêmica, há necessariamente emoção? E se há emoção, a racionalidade dos argumentos apresentados na polêmica se sustenta? Amossy (2017, p. 140) define a polêmica como uma modalidade que “[...] se funda numa dicotomização de posições que leva a uma polarização em que o outro se encontra desacreditado, mas que não se manifesta necessariamente por marcas discursivas de emoção ou por apelos à paixão”.

Em outro momento, a autora define a polêmica como um tipo de troca argumentativa que se encontra desde o panfleto até o manifesto, nos debates televisivos ou numa discussão trivial entre amigos. Nas palavras de Amossy (2008, p. 232), “Ela se manifesta nessas situações sob a forma de uma troca fundada na confrontação violenta de teses antagônicas: dois adversários medem suas forças, frequentemente com a intenção de obter a adesão de um terceiro.”

Trazendo essa citação para nosso trabalho, entendemos que, à medida em que as charges de Charlie Hebdo chegam ao público, por meio dos diferentes canais de comunicação, a polemização, juntamente com outras estratégias argumentativas, junta-se ao *pathos* e ao *ethos*, através de mecanismos discursivos, assumindo visadas que, além de informar, tentam tocar o afeto dos grupos que se encontram nos extremos da polarização.

Assim, em resumo, o fundamento da polêmica nos ajuda a entender como o discurso das charges tentam chegar ao alcance de tocar o afeto do público de modo a conseguir adesão. A polemização, então, instaura-se segundo imaginários sociodiscursivos (e suas respectivas representações sociais) antagônicos que, por sua vez, se materializam linguisticamente e atravessam os gêneros textuais discursivos. Passemos agora à teorização sobre a argumentação segundo Plantin.

2.6.2.A ARGUMENTAÇÃO SEGUNDO PLANTIN

Nesta seção apresentamos alguns comentários sobre a argumentação na perspectiva de Plantin (2008). Não é nossa pretensão repertoriar as teorias clássicas da argumentação, tampouco fazer uma linha cronológica. Pretendemos apenas situar alguns pontos da visão de Plantin (2008) sobre o processo argumentativo no discurso.

Historicamente, o campo da argumentação rejeitou os afetos como parte do processo de persuasão, pois, segundo sua lógica racionalista, a pretensão à verdade deveria ser impassível e impessoal. Os estudos contemporâneos sobre as emoções no discurso vêm mostrando o contrário: que, sem emoção, não há argumentação. Essa fundamentação tem, em parte, suas raízes na noção de *ethos*. Expliquemos porquê. Plantin (2008, p. 111) cita as três formas de provar pela fala, segundo a retórica Aristotélica, porém o autor enfatiza que vai retomar a questão da argumentação “[...] a partir do problema da projeção de si na fala (teoria do *ethos*)”. Além disso, mais adiante, Plantin (2008, p. 115) reafirma o caráter patêmico do *ethos*:

[...] o *ethos* tem ainda uma “estrutura emocional” na medida em que a emoção (ou o controle emocional) manifestada no discurso repercute inevitavelmente sobre a fonte dessas manifestações, o que estabelece uma primeira ligação entre *ethos* e afetos.

Percebemos que Plantin, assim como Amossy, Charaudeau e Maingueneau, reconhece a inconveniência que seria separar as provas retóricas que, no discurso, funcionam como um todo, sofrendo alternância, apenas, no que diz respeito a sua proeminência ao se tratar de aspectos incisivos sobre alguma delas.

Baseado em Aristóteles, Plantin, (2008, p. 112) destaca que o *ethos* é quase a mais importante das provas do discurso, pois o interlocutor age por empatia, ou seja, por identificação ética com o locutor. Portanto, *ethos* e *pathos* formam um amálgama de maneira que a adesão do interlocutor pelo discurso alheio se dá, além do reconhecimento subjetivo de seu par, pela aproximação patêmica. A emoção, neste caso, é a propulsão para que o movimento de identificação *ethótica* funcione com plenitude. Afinal, “[...] aderir a um discurso é sempre, no fundo, identificar-se com seu autor” (PLANTIN, 2008, p. 112). Fato já aludido também por Charaudeau (2008a) que, ao citar Aristóteles, afirma:

Aristóteles propôs dividir os meios discursivos que influenciam o auditório em três categorias: o *logos*, de um lado, que pertence ao domínio da razão e torna possível convencer; o *ethos* e o *pathos*, de outro, que pertencem ao domínio da emoção e tornam possível emocionar. (CHARAUDEAU, 2008a, p. 113)

Entretanto, segundo Plantin (2008), as teorias dialógicas trazem reflexões que complexificam essa identificação, já que o autor do texto se difunde em uma pluralidade de actantes. Deste modo, o interlocutor se identificaria com quem: com o proponente do ato de fala? Como o oponente dele? Ou com o terceiro?

Transpondo essa problematização para nosso *corpus*, poderíamos nos perguntar: a adesão (ou legitimação) do discurso das charges de Charlie Hebdo se dá pela identificação ideológica dos cartunistas? Pela identificação dos argumentos inscritos nos recursos linguísticos que compõem as charges? Ou pela visão de seus detratores que criticam veementemente o posicionamento discursivo-ideológico do jornal?

Para tentar responder a esta questão, Plantin (2008) propõe distinguir três elementos que asseguram a legitimidade (autoridade) do locutor:

- Um elemento extradiscursivo, ou seja, algo que não está inscrito no discurso, mas que por anteceder a reputação do proponente, assegura-lhe credibilidade. Este efeito é análogo ao do *ethos* pré-discursivo do qual fala Maingueneau, ou do *ethos* prévio, como propõe retificar Amossy.
- Em contrapartida, temos um elemento intradiscursivo causado pelo “próprio discurso”, que é a imagem construída a partir da leitura (ou audição) do discurso do proponente do ato. Elementos de nível linguístico e não linguístico estariam envolvidos neste processo: a vestimenta do autor do texto, traços característicos à dinâmica de gerenciamento de sua voz (entonação, velocidade, empostação, ênfases, etc.), traços gestuais, escolha lexical, estilo de escrita ou fala, dentre outros.
- O terceiro elemento, Plantin atribui a Ducrot ao inserir o locutor que tematiza sua própria pessoa fazendo uma autorreferência. Assim, para Plantin, o sujeito afirmar algo sobre si é diferente de ele se fazer perceber pelo seu discurso. Assim, dizer “Eu tenho sotaque” em vez de esperar que seus interlocutores o percebam é uma estratégia direta, em contraposição à intradiscursiva, citada anteriormente.

Como podemos perceber, *pathos* e *ethos* se aliam em prol do projeto argumentativo. Plantin (2008) também cita outros autores que congregam da mesma ideia, dentre eles, Quintiliano segundo o qual

O *pathos* e o *ethos*, por vezes, participam da mesma natureza, à exceção de que existe entre eles uma diferença de grau, o primeiro para mais, o segundo para menos; o amor, por exemplo, é um *pathos*, a afeição, um *ethos*. Quintiliano (Instituição, VI, 26 *apud* PLANTIN, 2008, p. 117-118).

Plantin desenvolve sua própria teoria sobre o ato argumentativo, porém antes de comentarmos sobre ela, expomos alguns conceitos que o autor tem sobre o que é argumentar. Encontramos esses conceitos em vários escritos do autor, dos quais vamos reproduzir três: “A atividade argumentativa é desencadeada quando se põe em dúvida um ponto de vista” (PLANTIN, 2008, p. 63). Em outro ponto na mesma obra: “a situação argumentativa típica é definida pelo desenvolvimento e pelo confronto de pontos de vista em contradição, em resposta a uma pergunta” (PLANTIN, 2008, p. 64). Em mais uma, de 2011: “A argumentação é uma atividade do tipo racional, que utiliza a língua cotidiana, da qual se supõe bom domínio²⁷”, (PLANTIN, 2011a, p. 13 – tradução nossa). O que essas concepções têm em comum é o fato de considerarem a argumentação enquanto fato de discurso, inserido num contexto específico, associado à prática da linguagem, contrapondo uma orientação dirigida clássica em torno de uma conclusão, em que se analisa a propriedade semântica da frase, fora de contexto.

Nessa perspectiva dialógica, Plantin criou a teoria do modelo dialogal na argumentação. Segundo esse modelo, a argumentação não pode ser monológica, ou seja, mesmo que duas pessoas estejam declamando um monólogo, uma contra a outra, mas não estão interagindo, então considera-se que há um díptico argumentativo. Para Plantin, a argumentação é tripolar, pois remete a uma dinâmica que articula três interactantes. O pólo Questão (ou terceiro), este seria o assunto a ser argumentado, o pólo proponente, este seria o propositor da questão que gera a argumentação e o pólo opositor, aquele que se opõe à investida do propositor.

No entanto, Plantin alerta que essas três instâncias devem ser consideradas em termos práticos, funcionais, pois assumem papéis de interação em torno dos quais a interação argumentativa se erige. Esse modelo tripolar é considerado fecundo, pois ele

²⁷ No original: “La argumentacion es una actividad de tipo racional, que utiliza la lengua de todos los días, de la que supone un buen manejo.”

expõe de um lado uma interação problematizante e do outro uma interação polarizada, ambas num foco comum, a saber, o pólo questão.

Segundo Plantin (2008), o modelo dialogal supriu os modelos puramente monológicos porque aquele é ao mesmo tempo polifônico e intertextual. Nesse tipo de modelo, os argumentos não podem ser reduzidos a um enunciado ou a um par de enunciados isolados, produzidos por um mesmo locutor. A situação só vai ser conflitual, ou argumentativa se os argumentadores se reconhecerem nos seus respectivos papéis argumentativos. Encerramos essa breve incursão na teoria de Plantin para darmos prosseguimento à próxima seção na qual apresentamos mais detalhadamente o *corpus* e suas características.

CAPÍTULO II

O CORPUS E O HUMOR

*Charlie Hebdo c'est un coup de poing
dans la gueule*

Charlie Hebdo Journal

1.CHARLIE HEBDO

O objetivo desta seção é abordarmos características gerais que compõem o jornal Charlie Hebdo. Nosso percurso neste momento será o seguinte: a) discutimos a composição discursiva, a estruturação temática, ou seja, os temas mais recorrentes que ocupam o espaço do jornal; b) contamos sua história e o contexto em que se deu seu surgimento; c) descrevemos algumas características do jornal nas versões física e *online*; d) abordamos os aspectos discursivo-textuais que nos ajudam a situar as charges numa perspectiva dos gêneros do discurso; e) baseados em teóricos da área, especialmente em Charaudeau (2006a; 2006b), falamos do teor humorístico que compõe a temática do jornal, suas categorias e possíveis efeitos de sentido, segundo esse autor.

Inicialmente é importante afirmar que a escolha do *corpus* é um exercício necessário e que isso nos impõe limites. No caso de uma pesquisa na área da linguagem, os limites vão desde a materialidade discursiva do *corpus*, o meio de difusão, seu suporte até os limites discursivos que nem sempre obedecem a diretrizes geográficas, e sim enunciativas. Portanto, abordar o objeto de análise significa tomar partido de uma situação específica de comunicação e assumir que a análise não pode abranger sua totalidade linguístico-discursiva.

Em nosso caso, ao selecionarmos esses tipos de *corpora*, temos a pretensão de mostrar como nas situações comunicativas cotidianas (uma charge, por exemplo) existem nuances sociodiscursivas que, além de encabeçar o processo de interação, funcionam como propulsoras da argumentação que, de um modo geral, estão na base da incessante busca pela adesão do interlocutor. Assim, passemos aos tópicos relacionados à descrição e contextualização do *corpus*.

1.1.CARACTERÍSTICAS GERAIS E HISTÓRIA DO JORNAL

A identidade crítica dos jornais na França não é nova. Ao analisar sua trajetória, percebemos que o Charlie Hebdo remonta a uma tradição francesa de imprensa engajada politicamente por meio de uma linguagem peculiar. Essa linha editorial trouxe problemas tanto para a instituição quanto para seus chargistas, o que pode ser constatado, principalmente, após as primeiras polêmicas em grande escala que

envolveram o jornal em 2006. Assim, esta incursão histórica²⁸ se faz necessária, uma vez que reconstitui a identidade do jornal e nos faz entender todo o caminho percorrido em prol da construção do *ethos* que o hebdomadário possui hoje no contexto social não só da França, mas do mundo. Deste modo, a história de Charlie Hebdo será relatada aqui, em ordem cronológica, para, além da contextualização de nosso *corpus* chárgico, entendermos como os fatos e quais os fatores influenciaram em sua composição e garantiram a solidez do jornal na condição de veículo de informação para o povo francês principalmente, e, ainda, como o semanário consolidou-se no imaginário francófono ocupando um lugar de legitimação midiática.

A tendência à derrisão²⁹ foi aos poucos se tornando comum na imprensa francesa cujas expressões mais emblemáticas se consolidaram em dois jornais: o Hara-kiri e, em consequência de sua temporária interdição, o Charlie Hebdo. O que causou o fechamento temporário do Hara-kiri foi a polêmica ocasionada por uma manchete publicada pelo jornal em 1970 em decorrência da divulgação da morte do General Charles de Gaulle, num tom de deboche.

Porém seus primórdios remetem aos anos de 1960, quando é lançado o jornal Hara-Kiri Mensuel, mudando seu nome para "Journal bête et méchant"³⁰ a partir da sétima edição em diante. Esse jornal foi fundado por Cavanna e por Georges Bernier, mais conhecido como Professor Choron. Nessa época, o jornal criticava a burguesia e o clericalismo com um humor corrosivo e malvado. Em 3 de fevereiro de 1969 foi rebatizado como Hara-Kiri Hebdo, e no dia 22 do mesmo mês lançou um quadrinho adulto chamado Charlie Mensuel, inspirado na revista em quadrinhos italiana Linus.

No ano seguinte, em 16 de novembro de 1970, causou polêmica ao satirizar a morte do então ex-presidente e herói de guerra *Charles de Gaulle*, que morreu na cidade de Colombey, onde, coincidentemente na mesma época, houve uma tragédia numa discoteca que matou 146 pessoas. O jornal divulgou: “Baile trágico em Colombey: um morto”³¹. Raymond Marcellin, Ministro do Interior na época, proibiu o jornal,

²⁸ A história do semanário está disponível no site oficial do jornal (nos idiomas francês e inglês) em forma de linha do tempo, em ordem decrescente, ou seja, da data mais atual ao ano da inauguração, disponível no endereço: <https://charliehebdo.fr/histoire/>. Acessado em 17/07/2018.

²⁹ A derrisão, nesse contexto, é considerada como categoria de humor, segundo Charaudeau (2006a). Falaremos dessa categoria na subseção 1.7 deste capítulo.

³⁰ “Estúpido e perverso” (tradução nossa).

³¹ No original: “Baltragique à Colombey: 1 mort”. Fonte: <https://charliehebdo.fr/histoire/>. Acessado em 15/10/2016.

censurando-o oficialmente. A censura durou uma semana. Em janeiro de 1982, por questões financeiras, o jornal fecha suas portas e dez anos depois, em julho de 1992, reabre.

Entretanto, os problemas mais graves começariam em fevereiro 2006 quando o jornal reimprimiu as charges do profeta Maomé publicadas originalmente no jornal dinamarquês Jyllands-Posten. A polêmica girava em torno da autorização para a representação do profeta nesse tipo de mídia. Charlie Hebdo lançou uma edição especial com a seguinte capa:



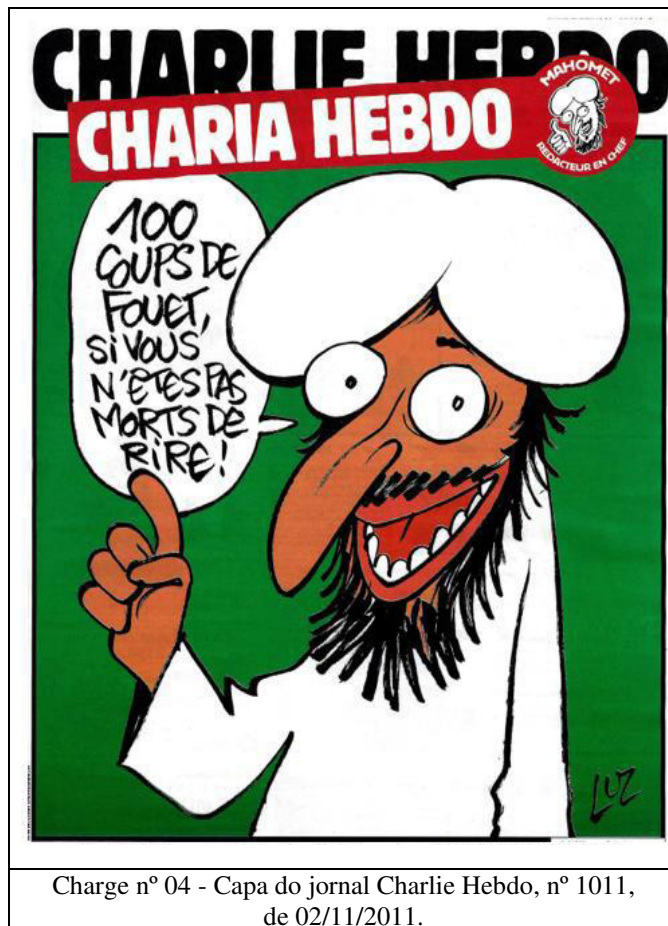
A charge é polêmica, exhibe a suposta figura do profeta, de cócoras, com um semblante de decepção, contendo dizeres ofensivos para os muçulmanos, mesmo os menos ortodoxos. Seu enunciado traduzido é: “Maomé arrasado pelos fundamentalistas³²” em letras pretas, abaixo do nome do jornal, no canto superior esquerdo. E no balão de diálogo: “É difícil ser amado por idiotas³³”, (traduções nossas). O jornal obteve uma

³² No original: “Mahomet débordé par les intégristes.”

³³ No original: “C’est dur d’être aimé par des cons...”

tiragem de 400 mil cópias vendidas. Na época, a polícia teve de ser acionada para proteger a redação. Segundo o próprio site do jornal, “C’est le début de ‘l’affaire’”.³⁴ No mês seguinte, Charlie publica o Manifesto dos doze: um movimento contra o que o jornal chamou de novo totalitarismo. Como figuras de representação, participaram doze importantes personalidades. Segundo o site, “é o começo da resistência...”³⁵

Em meio a batalhas judiciais e envolvimento de apoio a movimentos populares que lutavam por democracia, o jornal novamente provoca a ira dos muçulmanos mais conservadores. A capa desta edição, de 02 de novembro de 2011, reproduzida abaixo, faz um trocadilho³⁶ com o nome do jornal, mudando-o para Charia Hebdo, em referência à representação radical da lei islâmica: *sharia*, e sugere Maomé como editor acompanhado dos seguintes dizeres: “100 chicotadas, se você não morrer de rir”³⁷.



³⁴ “[...] este é o começo de um caso” Disponível em: <https://charliehebdo.fr/histoire/>. Acessado em 15/07/2016.

³⁵ “C’est le début de la résistance”, no original no site: <https://charliehebdo.fr/histoire/>. Acessado em 15/12/2016.

³⁶ No contexto, “trocadilho” está sendo considerado segundo as acepções de Freud (1905).

³⁷ No original: “100 coups de fouet, si vous n’êtes pas morts de rire.”

No mesmo dia, a sede do jornal sofre um atentado incendiário. Não houve vítimas e o jornal se mudou para a sede do diário *Libération*, outro jornal famoso na França, conhecido por seus posicionamentos politicamente de esquerda. Mas o maior ataque ao jornal, cuja repercussão ecoou no mundo inteiro, foi em 07 de janeiro de 2015, quando dois homens armados invadiram a edição do jornal e fizeram 12 vítimas, dentre elas 8 eram jornalistas. O massacre foi uma resposta de grupos extremistas às charges do semanário que, em outras ocasiões, publicaram mais imagens de Maomé com conteúdo relacionado ao islamismo de forma, segundo a visão de alguns mulçumanos, desrespeitosa.

Em meio a tantas polêmicas e tragédias, o jornal não desiste e segue com suas publicações de mesmo teor em nome da liberdade de imprensa. Em 2015, Charlie Hebdo recebe, através de uma votação unânime no Senado Francês, alívio fiscal e em julho do mesmo ano se compromete a doar pelo menos 70% de sua receita para a caridade. Em 2015 o jornal reverteu 100% de sua receita para este fim. Finalizada a narrativa em torno da história do jornal, passemos à descrição de seus formatos físico e *online*, além de sua presença em plataformas virtuais sob a insígnia das redes de relacionamento.

1.2. CARACTERÍSTICAS DO JORNAL CHARLIE HEBDO NAS VERSÕES FÍSICA E ONLINE

Nesta subseção, vamos descrever como o jornal Charlie Hebdo se apresenta nos diferentes suportes³⁸, os quais dão visibilidade ao jornal e garantem seu longo alcance. No formato físico, Charlie Hebdo é impresso no papel-jornal comum, idêntico àqueles aos quais já estamos acostumados, de resistência frágil e cor opaca. Analisamos a estrutura de algumas edições e percebemos que o jornal segue o mesmo número de páginas, que são, ao todo, dezesseis. As capas também, na maioria das vezes, têm um padrão: caricaturas de personalidades de várias áreas, cores fortes, letras grandes e, acima do título do jornal, escrito em letras garrafais grandes, há a indicação de outras matérias secundárias em letras menores. Abaixo das charges e suas respectivas

³⁸ A noção de suporte aqui é baseada em Marcuschi (2005; 2008) segundo o qual o suporte funciona como um local físico ou virtual, com determinado formato, que serve de base ou ambiente de exposição do gênero materializado como texto.

caricaturas, há a assinatura do chargista da edição presente. As matérias principais que estão estampadas na capa traduzem de certo modo o teor do jornal.

As matérias internas não seguem um padrão de diagramação nem de tematização. Contudo, pudemos perceber algumas regularidades no sentido de distribuição das seções do jornal. Geralmente, na página três, há um texto de teor sério e político na seção *L'édito*. Na página cinco há outra seção chamada *À la manivelle* onde encontramos outro texto, também de teor sério, falando de assuntos variados, relacionados, principalmente, à política. Na página seis ou sete (dependendo da edição), encontramos a seção denominada *Les histoires du père Sigmund* onde o autor escreve textos relacionando os problemas da sociedade às teorias da psicanálise. Na mesma página, encontramos a seção *L'empire des sciences* onde há textos sobre ciência. Na página seguinte, encontramos a seção *Économie*, que fala, obviamente, de economia. Nas páginas treze e catorze, há as seções *Papier buvard* e *Les puces* respectivamente, que parecem tratar de assuntos variados. Ao longo das páginas do jornal, há charges e caricaturas em abundâncias, em cores ou não. Salientamos que, embora o semanário normalmente seja visto pela opinião popular e pelo próprio jornal (como ficou evidente na subseção anterior que conta sua história) como uma produção humorística, há algumas seções, como *Les histoires du père Sigmund*, *L'empire des sciences* e *Économie* que não têm esse teor.

Além da versão física, há a presença do jornal em diferentes redes sociais e suportes pela *internet*. O jornal possui uma versão *online* através da qual o usuário pode ter uma assinatura paga e acessar às edições atuais e anteriores, tanto pelo computador quanto pelo celular ou *tablet*, através de aplicativo específico. Há também contas de Charlie Hebdo no *Intagram*, *Facebook*, *Twitter*. Na *internet*, além de o jornal atingir longo e amplo alcance, seus dispositivos podem ser otimizados. Por exemplo, as charges de Charlie Hebdo podem ser animadas ou em forma de *Gifs*. Tal modificação nesses suportes alternativos pode lhes dar uma interessante visibilidade por serem mais atraentes no sentido multivisual. Além disso, os textos, nos variados suportes, no ambiente virtual, podem ser lidos com mais praticidade em qualquer lugar, a qualquer hora na palma da mão. Por isso, podem circular mais facilmente também.

1.3.A CHARGE COMO GÊNERO DISCURSIVO

De acordo com Silva (2011), a *charge* surgiu na França, no século XIX, com a intenção de defender a liberdade de expressão no ramo político-social. Esse termo *charge* é “[...] proveniente do francês ‘charger’ (carregar, exagerar). Sendo fundamentalmente uma espécie de crônica humorística, a *charge* tem o caráter de crítica, provocando o hilário, cujo efeito é conseguido por meio do exagero” (MACÊDO, 2012, p. 32-33).

No âmbito deste trabalho, a *charge* é entendida como gênero discursivo, que opera numa situação comunicativa específica sob uma perspectiva dialógica (no sentido bakhtiniano) e que requer um constante movimento de interação social e atualização dos fatos. Vejamos o porquê.

Seguindo os pressupostos básicos do conceito de gênero discursivo, de Bakhtin (2011), o gênero origina-se a partir das formas de relações sociais, pois, para Bakhtin, cada setor da sociedade organiza seus meios *relativamente estáveis* de comunicação. O que acarretaria três planos de manifestação dos gêneros: o conteúdo temático, o estilo da linguagem e a construção composicional.

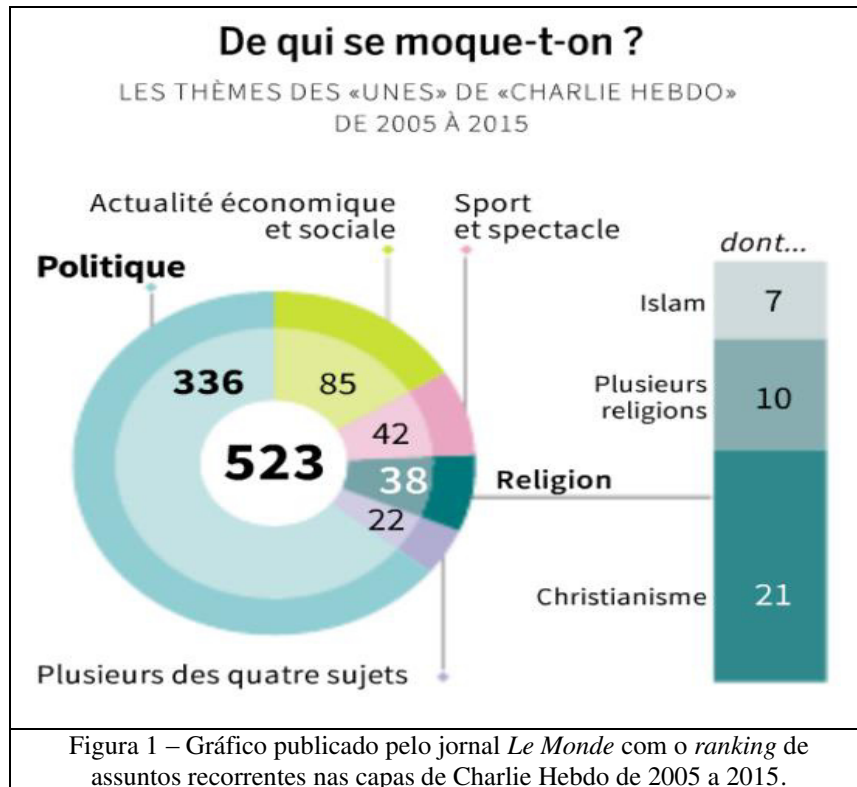
A *charge*, vista sob esta ótica, compõe um jogo temático muito diversificado, porém com um campo discursivo bem marcado e intenção primordial de polemizar³⁹ e informar de forma crítica. Os assuntos que circulam neste gênero são relacionados aos campos de tematização midiática⁴⁰ que abrangem a política, o esporte, a economia e, por vezes, a vida pública dos astros, não excluindo outros assuntos que podem aparecer em sua temática.

Embora Charlie Hebdo seja acusado de depreciar as religiões, especialmente o islamismo, seus temas são os mais variados e, no quesito religião, o islamismo não é o único nem o maior alvo do jornal, como podemos ver no gráfico abaixo publicado pelo jornal *Le Monde* em 24 de fevereiro de 2015⁴¹:

³⁹ O sentido desse verbo está inserido num contexto baseado na teoria de Amossy (2017) sobre o discurso polêmico.

⁴⁰ Essa noção de assuntos concernentes à esfera midiática está baseada em Charaudeau (2006b).

⁴¹ Fonte: https://www.lemonde.fr/idees/article/2015/02/24/non-charlie-hebdo-n-est-pas-obsede-par-l-islam_4582419_3232.html. Acessado em 30/12/2018.



O gráfico acima foi proposto pelos sociólogos Jean-François Mignot e Céline Goffette na seção “Idées” (Ideias) do jornal *Le Monde* sob o título “Não, o Charlie Hebdo não está obcecado pelo Islã⁴²”. O título é bem sugestivo e orienta o leitor para uma argumentação em defesa do jornal, tentando deixar claro que os ataques do grupo islâmico contra o jornal não têm coerência, uma vez que o semanário, segundo os dados do gráfico, falou muito mais de outros assuntos do que o islamismo propriamente dito. Os números são os seguintes: de 523 exemplares analisados 336 falam sobre política (*Politique*), 85 sobre atualidades econômicas e sociais (*Actualité économique et sociale*), 42 sobre esportes e entretenimento (*Sport et spectacle*), 38 sobre religião (*Religion*) das quais 21 sobre o cristianismo (*Christianisme*), 10 sobre várias religiões (*Plusieurs religions*) e 7 sobre o islamismo (*Islam*), e, finalmente, 22 sobre outros quatro assuntos variados (*Plusieurs des quatre sujets*).

A linguagem da charge, de modo resumido, é direta, seu estilo verbal é caracterizado por manobras que visam à adesão, mas também visam à ofensa, chegando, às vezes, a citar o nome do seu alvo. Assumimos, então, que tal gênero tem uma função apelativa muito forte, confrontando-se com uma situação que está em destaque na mídia. Ou seja, esse gênero está associado àquilo que Bakhtin (2011) chamou de

⁴² No original: “Non, “Charlie Hebdo” n’est pas obsédé par l’Islam.”

gêneros secundários, pois são construídos numa situação cultural mais complexa em que sua elaboração requer um conhecimento social, político e cultural maior. A interpretação de uma charge requer do leitor uma visão de mundo, de sociedade que confronte aspectos que perpassam várias posições ideológicas, que as associe de modo antagônico, de forma que o interlocutor é interpelado a tomar partido de uma ideologia com a qual se identifique.

Por isso, apesar de sua composição ser relativamente simples, exige do leitor uma carga inferencial muito grande, já que, na maioria das vezes, seu ataque é de maneira indireta, requerendo informações que se encontram dispersas nos discursos midiáticos. Seus enunciados são curtos e se combinam fortemente com as imagens que lhes acompanham. Seu apelo não-verbal, aliás, às vezes é maior que o verbal, podendo a charge nem sequer apresentar texto verbal. Nesses termos, Romualdo (2000) afirma:

Se pensarmos em termos de conteúdo, uma charge ou uma caricatura podem ser muito mais densas do que outros textos opinativos, como uma crônica ou até mesmo um editorial. O leitor pode, inclusive, deixar de ler estes e outros gêneros opinativos convencionais, optando pela leitura da charge que, por ser um texto imagético e humorístico, atrai mais sua atenção e lhe transmite mais rapidamente um posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos. (ROMUALDO, 2000, p. 26-27)

Ou seja, a charge pode oferecer ao leitor um poder de síntese dos assuntos correntes da sociedade na qual está inserida, de modo crítico e, às vezes, bem-humorado. Além disso, pode reunir em sua estruturação temática assuntos delicados, tristes, tabus, mas que, através de sua organização discursiva, passam despercebidos ou são amenizados por diversas estratégias, podendo tocar no afeto de seus interlocutores, despertando as mais variadas emoções.

A charge, por ser um gênero crítico, mantém relações com outros discursos na sociedade em que é produzida, por isso, seu leitor tem que estar "atenado" com os assuntos que estão em "alta" em vários ramos da sociedade. Caso contrário, o efeito (visado) pelo chargista pode ser minimizado ou até anulado. Por outro lado, se o leitor da charge estiver inserido em seu mesmo contexto discursivo ou, mesmo não estando, tiver acesso a ele, isso lhe possibilitará "desvendar" inclusive os mecanismos que estão subjacentes à sua produção. Isso pode acontecer se levarmos em conta a perspectiva dialógica à qual não só a charge, mas a linguagem humana está submetida. Segundo Bakhtin (2006) a linguagem requer uma atitude responsiva do sujeito interlocutor, pois toda palavra é carregada de ideologia:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 2006, p. 96 - grifos do autor)

Essa reflexão nos faz admitir que o enunciado, unidade básica de comunicação e interação para Bakhtin, não obedece a limites geográficos ou gramaticais, mas sim a limites enunciativos, formando uma cadeia ininterrupta de enunciados, um texto sem fim. Assim, aceitando que os enunciados que circulam na sociedade fazem remissão a outros que lhes são exteriores e lhes antecedem, podemos afirmar que tais manifestações formam um *continuum* discursivo e refletem uma memória coletiva de seu tempo.

A charge, nessa perspectiva dialógica do gênero, nos faz refletir sobre os aspectos políticos, sociais, econômicos, históricos, filosóficos, etc. de nossa época, pois, na maioria das vezes, ela é temporal, ou seja, trata de um assunto que está "em alta" nos meios de comunicação. Além dessas características, outros aspectos têm a ver com a estrutura da charge, isto é, com as escolhas linguísticas do chargista. Geralmente, ele opta por uma linguagem não tão direta e objetiva (que seriam típicas dos jornais), pois a ludicidade faz parte da composição da charge. E para isso, o chargista apela aos mais variados mecanismos verbais e não verbais visando a interpretações específicas. Dentre esses aspectos podemos citar:

- fluidez da informação: as pessoas, hoje em dia, têm pressa no consumo da informação, e esta tem que circular sob diferentes formas (formatos e suportes) para atender, principalmente, a demanda de mercado que quer que essas informações cheguem a um número gigante o quanto antes - algumas pessoas optam por ler uma charge em vez de um editorial, por exemplo;
- o espaço destinado a charge é pequeno - na catarata de informações de um jornal, a charge chama atenção por seu caráter verbo-visual, suas caricaturas e imagens diversas;
- o jogo linguístico da charge atrelado à função da imagem dá dinamicidade à situação comunicativa. Esse jogo, às vezes, é tão apelativo que seu estrato verbal curto satisfaz inversamente o discurso jornalístico que, por vezes, é prolixo, ou seja, a

linguagem ch\u00e1rgica, curta e direta seria uma maneira de compensar o desgaste verbal de outros g\u00eaneros mais complexos;

- em decorr\u00eancia do item anterior, a compacta\u00e7\u00e3o lingu\u00edstica pode limitar a margem de interpretabilidade do interlocutor, este sendo orientado, argumentativamente, para uma dire\u00e7\u00e3o e n\u00e3o outra;
- o material verbal que acompanha a charge funciona como um prolongamento de ideias que, de uma maneira circular, pode come\u00e7ar pela linguagem verbal (sua legenda) e partir para a linguagem n\u00e3o verbal (sua imagem) ou vice-versa, por isso...;
- as posi\u00e7\u00f5es ideol\u00f3gicas s\u00e3o antagonicamente bem marcadas, o que re\u00fane um n\u00famero mais limitado de expectativas em torno da interpreta\u00e7\u00e3o dos fatos, ou seja, o discurso ch\u00e1rgico, geralmente, contrap\u00f5e dois grupos que representam cada um seu ideal.

Finalizadas as considera\u00e7\u00f5es sobre o g\u00eanero charge, passemos \u00e0 sua composi\u00e7\u00e3o tem\u00e1tica relacionada ao humor.

1.4.O HUMOR EM CHARLIE HEBDO

Ao nos propormos estudar o humor, a primeira quest\u00e3o que se coloca diante de n\u00f3s \u00e9: o humor \u00e9 um g\u00eanero textual, discursivo, uma modalidade argumentativa, um procedimento lingu\u00edstico? Podemos questionar ainda: o humor est\u00e1 submetido ao ato de fazer rir, ou seja, o riso \u00e9 a condi\u00e7\u00e3o *sine qua non* para a exist\u00eancia do humor? A intui\u00e7\u00e3o popular nos indica que h\u00e1 um pressuposto de que alguns tipos de textos podem ter uma carga mais ou menos prop\u00edcia ao desencadeamento do ato de fazer rir. Isso se confirma facilmente se pensarmos numa piada, num *show* de *stand up comedy* ou na pr\u00f3pria charge. Fato que nos levaria, erroneamente, a procurar em nosso repert\u00f3rio emp\u00edrico de g\u00eaneros, discursos relacionados diretamente \u00e0 obrigatoriedade do ato de rir e nos levaria, tamb\u00e9m, at\u00e9 classific\u00e1-los em tipos textuais ou g\u00eaneros discursivos humor\u00edsticos.

Em certa medida, encontramos correspond\u00eancia nisso, se levarmos em considera\u00e7\u00e3o a forma dos textos, al\u00e9m de nossa intui\u00e7\u00e3o como falantes da l\u00edngua, dotados de certa compet\u00eancia lingu\u00edstica, afinal o que \u00e9 uma piada ou uma anedota sen\u00e3o g\u00eaneros cuja visada \u00e9 fazer o outro rir? Charadeau (2006), apesar de considerar

que os fatos humorísticos não podem por si só definir um gênero, já que o humor pode estar presente numa gama de textos, reconhece que em determinado contexto, desde que se anuncie assim, alguns gêneros como *sketches* humorísticos, histórias engraçadas podem sim ser considerados gêneros. Porém, estudos contemporâneos têm mostrado que a relação entre o humor e o riso, além de seus desdobramentos, propiciam discussões profundas em busca de critérios através dos quais pode-se defini-los.

A respeito disso, Vale (2013; 2015) nos dá alguns direcionamentos elucidativos que nos ajudam a justificar desde a escolha do *corpus* até as teorias com as quais podemos trabalhar para se analisar um discurso intuitivamente humorístico. O autor nos apresenta também um caminho possível para se definir e analisar os termos *riso* e *humor* e dar *status* de tipo de discurso a este último. Vale (2013; 2015) elucida também como inserir essas noções no contexto de análise de uma teoria do discurso, ou seja, na Análise do Discurso.

Assim, nesta subseção, sem pretensão de nos aprofundar nas noções clássicas que tangem o riso e o humor, e baseados nas reflexões de Charaudeau (2006a; 2006b), Travaglia (1989; 1990), Possenti (2008) e Vale (2013; 2015), que versam sobre o assunto, vamos recensear alguns critérios para, primeiramente, posicionar nosso *corpus* na temática dos tipos de textos que possuem o traço humorístico. Em seguida, estabelecer critérios para desvelar sua finalidade discursiva no contexto da análise do discurso e, por fim, listar critérios de (categorias de) análise no discurso humorístico.

Considerando a problematização sobre a obrigatoriedade de se fazer rir em textos considerados humorísticos, Charaudeau (2006a) assevera que o riso não pode ser condição *sui generis* desses tipos de textos, caso contrário cairíamos numa análise psicologizante que explicaria o riso como atitude reativa. Vale (2013), na esteira desse pensamento, sugere considerarmos uma problemática que, talvez, se apoiasse não em atitudes subjetivas, mas em critérios sociodiscursivos, baseados em representações coletivas. Mesmo assim, a universalidade do riso, segundo Charaudeau (2006a), é difícil de ser mensurada devido a sua natureza incontingente. Existe uma infinidade de formas em que o riso pode se manifestar, ou simplesmente não existir. Variantes como cultura, diferentes sociedades, tempo, espaço dificultam a abordagem do riso. Segundo o autor, isso fez com que o riso fosse rechaçado dos estudos discursivos. Porém, de acordo com Vale (2013, p. 27), “[...] desconsiderar o seu lugar na problemática desse discurso ligado ao risível seria o mesmo que fechar os olhos a 2300 anos de estudos sobre o tema”.

Feitas essas considerações iniciais e, seguindo parcialmente o raciocínio de Vale (2013), entendemos que o riso, embora não seja condição indispensável para o discurso dito de humor, pode-se encontrar textos com traços homogêneos cuja visada seja o fazer-rir. Avançando um pouco em nossas considerações e ainda baseados em Vale (2013), resta-nos associar ao nosso *corpus* o traço humorístico. Na busca de uma tipologia que considere o teor humorístico dos enunciados e textos, Vale (2013) faz um recenseamento de autores que, ao teorizarem sobre o assunto, elaboraram seus *corpora* sob diferentes critérios. Dentre eles, o autor cita Freud (1905) que, ao estudar os chistes, baseou-se em seus traços formais. Segundo Vale (2013, p. 38), embora esse critério tenha “a vantagem de nos mostrar o que, na superfície dos textos, tem o potencial de desencadear o riso”, há uma gama de textos que não carregam necessariamente os efeitos ligados ao riso, mesmo apresentando marcas linguísticas supostamente típicas do risível.

Em sentido oposto, o autor cita Bergson (2007) cujo critério está alicerçado em todo tipo de texto que nos fizesse rir, ou sorrir. Para Vale (2013) esse critério é muito amplo e intuitivo, já que o que faz um rir, pode não fazer outro rir, portanto isso traz problemas relacionados ao contingenciamento do riso. Há, obviamente, vantagens se levarmos em conta que a competência discursiva do falante, embora não definidora da presença do riso, serve como um bom termômetro para o risível. Todavia, não basta definir critérios para o risível, ou seja, para a presença do riso no humor. Esse termo carece de pertença a um campo discursivo como o da literatura, política, filosofia, publicidade, etc.

O primeiro passo para tal objetivo é inserir o termo *discurso humorístico* e seus correlatos num campo de domínio discursivo concernido a fim de designar suas práticas languageiras que visem à possibilidade do riso. Antes de expor seu posicionamento, Vale (2013) recorre a vários autores e ao dicionário Houaiss. Segundo o autor, as definições são deficientes, repetitivas e não muito claras. No entanto, Vale (2013) acredita que essas regiões limítrofes, embora pareçam difusas, nos condicionam a crer num caráter homogêneo discursivo que dá suporte a essas circularidades.

Ao se posicionar sobre esse aspecto da nomenclatura de um campo discursivo considerado humorístico, o autor apoia-se em Bakhtin (2010a) segundo o qual, a partir

da expressão *linguagem do riso*⁴³, pode haver uma série de manifestações verbais e não verbais onde podemos encontrar um traço relacionado ao conceito do riso. Segundo o autor russo, tal expressão apresenta “[...] a capacidade de promover o desenvolvimento de discursos ligados a uma cosmovisão ‘carnavalizada’ do mundo através do riso”, Bakhtin (2010a) (*apud* VALE, 2013, p. 50). Assim, Vale (2013) estabelece sua predileção por essa escolha do termo *discurso humorístico* e justifica o porquê:

Aparentemente não há um setor de atividade social [...] específico do cômico, do risível ou mesmo do riso; em contrapartida, podemos dizer [...] que há um ‘campo do humor’ que subsume produções (teatrais, cinematográficas, musicais, televisivas), eventos (simpósios, congressos, feiras), publicações (revistas, jornais, livros) e profissionais (humoristas, comediantes, comediógrafos, caricaturistas, cartunistas, chargistas, palhaços) – todos ligados, de algum modo, não somente ao humor, mas também ao riso, ao risível, ao cômico, ao lúdico etc.;

Uma denominação como ‘discurso do riso’ corre o risco de focalizar somente o caráter visual ou fisiológico do riso (os diferentes tipos de risos e sorrisos), procurando responder questões como: o que significa responder com um riso ou com um sorriso? O que significa o riso ou o sorriso do sujeito ‘x’ na situação ‘y’? O que significa aquele sorriso amarelo no seu rosto?

O termo ‘humorístico’ está, aparentemente, mais relacionado a atividades languageiras do que os outros termos. Isso pode ser evidenciado nas especificações atribuídas à ‘comicidade’ e ao ‘cômico’[...]. (VALE, 2013, p. 51)

Diante dessas reflexões, nos apoiamos em Vale (2013) para conceber o discurso de nosso *corpus* como um discurso primordialmente humorístico considerando os termos correlatos que isso pode trazer para nosso trabalho. Falta-nos ainda desvelar sua finalidade discursiva no contexto das charges e, por fim, listar critérios de (categorias de) análise no discurso humorístico. Para tanto, vejamos, na próxima seção, o que diz Charaudeau (2006a) sobre o assunto.

1.5.O HUMOR SEGUNDO CHARAUDEAU

Como já foi aludido acima, a questão do humor é complexa e hoje pode ser estudada por um viés interdisciplinar. Mas nem sempre foi assim. Quando se começou a

⁴³ O termo em questão, segundo Vale (2013), foi usado por Bakhtin para delinear o riso enquanto manifestação *languageirae* ao mesmo tempo *atividade responsiva ativa*. Isso, segundo o autor, possibilitaria descrever e interpretar o riso não só como efeito de sentido visado e possível, mas também como princípio de organização de textos e de discursos.

falar de humor e sobre a conseqüente possibilidade do riso, em Platão (*apud* FRANÇA, 2006, p. 6), tinha-se uma ideia negativa desse fenômeno:

Parece-nos claro agora porque, para Platão, o riso encerra um duplo erro, ou seja, se aquele que é objeto do riso desconhece a si mesmo, aquele que ri não é movido por um prazer verdadeiro, visto que ao seu prazer subjaz a inveja, entendida como uma dor na alma. Em verdade, há em Platão uma condenação ética do riso, pois este não é movido nem pelo belo, nem pelo justo. Ademais, como vimos, o riso se prende ao cotidiano, ao mesquinho, ao próximo: não há qualquer grandiosidade nele. Não nos surpreende, pois, que Platão o tenha condenado. (FRANÇA, 2006, p. 6)

Nas ciências da linguagem, segundo Travaglia (1990), o humor tem sido objeto da Língua da Língua desde a década de 1980, com as primeiras conferências acadêmicas, o que deu ao humor um caráter científico. Todavia, segundo esse autor, no século XX, os estudos pioneiros de humor sobre os quais se debruçou mais tempo foram na área da Psicologia, com Freud, iniciados em 1905, em sua obra *Os chistes e a sua relação com o inconsciente*.

Para Charaudeau (2006a, p. 22 - tradução nossa) a importância de se estudar o ato humorístico se resume na seguinte concepção:

[...] ao estudarmos o ato humorístico, somos levados a descrever a situação de enunciação em que ele parece, a temática à qual se refere, os procedimentos linguageiros utilizados no ato e os efeitos os quais ele é suscetível de produzir no público.⁴⁴

Trazendo essa reflexão para nosso *corpus*, percebemos que não basta detectar os efeitos de humor em Charlie Hebdo, mas também nos desdobrarmos numa série de procedimentos a fim de descrever o texto que possui traço humorístico. Isso vai desde os elementos da situação de comunicação que rodeiam o contexto de Charlie Hebdo, passando pela temática de suas charges, até os estratos verbal e não verbal e os possíveis efeitos de sentido que podem surgir a partir de sua interação com o público. No entanto, trabalhar com a teorização do humor nos coloca frente a obstáculos por sua complexidade teórica, pois ele mobiliza instrumentos analíticos difíceis de se assentarem nas teorias das ciências da linguagem. Inicialmente, a questão que se coloca em discussão é que, segundo algumas teorias (não só na língua), os atos

⁴⁴ No original: “Aussi est-on amené, pour étudier l’acte humoristique, à décrire la situation d’énonciation dans laquelle il apparaît, la thématique sur laquelle il porte, les procédés langagiers qui le mettent en oeuvre et les effets qu’il est susceptible de produire sur l’auditoire [...]”

comunicativos que possuem o traço de humor não podem constituir exatamente um gênero, e seu teor engraçado também não configura condição *sui generis* para o riso. É a posição adotada, por exemplo, por Charaudeau (2006a):

[...] não abordaremos a problemática que diz que um fato humorístico é um ato de enunciação para "fazer as pessoas rirem", pois, apesar de ele poder fazer as pessoas rirem ou sorrirem, muitas vezes, este não é o caso. Por exemplo, ele pode acompanhar uma descrição dramática de certos acontecimentos na imprensa de caricaturas sobre guerras, conflitos e dramas da vida cotidiana.⁴⁵, (CHARAUDEAU, 2006a, p. 20 - tradução nossa - aspas do autor):

Além disso, o humor, enquanto categoria discursiva, carece de elementos definidores, pois ao mesmo tempo que lhe faltam dispositivos que comprovem sua legitimidade enquanto categoria de análise, ele pode aparecer em qualquer situação de comunicação. Acerca disso, Possenti (2008) afirma:

Mas, há uma linguística do humor? Certamente não. Assim como não há uma linguística da literatura, uma linguística da afasia, uma linguística da escrita etc. Não há uma linguística do humor em pelo menos três sentidos: a) não há uma linguística que tenha tomado por base textos humorísticos para tentar descobrir o que faz com que um texto seja humorístico, do ponto de vista dos ingredientes linguísticos; b) no caso de se concluir que o humor não tem origem linguística, que ele não é da ordem da língua, não há uma linguística que explicita ou organize os ingredientes linguísticos que são acionados para que o humor se produza; c) não há uma linguística que se ocupe de decidir se os mecanismos explorados para a função humorística têm exclusivamente esta função ou *se se trata do agenciamento circunstancial de um conjunto de fatores, cada um deles podendo ser responsável pela produção de outro tipo de efeito em outras circunstâncias ou em outros gêneros textuais*. (POSSENTI, 2008, p. 21 - grifos nossos).

O autor se posiciona em relação aos traços de humor nos textos, alegando que o humor não é exatamente objeto de análise linguística, mas sim uma forma de manifestação discursiva que pode participar de vários gêneros textuais, ou seja, o humor é passível de análise quando se trata de falarmos de efeitos de sentido num texto. Nas palavras de Possenti (2008):

[...] Em suma, não existe uma linguística do humor. No máximo, *existem linguistas que trabalham eventualmente sobre ou a partir de dados colhidos*

⁴⁵ No original: "On n'entrera donc pas dans une telle problématique qui dirait que le fait humoristique est un acte d'énonciation « pour faire rire », car s'il peut faire rire ou sourire, bien souvent ce n'est pas le cas. Par exemple, il peut accompagner une description dramatique de certains événements comme dans les caricatures de presse sur les guerres, les conflits et les drames de la vie quotidienne."

em textos humorísticos. Com estes dados, podem-se discutir sintaxe, morfologia, fonologia, regras de conversação, inferências, pressuposições etc. Tudo isso poderia, evidentemente, ser discutido também com textos não humorísticos (aliás, é quase só o que se faz), (POSSENTI, 2008, p. 21 - grifos nossos).

Assim, a respeito dos traços (humorísticos) formais nos diversos textos, Charaudeau (2006a; 2006b) e Charaudeau (2011a; 2011b) questiona a dificuldade em se definir textos humorísticos a partir do critério textual:

A segunda dificuldade reside na escolha de termos utilizados para designar o ato humorístico. Uma simples pesquisa nos dicionários, por suas definições e as referências que eles oferecem nos mostra quão difícil é confiar em suas definições: cômico, engraçado, agradável, divertido, ridículo; piada, paródia, ironia, escárnio, zombaria, grotesco, etc. e toda uma infinidade de termos os quais fazem parte de um alegre cenário o qual não conseguimos enxergar nem o começo, nem o fim, nem qualquer hierarquia. Partir desses termos para criar categorias, *a priori*, nos faria enfrentar obstáculos intransponíveis: dificuldade de classificação, imprecisão nas definições, proliferação de denominações, referências sinonímicas. Podemos zombar do ridículo por ironia, escárnio, loucura, etc.; podemos ironizar por zombaria, fazer zombaria de maneira irônica, sarcasmo por ironia, a menos que isso não seja ironizar por zombaria.⁴⁶ (CHARAUDEAU, 2006a, p. 20 – tradução nossa)

Charaudeau (2006a, p. 20) afirma que esses termos se encontram numa infinita rede cíclica de significações ou num “reenvio sinonímico em caracol”⁴⁷. Na visão do autor, o humor é apenas um dos mecanismos da *mise em scène*⁴⁸ discursiva, ou seja, ele se inscreve numa situação de comunicação específica, mas não é o todo do ato,

⁴⁶ No original: “Une deuxième difficulté réside dans le choix des termes qui servent à désigner l’acte humoristique. Un simple parcours des dictionnaires, de leurs définitions et des renvois qu’ils proposent montre qu’il est difficile de nous en remettre à leurs dénominations: comique, drôle, plaisant, amusant, ridicule; plaisanterie, moquerie, ironie, dérision, raillerie, grotesque, etc., autant de termes qui s’enfilent dans une joyeuse sarabande dont on ne voit ni le début, ni la fin, ni une quelconque hiérarchie. Partir de ces termes pour en faire des catégories *a priori* nous mettrait face à des obstacles insurmontables: difficulté de classement, flou des définitions, prolifération des dénominations, renvois synonymiques en boucle. On peut se moquer et tourner en ridicule par ironie, dérision, loufoquerie, etc.; on peut ironiser par dérision, faire de la dérision de façon ironique, railler avec ironie, à moins que ce ne soit ironiser en raillant.”

⁴⁷ No original: “renvois synonymiques en boucle.”

⁴⁸ O termo *mise em scène* é utilizado na teoria de Charaudeau como ato de encenação, no sentido teatral do termo. A expressão é emprestada do domínio das artes cênicas e teve sua origem no teatro clássico grego e refere-se à movimentação e posicionamento no palco, bem como ao *set* de filmagem. Esse autor considera que todo ato de comunicação envolve sujeitos (atores) que estariam interpretando papéis dentro do esquema de comunicação a fim de reconhecerem a si e a seus interlocutores como atuantes de uma dinâmica similar à dinâmica teatral, através da qual todos nós, quando falamos, usamos máscaras, estamos representando papéis sociais. Assim, sempre estamos a serviço dessa encenação que envolve legitimação e possíveis efeitos de sentido provocados em nossos interlocutores em prol do bom funcionamento do ato.

podendo, portanto, aparecer em diversas situações como na publicidade, na política, na mídia, na conversação, etc. Segundo Charaudeau (2006a), o ato humorístico é:

[...] uma certa maneira de dizer no interior de diversas situações, um ato de enunciação que visa a uma estratégia para fazer de seu interlocutor um cúmplice. Como todo ato de linguagem, o ato humorístico é resultante de um jogo que se estabelece entre os parceiros da situação comunicativa e os protagonistas da situação de comunicação⁴⁹, (CHARAUDEAU, 2006a, p. 22 - tradução nossa).

Charaudeau (2006a) também assinala a dificuldade que podemos ter em definir humor se considerarmos uma série de questões que perpassam desde as instâncias linguísticas até as enunciativas e as retóricas.

Embora, aparentemente, o objetivo do ato humorístico seja difícil de ser definido, pois parece inaceitável que suas características possam figurar um aparato analítico dentro das ciências da linguagem, Travaglia (1989), numa proposta de instrumentalização, elenca quatro objetivos do fenômeno do humor:

- o *riso pelo riso* - procura-se exclusivamente fazer rir, sem nenhuma outra intenção que subjaz ao ato (fato que o autor deixa sob uma fraca evidência, pois segundo o mesmo autor, num artigo de 1990, ele deixa claro que o humor tem, no mínimo, um sentido liberador, psicologicamente falando; segundo porque a vocação básica do humor é, pelo menos, a crítica: através do humor, zomba-se de alguém ou de alguma situação).
- a *liberação* - busca-se a ruptura de uma censura social, a "quebra" de um tabu, o banimento de um preconceito. Esse quesito no âmbito do humor é frequentemente encontrado nas charges de Charlie Hebdo, já que uma das características do jornal, dada sua identidade assumidamente subversiva em relação a alguns paradigmas sociais vigentes, é quebrar tabus e vencer paradigmas. A exemplo desse objetivo, podemos citar a charge nº 05 (cf. anexo) em que na capa pode-se ver dois homens se beijando, sendo um deles mulçumano.
- a *crítica social* - procura-se expor o ridículo de comportamentos sociais – político, institucional, de costumes, visando à modificação destes. Esse objetivo humorístico

⁴⁹ No original: “Il est plutôt une certaine manière de dire à l’intérieur de ces diverses situations, un acte d’énonciation à des fins de stratégie pour faire de son interlocuteur un complice. Comme tout acte de langage, l’acte humoristique est la résultante du jeu qui s’établit entre les partenaires de la situation de communication et les protagonistes de la situation d’énonciation.”

também é moeda corrente nas charges de Charlie Hebdo, pois uma de suas frentes de ataque envolve críticas a setores da sociedade, especialmente o setor político. Esse fato pode ser constatado na charge nº 09 (cf. anexo) que retrata caricaturalmente (a personagem à esquerda) Christine Boutin, política de centro-direita na França. Ela se opunha às reformas (pró-*gay*) para as PACs (parceria civil francesa) e opôs-se fortemente ao casamento entre pessoas do mesmo sexo.



Charge nº 09 - Capa do jornal Charlie Hebdo, nº 1092, de 22/05/2013.

- e a *denúncia* - dirige-se aos comportamentos explícitos do homem, que, embora praticados, não são admitidos pelas normas vigentes. Como exemplo desse objetivo, remetemos novamente à charge nº 12 que aborda o tema racismo.

Após este breve panorama teórico sobre os estudos do humor, definimos nosso lugar de fala baseados em Charaudeau (2006a) considerando que o humor é uma questão de assunção de papéis, ou seja, depende de fatores que têm a ver com as posições sociais e ideológicas dos participantes do ato de comunicação. Em relação ao interlocutor do ato humorístico, Charaudeau (2006a, p. 22 – tradução nossa) afirma o

seguinte: "O ato humorístico como ato de enunciação envolve três protagonistas: o locutor, o destinatário e o alvo⁵⁰", porém o proponente do ato humorístico o produz, especialmente, para que o efeito de sentido, de alguma forma, atinja o alvo, o que às vezes pode coincidir com a figura do interlocutor. Alinhados a essa proposta de Charaudeau, assumimos que o ato de comunicação humorística seja considerado não como gênero, mas como efeito de sentido possível que surge segundo essa gama de restrições e posicionamentos evocados pela situação de comunicação (com seus espaços para manobras e restrições) e os papéis sociais, discursivos e enunciativos desempenhados pelos sujeitos da interação.

Deste modo, a charge, vista no âmbito deste trabalho como gênero discursivo, a partir de seus movimentos argumentativos, ou seja, investidas linguísticas, enunciativas e discursivas pode, a *priori*, ser desencadeadora do humor e do riso. Entretanto, considerando possíveis interpretativos, independente da busca desse resultado, a charge pode suscitar efeitos patêmicos diversos como a raiva, o ódio, o rancor, etc.

Em relação à tematização dos textos considerados de humor, Charaudeau (2006a) questiona se o discurso humorístico pode se apropriar de qualquer tema para tecer seus efeitos de sentido, ou até onde o humor pode ir:

É dentro do quadro da tematização do discurso humorístico que devemos colocar a questão de saber se podemos fazer humor sobre todo assunto. Quais são os tabus, e quais são os limites os quais não devemos ultrapassar, de acordo com as culturas? Podemos fazer humor sobre o que é sagrado, sobre doença, sobre as criancinhas, os idosos? Pois se o humor, que coloca em questão as visões normatizadas do mundo, toca nos domínios temáticos julgados tabus, podemos nos perguntar "Até onde se pode ir?"⁵¹ (CHARAUDEAU, 2006a, p. 25 - tradução nossa - aspas do autor)

Para Charaudeau (2006a; 2006b; 2011; 2011), várias são as categorias que podem suscitar o humor. Faremos uma breve exposição sobre elas, de modo a situar nosso *corpus* em relação a essas categorias e, na sequência, discutimos, sob a perspectiva do mesmo autor, os efeitos de humor que podem surgir no discurso humorístico.

⁵⁰ No original: "L'acte humoristique comme acte d'énonciation met en scène trois protagonistes: le locuteur, le destinataire et la cible."

⁵¹ No original: "C'est dans le cadre de la thématization du discours humoristique que l'on doit se poser la question de savoir si on peut faire de l'humour sur tout. Quels sont les tabous, et quelles sont les limites à ne pas dépasser, selon les cultures? Peut-on faire de l'humour sur ce qui est considéré sacré, sur la maladie, la petite enfance, les vieux? Car si l'humour, qui met en cause les visions normées du monde, touche des domaines thématiques jugés tabous, on peut se demander "jusqu'ou peut-on aller trop loin?"

1.6. AS CATEGORIAS DE HUMOR SEGUNDO CHARAUDEAU

Charaudeau (2006a, p. 27) alerta para o fato de que as categorias de humor são flutuantes, ou seja, não se deve reduzir o ato de humor às categorias de maneira essencializante. O que o autor propõe é que se opere com a combinação dessas categorias de modo que seja viável uma possível classificação de um ato humorístico respeitando suas particularidades. Um ato irônico, por exemplo, raramente vai ser somente irônico.

A primeira das categorias de que o autor trata é a categoria de *enunciação* que remete àquilo que é dito e ao que é pensado. Ou seja, uma dissociação enunciativa entre o explícito e o implícito, embutidos na voz do sujeito proponente do ato e na relação que este projeta em seu interlocutor. Seguindo essa linha de raciocínio, essa dissociação garante "um princípio de congruência que funda a legitimidade do sujeito falante"⁵², (CHARAUDEAU, 2006a, p. 28).

No cerne da categoria enunciativa, Charaudeau (2006a; 2006b; 2011a; 2011b) discute amplamente a *ironia* que, segundo o autor, é uma categoria problemática, dada as diferentes abordagens desde sua teorização mais remota, isto é, na visão aristotélica segundo a qual a ironia adquire caráter antitético, dizer o contrário daquilo que se pensa, até as teorizações mais atuais que aproximam a ironia às noções de “ironia do destino”, “paradoxo” e “sarcasmo”.

Não é nosso objetivo, no entanto, discutir todos esses desdobramentos das noções de ironia, pois ela representa e nos serve como uma das categorias de análise no bojo das teorias sobre o humor. Por isso vamos apenas ilustrar a visão atual do autor sobre esse fenômeno retórico. Charaudeau (2011) define a ironia como:

- um ato de enunciação que produz uma dissociação entre aquilo que é dito e aquilo que é pensado;
- um ato de enunciação que faz coexistir aquilo que é dito com aquilo que é pensado, o que o autor considera crucial na distinção entre a ironia e a mentira, sendo esta última um esforço do locutor em fazer o destinatário acreditar na correspondência daquilo que é dito com o que é pensado, enquanto naquela o esforço do locutor

⁵² No original: " [...] un principe de congruence qui fonde la légitimité du sujet parlant [...].

consiste em fornecer ao receptor as pistas que permitem que ele (o receptor) compreenda que o que é dito é o inverso do que é pensado;

- há uma expectativa de julgamento sobre o mundo segundo a qual o enunciado proferido pelo enunciador se apresenta sempre como uma apreciação positiva mascarando uma apreciação negativa que é pensada pelo autor.

Outra categoria que Charaudeau (2006a, p. 31) aponta é o *sarcasmo*. Este recurso não é uma questão que considera a oposição entre o dito e o pensado como na ironia, trata-se, pois, de uma relação de exagero com o que se pensa, com uma diferença de grau entre um e outro, o que culminará numa espécie de contrário do eufemismo. Ou seja, um exagero repetitivo e agressivo por um não-dito que permanece negativo, mas que não deve ser interpretado apenas como uma força do dito.

A *paródia* também se classifica como uma estratégia de enunciação, como a citação, porém com características particulares. Resumidamente, a paródia retoma o texto fonte de maneira que, ao mesmo tempo que nos faz reconhecê-lo, num processo de intertextualidade, não se distancia na essência enunciativa do texto base, salvo os casos em que, através desse recurso, busca-se um efeito específico, como uma crítica, um exagero, uma homenagem, etc. Basta recorrer a nossa literatura para apontarmos um exemplo emblemático: a canção do exílio, de Gonçalves Dias, autor representativo da primeira fase do Romantismo brasileiro, cuja temática preponderante era o saudosismo e ufanismo. Vários outros autores a parodiaram, alguns buscando um efeito cômico, outros em tom de homenagem.

Passando das categorias enunciativas para as *semânticas*, Charaudeau (2006a, p. 32) considera essa categoria como um jogo polissêmico de palavras que permite construir dois ou vários níveis de leitura ao longo da construção frasal (isotopia) em torno de palavras cujos significados podem ser duplos ou triplos.

1.7.OS POSSÍVEIS EFEITOS DE SENTIDO DO ATO HUMORÍSTICO SEGUNDO CHARAUDEAU

Feita a exposição das categorias de humor propostas por Charaudeau (2006a; 2006b; 2011a; 2011b), passemos à diferenciação e relação dessas categorias com os efeitos de sentido que elas podem provocar. É importante, também, afirmar que essa relação (das categorias com os efeitos de sentido) não se estabelece termo a termo. Uma

categoria como a ironia pode evocar vários efeitos de sentido como efeito lúdico, crítica leve, agressão cínica, escárnio, sarcasmo ao passo que um mesmo efeito de sentido pode ser produzido por diferentes categorias, por exemplo o escárnio pode ser produzido pela categoria da ironia, do sarcasmo, do paradoxo, etc.

Outra questão importante, neste caso, é que os efeitos humorísticos possíveis do ato são resultantes do tipo de *mise en cause*⁵³ no mundo e do contrato de convivência que o humorista propõe ao destinatário, ou seja, essa *mise en cause* pressupõe que o destinatário adira ao contrato de convivência do ato humorístico. Trata-se aqui de uma problemática de intencionalidade em que o sujeito humorista é a origem de um efeito visado e o destinatário a origem de um efeito de prazer que ele construiu, sem a garantia de que os dois coincidam. Os principais efeitos de sentido que Charaudeau (2006a; 2006b) discute são: o efeito lúdico, a crítica, o cinismo, a derrisão e a brincadeira (os quais podem se superpor uns aos outros) que comentamos a seguir.

O efeito *lúdico* propõe um jogo de fusão emocional entre o locutor e o destinatário, livre do espírito crítico, como se tudo fosse possível, reduzido a um "Por que não?". Ele nos faz compartilhar um olhar deslocado sobre as coisas bizarras do mundo e de suas normas sociais, sem que isso implique um compromisso moral mesmo se, como todo ato de humor, uma *mise en cause* das normas sociais se encontre subjacente. Segundo o autor, encontramos com frequência esse efeito na publicidade. Estrategicamente, percebe-se que o sujeito enunciador das charges, com frequência, combina o efeito lúdico com a ironia para fins persuasivos. A exemplo disso, temos a charge nº 15 (cf. anexo) em que um transexual vestido de coelhinha está à frente da sala de aula para lecionar para crianças assuntos como a teoria de gênero. Esse exemplo será mais bem explorado na seção de análise, no capítulo III.

O efeito *crítico* propõe ao destinatário uma denúncia de falsas virtudes que encobrem valores sociais negativos, pressupondo uma contra-argumentação direcionada ao alvo da crítica. Charaudeau (2006a, p. 36) associa esse efeito à categoria de "hostilização" proposta por Freud (1905). É um efeito encontrado constantemente em gêneros como as charges, pois esse efeito procura partilhar seu ataque à ordem estabelecida por falsos valores sociais, na visão do proponente do efeito crítico, é claro.

⁵³ Por opção usamos esse termo em francês, por se tratar de uma expressão emblemática na teoria que norteia este trabalho. Ao que parece, Charaudeau o toma emprestado do meio jurídico em que há o envolvimento de uma terceira parte por meio de um fato ou circunstância. No entanto, numa tradução livre, poderíamos dizer que *mise en cause* corresponde ao envolvimento de uma terceira pessoa ou questão colocada em relevância no ato de humor.

Com efeito, nas charges que compõem nosso *corpus*, podemos observar constantemente um ataque à ordem social de direita, segundo a qual valores conservadores são utilizados para também atacar ou contrapor os argumentos da ordem social da esquerda. Questões como o direito ao aborto, liberação da maconha e o casamento *gay* entram nessa pauta.

O efeito *cínico*, segundo Charaudeau, é mais forte e destruidor que o efeito crítico, pois ele procura disseminar uma desvalorização de valores que as normas sociais consideram positivas e universais. Seria um efeito destruidor e auto-destruidor ao mesmo tempo. Por seu efeito devastador, o efeito de cinismo coloca o humorista numa posição paradoxal de criador que se liberta das regras do mundo. Encontramos esse efeito, com certa frequência, em muitas histórias engraçadas e em réplicas machistas, segundo o autor. Em nosso *corpus* esse tipo de efeito encontra-se disseminado nas charges que criticam as religiões, consideradas positivas e universais de acordo com a realidade de seus adeptos.

O efeito de *derrisão* visa a desqualificar o alvo, rebaixando-o, ou seja, fazendo-o descer de uma posição sobre a qual se encontrava. Segundo Charaudeau, essa noção aparece de duas maneiras nos dicionários: uma é que a derrisão vem acompanhada por uma espécie de desprezo; a outra é que se faz acreditar que o alvo é insignificante. Em outras palavras, faz-se circular uma ideia de desvalorização do alvo quando ou onde ele acredita obtê-la. Para o autor, o efeito de derrisão pode aparecer de diversas formas de modo que o que se destaca é o rebaixamento moral do outro, seja na vida particular, seja na figura de um grande líder que foi desmoralizado. Este efeito também ocorre com frequência no plano discursivo das charges, já que muitas vezes seu alvo são os políticos, os quais são reduzidos ao mínimo de suas moralidades através da crítica contundente das charges.

O efeito de *brincadeira*, como afirma Charaudeau, é problemático na sua definição, pois, *a priori*, todo ato humorístico teria esse teor. Para uma melhor definição, o autor propõe usar o termo num sentido específico através do qual se tenta amenizar uma situação séria, aceitando que o que era sério antes, deve ser levado como brincadeira. Algo que pode ser traduzido popularmente como "Eu só estava brincando", servindo, portanto, para neutralizar o caráter agressivo ou ofensivo de uma investida precedente. Nesse tipo de efeito, não se propõe um julgamento sobre o outro ou sobre o mundo.

Obviamente que esse efeito de sentido mascara uma crítica subjacente (já diz o imaginário social que toda brincadeira tem um fundo de verdade) que provisoriamente fica suspensa em nome de um atrito que se quer evitar naquele momento. Segundo o autor, encontramos esse tipo de efeito em trocas dialogais, conversações corriqueiras ou em contratos linguageiros que podem ter essa característica. Não é comum esse tipo de efeito em Charlie Hebdo, já que em sua composição discursiva não se recorre a amenizações de discursos em prol de preservar a face de seus alvos. Pelo contrário, o que ocorre é um ataque de teor muitas vezes aniquilador do outro. Agora que discutimos as considerações e contribuições sobre o humor em Charaudeau e outros autores, seguimos nosso trajeto para a análise das charges propriamente ditas.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DAS

CHARGES DE CHARLIE

HEBDO

As emoções são efetivamente um tipo de estado mental racional.

Charaudeau

Este capítulo será dedicado à análise das emoções, juntamente com o *ethos* e o *logos*, nas charges de capa do jornal Charlie Hebdo. Tal escolha advém do fato de percebermos a incidência de manobras discursivas que, através do *logos*, suscitam diferentes emoções e, ao apresentar determinados *ethé*, como um jornal de cunho humorístico e crítico tenta orientar/manipular a opinião pública através de suas charges em prol de um projeto específico de fala. Estas, por sua vez, reúnem marcas discursivas típicas do gênero. Nesse sentido, a charge é entendida como um gênero textual discursivo numa perspectiva bakhtiniana. Sob um outro ângulo, complementar à proposta de Bakhtin, consideramos os pressupostos de Charaudeau (2004b) como essenciais para o entendimento das charges no ponto de vista situacional. Segundo Charaudeau (2004b), a análise dos gêneros de discurso não deve ser pautada por um só critério ou por critérios essencializantes como o conteúdo temático ou suas sequências tipológicas, por exemplo.

O procedimento adotado na perspectiva da semiolinguística é combinar vários níveis e categorias, passando pelas restrições situacionais, os processos de discursivização até chegarmos às marcas linguísticas. Essa metodologia ainda não contempla a totalidade do gênero, mas já sinaliza para critérios combinatórios que, se não são suficientes para a classificação dos gêneros, pelo menos têm o mérito de serem mais abrangentes e menos mecanicistas.

Obviamente, a análise discursiva que se propõe aqui para as charges retoma, em parte, alguns conceitos e categorias de análise apresentadas no capítulo de teorização, que dá sustentação a todo o trabalho. Por isso, algumas reflexões teóricas aparecem neste capítulo correndo-se o risco de parecerem redundantes. O capítulo de análise apresenta também uma incursão teórica sobre o plano não-verbal através do qual resolvemos expor algumas características que nos ajudassem a entender melhor a proposta das charges como evento comunicativo multimodal. Embora não representem o fulcro do nosso trabalho, essas teorias nos ajudam a entender um pouco mais a complexidade da relação entre imagem e texto. Esses conceitos aparecem aqui para demarcarmos nosso entendimento sobre a relação significativa entre texto imagético e verbal. Por isso, antes da análise do *pathos*, *ethos* e *logos* nas charges, fizemos algumas considerações baseados em Barthes (1990), Aumont (1993), Joly (1996) e Mendes (2004; 2008; 2013) a respeito do discurso não-verbal em Charlie Hebdo, já que imagem

e texto não são elementos desconexos e têm muito a nos apresentar no que concerne a valores semânticos na trama discursiva do *corpus*.

Antes de analisar as charges, faz-se necessário a apresentação da estrutura deste capítulo. Inicialmente, reproduzimos um panorama político-histórico do jornal e de sua função como provocador de questões ligadas à moralidade de uma sociedade. Refletimos sobre as temáticas mais discutidas nas charges – moral, religião, costumes, política, economia –, propícias a suscitar *patemias*/tópicas tais como ódio, cólera, indignação, etc.

Em seguida, apresentamos a recorrência das emoções nas charges perscrutando a proposta de Charaudeau (2010), Plantin (2010) e Aristóteles (2003). Em Charaudeau, analisamos as marcas-traços do patêmico segundo as quais a) existem palavras que, de antemão, sugerem um alto grau de patemização, tais como medo, raiva, ódio, amor; b) existem palavras que não descrevem exatamente emoções, mas são potencializadoras de seu surgimento, pois pertencem a um campo semântico “vizinho”, c) existem enunciados que não comportam palavras patemisantes, entretanto, pode acontecer de essas palavras produzirem tal efeito por estarem inseridas num contexto onde a patemia vai ser acionada por fatores contextuais dentro da situação de comunicação tais como as representações imagéticas dos sujeitos/personalidades envolvidos, como Cristo, Maomé, políticos, etc. Mas esta não é a única contribuição de Charaudeau (2010) para a análise. Também utilizamos as quatro grandes tópicos que o autor propõe a fim de *estruturar o universo de patemização* das charges.

Em consonância com Charaudeau (2010), propomos a análise das emoções sob a perspectiva de Plantin (2010). Diante do extenso quadro teórico exposto por este autor e das confluências de seus movimentos interdisciplinares, propomo-nos a pontuar algumas categorias de análise, segundo seu grau de importância e interesse para o desenvolvimento deste capítulo. Assim, vamos discutir e aplicar as seguintes contribuições do autor:

- a) Designação de um termo de emoção: abrangendo neste tópico apenas as três primeiras designações, que nos interessam de perto: a) designação direta da emoção; b) designação indireta (reconstrução sobre a base de índices linguísticos e; c) reconstrução sobre a base de lugares comuns situacionais e atitudinais.)
- b) Regras geradoras da emoção: regra da emoção encenada, “Mostre-se emocionado!”, regra sobre a apresentação e a representação, “Mostre objetos

emocionantes!” “Mostre imagens!” “Mostre a emoção!” regra sobre a mimese, ou seja, na impossibilidade de mostrar as regras acima, o sujeito deve descrever suas sensações e até amplificar os dados emocionais tornando uma coisa grave, em mais grave, mais chocante.

Ao longo da detecção das patemias, sob os critérios de Charaudeau e Plantin, fazemos comparações com as quatorze paixões propostas por Aristóteles (2003) a fim de ilustrar a teorização e o entendimento das paixões/emoção da era clássica aos nossos dias.

No tocante ao *ethos*, seguimos as postulações de Maingueneau (1997; 2015) que reconhece que, apesar das diferentes abordagens e possíveis divergências entre autores que teorizam sobre o *ethos*, há um acordo tácito levando em conta alguns princípios mínimos, a saber: a) o *ethos* é uma noção discursiva; b) o *ethos* é um processo de interação que visa a influenciar o outro; o *ethos* possui um caráter híbrido por estar associado a um comportamento socialmente avaliável e submetido a uma situação de comunicação precisa (caráter sociodiscursivo) e segundo, porque essa situação específica está integrada a uma conjuntura sócio-histórica. Assim, trabalhamos com noções desse autor referentes ao *ethos* dito e o *ethos* mostrado, de modo a estabelecer uma ligação entre o que o discurso das charges têm pretensão de mostrar e o que realmente mostram.

Dialogamos também com que propõe Charaudeau (2008b) que condiciona a dinâmica do *ethos* à intersubjetividade dos sujeitos do ato comunicativo, reconhecendo que, para que o *ethos* realize seus efeitos e movimentos plenamente, ele esteja submetido ao princípio de alteridade dos sujeitos. Seguindo esse raciocínio, o *ethos* se concretiza, além do princípio de reconhecimento dos sujeitos, nos procedimentos enunciativos. Ao se colocar como sujeito discursivo, o falante direciona sua imagem ao seu alvo pela enunciação. Assim, para a análise dos *ethé* de Charlie Hebdo, seguimos as postulações de Charaudeau (2008b) sobre os modos enunciativos elocutivo, alocutivo e delocutivo. Vale lembrar também que o posicionamento de Charaudeau estende-se às representações e imaginários sociais, fator indispensável para a manutenção do *ethos*, já que a imagem de si e do outro passam por valores sociodiscursivos.

Todavia, mais um aspecto do *ethos* deve ser levado em conta. A construção da imagem de si e do público não se dá apenas no momento da enunciação. Ele também acontece antes mesmo que o locutor fale. Maingueneau (2015) denomina esse aspecto

de *ethos* pré-discursivo, termo reformulado por Amossy (2014c). A reputação de Charlie Hebdo muitas vezes precede o contato com o jornal. Por isso, esse conceito é crucial para mais uma etapa da análise do *ethos*.

Na terceira e última parte de nossa análise, daremos relevância ao *logos*. Desta vez inspirados nas teorias de Amossy, especialmente em Amossy (2008; 2017), em que a autora trata da teoria da argumentação segundo suas modalidades e sua relação com o registro discursivo. Nessa perspectiva, Amossy nos mostra como é possível desenvolver a noção de argumentação ao se considerar a articulação do *logos* com o *pathos*. Dentre as modalidades argumentativas e registros discursivos elencados pela autora, vamos nos deter àqueles que estão diretamente ligados ao teor de nosso *corpus*: as modalidades argumentativas patética e polêmica e suas correspondentes nos registros discursivos.

A respeito da vertente humorística das charges, vamos considerar as reflexões de Charaudeau (2006a; 2006b; 2011a; 2011b), em que o teórico elenca diferentes categorias e efeitos de sentido para explicar o funcionamento discursivo do humor à luz da semiolinguística. Como essa faceta do discurso de Charlie Hebdo está diluída em toda sua composição, desde a estruturação temática, enunciação e aspectos verbais das charges, ao longo da análise, vamos falar de humor em todas as seções (direta ou indiretamente), e não somente na seção dedicada a esse tema. Por fim, fechamos este capítulo com nossas reflexões baseadas nos resultados que obtivemos a partir da análise e metodologia propostas.

1.A DIMENSÃO IMAGÉTICA NA COMPOSIÇÃO DISCURSIVA DAS CHARGES

Nesta seção, propomos explicar alguns pontos teóricos sobre o uso das imagens no empreendimento persuasivo de modo que estes pontos se correlacionem a nossos objetivos elencados nesta pesquisa, deixando evidente os desdobramentos necessários para a discussão verbo-icônica. A necessidade de se tratar o não verbal já foi sinalizada em nossa introdução. Agora vamos demarcar de forma geral como se dará esse processo.

Um dos pontos de congruência entre discurso verbal e não verbal pode ser encontrado em Aumont (1993) quando o autor explica a relação da produção das imagens com o espectador, ou seja, o valor da imagem no domínio simbólico para a interpretação do real. Considerando seu valor representativo, poderíamos dizer que a

imagem é a mediação entre o espectador e a realidade, processo análogo ao da língua na construção do mundo, como apontado anteriormente na teoria semiolinguística de Charaudeau (2008), através do processo de semiotização. Assim, se a língua é para o falante a mediação entre o mundo real e o mundo construído através do processo de simbolização, a imagem é para o espectador, também, uma ferramenta de construção do real, pelo mesmo processo, a simbolização. A imagem por si só não apenas significa, mas possui uma gama de significações potenciais. A relação entre espectador e imagem reflete um princípio de alteridade segundo o qual ela passa a significar a partir da percepção do sujeito que, ao mesmo tempo em que constrói o significado para a imagem, é construído também por ela. Além do processo de simbolização que justifica a existência da imagem, Aumont utiliza a tricotomia de Arnheim (1969 *apud* AUMONT, 1993) para relatar outros três valores da imagem em sua relação com o real: *o valor de representação, o valor de símbolo e o valor de signo*.

O valor de representação tem a ver com a representação dos objetos concretos do mundo, considerando o grau de similitude (ou grau de iconicidade) entre a imagem e a coisa representada. Assim como a língua nos dá a chance de transformar um mundo a significar em mundo significado, a imagem nos traz uma ponte entre o abstrato e o real. Em nosso *corpus*, o uso desse recurso do valor de representação foi um dos estopins para as polêmicas mais fervorosas que envolveram os muçulmanos e o jornal, já que a figura de Maomé, segundo interpretações do livro sagrado o Alcorão, não poderia ser representada em hipótese alguma por configurar adoração à imagem.

O segundo valor é o de símbolo que tem a ver com uma abstração superior ao nível das imagens, uma vez que não nos permite fazer correlações concretas com o mundo real, mas sim representar emblematicamente uma relação entre a imagem e seu significado. Trazendo esta noção para nosso *corpus* chárstico, podemos observar esse valor de símbolo na charge nº 12 (cf. anexo).



A partir de um elemento específico localizado no canto esquerdo inferior, vemos o símbolo da Frente Nacional Francesa (o *Front National*), partido de extrema-direita, em que o azul e o vermelho representam as cores do movimento e ao mesmo tempo da bandeira da França. A charge trata do racismo sofrido pela ministra da Justiça, Christiane Taubira, por parte de um veículo midiático, a “*Minute*”, revista também de extrema-direita apoiada pelo *Front National*. A polêmica charge faz referência à investida racista estampada na capa do periódico no dia de 13 de novembro de 2013, que traz a seguinte chamada “Maliciosa como um macaco, Taubira encontra a banana⁵⁴”. Além disso, a associação da caricatura com a ministra ganhou força depois que uma candidata do *Front National*, Anne Sophie Leclère, postou em seu Facebook uma imagem comparando a ministra a um macaco⁵⁵.

⁵⁴ No original: “Maligne comme un singe, Taubira retrouve la banane.”

⁵⁵ Esta polêmica foi divulgada por vários sites no mundo. Nossa fonte, nesse caso, foram os sites “Universo Racionalista” e “La parola”, disponíveis respectivamente em: <https://universoracionalista.org/cartunistas-da-charlie-hebdo-publicaram-piada-racista-com-ministra-francesa/> e <http://www.laparola.com.br/desmistificando-o-racismo-de-charlie-hebdo>. Ambos acessados em 15/07/ 2018.

Seguindo a linha de raciocínio sobre a noção de complementaridade (JOLY, 1996), o enunciado que funciona como título da charge recobre semanticamente a imagem da caricatura, pois faz remissão, a partir de um jogo de palavras, ao *slogan* de Marine Le Pen, maior representante atual do *Front National*: “*Rassemblement Bleu Marine*” (Reunião Azul-marinha) o que é convertido para “*Rassemblement Bleu Raciste*”, ou seja, Reunião Azul Racista. A simples troca de nome de Marine para Raciste, num efeito paródico, já rotula a líder do partido negativamente.

O terceiro valor que Aumont (1993) atribui à imagem é o valor de signo segundo o qual há a representação de conteúdos cujos caracteres não são visualmente refletidos por ela, mas possuem significado graças a convenções sociais construídas historicamente. As cores dos semáforos de trânsito são exemplos disso. Suas cores não nos dizem nada de concreto no mundo real se colocadas fora da situação comunicativa, mas nos fazem entender o movimento que o fluxo de trânsito deve tomar no momento em que as cores se alternam. Trata-se, nessa perspectiva, de enfatizar o valor de arbitrariedade do signo linguístico, uma vez que seu significado não corresponde ao seu significante.

Seguindo o fluxo temático evocado na charge nº 09 (cf. anexo), sobre o movimento em prol do direito do casamento *gay* na França, como desdobramento desta polêmica, trazemos o exemplo do valor de signo para a seguinte charge, publicada na mesma edição, ou seja, 22 de maio de 2013.



Na charge n° 10, a atestação da homofobia se dá, além do título explícito “Homophobie”, pelos enunciados metafóricos nos balões apontando para as chagas do personagem, vítima da agressão. Essas ideias estão associadas metonimicamente às figuras políticas de Boutin, Copé e Barjot, representantes da direita francesa, acusadas de comentários homofóbicos disfarçados de aparentes ideias. Há ainda um efeito de gradação entre o plano verbal e o imagético. Enquanto os balões representam a agressão no campo ideológico (das ideias), sua relação dialógica com o personagem ferido transfere a orientação da agressão do plano abstrato para o físico, pois as ideias de Boutin, Copé e Barjot estariam “golpeando” o personagem.

Outro ponto que nos interessa aqui é a força de valor de signo indicado pelas cores na camisa do agredido, que representam a bandeira do movimento LGBT pelo mundo. Assim, o significante (as cores) representa, no plano discursivo e ideológico, a extensão das ideias de quem apoia o movimento.

Outro aspecto que compõe o cenário verbo-icônico de nosso *corpus* diz respeito aos estatutos factual e/ou ficcional das charges. Para Mendes (2004), estes dois estatutos são noções importantes para orientar a leitura da imagem uma vez que, através deles, pode-se ter a ideia do nível de veracidade e de representação do gênero proposto.

O estatuto factual tem relação com o nível de veracidade do gênero proposto. As notícias de jornal, devidamente inscritas em seus gêneros, fazem parte desse estatuto, uma vez remetem aos fatos do mundo exterior à língua, mas por ela representados. Segundo Mendes (2004), a ficcionalidade pode aparecer em qualquer gênero do discurso e se manifesta em três instâncias: como ficcionalidade constitutiva, colaborativa e predominante.

A constitutiva recobre com abrangência os fenômenos linguísticos cujo estatuto abrange o sistema de referência. Isso engloba o processo de arbitrariedade do signo linguístico em que a nomeação não se dá de forma natural e automática, mas por interferência da intersubjetividade dos atores do ato comunicativo.

A colaborativa aparece em gêneros cujo estatuto é factual, mas funcionam sob uma dinâmica parcial de ficção: os anúncios publicitários, por exemplo, são factuais porque anunciam produtos e serviços que oferecem na vida real, porém, ao anunciar, criam uma *mise en scène* ficcional, utilizando-se de mecanismos que podem remeter a um mundo de fantasia que existe apenas no imaginário sociodiscursivo dos potenciais consumidores.

Relativamente oposta à factual, a ficcionalidade predominante está presente em gêneros cujo compromisso com a realidade, se não é nulo, pelo menos está em segundo plano. É o tipo de ficcionalidade predominante em textos literários, mas também aparece em textos não-literários como os que compõem nosso *corpus*, as charges.

No próximo tópico, analisamos as incidências patêmicas no plano de produção/enunciação das charges de Charlie Hebdo juntamente com seus desdobramentos anunciados no início desse capítulo. Passemos então à análise das manifestações patêmicas no discurso das charges.

2.MANIFESTAÇÕES PATÊMICAS EM CHARLIE HEBDO – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Primeiramente, ainda que o jornal Charlie Hebdo obtenha alcance mundial em decorrência das facilidades que o ambiente virtual proporciona, reconhecemos que os produtores das charges compartilham de um mesmo universo social que seu público alvo, no caso os franceses. Portanto, para expressar suas posições morais e éticas e para externar seus pontos de vista e suas emoções, os chargistas e a redação do jornal como um todo sabem qual público querem atingir, pois estão condicionados às mesmas

representações sociais e aos mesmos imaginários. Isso já predispõe uma orientação argumentativa mais afinada com os interlocutores ideais.

Então, levando em consideração as representações sociais, a sociedade que consome, lê, interage com as capas e os textos de Charlie Hebdo, por meio das representações sociodiscursivas que permeiam suas relações de comunicação, normatiza seus papéis sociais e tentam demarcar as identidades dos sujeitos, definindo, inclusive, quais emoções sentir, como senti-las e materializá-las. Tal demanda pode influenciar o foco patêmico oferecido pelas charges. Assim, as manifestações patêmicas de Charlie Hebdo devem ser consideradas sob essas variantes.

O jornal como instrumento de comunicação em massa, inserido no contexto midiático, sob a visada do *fazer-saber* (CHARAUDEAU, 2004b), tem uma função contestadora do *status quo* trazendo em sua composição discursiva uma gama de temas que devem ser questionados diante de um público supostamente crítico. Como já foi dito na subseção 1.3 do capítulo II, há uma tradição francesa de imprensa engajada politicamente desde a Revolução Francesa. Este fato também condiciona aspectos coercitivos que fazem parte da empreitada discursiva do jornal. Assim, as emoções surgem num contexto demarcado histórica, política e socialmente por movimentos de contestação, o que predispõe algumas patemias, especialmente aquelas que requerem uma atitude responsiva do interlocutor. Deste modo, na próxima subseção, inseridos nesse contexto geral de circulação do jornal, buscamos detectar a presença de patemias, direta ou indiretamente aludidas nas charges.

2.1.O PATHOS NO DISCURSO DE CHARLIE HEBDO – AS EMOÇÕES VISADAS

Aristóteles (2003) fala sobre os diferentes caracteres que o orador pode encontrar em um auditório. A partir disso, para o sucesso oratório, basta ele escolher as diferentes paixões que deverá suscitar. Se pensarmos dessa maneira, entenderemos que a popularidade alcançada por Charlie Hebdo é tributária dessa lógica. A partir de um auditório ideal, presume-se como tocar seu afeto. Tal movimento pode ocorrer em diferentes planos da língua e do discurso. Começamos, então, pela clarividência dessas patemias via marcas do patêmico no plano formal da língua.

Sobre isso, Charaudeau (2010) nos fala de marcas-traços do patêmico e classifica-as em três tipos: a) palavras que, de antemão, sugerem um alto grau de

patemização, tais como medo, raiva, ódio, amor; b) palavras que não descrevem exatamente emoções, mas são potencializadoras de seu surgimento, pois pertencem a um campo semântico “vizinho”, c) enunciados que não comportam palavras patemizantes, mas, devido ao seu contexto, podem patemizar.

O primeiro tipo de traço patêmico apontado na letra a) por Charaudeau é muito semelhante à *designação direta* (em que seus correspondentes no léxico indicam claramente uma manifestação de uma emoção) apontada por Plantin (2010), por isso vamos indicar as charges que atendem a essas duas categorias de percepção da emoção no discurso. A indicação se dá pelo número da charge que se encontra em anexo mais a frase em português, com a (s) palavra (s) patemizante (s) em itálico. Nas charges analisadas, verificamos as seguintes ocorrências:

a) palavras que, de antemão, sugerem um alto grau de patemização (CHARAUDEAU, 2010) e *designação direta* (PLANTIN, 2010):

- Charge nº 01 - “É duro ser *amado* por *idiotas*⁵⁶”;
- Charge nº 05 – “O *amor* é mais forte que o *ódio*⁵⁷”
- Charge nº 16 – “As escravas sexuais de Boko Haram em *cólera*⁵⁸”;
- Charge nº 17 – “Tudo está *perdoado*⁵⁹”.

É claro que esses enunciados, mesmo contendo palavras que *a priori* já denotam alto índice patêmico, devem ser analisadas em seu contexto, de modo a desempenharem sua visada emotiva com mais plenitude. Todavia, como essas charges vão ser mais exploradas nas seções de análise sobre o *ethos* e o *logos* e também na subseção que versa sobre as categorias e efeitos de humor, detivemo-nos em exibir seus enunciados com a palavra patemizante, afinal esse primeiro passo de análise, além de alinhar-se à nossa poposta, serve exatamente para mostrar o potencial patêmico da palavra, mesmo que deslocada de seu contexto. Passemos ao segundo item elencado por Charaudeau. Nesse também a indicação se dá pelo número da charge que se encontra em anexo mais

⁵⁶ No original: “C’est dur d’être aimé par des cons...”

⁵⁷ No original: “L’amour plus forte que la haine”

⁵⁸ No original: “Les esclaves sexuelles de Boko Haram en colère”

⁵⁹ No original: “Tout est pardonné”

a frase em português com a palavra patemizante em potencial em itálico. Nas charges analisadas, verificamos as seguintes ocorrências:

b) palavras que não descrevem exatamente emoções, mas são potencializadoras de seu surgimento, pois pertencem a um campo semântico “vizinho”:

- Charge nº 01 – “Maomé *arrasado* por fundamentalistas⁶⁰”;
- Charge nº 02 – “*Suicídios* na Telecom da França”⁶¹;
- Charge nº 03 - “*À merda* todas as religiões”⁶²;
- Charge nº 09 – “Não à *manifestação* das velhas sapatonas”⁶³;
- Charge nº 10 – “*Homofobia*”⁶⁴;
- Charge nº 11- “*Assassinatos* no Egito”; “Ele não para balas” (de revólver)⁶⁵;
- Charge nº 12 – “Reunião azul *racista*”⁶⁶;
- Charge nº 14 – “Eu sou o profeta, *idiota!*”⁶⁷”
- Charge nº 18 - “Eles têm as *armas*. Eles que se danem. Nós temos champanhe!”⁶⁸”.

Nesses casos, o campo de atuação das emoções se expande à medida que abrimos também os critérios para sua detecção e análise. Isso porque, no segundo caso, a identificação se deu por limites semânticos fronteiriços em que se remete à emoção, porém se faz a partir de palavras que indiretamente suscitam sua relação com os termos identificados em itálico a partir de seu contexto sociocultural. Adicione os termos ao contexto, mais as características gráficas e imagéticas da charge e teremos situações patêmicas fortes. Sobre esse item, Charaudeau (2010, p. 38) relativiza os universos de compartilhamento para a identificação das emoções, pois, nas palavras do autor, “se a

⁶⁰ No original: “Mahomet débordé par les intégristes.”

⁶¹ No original: “Suicides à France Télécom”

⁶² No original: “Aux chiottes toutes les religions.”

⁶³ No original: “Non aux manifs de vieilles gouines”

⁶⁴ No original: “Homophobie”

⁶⁵ No original: “Tuerie en Égypte”, “Ça n’arrête pas les balles”

⁶⁶ No original: “Rassemblement Bleu Raciste”

⁶⁷ No original: “Je suis le prophète, abruti!”

⁶⁸ No original: “Ils ont les armes. On les em merde. On a le champagne!”

vítima de um roubo for uma ‘velhinha’, ‘meu chefe’ ou ‘um banqueiro riquíssimo’”, por exemplo, as patemias serão evocadas com maior ou menor intensidade.

Como o terceiro tópico trata de palavras não patemizante que podem ser acionadas através do contexto sociocultural, achamos por bem aglutinar as duas categorias propostas por Charaudeau (2010) e por Plantin (2010) para as mesmas amostras devido à semelhança nesse ponto da teoria de ambos. Vejamos, antes da análise, a comparação a fim de harmonizar essas categorias. Para Charaudeau (2010, p. 38), nesse caso específico, de enunciados que, *a priori*, não suscitam patemias, é possível que reconheçamos os efeitos patêmicos “[...] desde que tenhamos conhecimento da situação de enunciação”. Para Plantin (2010, p. 63-64), “O discurso cultural liga alguns lugares comuns a algumas emoções, [por isso] é possível interpretar enunciados descritivos de atitude como indícios de emoção experienciada pelo sujeito”. E ainda, “A indeterminação da emoção no nível dos enunciados pode, evidentemente, ser solucionada pelo contexto” Plantin (2010, p. 64). A partir dessas assertivas dos dois autores, entendemos que seria um exercício redundante analisar as ocorrências de charges com as características que suas categorias pedem. Portanto, respeitando os limites e alcances de cada teoria, propomos a fusão dessas categorias neste momento.

A respeito de “enunciados que não comportam palavras patemiantes”, segundo Charaudeau, e a “reconstrução sobre a base de lugares comuns situacionais e atitudinais”, segundo Plantin, relacionamos abaixo as charges que não apresentam índices patêmicos. Para atender tal objetivo, detectamos as pistas de emoção inversamente às charges que já analisamos, pois de uma forma ou de outra elas já indicaram patemização. Outra observação a ser feita é que como neste tópico as palavras não têm, inicialmente, nenhuma relação direta com a patemia, não destacamos nenhum termo de itálico, e sim nos pusemos a analisar cada caso em particular. Esses casos são susceptíveis de produzir efeitos patêmicos, desde que tenhamos *conhecimento da situação de enunciação*. Assim, encontramos as seguintes ocorrências: charges nº 04, 06, 07, 08, 13, 15, 19 e 20 (cf. anexo). Vamos à contextualização sucinta de cada uma e sua possível emoção correspondente.

Na charge nº 04 (cf. anexo), há uma crítica ao conjunto de leis radicais islâmicas através de um trocadilho de *sharia* com Charlie, a partir da fala do personagem que ameaça com cem chicotadas (alusão à punição aplicada geralmente a quem infringe o conjunto de leis) àquele que não morrer de rir.

Na charge nº 06 (cf. anexo), há um homem de turbante numa cadeira de rodas sendo empurrado por um judeu ortodoxo. Há uma frase também que diz: "Não ria!" ou "Não zombe!" e faz referência ao filme *Intocáveis*, sucesso de bilheteria do cinema francês.

Na charge nº 07 (cf. anexo), através de uma linguagem metalinguística e um movimento de associação entre o provérbio e o humor, o autor da charge inflama as relações do jornal francês com seus detratores. O uso do provérbio "*jeter de l'huile sur le feu*", algo que em nossa língua corresponde a "jogar lenha na fogueira", serve para indicar metaforicamente qual seria a função do humor no contexto do jornal. Do lado direito do desenho com o provérbio, há uma página em branco com uma tarja vermelha na diagonal contendo o enunciado "*jurnal responsable*" (jornal responsável) e no topo, em outra tarja vermelha, o enunciado "*Fini de rire*" (Fim do riso!), aludindo ao fato de que para o jornal ser responsável, ele não deve publicar nada e, em consequência, teríamos o fim do riso.

Na charge nº 08 (cf. anexo), faz-se uma sátira à Santíssima Trindade em alegoria ao casamento homoafetivo. Na charge nº 13 (cf. anexo), Charlie Hebdo faz uma crítica a fim de desmoralizar o controverso e polêmico comediante francês chamado Dieudonné M'bala M'bala, considerado por alguns franceses como antissemita. A desmoralização se dá no plano imagético em que uma *quenelle*, típica comida francesa com formato fálico, está enfiada no traseiro do comediante. Na charge nº 15 (cf. anexo), há uma referência ao ensino da teoria de gênero nas escolas primárias da França. Algo muito criticado por pessoas e políticos de direita.

As duas últimas charges, nº 19 e 20 (cf. anexo), tratam de tragédias. A primeira sobre o terremoto acontecido na Itália em 24 de agosto de 2016 com muitas vítimas fatais. A segunda é sobre o atentado terrorista em Barcelona ocorrido em 17 de agosto de 2017, com 13 vítimas fatais. Sobre o terremoto, Charlie Hebdo fez caricatura de pessoas feridas, ensanguentadas associando seus aspectos físicos a pratos italianos mundialmente famosos. Sobre o atentado, há uma caricatura de pessoas atropeladas com o seguinte enunciado: "Islã, religião de paz... eterna!⁶⁹".

O que há em comum em todas essas charges é que seu vocabulário não apresenta, pelo menos à primeira vista, relação com efeitos patêmicos. Tais palavras evocam, no entanto, emoções diversas por estarem inseridas num contexto onde a

⁶⁹ No original: "Islam, religion de paix...éternelle!"

patemia vai ser acionada por fatores contextuais dentro da situação de comunicação. Sua organização verbal (e também não verbal) podem suscitar emoções responsivas como a *cólera* e a *indignação*, como no caso das charges que apelam à crítica ao contexto religioso, nº 04, 06, 08 e 20 (cf. anexo). Outra característica temática em comum, que é alvo das críticas desse conjunto de charges é o fato de tratar tragédias de forma jocosa, sob os auspícios das técnicas do humor, o que controverte à máxima popular segundo à qual “Não se brinca com coisas sérias”, como a perda por morte, por exemplo.

Um dos motivos para o surgimento desses possíveis efeitos é que, ao apresentar os fatos do mundo real atendendo a uma perspectiva textual do gênero charge e, algumas vezes, apelando ao humor, o jornal oferece a possibilidade de zombar da desgraça alheia. Quando não o fazem sobre a desgraça, zombam da religião alheia, ou as duas coisas juntas (caso da charge nº 20). Em resumo, o vocabulário dessas charges não desperta patemias em si, mas abre um mundo patêmico de reivindicação por justiça, por limites nas fronteiras humorísticas. Entretanto, Charlie Hebdo não se curva diante desses limites.

Aproveitando o assunto concernido e dando continuidade à sequência analítica pelos instrumentos de Charaudeau (2010), as charges nº 05, 06, 07, 08, 13, 15, 19 e 20 (cf. anexo) reúnem-se em torno de uma orientação temática que, como já foi dito, suscitam emoções como o *ódio*, a *cólera* e a *indignação*. Alinhado a essas e outras patemias, Charaudeau (2010) propõe quatro grandes tópicos antitéticos. O critério de organização dessas tópicos está alicerçado nos imaginários sociodiscursivos e nos processos de midiatização televisiva, as quais vamos adaptar ao nosso *corpus* e descrevê-las (somente aquelas que encontramos nas charges). Essas tópicos representam a organização do universo de patemização, porém Charaudeau (2010, p. 48) esclarece que “não se trata [...] de descrever uma estrutura universal ou antropológica do universo patêmico”, como o teria feito Aristóteles (2003) (os tempos são outros!). Trata-se da tópica da *dor* e seu oposto, a *alegria*; a tópica da *angústia* e seu oposto, a *esperança*; a tópica da *antipatia* e seu oposto, a *simpatia*; e por último, a tópica da *repulsa* e seu oposto, a *atração*.

A primeira tópica (a da dor) pode ser associada às charges que remetem a um mundo patêmico de sofrimento causado pela perda de entes queridos. Charaudeau (2010, p. 39) esclarece que não se trata do aspecto sensorial da dor, como quando cortamos o dedo por exemplo. Trata-se de um estado mental de sofrimento e mal-estar.

Sob esses critérios podemos associar as charges nº 19 e 20 (cf. anexo), sobre o terremoto na Itália e o atentado em Barcelona respectivamente, à possibilidade de tocar o afeto do público de modo a fazê-lo sentir essa dor ou esse sofrimento. Vale dizer que a proposição de Charaudeau ao estabelecer quatro grandes tópicos possibilita que a partir delas pode-se abrir um mundo patêmico diverso. No caso das tragédias supracitadas, pode-se sentir compaixão, indignação, tristeza, raiva, constrangimento, humilhação.

Outra tópica de Charaudeau que pode fazer parte desse universo de patemias relacionadas às tragédias aludidas nas charges nº 19 e 20 (cf. anexo) é a *angústia*. Ela se aplica as duas charges pelo fato de representar, segundo Charaudeau, “um estado de espera desencadeada por um actante-objeto-desconhecido”, mas que representa um perigo em potencial para ele. Afinal nada mais angustiante que experienciar a iminência de uma tragédia ou de um atentado. Essa sensação de perigo constante advém das representações sociais cuja negatividade está ligada a um saber de crença do falante que já experimentou, pelo menos a distância, a ameaça de acontecimentos ruins (os jornais estão cheios de notícias desse tipo). Essa tópica (a angústia) claramente aciona patemias como o receio, o medo, o pavor e a tristeza. A respeito do medo, Aristóteles (2003) nos ensina que se trata de um sentimento de grande desgosto ou preocupação de um mal iminente, algo com capacidade de causar danos ou de arruinar algo ou alguém.

A *repulsa* também pode se fazer presente diante da recepção das charges e do jornal como um todo. Levando-se em consideração o contexto sociodiscursivo no qual circula o Charlie Hebdo, percebemos que seus críticos podem desenvolver um sentimento de *repulsa* diante das investidas do jornal ao atacar vários segmentos da sociedade. A repulsa, segundo Charaudeau (2010) é ativada por um sujeito que se volta a um actante do qual ele tem uma imagem negativa, reduzindo-a ao mal. Essa percepção da imagem negativa orienta o locutor a desaprovar ou rejeitar violentamente essa imagem, porém ele não possui o poder de destruí-la. O conceito de imaginários sociodiscursivos aqui está bem presente uma vez que é a partir deles que vão ser acionadas as representações sociais, basilares para a interpretação e avaliação dos conceitos que compõem os enunciados do jornal, propiciando a repulsa devido a não identificação ou reconhecimento de grupos ideológicos opostos às ideias estampadas nas capas do jornal. A tópica da repulsa pode desencadear patemias diversas como a *cólera* e o *ódio*.

Na verdade, todas as tópicas, além de abrirem possibilidades em torno do surgimento das emoções, estão inevitavelmente associadas aos imaginários

sociodiscursivos dos atores da cena comunicativa que compõe as charges e sua instância de interação. Os imaginários vão evocar as representações sociais que compõem o universo de um grupo de pessoas que, por sua vez, partilham os mesmos valores sobre diversos assuntos. Essas comunidades discursivas ficam, intuitivamente, sensíveis à observação e avaliadas as atitudes responsivas dos participantes da cena de comunicação, inclusive incumbindo-se de aplicar sanções caso as emoções sejam refutadas e as representações que as sobredeterminam sejam vilipendiadas.

Passemos agora à análise das emoções nas charges, segundo as categorias elencadas por Plantin (2010). Lembramos também que no plano das designações da emoção a partir das quais Plantin propõe três categorias, a primeira já foi analisada anteriormente, junto com o critério de “palavras que, de antemão, sugerem um alto grau de patemização” proposto por Charaudeau. Portanto, vamos apontar a recorrência das emoções na segunda e terceira designação: b) designação indireta (reconstrução sobre a base de índices linguísticos e c) designação indireta (reconstrução sobre a base de lugares comuns situacionais e atitudinais).

A designação (b) Plantin subdivide em duas: *termos de cores e verbos que selecionam uma emoção*. Como exemplo do primeiro caso temos a charge nº 02 (cf. anexo) que, sem a contextualização, fica difícil deduzirmos o motivo do enrubescimento do personagem, em primeiro plano, diante do acontecimento (pessoas caindo como chuva, em segundo plano). A fim de facilitar a visualização desse caso específico, reproduzimos a charge em questão abaixo:



O assunto em pauta da charge é a onda de suicídios de funcionários da empresa de telecomunicações francesa, a *France Télécom*, que ocorreu entre os anos de 2008 e 2009. A crítica baseia-se no fato de o presidente da empresa não ter tomado providências sólidas a fim de impedir os incidentes. Por isso, há enunciados de teor irônico acima do guarda-chuvas em negrito: “O presidente [da empresa] toma medidas⁷⁰”. O fato é que a medida tomada pelo presidente seria unicamente usar um guarda-chuvas para se proteger dos vestígios de sangue dos suicidas que estariam se atirando de cima do prédio da empresa. O enrubescimento do personagem em primeiro plano, ao que parece, refere-se à sua vergonha ocasionada pela falta de providências, já que ele, como pessoa mais propícia para tomar uma atitude plausível, prontificou-se a apenas abrir um guarda-chuvas em prol de interesse próprio.

Destacamos que essa categoria proposta por Plantin (2010) retoma em parte os preceitos de análise da seção 1 deste capítulo em que tratamos da dimensão imagética das charges. Neste ponto, retomamos o foco de análise de valor simbólico das cores para a possibilidade de reconstrução sobre a base de índices linguísticos, ou seja, como possível motivação para o surgimento de patemias no plano linguístico. Em sentido amplo, as cores nas charges de Charlie Hebdo direcionam a argumentação em prol de

⁷⁰ No original: “Le PDG prend une mesure”

discursos que se estabelecem sobre bases simbólicas, representando instituições ou grupos sociais cujas marcas ideológicas são representadas por suas respectivas cores. A exemplo disso, citamos as charges nº 10, 12, 19 e 20 (cf. anexo).

A charge nº 10 (cf. anexo) direciona a sua crítica à homofobia. Nela, podemos observar um personagem com marcas de violência física que sofreu por conta desse preconceito. A ligação de empatia do personagem com o grupo de homossexuais se dá pela inferência relacional das cores de sua camisa com as cores da bandeira do movimento LGBT. Assim, o engajamento político e ideológico do personagem agredido é representado, na charge, pelo uso da camisa que representa a extensão das ideias de quem apoia, participa ou se identifica com o movimento.

Na charge nº 12 (cf. anexo), as cores têm a relevância de representação de um movimento político de direita que, por engajamento patriótico, associa seu logotipo às cores da bandeira francesa: O *Front National*. No entanto, esse logotipo foi utilizado ao lado de uma caricatura que representa a ministra da Justiça, Christiane Taubira, com corpo de macaco.

Essa relação do símbolo do *Front National* com a imagem da ministra, como já foi dito, faz referência à polêmica se instaurou a partir de uma declaração, considerada racista, dada por uma candidata do *Front National*, Anne Sophie Leclère, que postou em seu *Facebook* uma imagem comparando a ministra a um macaco. A partir disso, um veículo midiático, a “Minute”, revista também de extrema-direita apoiada pelo *Front National*, replicou a investida racista, estampando em sua capa no dia de 13 de novembro de 2013, trazendo a seguinte chamada “Maliciosa como um macaco, Taubira encontra a banana⁷¹”. Nesse sentido, as cores mais o logotipo estão inseridos numa investida argumentativa que associa o ato do racismo a todo um grupo político, desabonando sua atitude (já que o racismo é abominável para a sociedade na qual o veículo circulou).

Nas charges nº 19 e 20 (cf. anexo), a cor vermelha, especificamente, traz um tom *méchant* ao semanário, considerando, é claro, o imaginário social daquela sociedade (que condena o ato de zombar da desgraça alheia). Isso porque nas duas capas, o vermelho representa o sangue dos inocentes, ou seja, daqueles que, sem motivo algum, foram sacrificados por razões alheias a sua percepção. Na charge nº 19 (cf. anexo), sobre as vítimas do terremoto ocorrido na Itália, e na charge nº 20 (cf. anexo), sobre as

⁷¹ No original: “Maligne comme un singe, Taubira retrouve la banane”

vítimas do atentado em Barcelona, a cor vermelha estampa a gravidade dos ferimentos dos personagens colocando-os numa situação de exposição e tem como agravante oferecer isso aos olhos do leitor num contrato de discurso humorístico, o que reforça o tom de zombaria.

Sobre a designação de *verbos que selecionam uma emoção*, Plantin diz se basear nas metáforas emocionais desenvolvidas por Kövecses (1990). Esses verbos pressupõem o surgimento de um substantivo abstrato de sentimento. Plantin cita como exemplo o verbo *se consumir*, que remete a várias possibilidades de verbos de sentimento que combinem com o verbo anterior. Por exemplo, *consumir-se* de raiva, de paixão, de pesar, etc. Em nosso *corpus*, encontramos apenas uma ocorrência na charge nº 04 (cf. anexo) no seguinte enunciado: “100 chicotadas, se você não morrer de rir”⁷². O verbo que seleciona uma emoção é o *morrer*, pois a partir dele pode-se inferir: morrer de tristeza, de alegria, de raiva, de orgulho. Lembramos que na língua portuguesa essa expressão é bem corrente em sentido figurado. Diz-se em *morrer de rir*, *morrer de dó*, *morrer de tristeza*, *morrer de curiosidade* dentre inúmeras possibilidades. Isso porque o verbo *morrer*, apesar de ser intransitivo, pede, quase sempre, um adjunto adverbial de causa preposicionado para satisfazer uma espécie de lacuna semântica.

Nesse caso da designação indireta por verbos que selecionam uma emoção, gostaríamos de abrir uma possibilidade de expandir a ideia de presunção da emoção não só em decorrência dos verbos, mas algumas expressões são potencialmente desencadeadoras de emoção. Na charge nº 01 (cf. anexo), por exemplo, encontramos a seguinte expressão: “É duro ser amado por idiotas...”⁷³. Em nosso idioma e, ao que parece, também em francês a expressão “É duro...” predispõe um acarretamento de outro enunciado que na maioria das vezes vai nos remeter a um estado emocional. Frases do tipo: “É duro ser mulher em país machista”, “É duro ter que trabalhar tanto e não se ter quase nada”, “É duro conviver com certas pessoas” indicam explicitamente insatisfação, *angústia*, *indignação*. Estes efeitos podem ser obtidos a partir de expressões análogas como em: “Não é fácil ser mulher em país machista”, “Não é fácil ter que trabalhar tanto e não se ter quase nada”, “Não é fácil conviver com certas pessoas”. Existem, é claro, inúmeras expressões e possibilidades.

⁷² No original: “100 coups de fouet, si vous n’êtes pas morts de rire”

⁷³ No original: “C’est dur d’être aimé par des cons...”

Passemos a mais uma contribuição de Plantin para nossa análise através das *regras geradoras da emoção* baseadas Lausberg (1960) sob três critérios os quais Plantin (2010) desdobrou em cinco regras, a saber: a) regra da emoção encenada (R1: “Mostre-se emocionado!”); b) regra sobre a apresentação e a representação (R2: “Mostre objetos emocionantes!”), (R3: “Mostre imagens!” e (R4: “Mostre a emoção!”); c) regra sobre a mimese (R5), segundo a qual, na impossibilidade de mostrar as regras acima, o sujeito deve descrever suas sensações e até amplificar os dados emocionais tornando uma coisa grave, em mais grave, mais chocante. Em nosso *corpus* encontramos as seguintes ocorrências:

a) regra da emoção encenada (R1: “Mostre-se emocionado!”)

A essa regra, estão associados efeitos muito voláteis, desde a simulação da emoção pelo orador, o que incluiria a interação face a face, até índices linguísticos como figuras de exclamação, interjeições, interrogações que, de certo modo, atestam o estado emocional do falante. Se considerarmos os critérios mencionados, quase todas (senão todas) as charges têm essas características. Se associarmos ainda o semblante dos personagens das charges ao texto verbal, dificilmente não encontraremos emoção encenada. Deste modo, deduzimos que as expressões faciais e corporais dos personagens podem substituir, sem muitos prejuízos, a encenação mostrada na interação face a face. Devido a tais fatores, ou seja, seguindo a extensão de suas consequências, considera-se que todas as charges podem encenar a emoção através dessa regra, por isso falaremos somente daquelas que nos chamaram mais atenção.

Portanto, como princípio da regra de mostrar/encenar emoção, podemos nos remeter às charges de nº 01, 02, 03, 05, 08, 10, 11, 16, 17, 18 e 19. (cf. anexo). Ressaltamos que, embora as charges estejam exercendo um contrato de ficcionalidade, seus personagens estão inseridos num plano intradieético em que suas expressões faciais e corporais representam o mundo físico, real. Sendo assim, as expressões que denotam são exatamente aquelas que o chargista quis transmitir através do plano narrativo, como numa interação face a face. Por isso, mesmo diante dessas ressalvas, consideramo-las como emoções encenadas. Para fins didáticos, dividimos algumas charges sob emoções em comum.

A cólera e a indignação: a *indignação* é encenada/mostrada na charge nº 01 (cf. anexo) na qual é visível o semblante de decepção e revolta do personagem que

representa Maomé com seus “idiotas fundamentalistas”. Suas mãos tapando os dois olhos, somadas à expressão de frustração dão o tom emotivo da cena, emoções pelas quais passa o profeta ao descobrir que está sendo seguido/adorado por pessoas que não condizem com o seu modelo de conduta ideal. A *cólera* pode ser constatada na encenação das personagens da charge nº 16 (cf. anexo), na qual mães se apresentam revoltadas pelo corte do benefício financeiro dado pelo governo em decorrência da necessidade de sustentar seus filhos. A charge nº 03 (cf. anexo) mostra três cabeças que aparecem em sucessão, cada uma em substituição de uma letra “O” do enunciado “À merda todas as religiões”⁷⁴. A primeira é uma caricatura do Papa Bento XVI. A segunda cabeça é, presume-se, de um líder religioso muçulmano. A terceira é uma caricatura de um judeu com um *Peiot*. Todas essas cabeças estão com um semblante de cólera. A charge demonstra o teor anticlericalista de Charlie Hebdo que critica não só o islamismo, como muitos pensam, devido aos atentados envolvendo uma parcela extremista desse grupo religioso.

Embora a charge nº 01 (cf. anexo) já tenha sido citada logo acima como exemplo demonstrar *indignação*, a partir de dados imagéticos e textuais podemos elencar outras possibilidades de emoção encenada. Isso acontece porque a expressão do personagem e o contexto no qual a charge foi produzida nos dá abertura para um mundo patêmico diverso, que reúne e possibilita, em decorrência de sua temática, a aceitação de emoções que se encontram em fronteiras não muito claras, mas que têm o traço responsivo em comum. Em outras palavras, o profeta, personagem da charge, ao mesmo tempo que expressa aparentemente indignação, nada nos impede de afirmar que ele esteja encenando outras patemias tais como *cólera* e *vergonha* (em direção aos que o representam de maneira não satisfatória). A publicação da charge saiu em número especial do jornal aproximadamente cinco meses depois de o jornal dinamarquês Jyllands-Posten ter publicado charges com a imagem de Maomé. Setores mais conservadores do islamismo reagiram de forma negativa às charges de ambos os jornais.

A *vergonha* mostrada/encenada também está presente na charge nº 02 (cf. anexo) em que o presidente da France Télécom enrubece diante de sua atitude pífia (abrir um guarda-chuva sob a chuva de pessoas se suicidando) ao tentar contornar o problema da alta incidência de suicídios ocorridos na empresa onde trabalha. A vergonha, segundo Aristóteles (2003), é algo que nos desonra, nos causa tristeza ou

⁷⁴ No original: “Aux chiottes toutes les religions”

perturbação. Como exemplo das pessoas suscetíveis de sentir vergonha, o filósofo cita aquele que é covarde. Caso que se aplicaria ao presidente da *Télécom*. No caso da charge nº 01 (cf. anexo), a vergonha pode acontecer pela desonra que Maomé sentiria pelos fiéis que o representam.

Aristóteles (2003) não chega a falar exatamente da alegria e da felicidade. O amor como sentimento de amizade, cumplicidade e companheirismo aparece nesse contexto e é o mais próximo do que poderíamos associar à alegria e à felicidade. No entanto, há algumas charges que têm esse traço característico da alegria na emoção mostrada/encenada. Por este motivo, recorreremos novamente a Charaudeau (2010) que, como já foi dito antes, elencou quatro grandes tópicos da emoção e seus opostos. Dentre elas podemos citar a alegria. Segundo o autor, a alegria é o oposto da dor. Tem como característica a introspecção do actante-objeto, intransitividade reflexiva e enunciação elocutiva (o locutor diz: Estou feliz!). Nessa tópica, o sujeito desfruta de um bem-estar corporal e moral, uma espécie de essencialização eufórica. Como a alegria é tratada por Charaudeau como tópica, ela pode pressupor algumas figuras que levam a sentimentos diversos, a saber: o prazer, a satisfação, o contentamento, o orgulho. Essa tópica da *alegria* foi encontrada nas charges nº 08 e 18 (cf. anexo).

Na charge nº 08 (cf. anexo), o assunto é o casamento *gay*, sinalizado pela tarja preta com letras brancas disposta na diagonal no canto superior esquerdo com o enunciado: “*Mariage homo*”, ou seja, “Casamento homo”. Porém, a encenação da alegria aparece nas expressões faciais dos dois personagens em situação de cópula. Seus rostos demonstram alegria e prazer devido à execução do ato sexual que representam na imagem de capa. Trata-se da Santíssima Trindade representada pelo Pai, Filho e Espírito Santo. O anticlericalismo é moeda corrente em Charlie Hebdo. Na charge nº 18 (cf. anexo), há um personagem tomando champanhe num clima de euforia e comemoração (seu pé esquerdo tocando a ponta no chão e as pernas arqueadas mostram isso). Porém seu corpo encontra-se cheio de furos, insinuando que ele tenha sido alvejado por balas de arma de fogo. O champanhe vaza pelos buracos da bala caindo no chão e formando uma espuma, remetendo a um cenário comemorativo. A charge trata de modo irônico os atentados ocorridos em vários pontos da cidade de Paris, no dia 13 de novembro de 2015, sendo que o atentado de maior gravidade ocorreu na boate *Bataclan*, também em Paris. Na legenda podemos ler: “Eles têm as armas. Eles que se danem. Nós temos

champagne!”⁷⁵. A emoção encenada é construída nessa charge mais pelos elementos imagéticos que compõem a cena do que pelo enunciado.

O amor é tema da capa da charge nº 05 (cf. anexo). Além do enunciado explícito “O amor é mais forte que o ódio⁷⁶”, no plano imagético, há dois personagens masculinos se beijando calorosamente. Pelas características gráficas dos personagens, presumimos que se trata de um representantedo islamismo, (vestimenta branca com chapéu característico), provavelmente Maomé, e o outro representa um chargista do jornal (com um lápis preso à orelha, de óculos e com uma camisa preta escrito em letras brancas o nome do jornal). Em relação ao amor, Aristóteles (2003) o associa a uma série de comportamentos que não envolvem exatamente os critérios da relação afetiva entre um homem e uma mulher. Sua concepção é mais generalizada e se volta à demonstração de afetos pelos mais próximos, especialmente por amigos. Segundo o pensador, o amar é querer o bem para seus pares e não esperar nada em troca. A relação amistosa aparece forte propulsora do amor, pois o filósofo afirma que aqueles que nos amam, se regozijam por nossas conquistas e nossos bens. Assim, por outro lado, os que nos amam sofrem conosco em nossos momentos ruins. Diz, ainda, que amigos de verdade têm amigos e inimigos em comum. Enfim, para o pensador, o amor é algo que compartilhamos com nossos amigos e parentes mais próximos considerando as similaridades de suas personalidades e o desejo do bem-estar mútuo. Na charge em questão, amor se apresenta numa concepção um pouco diferente, considerado como a relação afetiva entre dois homens, embora todos os pressupostos de Aristóteles (2003) sobre o amor podem constituir o bojo de acepções do amor moderno. Em relação à regra da emoção encenada (R1), o amor aparece como pano de fundo da polêmica capa, tida como resposta/reação aos atentados desferidos aos muçulmanos em edições anteriores.

Uma das tópicas que Charaudeau (2010) propõe, a dor, refere-se ao estado emocional do locutor que, estimulado por um actante-objeto (pessoa ou situação), sente um mal-estar profundo. O sujeito coloca-se como vítima-ofendida por algo ou alguém. Os sentimentos de ofensa ou agressão são interiorizados de tal modo que ele essencializa-se em próprio ser que sofre. Esse processo de assimilação do que lhe ofende e o faz sofrer passa, inevitavelmente, pela mobilização de uma rede de crenças que coloca o sujeito em posição de vítima moral. Deste modo, a dor pode mobilizar

⁷⁵ No original: “Ils ont les armes. On les emmerde. On a le champagne!”

⁷⁶ No original: “L’amour plus forte que la haine”

patemias como a tristeza, a vergonha, o constrangimento, a humilhação, o orgulho ferido. As charges nº 17 e 19 (cf. anexo) encenam uma situação em que a dor e o sofrimento são exibidos de forma emblemática através de suas imagens.

Na charge nº 17 (cf. anexo), um personagem representando a figura de Maomé segura um cartaz onde se lê: “Je suis Charlie”, ou seja, “Eu sou Charlie”. O enunciado apelativo fez parte de uma campanha em prol da defesa de liberdade de imprensa e também foi uma resposta ao maior atentado ocorrido contra a sede do jornal em 07 de janeiro de 2015. Uma semana depois, no dia 14 de janeiro de 2015, o jornal Charlie Hebdo publicou essa charge onde além do enunciado “Eu sou Charlie” há a seguinte frase: “Tudo está perdoado”⁷⁷. Os dois enunciados estão interligados pelo personagem que encena a tristeza. Seu semblante é visivelmente triste, sua boca arqueada para baixo e uma lágrima lhe escorre do olho esquerdo. Considerando-se os elementos da cena: os dois enunciados e a imagem do personagem tristonho, mais o contexto da situação de comunicação (apelo à liberdade de imprensa e apelo ao perdão por via religiosa), temos a emoção encenada (R1). Apesar de nem Aristóteles (2003), nem Charaudeau falarem sobre a tristeza, a tópica da dor nos dá acesso a ela.

A *tristeza* é encenada também na charge nº 19 (cf. anexo) a partir dos semblantes de vítimas de um terremoto. O incidente ocorreu na Itália e foi representado em charge interna de Charlie Hebdo, ocasionando muitas críticas negativas ao jornal. Na charge, podemos ver um homem e uma mulher ensanguentados e com semblantes de tristeza, olhando uma pilha de escombros com pessoas mortas e cheias de sangue entre suas “fatias” fazendo alusão a uma lasanha com molho de tomate, típico prato italiano. É importante dizer que o caráter patêmico da dor e da tristeza nessas duas charges já é pressuposto pelos fatos que lhe antecede (duas tragédias envolvendo vítimas fatais).

Aristóteles (2003), ao falar do *temor*, coloca em relevância o sentimento de um mal iminente, algo com capacidade de causar danos físicos ou psicológicos à pessoa temente. Na charge nº 11 (cf. anexo), podemos observar a encenação do temor através do personagem (aparentemente um muçulmano) que demonstra expressões de medo e horror em sua face. Isso porque está sendo alvejado por balas de arma de fogo. Sua única defesa é o livro sagrado Alcorão, o qual segura para tentar parar as balas, sem

⁷⁷ No original: “Tout est pardonné”

sucesso. Daí a legenda: “O Alcorão é uma merda/Ele não para balas⁷⁸”. Passemos agora ao item b), ou seja, às regras de apresentação e representação.

b) regra sobre a apresentação e a representação (R2: “Mostre objetos emocionantes!”), (R3: “Mostre imagens!”) e (R4: “Mostre a emoção!”)

Como no item (a), essa regra se apresenta abundante em nosso *corpus*, pois se trata de apresentar ou representar a emoção através de objetos, indícios concretos ou sinais que denotem patemia. Ela também se assemelha à regra anterior por outros fatores. A “regra da emoção encenada (R1: “Mostre-se emocionado!”) consiste em mostrar o sujeito que sentia ou simulava a emoção para angariar apoio através da empatia. Isso envolvia seu semblante, seus trejeitos e elementos ao seu redor que compunham a encenação (como a lágrima no rosto de Maomé na charge nº 17 para encenar a tristeza). Na regra (b), que fala sobre a apresentação e representação dos objetos, há a possibilidade em se considerar elementos que já foram apontados pela regra anterior (as balas de arma de fogo da charge nº 11, por exemplo). A diferença é que nesta regra (a regra B), o foco é sobre as coisas, objetos, indícios e sinais que evoquem patemia, os quais estão associados ao sujeito patemizante, mas não são exatamente o sujeito. Dessa forma, abordamos em nosso *corpus* os elementos que apresentam e representam patemias e que, de certo modo, nos acrescentam alguma novidade em relação à regra anterior. Detectamos apresentação e representação emotiva nas seguintes charges: nº 02, 06, 10, 11, 14, 17, 19 e 20 (cf. anexo).

Na charge nº 02 (cf. anexo), podemos ver, ao fundo, duas pessoas se jogando de um edifício em ato de suicídio. Eles representam funcionários da *France Télécom*, empresa de telecomunicações da França que contou com grande incidência de suicídios entre seus funcionários nos anos de 2008 e 2009. Além desses indícios, vemos também uma mancha de sangue no chão e no guarda-chuva do presidente da empresa, acusado de negligência por não tomar nenhuma atitude concreta (somente abrir um guarda-chuva para se proteger da queda dos suicidas⁷⁹).

Na charge nº 06 (cf. anexo), o objeto a representar patemia é uma cadeira de rodas na qual está sentado um mulçumano, sendo empurrado por um judeu ortodoxo. A

⁷⁸ No original: “Le Coran c’est de la merde”, “Ça n’arrête pas les balles”.

⁷⁹ Há aqui uma metáfora que merece destaque: proteger-se dos suicidas com o guarda-chuva pode significar proteger também sua própria imagem (reputação) diante dos fatos.

publicação aconteceu dois dias antes de uma data sagrada do islã. A cena ainda faz alusão ao filme “Os intocáveis 2”, de grande sucesso na França. A cadeira de rodas pode causar comoção, compaixão por aquele que está impossibilitado de se locomover (temporária ou permanentemente).

Na charge nº 10 (cf. anexo), o personagem aparece ferido, ensanguentado, aparentemente espancado por atitudes homofóbicas (por isso o título “Homophobie” ou Homofobia). Nesse contexto a regra 02 se realiza por mostrar a chaga do ferido, convoca-se então um efeito de compaixão por aqueles que são vítimas de atos violentos por sua orientação sexual. A compaixão é direcionada ao grupo LGBT uma vez que a camisa que o personagem usa tem as cores da bandeira desse grupo.

Na charge nº 11 (cf. anexo), cinco balas de arma de fogo atravessam o livro sagrado do islamismo, o Alcorão, atingindo um representante dessa religião. Há também duas gotas de sangue espirrando do personagem para aludir ao ato sanguinário. As balas, o sangue e o livro são elementos que reforçam o caráter representacional da religiosidade e, ao mesmo tempo, da violência, esta última incitando o medo em torno de eventos relacionados aos atentados de grupos islâmicos extremistas contra o jornal. Fatos que precedem, é claro, a criação da charge dando-lhe uma orientação temática pré-definida dentro do leque de assuntos que o jornal pode tratar.

Na charge nº 14 (cf. anexo), a violência é representada por um radical islâmico encapuzado mandando a vítima calar a boca, por acreditar que esta é infiel (perante ao islamismo). O radical está com uma faca (objeto representativo da violência nesse caso) prestes a decapitar o outro personagem que se intitula como Maomé e retruca: “Eu sou o profeta, seu idiota!”⁸⁰A partir dos objetos que compõem a cena: o homem encapuzado e a faca, podemos associá-los ao temor (de alguém que está prestes a morrer), ao ódio (por parte do personagem radical), à indignação.

Na charge nº 17 (cf. anexo), já vimos que a emoção encenada (mostrada) baseia-se na expressão de tristeza do profeta que segura a placa dizendo “Eu sou Charlie”, na tentativa de angariar empatia. Nesse caso específico, a charge enquadra-se na regra 4 (que está na subdivisão do segundo critério de Lausberg), “Mostre a emoção!”, como caso particular da representação dessa regra: “mostre as lágrimas da mãe da garotinha estuprada e assassinada, a alegria dos vencedores, a decepção dos vencidos...” (cf. PLANTIN, 2010, p. 66). A lágrima no olho esquerdo do profeta confirma essa hipótese.

⁸⁰ No original: “Je suis le prophète, abruti!”

Nas charges nº 19 e 20 (cf. anexo) a apresentação e representação das emoções estão bem marcadas por vários fatores. Primeiramente porque foram fatos que ficaram mundialmente conhecidos: o atentado em Barcelona e o terremoto na Itália. Isso já predispõe o surgimento de patemias ao se abordar tais assuntos em qualquer situação. Em segundo lugar, as representações não ficam restritas a objetos, mas estão diluídas por toda a cena desde a imagem das vítimas ensanguentadas até os elementos a sua volta.

No caso da charge nº 19 (cf. anexo), os escombros sob os quais podemos ver várias vítimas esmagadas já pressupõem uma orientação emotiva já que podem tocar o afeto do público por empatia às vítimas ou a seus familiares. As expressões faciais de sofrimento e tristeza dos dois personagens em primeiro plano reforçam o caráter de horror e dor. Seus corpos cheios de sangue e queimados simbolizam a dor física sofrida pelos sobreviventes, o que desencadeia a dor psicológica por tamanha tragédia. Enfim, corpos, sangue, queimaduras e pessoas esmagadas compõem o caso de apresentação e representação das emoções.

No caso da charge nº 20 (cf. anexo), o que desencadeia as emoções de acordo com a regra em questão são os dois corpos atropelados e ensanguentados no chão. Aparentemente são duas crianças, o que amplifica o teor patêmico. Outro elemento patemizante é a própria *van* que, neste episódio trágico, ficou emblematicamente associada a emoções que denotem dor e sofrimento, já que o atentado foi executado pelo atropelamento de várias pessoas com esse veículo. Passemos a detecção das emoções no item c) a partir do qual Plantin desenvolve a regra 05.

c) regra sobre a mimese (R5), segundo a qual, na impossibilidade de mostrar as regras acima, o sujeito deve descrever suas sensações e até amplificar os dados emocionais tornando uma coisa grave, em mais grave, mais chocante.

Essa regra é descrita por Plantin como meios cognitivo-linguísticos para se descrever objetos e eventos emocionantes de modo a amplificá-los para o interlocutor. E, ainda, caso necessário, o autor nos orienta a fazer “parecerem pavorosas coisas que não seriam espontaneamente percebidas como tais pelo interlocutor”, Plantin (2010, p. 66). No entanto, em nosso *corpus*, percebemos que essa amplificação acontece em alguns casos em que imagem e texto se fundem a fim de atingir o exagero, a

amplificação daquilo que não se pôde mostrar. É sob essa perspectiva que analisamos as charges nº 02, 03 e 10 (cf. anexo) em que foi detectada a regra da mimese.

Na charge nº 02 (cf. anexo), o suicídio está sendo tratado de forma banal. Dois homens caem do céu (provavelmente se atiraram do edifício da empresa onde trabalham) como se fosse chuva. Um deles segura um bilhete escrito “Adieu”, ou seja, “Adeus”. Em contrapartida, enquanto isso, o presidente da empresa envolvida abre um guarda-chuva para conter as quedas dos suicidas. Concretiza-se, assim, uma atitude amplificada passível de suscitar emoção. Um ato tão simples, banal, como abrir um guarda-chuva, foi a atitude tomada (*prend une mesure*) pelo presidente para conter a onda de suicídios na empresa. Houve um efeito inverso das prioridades no tratamento dos temas. O suicídio foi amenizado, tratado como chuva, e o ato de abrir um guarda-chuva foi o melhor que o presidente pôde fazer para tratar o assunto.

Na charge nº 03 (cf. anexo), há uma alusão e uma ofensa direcionada a diferentes religiões. O enunciado que acompanha a charge diz: “À merda todas as religiões⁸¹”. A amplificação da emoção se dá pelo fato de o nome dos livros sagrados que regem essas religiões estarem escritos em rolos de papel higiênico, aludindo serem elas uma merda. Nesse caso, objetos sagrados estão metaforicamente sendo tratados como lixo, assim passa-se do sagrado ao profano numa tentativa de invalidar tudo o que está naqueles livros e, por extensão, seus fiéis e representantes.

Na charge nº 10 (cf. anexo), há uma menção à homofobia escrito acima do personagem e logo abaixo sua figura com sinais de violência: um olho roxo, a boca e o outro olho sangrando. A sua volta há três balões com os seguintes dizeres: “idéés de Boutin, idéés de Copé, idéés de Frigide Barjot”, ou seja, “ideias de Boutin, ideias de Copé e ideias de Frigide Barjot”. Esses são os nomes de três personalidades políticas na França consideradas de extrema direita e homofóbicas. Assim, suas ideias estariam ferindo o personagem que, pelo uso da camisa com as cores da bandeira LGBT e a legenda “Homofobia”, pertence ao grupo de homossexuais. A amplificação da emoção se dá a partir de três figuras de linguagem: a gradação, a metáfora e a metonímia. A gradação quando vemos que a violência sai do âmbito verbal para o físico (o que geralmente acontece numa discussão em que um homofóbico aborda de forma coercitiva um homossexual). Assim, o que está apenas no plano das palavras migra para o corporal.

⁸¹ No original: “Aux chiottes toutes les religions”

A segunda figura, a metáfora, está implicitamente ligada ao fato de as ideias, ao mesmo tempo em que representam apenas ideias, servem como mote para a violência, seja ela verbal ou física. Assim, “ideias” nesse contexto não se restringem ao plano abstrato, mas, metaforicamente, às agressões físicas. Por último, pelo fato de as ideias estarem sendo atribuídas a personalidades francesas que declaradamente lutam contra os direitos LGBT’s, elas tornam-se parte ou extensão dessas personalidades, ou seja, representam-nas. A amplificação de emoções como o medo, a indignação, a frustração, a tristeza (causada pela dor física e moral) encontram espaço nessa charge.

Finalizamos aqui nossa análise sobre as emoções visadas em Charlie Hebdo e passamos, a partir de agora, a analisar o jogo de imagens que compõe o jornal (seus *ethé*) e na seção seguinte, analisamos a presença do teor argumentativo ocasionado pelo *logos*. Salientamos, no entanto, que nada impede que falemos das emoções nas outras seções, uma vez que, como já foi dito na introdução, *pathos*, *logos* e *ethos* estão numa relação de consubstancialidade, ou seja, são inseparáveis. Além disso, nossa incursão sobre o *pathos* permeia todo o trabalho direta ou indiretamente, pois o escolhemos como objeto de pesquisa nesta tese.

Outro ponto a ser mencionado é que as emoções, embora estejam suscetíveis a teorizações e categorizações, sua manipulação é complexa e movediça. Há pontos indissociáveis que nos levam a considerar as emoções entrelaçadas de modo que sua instrumentalização individual não passe de mero exercício didático. Elas se (con)fundem, possuem, às vezes, fronteiras não muito definidas, tudo isso em proveito de sua múltipla presença em várias situações de comunicação.

3.MANIFESTAÇÕES ETHÓTICAS DE CHARLIE HEBDO

Antes de passarmos para a análise das imagens dos interlocutores das charges do Charlie Hebdo, é importante esclarecer que a construção destas imagens são o resultado da interpretação do material verbal e não verbal que compõem as charges. Sua materialidade verbal está ancorada no suporte jornalístico, portanto elas desenvolvem sua *mise en scène* linguística obedecendo às restrições deste tipo de contrato. Assim, os limites físicos do jornal (ainda que na modalidade eletrônica) delineiam a quantidade de informação a ser divulgada dentro daquele espaço, sem margens para textos prolixos, desenhando assim uma orientação para a apresentação da imagem de Charlie Hebdo.

Deste modo, a concepção de *ethos* aqui adotada relaciona-se com a noção de discurso diretamente, pois acreditamos que, na perspectiva linguística e, em especial, para a Análise do Discurso, o *ethos* é construído a partir de índices discursivos que dão orientação ao processo de percepção da imagem de si mesmo (para a apresentação ao outro) e percepção da imagem do outro, além da ideia que se faz sobre o que o outro vai pensar (portanto criar uma imagem) sobre nós. Sobre esse aspecto, Amossy (2018) nos diz:

É no texto que ela [a imagem] se deixa plenamente apreender: a representação que o locutor tem de seu público não pode ser percebida fora do discurso no qual se inscreve. É somente quando se materializa na troca verbal que ela toma consistência e pode ser relacionada a dados ou a imagens exteriores preexistentes, (AMOSSY, 2018, p. 57)

Como podemos perceber pela citação, as imagens se confirmam, se concretizam no texto, entretanto essa confirmação ou refutação *pode ser relacionada a dados ou imagens exteriores preexistentes*, ou seja, antes do texto há pistas que vão orientando a imagem que construiremos do sujeito antes mesmo de ele enunciar. Assim, não se pode desvincular as imagens que os chargistas projetam sobre seu público, nem seus desdobramentos, ficando elas (as imagens) condicionadas àquilo que está subscrito nas charges e em todo seu entorno (pré) discursivo e histórico.

Isso nos mostra que podemos afirmar que a construção do *ethos*, embora complexa, advém de vários fatores que se desenrolam antes, durante e depois do momento da enunciação. Não há como negar a construção do *ethos* desde sua anterioridade à enunciação até a ratificação ou retificação pós-enunciativa. Portanto, as imagens que os interlocutores de Charlie Hebdo fazem do jornal começam a se delinear pelo *ethos* pré-discursivo (ou *ethos* prévio). A encenação discursiva das charges confirma ou rejeita aquilo que foi construído antes mesmo do jornal chegar às bancas. O *ethos* é dinâmico, interacional, ele compõe um jogo de imagens que se espelham e se alternam o tempo todo, no liame da enunciação.

3.1.OS SUJEITOS DAS CHARGES

Como vimos em Charaudeau (2008), a acepção do *ethos* no discurso passa inevitavelmente pela dinâmica de assunção e reconhecimento dos sujeitos do ato de comunicação. Tendo essa dinâmica em mente, entendemos que a relação das charges com seus enunciados não pode ficar restrita a uma concepção unívoca de sujeitos enunciantes. O sujeito não deve simplesmente ser tachado como apenas coletivo ou particular. A fim de desenvolvermos uma concepção mais satisfatória, submetemos a classificação dos sujeitos à teoria de Charaudeau (2008a), apontando o lugar dos sujeitos envolvidos no plano interlocutivo das charges.

A noção de sujeito em qualquer tipo de análise linguístico-discursiva é muito importante uma vez que é em torno dele que se erigem os elementos da cena comunicativa. Isso porque a atividade linguística, vista como um fenômeno complexo, congrega vários estratos cujas características discursivas e éticas ressoam na figura de quem produz e de quem interpreta o ato comunicativo.

Para desenvolver essa dinâmica de interação dos sujeitos, Charaudeau (2008a) afirma que há dois planos complementares que podem representar o ato languageiro: o plano externo, correspondente ao ser social; e o plano interno, correspondente ao ser linguístico. No plano situacional, encontramos o EU comunicante (EUc). Em nosso *corpus*, esse sujeito corresponde ao chargista que, de acordo com os pressupostos de Charaudeau (2006a) podemos chamar também de humorista⁸².

O orador deve assim, ter em relação ao seu interlocutor uma posição que, ao mesmo tempo, legitime sua enunciação humorística e justifique, e até explique, o jogo linguístico ao qual se dedica sobre tal tema, apontando para tal alvo. Às vezes, é o lugar que ocupa na situação de comunicação que o legitima: nas caricaturas, o desenhista é por definição um humorista, (CHARAUDEAU, 2006a, p. 22 - tradução nossa)

O EUc vai ter como correspondente o TU interpretante (TUi), que pode ser qualquer pessoa que tenha acesso ao jornal, inclusive o público visado pelos chargistas. EUc e TUi devem se reconhecer como portadores de uma competência linguística comum e de uma posição social que lhes dê compatibilidade de correspondência (simétrica ou assimétrica) no ato. A compatibilidade entre eles está ancorada em seus papéis sociais. O chargista encontra-se inscrito num contrato que oferece um *ethos*

⁸² No original: “Le locuteur doit donc avoir vis-à-vis de son interlocuteur une position qui à la fois legitime son énonciation humoristique et justifie, voire explique, le jeu langagier auquel il se livre à propos de tel thème, en visant telle cible. Parfois, c’est la place qu’il occupe dans la situation de communication qui le légitime: dans les caricatures, le dessinateur est par définition un humoriste [...]”

prévio de crítico e humorista ao mesmo tempo. Do outro lado, o público ocupa seu lugar de interlocutor em potencial, consumidor da informação midiática, revestido do pressuposto de não terem a informação que o discurso midiático lhe oferece, a partir dos jornais.

Entretanto, para que haja comunicação efetiva entre esses dois parceiros da troca, é necessária a interação entre os sujeitos protagonistas do ato linguístico propriamente dito, ou seja, o EU enunciador (EUE), que é uma projeção do EUC, e o TU destinatário (TUD), idealizado também pelo EUC para tentar aproximar ao máximo o TUD do TUI, suas intenções em direção ao interlocutor. A projeção do EUC, o EUE, pode corresponder ao sujeito fictício da narrativa, o conhecido sujeito intradieético, conforme Genette (1995). Esse tipo de narrador conta a história e participa dela ao mesmo tempo. É o que acontece no discurso das charges analisadas. Os personagens (caricaturas) são os narradores ou, nos termos da Semiologia, os enunciadores do discurso das charges, eles correspondem ao EUE.

Então, nesse tipo ato comunicativo, o EUC (o chargista) manifesta sua fala na figura do EUE (os personagens caricatos das charges ou sujeitos intradieéticos). Para tanto, levam em consideração as características cognitivas e sociais do TUI (o público em geral). Como resultado desses pressupostos enunciativos, o EUE (erigido pelo EUC) aciona também um TUD (público idealizado pelos chargista), compatível com ele para interagir dentro do circuito interno de comunicação. Assim, o TUD avalia suas informações para transformá-las em dados que levem em conta os dois planos (o linguístico e o situacional). Se as informações forem aceitas como legítimas pelo TUD significa que o TUI foi conivente e permitiu persuadir-se pelo EUC. Ao passo que, se o TUI refutar a veracidade ou legitimidade das informações, seja por marcas no plano linguístico ou marcas no plano situacional (não-reconhecimento do *status* social do EUC, por exemplo), o TUD será levado a não ser conivente com seu parceiro (o EUE), e o projeto de fala do EUC não terá o efeito desejado.

Para resumir essa lógica, Charaudeau (2008a, p. 52) propõe um quadro de interação, largamente difundido nos meios acadêmicos que trabalham com essas noções de sujeito e que ilustra a dinâmica de comunicação dos participantes envolvidos no ato linguístico. Eis a reprodução desse quadro:



QUADRO 3 – O ATO DE LINGUAGEM E SEUS SUJEITOS (CHARAudeau, 2008a, p. 52)

Há ainda que se considerar algumas dificuldades em relação a atribuição das imagens *ethóticas* e enunciados aos seus respectivos sujeitos do gênero charge. Se considerarmos o chargista e sua posição profissional que, normalmente, tem alinhadas suas ideologias ao posicionamento político do jornal, percebemos que sua identidade se funde às dos demais colegas de trabalho (outros chargistas) que, por sua vez, se dobram à identidade jornalística (institucional) de Charlie Hebdo em prol de uma homogeneidade discursiva, aquilo que vai nos dizer qual é a “cara” do jornal. Esse *ethos* específico do jornal não corresponde exatamente ao *ethos* que construiríamos do jornalista, caso o conhecêssemos em particular. Por este motivo, podemos classificar o *ethos* de Charlie Hebdo como coletivo, representativo de um sujeito compósito.

Assim, o sujeito enunciador possui dupla origem: o chargista em sua individualidade, com seu jeito específico de criar charges e de enunciar e, por outro lado, a voz que fala pelo jornal, a voz representacional que através de suas especificidades, propicia a construção de um *ethos* que nos ajuda a identificar o jornal como Charlie Hebdo e não outro. Essa pluralidade enunciativa do produtor do ato comunicativo não é incomum. Em comunicações direcionadas ao público, geralmente o sujeito se encontra diluído na figura de mais de um enunciador, principalmente em casos de corporações em que a autoria dos discursos não encontra fonte ou endereçamento únicos, já que em sua produção o discurso pode representar a (s) voz (es) daquele grupo e buscar seu correspondente no público, cujo denominador comum é difícil de se atingir. Acerca disso, Charaudeau (1996) faz a seguinte ponderação:

[...] muitos intercâmbios languageiros se fazem sem que os parceiros conheçam a identidade social de um ou de outro (conversação de bar, encontros de rua); de outro lado, muitos intercâmbios repousam sobre os jogos comunicativos que neutralizam o estatuto social do parceiro e operam com características psicológicas (o humor, o caráter etc.). *Algumas vezes a identidade social desaparece completamente em proveito de um papel abstrato, por exemplo, a comunicação publicitária, de um lado uma instância complexa do ponto de vista econômico, que se configura em papel de anunciante e, de outro, alvos diferentes configurados em papel de consumidor potencial.* (CHARAUDEAU, 1996, p. 19 - grifos nossos).

Embora o exemplo da citação acima se refira ao discurso publicitário, percebemos que isso também acontece no discurso chágico. Assim, pode-se afirmar que os sujeitos de ambos os lados são compósitos. A instância produtora é representada por um time de chargistas e endereçada a um público muito heterogêneo, embora, na instância de produção, os criadores das charges obedeçam a certa homogeneidade discursiva ao se manter características linguísticas impostas tanto pelo gênero e pelo suporte jornalístico, quanto pela construção das características *ethóticas* típicas do semanário. Mesmo reconhecendo essa dinâmica bipartida, consideramos, para fins de análise, o sujeito em sua coletividade, já que analisamos as charges suportadas no jornal e não na individualidade de cada um de seus chargistas. Assim, quando usarmos o termo chargista, estamos falando de uma voz que se enuncia unívoca, mas que recobre e representa o jornal como um todo. Na próxima seção, discutimos como essa voz, juntamente com outros elementos, se mostra ao público, como ela compõe o *ethos* dito.

3.2.O ETHOS DITO

Antes de falarmos sobre o *ethos* dito de Charlie Hebdo, é bom lembrar que, assim como Maingueneau (2015) e Auchlin (2001) alertam, o *ethos*, por vezes, tem um interesse mais prático e menos teórico. Essa imprecisão deve-se ao fato de que a noção de *ethos*, nas palavras de Maingueneau (2015) é “muito intuitiva”. O autor aponta imprecisões dessa noção desde sua tradução do latim (*mores*), que, segundo ele, não tem um valor unívoco, até mesmo na própria Retórica de Aristóteles (2003) onde o *ethos* “não tem um sentido estável”. Portanto, seu conceito pode ter “um sentido pouco especificado que se presta [porém] a múltiplos investimentos” (MAINGUENEAU, 2015, p. 15).

Outro ponto a ser notado é que, embora estejamos sujeitos às imposições de um gênero textual com características temáticas bem definidas, lembramos que a descrição do *ethos* de Charlie Hebdo passa também, através de suas charges e do contato e conhecimento que temos sobre o jornal, por nossa percepção como leitor.

Além disso, há mais uma observação a ser feita sobre Charlie Hebdo. Embora haja, em sua composição, ao longo de suas páginas, outras reportagens, além daquelas anunciadas na capa, a construção do seu *ethos* vai partir desse ponto do jornal. Entretanto, tivemos acesso, lemos e observamos que o teor *bête et méchant*, apresentado inclusive no site do semanário, se estende e se dilui por toda sua extensão, salvo as poucas matérias em colunas específicas que tratam alguns assuntos de maneira séria, mesmo assim com uma pitada humor. Portanto, para fins de delimitação teórica, o *ethos* do jornal é percebido por nós, apesar de estar sujeito a nuances diversas, como uma imagem forte e constante em sua história editorial, e que obedece a sua homogeneidade, como um todo. Essa faceta do *ethos* com a qual trabalhamos torna-o, talvez, menos incisivo, porém mais operacional.

O *ethos* dito está relacionado à imagem que criamos do locutor (o EUE) a partir de suas afirmações, seus enunciados. Ele diz, “Sou isso, não aquilo!”. Isso não significa, obviamente, que o *ethos* que ele apresenta vá coincidir com o *ethos* percebido pelo público. O *ethos* dito é apenas uma tentativa de se apresentar de determinada maneira para o seu interlocutor a fim de que ele acredite em sua proposição. Por isso, o *ethos* dito pode funcionar como uma estratégia inicial de persuasão. Mas não basta dizer, tem que manter o que é dito. Então o *ethos* dito vai se estabilizar ou não à medida que a imagem do locutor for se desenrolando no plano discursivo, ratificando ou retificando sua imagem posteriormente.

Por diversas vezes, o jornal Charlie Hebdo, como um todo, tem autoanunciado um *ethos bête et méchant*, não só em decorrência da mudança de nome do jornal na década de 1960 para *Journal bête et méchant*, mas ao longo de suas publicações em que o humor não obedece a limites, ao ponto de “brincarem” até com acontecimentos catastróficos, não respeitando, segundo as representações sociais construídas, a dor dos parentes que tiveram entes queridos mortos em tragédias, como no caso do terremoto na Itália e do atentado em Barcelona, fatos que foram retratados de maneira banal em duas edições correspondentes às charges nº 19 e 20 (cf. anexo), já aludidas anteriormente.

Outra faceta do *ethos* dito de Charlie Hebdo está relacionada a sua leviandade a respeito do teor de suas reportagens. O jornal assumiu esse *ethos* a partir da edição

1058, de 26/09/2012, estampando em sua capa, em tarja vermelha, ser um *jurnal irresponsable* (jornal irresponsável), charge nº 06 (cf. anexo). Ao se autoproclamar *irresponsable*, o jornal certamente choca o seu público, pois a característica de seriedade e responsabilidade deve ser preservada e posta em prática nos meios midiáticos que atendem a visada do *fazer-saber*, ou seja, que se sustentam da difusão da informação.

Em mais uma investida do *ethos* dito, no *site*⁸³ oficial do jornal, ao clicarmos no ícone “CHARLIE” encontramos autodefinições que remetem ao *ethos* que o próprio jornal constrói. Esses enunciados estão escritos em inglês e francês. Frases como “Charlie Hebdo é um soco na boca⁸⁴” ou então “Charlie Hebdo é um jornal irado, é um jornal que ri⁸⁵.”, ou ainda, “Para ser feliz, Charlie Hebdo desenha, escreve, entrevista, reflete e gosta de tudo o que é ridículo na terra, tudo o que é grotesco na vida⁸⁶.” refletem bem fielmente as atividades editoriais que o jornal desempenha. Vale enfatizar, como dissemos anteriormente, que esse é o *ethos* que Charlie Hebdo descreve para si, não sabemos, a partir desse tipo de amostra, se o público pensa dessa maneira sobre o jornal. Vejamos na próxima subseção em que medida o *ethos* anunciado pelo jornal se confirma pelo discurso enunciado nas charges.

3.3.O ETHOS MOSTRADO

O jogo de espelhamentos que reflete a dinâmica do *ethos* nos traz algumas questões que serão discutidas nesta subseção. Essas questões estão relacionadas ao fato de como os chargistas constroem o *ethos* que querem mostrar ao público. A construção de um *ethos* a ser mostrado passa, é claro, por dados (pré) discursivos que os chargistas têm do público, pois isso vai definir algumas variantes na criação das charges tais como os temas, os alvos das críticas, o tipo de locução, etc. Outro fator do *ethos* mostrado que discutimos nesse instante trata da maneira que os locutores das charges se enunciam.

⁸³ Todos os enunciados abaixo foram coletados do site oficial do jornal através do endereço: <https://charliehebdo.fr/charlie/>. Acessado em 30 jun. 2018.

⁸⁴ No original: “Charlie Hebdo c’est un coup de poing dans la gueule.”

⁸⁵ No original: “Charlie Hebdo c’est un journal en colère, c’est un journal qui rit.”

⁸⁶ No original: “Pour être heureux, Charlie Hebdo dessine, écrit, interviewe, réfléchit et s’amuse de tout ce qui est risible sur terre, de tout ce qui est grotesque dans la vie.”

Por isso, subdividimos esta seção a fim de elucidar os modos enunciativos, de acordo com Charaudeau (2008), pelos quais os personagens das charges falam, quais sejam, o modo *elocutivo*, o modo *alocutivo* e o modo *delocutivo*.

Se levarmos em conta a problematização das representações sociais, podemos afirmar que a construção do tipo de auditório (no caso, os leitores de Charlie Hebdo) é oriunda tanto de traços prévios quanto da construção interlocutiva entre os chargistas e o público. Este efeito é o resultado de um jogo de espelhamentos através do qual, para se construir o discurso presente nas charges, seus enunciadores se valem primeiramente da imagem prévia do público que querem alcançar, pois este procedimento já subjaz ao planejamento do ato comunicativo. Suas representações, seus valores de crença, seus ideais compõem o palco do qual os enunciadores de Charlie Hebdo vão falar. As respostas à imagem construída previamente e materializada nas charges vão retroalimentar novas ideias, novas construções mentais, novos estereótipos os quais vão servir de ingredientes para manter ou refutar a imagem construída anteriormente. Assim, vão sendo depositados traços identitários nas representações já prenunciadas, as quais vão retornando ao público como num efeito cíclico.

Em outras palavras, as representações de (A), chargistas de Charlie Hebdo, serão construídas a partir dos conhecimentos do alocutário (B), seus saberes prévios, seu nível linguístico, seus valores. Assim, os chargistas já devem prever se seu leitor está a par dos últimos acontecimentos aos quais faz referência e de suas posições ideológicas a respeito destes fatos para assim elaborar seu projeto de fala. A partir das reações do público, ao optar seguir pela linha *bête et méchant*, o projeto de fala dos enunciadores das charges pode se manter no mesmo tom, variando suas nuances, ou pode mudar. O público é o termômetro para as próximas investidas. Passemos então à análise dos modos enunciativos pelos quais os personagens das charges se posicionam discursivamente.

3.4.O MODO DELOCUTIVO

O modo delocutivo é recorrente nos meios de informação porque denota imparcialidade do enunciador. Através dele, mostra-se uma suposta isenção perante aos fatos do mundo. Geralmente, no plano formal, utiliza-se a terceira pessoa do singular ou primeira do plural para indicar que o sujeito enunciador não toma partido da notícia

divulgada (há também o uso de frases no infinitivo, frases nominais, estruturas com a partícula SE, que pode funcionar como partícula apassivadora ou índice de indeterminação do sujeito). Segundo Charaudeau (2008a, p. 179), “a enunciação delocutiva é expressa com a ajuda de frases que apagam todo traço dos interlocutores, para se apresentar sob forma impessoal”. É a linguagem dos jornais, dos gêneros acadêmicos, da ciência, enfim, é a suposta linguagem neutra. Em nosso *corpus* foi o modo encontrado com maior ocorrência. Talvez porque Charlie Hebdo, embora não possa ser considerado um jornal “normal”, ainda retém resquícios da linguagem jornalística que, por via de regra, é delocutiva. É importante lembrar que em algumas charges, encontramos, além do modo predominante, outros modos combinados. Por este motivo, o modo elocutivo só vai aparecer na subseção do modo delocutivo, ou seja, combinado com ele. O modo elocutivo não aparece em nenhuma das charges sozinho, dispensando, portanto, uma subseção só para este caso. As charges de nº 01, 02, 03, 05, 07, 08, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20 (cf. anexo) mantêm esse traço enunciativo impessoal, na totalidade ou em parte. Para fins didáticos, vamos reunir as charges em dois grupos. O primeiro combina enunciação delocutiva com os demais modos. O segundo possui apenas enunciação delocutiva. No primeiro grupo, então, detectamos as charges nº 01, 03, 08, 10, 14, 15, 16, 17, 18 (cf. anexo).

Na charge nº 01 (cf. anexo), há dois enunciados: “Maomé arrasado por fundamentalistas⁸⁷” e “É duro ser amado por idiotas...”⁸⁸. O primeiro está no modo delocutivo, pois se trata de uma fala não atribuída a um locutor específico. Trata-se de uma constatação cuja responsabilidade não corresponde aos interlocutores. Dessa forma, a afirmação toma ares de uma terceira voz, a voz da verdade, isenta de partidarismo. A atribuição de “arrasado”, ou seja, chocado, frustrado, confirma-se apenas pela imagem de um personagem que representa Maomé com um semblante chateado, indignado.

O segundo enunciado é associado ao personagem Maomé que afirma ser “duro ser amado por idiotas”. O modo elocutivo realiza-se de maneira mais ou menos neutra, pois, apesar de sabermos que o profeta fala de si, ele modaliza sua fala usando o infinitivo “ser amado”, que é característico da delocução. Assim, ele não direciona sua

⁸⁷ No original: “Mahomet débordé par les intégristes.”

⁸⁸ No original: “C’est dur d’être aimé par des cons...”

avaliação para um ser específico, mas para todos aqueles que ele considera fundamentalistas.

A modalidade elocutiva ajuda a construir um *ethos* de convicção que tem pontos em comum com o *ethos* de virtude. O profeta, convicto dos preceitos que regem a religião da qual é representante, assume não se admitir ser fundamentalista e partidário do islamismo ao mesmo tempo. A modalidade delocutiva, desta forma, qualifica o estado de frustração do profeta em detrimento da adesão dos fundamentalistas à sua religião, reforçando o *ethos* deconvicção e tornando verdade o que ele diz.

Na charge nº 03 (cf. anexo), mais uma vez a combinação dos modos enunciativos auxiliam na construção de um *ethos* específico. O enunciado delocutivo “Depois do escândalo do Cristo no xixi de Avignon ...”⁸⁹ introduz o segundo enunciado no modo alocutivo, “À merda todas as religiões⁹⁰” remetendo a uma crítica sobre um episódio ocorrido na cidade de Avignon, na França. Um museu de arte contemporânea exibiu a cópia de uma foto tirada em 1987 pelo artista Andres Serrano onde podia se ver um pequeno crucifixo de plástico imerso na urina do artista. Isso causou revolta entre os cristãos mais fervorosos, que vandalizaram a foto.

Deste modo, os dois enunciados, remetendo a essa narrativa, evocam um *ethos* crítico e anticlerical, o qual Charlie Hebdo já apresentou e continua apresentando em suas charges. O primeiro enunciado, no modo delocutivo, apresenta um plano narrativo imparcial, indicando relação temporal (após), episódica (o escândalo) e local (em Avignon) sobre o ocorrido. Porém essa introdução nos orienta ao modo alocutivo em que a crítica é direcionada ao público envolvido mandando-os ir “à merda”, reforçando o traço antirreligioso do jornal.

Esse *ethos* contrário à religião também é mostrado na charge nº 08 (cf. anexo), onde podemos ver três figuras santas para o cristianismo, uma disposta atrás da outra em ato copulativo. Acima dessa imagem temos o seguinte enunciado delocutivo: “MgrVingt-Trois a trois papas”. “Mgr Vingt-Trois faz referência ao Senhor André Vingt-Trois (André vinte e três) arcebispo emérito da arquidiocese de Paris. A segunda parte do enunciado “trois papas” faz referência aos “três pais”, ou melhor, às três figuras que representam a Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo). O “a”, que intermedia as duas partes do enunciado, em português, é o verbo “ter” na terceira pessoa

⁸⁹ No original: “Après le scandale du Christ dans le pipi d’Avignon...”

⁹⁰ No original: “Aux chiottes toutes les religions.”

do singular do presente do indicativo no francês. Assim, associa-se a imagem do arcebispo como filho das três figuras santas, concebido do ato homossexual. Por isso a tarja preta na diagonal com o enunciado “Mariage homo” (ou casamento homo) escrito em letras brancas.

Próximo às três figuras há três balões de falas dizendo “Le père, le fils, le saint esprit”, ou seja, o “Pai, Filho e Espírito Santo”, cada figura religiosa num balão individual e nessa ordem. Esses enunciados aparentemente estão atendendo uma dupla função que corresponderia a dois modos enunciativos: o elocutivo e o delocutivo. O primeiro modo se justifica porque a designação sagrada de cada entidade está inserida em balão de diálogo para cada personagem, ou seja, cada uma falando de si, num tom de apresentação. O segundo modo se justifica pelo mesmo motivo, é como se os balões apresentassem as entidades. Por fim, nessa charge, Charlie Hebdo mais uma vez assume um *ethos* subversivo que ataca um dos estratos religiosos da sociedade.

O efeito enunciativo combinatório dos modos também está presente na charge nº 10 (cf. anexo). Os enunciados que compõem essa charge, aparentemente, estão atendendo a uma dupla função, como na charge nº 08 (cf. anexo): o elocutivo e o delocutivo. O primeiro modo se justifica pelo mesmo motivo da charge anterior. Os três balões de diálogo estão apontando para o personagem. Em cada um deles podemos ler, respectivamente: “ideias de Boutin, ideias de Copé e ideias de Frigide Barjot”⁹¹. Então, presume-se que sejam falas do personagem em primeira pessoa do singular, configurando o modo elocutivo. Porém os enunciados estão fazendo referência (atribuindo posse) a pessoas do ambiente extratextual, dando um tom de modo delocutivo, isto é, apresentam-se ideias das personalidades em terceira pessoa nos balões.

Na charge de nº 14 (cf. anexo), a presença dos modos enunciativos se dá de forma semelhante à da charge nº 03 (cf. anexo). Uma frase introdutória de uma narração, “Se Maomé voltasse...⁹²”, a qual se desenvolve num único quadro da charge de capa. Nela podemos observar um líder extremista do Islã prestes a degolar um suposto infiel. Acontece que a vítima se autodeclara o próprio Maomé. A este último relaciona-se o seguinte enunciado elocutivo no balão: “Eu sou o profeta, idiota!”⁹³ ao

⁹¹ No original: “idées Boutin, idées de Copé, idées de Frigide Barjot”. O contexto dessa charge já foi explorado na seção anterior, então para evitar redundância, vamos analisar apenas os modos enunciativos.

⁹² No original: “Si Mahomet revenait...”

⁹³ No original: “Je suis le profete, abruti!”

passo que o extremista responde, no modo alocutivo: “Cala a boca, infiel!⁹⁴”. Mais uma vez, o jornal se posiciona a respeito de dogmas religiosos: a representação de Maomé (que é proibida, segundo as leis do Alcorão) e o extremismo de grupos que se intitulam seguidores de Maomé.

Na charge nº 15 (cf. anexo), o foco sai da religião e vai para as salas de aula numa crítica ao ensino da teoria de gênero. No quadro negro, onde se lê: “teoria de gênero⁹⁵” e na fala do personagem professor, que diz “Método global ou silabilau?”⁹⁶ encontramos o modo alocutivo. A primeira frase, no quadro, cumpre a função de informar o assunto da aula. Embora o enunciado, aparentemente, não se refira a um locutor específico, o fato de o professor estar à frente da sala pressupõe que ele tenha escrito a frase no quadro, ou seja, uma típica forma que os professores têm de apresentar o tema da aula direcionando o enunciado aos alunos. A segunda frase, inserida no balão, como fala do professor, exerce função também do modo alocutivo, uma vez que ele direciona a pergunta ao seu público, os alunos.

Na tarja vermelha, a palavra “PERIGO” é oriunda de um enunciador implícito que contesta a relevância do assunto da aula. Portanto, entende-se que essa enunciação esteja no modo delocutivo, com a intenção de se apagar a autoria do enunciado, mas ao mesmo tempo marcar uma opinião contrária ao que vai ser ensinado.

O modo alocutivo tem a função de interpelar o alocutário a participar do mundo *ethótico* do locutor, opondo-se ou juntando-se a ele. Na charge em questão, a pergunta que o professor faz para o público, seus alunos, os convida a tomar uma decisão de escolha dentre os métodos de ensino de alfabetização desenvolvidos numa sala de aula. O fato é que o convite destoa do público que, pela imagem, podemos perceber que se trata de crianças.

Essa discrepância acontece por dois motivos: primeiro porque não é uma pergunta geralmente cabível ao público para o qual vai se lecionar, menos ainda se for um público infantil, pois a ele não cabe o poder de decisão sobre qual o melhor método de ensino, saber presumidamente atribuído à competência profissional docente. Segundo porque o teor da pergunta não condiz com a faixa etária dos alunos. “globalane” e “syllabite” remetem a trocadilhos de teor sexual, pois se referem, no

⁹⁴ No original: “Ta gueule, infidèle!”

⁹⁵ No original: “théorie du genre”

⁹⁶ No original: “Méthode globale ou syllabite?”

contexto sexual, a “anal”, tradução de “anale”, e a “bilau” tradução de “bite”, palavra que se refere ao órgão sexual masculino. O trocadilho alude a dois diferentes métodos de alfabetização: o método “global” (que poderíamos entender como método da linguagem total, em português) e o método “syllabique” (que consiste na alfabetização através do manuseio de elementos fônicos).

Os elementos que compõem a charge em questão, junto aos modos enunciativos presentes nela anunciam um *ethos* contestador e afrontoso diante da proposta de ensino que, para um grupo mais conservador, não condiz com as necessidades estudantis do público francês. Há também um teor irônico e debochado, característica bem presente na apresentação ética do jornal.

Desta forma, deduzimos que, na verdade, o enunciado alocutivo, embora esteja sendo direcionado para os alunos, não passa de manobra discursiva para causar um efeito específico no público de Charlie Hebdo. Ou seja, a pergunta é direcionada aos alunos somente no plano narrativo, tratar-se-ia de um alvo fictício, apenas para cumprir os pré-requisitos de uma interação face a face que, na verdade, é direcionada à experimentação e avaliação do público do jornal.

Na charge nº 16 (cf. anexo), o modo delocutivo está presente em sua parte superior em forma de frase, a saber: “As escravas sexuais de Boko Haram em cólera⁹⁷”. O enunciado restringe-se a anunciar o que se passa com as “escravas sexuais” sem ser atribuído a alguém, como numa manchete de jornal comum. Mais abaixo, encontramos no balão de diálogo, interligando as quatro personagens e formando um grito em uníssono, o seguinte enunciado: “Não mexam nos nossos benefícios!⁹⁸”. Aqui o modo alocutivo está presente pelo fato de as personagens dirigirem seu apelo a um interlocutor. Embora não esteja claro qual é o alvo do apelo, há presunção de que se trata do governo francês, que cortou um benefício familiar oferecido às mulheres, vítimas de abuso sexual em seu país de origem (Nigéria) do qual saíram para viver a condição de refugiadas aceitas na França. Aqui o *ethos* construído relaciona-se a uma voz forte de esquerda política que exige o direito de usufruir de benefícios até então conquistados. Trata-se, portanto, de um *ethos* de cidadão consciente que apela à justiça social.

⁹⁷ No original: “Les esclaves sexuelles de Boko Haram en colère”

⁹⁸ No original: “Touchez pas à nos allocs”

Na charge nº 18 (cf. anexo), encontramos também esse apelo à justiça em dois enunciados que se dispõem nos modos delocutivo e elocutivo. O primeiro está subscrito na frase “Tudo é perdoado⁹⁹”, uma mensagem de esperança, sem locutor aparente. O segundo modo encontra-se no enunciado: “Eu sou Charlie¹⁰⁰” em adesão à campanha espontânea que se instaurou em prol da defesa da liberdade de imprensa após o maior atentado ocorrido contra a sede do jornal em 07 de janeiro de 2015. Esses dois enunciados se completam e se fundem num só *ethos*, que traduz o apelo do jornal ao perdão e à tolerância em busca de liberdade de imprensa. Assim, constrói-se um *ethos* de superação do ódio que motivou o atentado à sede do jornal por parte de extremistas do Islã. A figura de Maomé, segurando a placa que demonstra adesão ao clamor de parte do povo, reafirma o caráter estreito de Charlie Hebdo em direção ao questionamento de dogmas religiosos. Passemos ao segundo grupo de charges em que encontramos apenas enunciação delocutiva, a saber: charges nº 02, 05, 07, 11, 12, 19 e 20 (cf. anexo).

Na charge nº 02 (cf. anexo), a enunciação delocutiva ocorre por meio dos enunciados: “Suicidos na *France Télécom*” e “O presidente [da empresa] toma medidas”¹⁰¹. O *ethos* nesse caso é construído em torno do escândalo envolvendo a empresa de telecomunicações *France Télécom* na qual houve grande ocorrência de suicídios entre 2008 e 2009. A voz que se enuncia mostra um *ethos* afiado à crítica de descaso do presidente cuja única atitude para conter os suicídios foi abrir um guarda-chuva para se proteger. A imagem que temos é de um jornal preocupado não só com questões sociais, políticas e religiosas, mas também preocupado em denunciar algumas atitudes levianas por parte do empresariado. Tem-se então um *ethos* crítico e denunciante, que clama por punição aos indiferentes.

A charge nº 05 (cf. anexo) é uma resposta ao atentado contra a sede do jornal em 2011. Nela podemos ver dois homens se beijando: um chargista com uma camisa escrito o nome do jornal e um personagem que, presumidamente, é Maomé. A legenda acima dos personagens diz: “O amor é mais forte que o ódio”¹⁰². A partir dos fatos ocorridos antes da publicação e da resposta do jornal ao atentado, podemos inferir um *ethos* contestador, corajoso e desafiador. Seu teor contestatório vem acompanhado do

⁹⁹ No original: “Tout est pardonné”

¹⁰⁰ No original: “Je suis Charlie”

¹⁰¹ No original: “Suicides à France Télécom” e “Le PDG prend une mesure”

¹⁰² No original: “L’amour plus fort que la haine”

enunciado delocutivo sobe o qual admite-se uma verdade universal: que o amor vence tudo, inclusive seu oposto, o ódio. Seu caráter legitimador é atestado por uma voz sem dono ou nas palavras de Charaudeau (2008, p. 178), o modo delocutivo faz emergir “uma voz terceira, voz da verdade”.

A charge nº 07 (cf. anexo) recorre a uma série de procedimentos que remonta a invenção do humor, segundo a visão do chargista. Através da função metalinguística e do apelo à memória discursiva da comunidade que interage com Charlie Hebdo, a capa em questão suporta um enunciado delocutivo para explicar didaticamente que o humor surge na mais pura intenção de causar polêmica. Vejamos por quê. Na capa aparece um personagem com afeições de homem pré-histórico (isso alude ao fato de estarem falando de algo muito antigo, no caso o humor). Esse homem segura em uma das mãos uma tocha com fogo na ponta (*feu*) e na outra um recipiente com óleo (*huile*). Acima de sua imagem podemos ler “A invenção do humor”¹⁰³. O fato é que o fogo e o óleo remetem à memória discursiva dos interlocutores conhecedores da cultura francesa aludindo a um provérbio francês “Jeter de l’huile sur le feu”, ou seja, “Tacar óleo no fogo”, que em nosso idioma tem um correspondente proverbial “Tacar lenha na fogueira”. Trazendo esse enunciado da linguagem conotativa para a denotativa, seria o mesmo que agravar uma situação que já está crítica. Quase no topo da página, abaixo do nome do jornal, em tarja vermelha com letras brancas, lê-se: “Jornal irresponsável”¹⁰⁴.

Do outro lado da imagem, numa página quase toda em branco, há os seguintes enunciados: “Fim do riso”¹⁰⁵ e no meio da página podemos ler em letras brancas grandes, numa tarja vermelha na diagonal: “Jornal responsável”¹⁰⁶. O que ocorre é que através de procedimentos didáticos: a figura pré-histórica segurando a tocha e o óleo, somada à alusão ao provérbio, mais o aviso de jornal irresponsável, que, por sua vez, contrapõe-se a uma página quase em branco onde se lê “fim do riso” e “jornal responsável” temos um *ethos* que reivindica o direito de fazer humor nos moldes da irresponsabilidade. Na verdade, esse atributo soa como uma manobra para o apelo à liberdade de imprensa, pois, se levarmos em conta seu teor irônico (ninguém se intitula irresponsável porque isso não é virtude!), perceberemos que a irresponsabilidade pode ser substituída, no plano semântico, pela liberdade de se dizer o que quiser sem se

¹⁰³ No original: “L’invention de l’humor”

¹⁰⁴ No original: “Journal irresponsable”

¹⁰⁵ No original: “Fini de rire”

¹⁰⁶ No original: “Journal responsable”

incomodar com o julgamento de terceiros. Assim, essa capa apresenta uma imagem de um jornal que, independente de avaliações alheias, continuará fazendo humor livremente, pois a liberdade o respaldará. Trata-se de um *ethos* reivindicador por humor e liberdade.

A próxima charge, nº 11 (cf. anexo), nos mostra a figura de um muçumano sendo alvejado por balas de arma de fogo que, para tentar contê-las, mesmo que sem sucesso, segura o Alcorão. Os anunciados encontram-se no modo delocutivo e dizem o seguinte: “O Corão é uma merda¹⁰⁷” e, seguidas da etiqueta amarela, “Ele não para as balas¹⁰⁸” Há ainda sobre uma etiqueta rosa na parte superior à esquerda escrito com letras pretas o seguinte enunciado: “Assassinatos [ou matança] no Egito¹⁰⁹”. Mais uma vez, Charlie Hebdo direciona suas críticas a figuras religiosas e seus símbolos, fazendo referência aos fatos que envolvem religião e política. Desta vez a criação da charge teve como motivação a matança no Egito, em decorrência da perseguição aos muçulmanos que ali viviam e sofreram as ações coercitivas oriundas de um golpe de estado liderado pelo general el-Sisi contra o presidente Morsi, em 2013.

O *ethos* que se impõe primeiramente é de um enunciador destemido e crítico à eficácia da religião para resolver problemas de ordem política. Os enunciados delocutivos descrevem de forma agressiva e irônica (com exceção do escrito na tarja rosa) como a religião (representada metonimicamente pelo Alcorão) e seus símbolos são inúteis perante aos conflitos pelo mundo, confirmando mais uma vez o *ethos* anticlerical de Charlie Hebdo.

O enunciado delocutivo da charge nº 12 (cf. anexo) “Reunião azul racista¹¹⁰” nos induz a perceber, em Charlie Hebdo, um *ethos* engajado politicamente com questões que atingem as minorias ou aquelas parcelas da sociedade que estão sob estigmatização. Ou seja, trata-se da imagem de um jornal preocupado com questões sociais como o racismo e outras que já foram aludidas nesta seção. O episódio já foi detalhado na seção 1 deste capítulo. Relembremos apenas que o enunciado delocutivo “Reunião azul racista” faz referência a um slogan de Marine Le Pen, “Rassemblement Bleu Marine” (Reunião Azul-marinha), líder do *Front National*, movimento de extrema direita na França que, dentre outras acusações, carrega a fama de racista.

¹⁰⁷ No original: “Le Coran c’est de la merde”

¹⁰⁸ No original: “Ça n’arrête pas les balles”

¹⁰⁹ No original: “Tuerie en Égypte”

¹¹⁰ No original: “Resseblement bleu raciste”

As charges nº 19 e 20 (cf. anexo) são responsáveis por induzir o público interlocutor a atribuir valores negativos ao jornal, criando um *ethos* antiprofissional, de total desrespeito a fatos relacionados a tragédias. Isso porque nas duas charges os personagens representam as vítimas de tais acontecimentos. Na charge 19 (cf. anexo), alude-se ao terremoto que atingiu a região central da Itália, no dia 24 de agosto de 2016, abalando com mais intensidade a cidade de Amatrice, que teve o maior número de vítimas fatais. Os enunciados são os seguintes: “Terremoto à italiana”¹¹¹ como título, e acima de cada personagem os nomes dos pratos típicos da Itália: “Penne ao molho de tomate”¹¹², “Penne gratinado”¹¹³ e acima dos escombros onde aparecem as pernas das vítimas esmagadas sob várias camadas, “Lasanhas”¹¹⁴.

A charge nº 20 (cf. anexo) alude ao atentado terrorista que aconteceu em Barcelona, Espanha, no dia 17 de agosto de 2017, com 13 vítimas fatais. Na cena chágica, há duas crianças mortas por atropelamento jogadas no chão sobre poças de sangue. Ao fundo vê-se uma van fugindo em alta velocidade (o carro suspenso denota o movimento acelerado). O enunciado é o seguinte: “Islã, religião de paz...eterna!”¹¹⁵

É importante observar que, embora ambas as charges apresentem enunciação no modo delocutivo, ou seja, aquele que teoricamente marca isenção e não atribuição da fala a algum sujeito específico, os chargistas e o jornal foram bastante criticados pela mídia e pela imprensa mundial. Tal fato se explica porque as representações sociais que regem às reações negativas do público são universais. Assim, expor as vítimas, ainda que de forma lúdica, dentro de um contrato específico (charge no caso), não isenta o jornal de sofrer sanções segundo as regras sociais vigentes. Isso porque, segundo as representações sociais das comunidades discursivas nas quais estão inseridos os chargistas e as pessoas envolvidas, não se deve tratar com humor temas relacionados à morte, à perda de entes queridos, a traumas pessoais. Finalizadas as ocorrências com o modo enunciativo delocutivo e suas combinações, passemos as charges que apresentam o modo enunciativo alocutivo.

¹¹¹ No original: “Séisme à l’italienne”

¹¹² No original: “Penne sauce tomate”

¹¹³ No original: “Penne gratinées”

¹¹⁴ No original: “Lasagnes”

¹¹⁵ No original: “Islam, religion de paix...éternelle!”

3.5.O MODO ALOCUTIVO

Na charge nº 04 (cf. anexo), o personagem Maomé usa o modo alocutivo para falar com o público diretamente. Em tom de irreverência, ele ameaça: “100 chicotadas, se você não morrer de rir¹¹⁶”. O enunciado faz referência à lei islâmica “Sharia” segundo a qual os que cometem delitos contrapondo-se aos dogmas do islamismo, devem sofrer punição. O enunciador da charge nos apresenta um *ethos* de brincalhão, porém, mais uma vez, Charlie Hebdo zomba com o que, segundo o imaginário social, não deve ser zombado: a religião. Isso faz com que além da imagem de brincalhão, o jornal nos apresente a imagem de um veículo que não tem limites, que não respeita qualquer situação, em prol dos efeitos de humor.

Na continuidade do efeito humorístico em torno da religião, na charge nº 06 (cf. anexo) o jornal nos apresenta a figura de um judeu ortodoxo empurrando uma cadeira de rodas sobre a qual está sentado um mulçumano com o seguinte enunciado: “Não zombe!”¹¹⁷. O título acima dos personagens “Intouchables 2” faz alusão ao filme francês “Os intocáveis 2” cujo enredo gira em torno de uma amizade improvável entre um aristocrata branco, culto e rico e um imigrante senegalês negro com uma série de problemas financeiros e pessoais. Assim, vemos surgir um *ethos* cômico, mas com um teor moral. O fato de parodiarem o filme que mostra a amizade entre uma dupla improvável nos faz refletir sobre as fronteiras étnicas e religiosas que separam os povos, no caso da charge, um judeu de um mulçumano. A cena é representativa, pois metonimicamente refere-se a esses dois grandes grupos que coexistem na sociedade francesa. Apesar de o título “Os intocáveis 2” remeter ao modo enunciativo delocutivo, resolvemos posicionar essa charge aqui, pois seu teor enunciativo se mostra primordialmente alocutivo.

Na charge nº 09 (cf. anexo), há uma voz que nos incita a agir sobre determinado assunto. O primeiro enunciado: “Protejam nossas crianças!”¹¹⁸ e logo abaixo, sobre uma tarja preta com letras brancas, “Não às manifestações de velhas sapatonas¹¹⁹” nos convida a tomar determinada atitude em relação a manifestações relacionadas à comunidade LGBT. O fato é que os enunciadores parecem constituir diferentes vozes.

¹¹⁶ No original: “100 coups de fouet, si vous n’êtes pas morts de rire”

¹¹⁷ No original: “Faut pas se moquer!”

¹¹⁸ No original: “Protégeons nos enfants!”

¹¹⁹ No original: “Non aux manifs de vieilles gouines”

De um lado, temos uma incitação típica da extrema-direita a partir um dos *slogans* do movimento conservador (Protejam nossas crianças!). Esse argumento também já foi utilizado no Brasil pela extrema-direita a fim de justificar atos contra a comunidade LGBT. A partir dele, presume-se que as práticas oriundas dos grupos LGBT's influenciam as crianças, por isso devemos protegê-las.

O segundo enunciado tem um tom diferente do primeiro. Nele há sarcasmo, pois inverte a prioridade das manifestações que antes eram direcionadas ao movimento LGBT e agora está sendo direcionado ao grupo das “velhas sapatonas”. As caricaturas na charge são das entusiastas do movimento conservador anti-casamento *gay*, Christine Boutin, política de centro-direita na França, e Frigide Barjot (trocadilho com Brigitte Bardot), nome artístico de uma humorista e ativista francesa. Assim, a voz que se levanta no enunciado contra as manifestações coloca as figuras caricaturizadas no centro da discussão sobre direitos LGBT's como vítimas do preconceito que alimentam na vida real. O *ethos* mostrado nessa charge subverte a linha de defesa dos direitos fundamentais (o casamento homossexual) de uma sociedade democrática ao inserir na cena das manifestações as ativistas que seriam contra esse tipo de manifestação. Trata-se de um *ethos* cidadão que apela à igualdade, mas o faz de maneira sarcástica e afrontosa.

A charge nº 13 (cf. anexo) foi publicada em 31 de dezembro de 2013, ou seja, data comemorativa à passagem do ano. Seguindo essa ambientação, os enunciados alocutivos “Feliz ano novo, aprecie sua *quenelle!*¹²⁰” fazem todo sentido. Entretanto, não se trata apenas de desejar “Feliz ano novo!” e “Bom apetite!” para comer a *quenelle*. A charge critica um comediante polêmico francês chamado Dieudonné M'bala M'bala que criou um gesto nomeado de *quenelle*, porém esse gesto lembra a saudação nazista de Hitler de modo invertido. M'bala é considerado por alguns franceses como antisemita. Assim, o nome do gesto é associado ao prato francês, uma espécie de bolinho, e usado na charge de modo jocoso. Por ter um formato fálico, a *quenelle* foi introduzida no traseiro da caricatura do comediante.

O *ethos* mostrado nesta charge nos remete ao tom humorístico, porém ofensivo com o qual Charlie Hebdo trata seus alvos. É claro que para atingir o objetivo de desmoralizar o comediante, a charge manipula um falso *ethos* ao desejar “feliz ano

¹²⁰ No original: “Bonne année, bonne quenelle!”

novo” e que se “aprecie a *quenelle*”. A data comemorativa serviu de pano de fundo para uma falsa saudação no modo alocutivo.

Terminada a análise sobre o *ethos* nas charges coletadas, passemos à próxima seção na qual vamos analisar o valor argumentativo do *logos*, ou seja, como a configuração linguística contribui para o movimento de persuasão das charges que, através do *pathos*, do *ethos* e do *logos*, tenta angariar adesão de seu público.

4.O LOGOS COMO RECURSO ARGUMENTATIVO EM CHARLIE HEBDO

Nesta seção fazemos a análise dos elementos que compõem os traços argumentativos no discurso das charges de Charlie Hebdo. Baseamo-nos, para tanto, na proposta de Amossy (2008) que trata das modalidades argumentativas do discurso. Não é nossa intenção retomar ou aplicar os conceitos da argumentação clássica de Aristóteles (2003) ou de outros autores que tratam da argumentação em outras áreas. Sendo assim, partimos do pressuposto de que a comunicação chárstica constitui-se de um espaço discursivo cujos índices linguísticos denotam modalidades e registros que remetem a manobras argumentativas específicas. Em nosso *corpus* foram encontradas em maior número as modalidades patética e polêmica, acompanhadas de seus respectivos registros ou não. Por isso vamos aglutiná-las no mesmo tópico. Além disso, encontramos também as modalidades didática e demonstrativa, inscritas sob o registro humorístico e polêmico. Passemos às análises das modalidades argumentativas.

4.1.AS MODALIDADES PATÉTICA E POLÊMICA E SEUS REGISTROS

Como já foi dito na subseção 2.6. do capítulo I, estas modalidades têm a ver com o fato de o locutor apresentar uma tese ou um ponto de vista de modo a “tocar” o auditório para obter sua adesão, no caso da modalidade patética, enquanto a segunda, a modalidade polêmica, visa à superação da posição adversária. O meio de tocar o auditório ou de jogar com seus imaginários a fim de polemizar vai ser conduzido pelo registro discursivo, através de “um tom e uma maneira de dizer”, Amossy (2008, p. 238). Posto assim, pode-se detectar as modalidades patética e polêmica através de nossa percepção sobre os índices linguísticos, os quais aparecem no material verbal

circunscrito nas charges de diversas formas, ou seja, sob variados registros. Isso nos lembra os índices patêmicos ou palavras que, de antemão, sugerem um alto grau de patemização proposto por Charaudeau (2010) ou, ainda, a designação *direta* proposta por Plantin (2010).

É claro que os índices linguísticos para a detecção das modalidades não são suficientes, pois há textos patéticos e/ou polêmicos que não possuem marcas em sua trama textual. Não nos esqueçamos, portanto, que a modalidade argumentativa e o registro discursivo são complementares, mas nem sempre correspondentes. Assim, a modalidade patética nem sempre convoca o registro patético e vice-versa. O mesmo vale para a modalidade polêmica e seu registro correspondente.

Antes de procedermos à análise, é pertinente uma observação. Considerando o contexto sociodiscursivo das charges, as características desse gênero e o *ethos* que antecede sua produção, entendemos que a modalidade polêmica atravessa toda a produção do jornal, pois a subversão já faz parte de sua linha discursiva. Isso lhe dá visibilidade, fama e, enfim, vendas. Por isso, a seleção de charges para o próximo tópico seguiu o critério de elencar aquelas que contêm a modalidade patética, já que a polêmica subjaz a dinâmica de interlocução do jornal e, por extensão, sua existência.

Em nosso *corpus*, detectamos a modalidade argumentativa patética nas seguintes charges: nº 01, 05, 16 e 17 (cf. anexo). Em todas elas notamos que sua estrutura discursiva global requer uma espécie de troca argumentativa, pois apela para uma tese cujo eixo motivador é emotivo e polêmico.

Na charge nº 01 (cf. anexo), percebe-se o apelo de Maomé ao lamentar ser amado por idiotas (*cons*). O enunciado que precede sua fala sinaliza para um estado emocional crítico em que o profeta estaria arrasado (*débordé*) por ser amado por tal grupo. Assim, sua orientação patética apela para uma lamentação e frustração profundas. Em sua estrutura, tanto verbal quanto não verbal, também podemos observar a modalidade polêmica, uma vez que o material que compõe a charge gira em torno da representação do profeta Maomé, algo inaceitável segundo a interpretação de alguns fundamentalistas, e do assunto religião através do registro discursivo de humor. Esse registro se comprova pela fala do profeta (algo também inimaginável de ser proferido por ele), pelo enunciado ao lado, chamando alguns fiéis de fundamentalistas, e pelo material não verbal, a figura jocosa de Maomé com as mãos no olho, dentes cerrados e aparência de decepção. Mas o registro não é apenas humorístico, há agressividade nas palavras “idiotas” e “fundamentalistas” que possuem tom pejorativo. Nas palavras de

Amossy (2008, p. 238), esses termos servem para marcar e “[...] nomear o tom e o estilo agressivos que caracterizam a tomada de turno”. O tom pejorativo do uso das palavras mencionadas marca, portanto, um registro duplo: o polêmico e o patético, este último aludindo à raiva, à indignação, à inconformidade, à frustração do profeta.

Na charge nº 05 (cf. anexo), a modalidade patética é ainda maior. Há um grande apelo à tomada de partido em defesa de uma causa que põe acima de todo obstáculo o amor. A legenda acima de dois personagens masculinos se beijando na boca diz: “O amor é mais forte que o ódio”¹²¹. As modalidades argumentativas patética e polêmica aqui estão presentes no plano escrito e no plano imagético dos personagens masculinos que se beijam calorosamente. Porém a polêmica se reforça já que um dos personagens é identificado como um chargista do jornal, o qual veste uma camisa preta escrito Charlie Hebdo em letras brancas e o outro é um mulçumano vestido a caráter. O registro patético se sobrepõe ao polêmico, ao colocar dois sentimentos antagônicos como mote do enunciado.

Na charge nº 16 (cf. anexo), as modalidades patética e polêmica se equilibram em torno da questão da perda de direitos por parte das mulheres refugiadas da Nigéria que vivem na França, as quais recebiam auxílio financeiro do governo francês. Todas juntas em tom de raiva gritam (as letras maiúsculas denotam grito, na diagramação das charges): “Não mexam nos nossos benefícios!”¹²². A legenda acima de suas falas diz: “As escravas sexuais de Boko Haram em cólera”¹²³. A orientação dos enunciados vai de encontro à polêmica de se conceder benefício ou não às mães que foram abusadas sexualmente em outro país e possui uma carga emotiva potencialmente grande, fazendo emergir a modalidade patética.

Os registros correspondem a suas modalidades atendendo tanto à argumentação patética quanto à polêmica. A primeira evidencia-se a partir de índice patêmico explícito; a palavra cólera, e implícitos; as expressões “escravas sexuais” e o imperativo negativo “não mexam” abrem um mundo patêmico de compaixão e cólera, respectivamente. Além disso, o teor patêmico é complementado pelas figuras das mães com semblante de raiva. A segunda evidencia-se pela aspereza e contextualização das mesmas palavras que estão associadas ao registro patético, pois ao mesmo tempo que

¹²¹ No original: “L’amour plus fort que la haine”

¹²² No original: “Touchez pas à nos allocs”

¹²³ No original: “Les esclaves sexuelles de Boko Haram en colère”

denotam cólera e compaixão pela exploração sexual, abrem possibilidade para a polemização dos assuntos tratados na charge no âmbito político e social.

Na charge nº 17 (cf. anexo), as modalidades patética e polêmica estão associadas, em especial, ao maior atentado ocorrido contra a sede do jornal em 07 de janeiro de 2015. A charge é uma resposta e um apelo à paz, evidenciado pelo enunciado: “Tudo é perdoado”¹²⁴ e na placa que a personagem segura “Eu sou Charlie”¹²⁵. Este último faz referência à campanha espontânea, que tomou conta da França e do mundo, em solidariedade às vítimas do atentado ao jornal. A orientação à modalidade argumentativa patética é evidente, pois o tom da charge é de pedido de paz e perdão diante da tragédia que antecedeu a sua publicação. A modalidade polêmica aparece em torno do fato de quem está pedindo essa trégua seja o profeta Maomé, líder supremo do Islã, religião da qual os executores do atentado dizem fazer parte. O registro é patético e aparece no enunciado “Tudo é perdoado”, evocando um pedido de compaixão, pena e solidariedade.

4.2. OUTRAS MODALIDADES ARGUMENTATIVAS E REGISTROS

Além das modalidades patética e polêmica e seus respectivos registros, detectamos a modalidade pedagógica na charge nº 15 (cf. anexo) e a pedagógica e demonstrativa na charge nº 07 (cf. anexo). Segundo Amossy (2008), a modalidade pedagógica compõe-se de uma instância superior que transmite um saber para o público, levando-o à reflexão através do discurso monogerado. E a modalidade demonstrativa, através de um discurso monogerado, apresenta uma tese para o auditório “[...] por meio da demonstração racional, do raciocínio articulado apoiado em provas” (AMOSSY, 2008, p. 233).

Na charge nº 07 (cf. anexo), as modalidades pedagógica, demonstrativa e polêmica estão combinadas e levam o público a refletir e a acreditar na forma que o humor foi inventado. Associando um provérbio francês “Tacar óleo no fogo”¹²⁶, que na adaptação para nosso idioma corresponderia ao provérbio “Tacar lenha na fogueira”, o

¹²⁴ No original: “Tout est pardonné”

¹²⁵ No original: “Je suis Charlie”

¹²⁶ No original: “Jeter de l’huile sur le feu”

locutor mostra como se deu o surgimento do humor. A partir da demonstração de provas (a tocha com fogo na ponta e o recipiente com óleo nas mãos do personagem com aspecto pré-histórico) e os dizeres dispostos didaticamente: “fogo”, “óleo” sob o título “A invenção do humor”¹²⁷ o locutor leva o auditório a associar uma coisa a outra de modo a acreditar na tese proposta didaticamente. A polêmica aparece transversalmente na apresentação da tese segundo a qual para se fazer humor, não se deve deixar levar pela seriedade e responsabilidade, projetando, assim, um teor de reivindicação pela liberdade de imprensa, pelo menos nos contratos comunicacionais que têm em seu bojo o discurso humorístico.

Além disso, o registro polêmico se dá a partir dos enunciados “Jornal irresponsável”¹²⁸ acima da frase “A invenção do humor” e, na outra página, quase em branco, podemos ler “Fim do riso”¹²⁹ e “jornal responsável”¹³⁰, levando-nos a crer que com responsabilidade não se faz humor, nem o jornal. O registro humorístico fica evidente a partir do exercício metalinguístico que a charge propõe: isentar o humor da responsabilidade e seriedade que geralmente o contrato jornalístico exige para se fazer humor, tudo isso num gênero discursivo que geralmente suscita o humor e num suporte jornalístico, o próprio Charlie Hebdo, que já tem uma tradição relacionada ao discurso humorístico.

Na charge nº 15 (cf. anexo), encontramos a modalidade pedagógica pelo discurso do personagem, no caso o professor, na sala de aula. Embora a cena de comunicação esteja inserida no contexto ficcional que rege a composição narrativa da charge, vemos se realizar a modalidade pedagógica na pergunta do professor: “Método global ou silabilau?”¹³¹ No entanto, o efeito pedagógico se perde em detrimento da modalidade polêmica implícita no enunciado, uma vez que a pergunta, aparentemente de cunho pedagógico, está direcionando o interlocutor à discussão sobre o ensino de teoria de gênero nas escolas francesas. O desvio dessa modalidade foi impulsionado pelo registro humorístico que consistiu em fazer referência de teor sexual ao discurso do professor pela troca dos termos “global” e “silábico” (métodos de alfabetização) por termos cuja sufixação aludem ao ânus “**globalanal**” e à genitália masculina “**silabilau**”.

¹²⁷ No original: “L’invention de l’humor”

¹²⁸ No original: “Journal irresponsable”

¹²⁹ No original: “Fini de rire”

¹³⁰ No original: “Journal responsable”

¹³¹ No original: “Méthode globale ou syllabite?”

A polêmica gira em torno da difícil aceitação por parte de grupos conservadores da sociedade ao ensino da teoria de gênero, assunto da aula informado no quadro. A placa onde se lê “perigo” acima do quadro negro configura o registro discursivo polêmico já que não se ensina algo perigoso a crianças. O registro humorístico também se realiza na caracterização do personagem-professor que possui barba e está vestido de coelhinho de forma extravagante com roupas curtas. O apelo humorístico, neste caso, se faz pela imagem do homossexual que se veste de mulher, mas é representado de forma jocosa nos meios de comunicação, fazendo parte, portanto, do imaginário sociodiscursivo humorístico daquela sociedade.

Finalizamos esta seção lembrando que outras modalidades e/ou registros podem ser detectados nas charges, dependendo da percepção e recorte teórico do analista. Nos detivemos nas modalidades patética, polêmica, demonstrativa e pedagógica porque acreditamos serem as mais flagrantes e emblemáticas nas charges que compõem nosso corpus. Além disso, relembremos que a modalidade polêmica e o registro humorístico são constantes nas charges de Charlie Hebdo. Entretanto, não fizemos a análise de todas as charges com esses traços para evitar redundância e prolixidade. Passemos a nossa última seção onde apresentamos as categorias de humor detectadas nas charges segundo os pressupostos teóricos de Charaudeau (2006a; 2006b; 2011a; 2011b).

4.3. AS CATEGORIAS DE HUMOR E OS EFEITOS DE SENTIDO NAS CHARGES DE CHARLIE HEBDO

Nesta seção nos dedicamos a detectar as categorias de humor e os possíveis efeitos de sentido oriundos delas. Para tanto, nos baseamos nos itens elencados por Charaudeau (2006a; 2006b; 2011a; 2011b) e suas teorizações sobre o assunto. Como as charges de Charlie Hebdo recorrem frequentemente aos aspectos humorísticos e seus desdobramentos, a análise nesta seção está organizada da seguinte forma: enumeramos as categorias como subseções e no interior de cada uma levantamos o possível efeito de sentido predominante nela. Lembramos que as categorias e os efeitos não se correspondem termo a termo, podendo uma categoria suscitar vários efeitos de sentido e vice-versa.

Charaudeau (2006a) submete as categorias do humor à enunciação e alerta que elas não devem se reduzir a classificações estáticas, uma vez que são voláteis e, por isso, devem se combinar para se chegar a resultados mais coerentes de classificação do

ato humorístico. O autor as subdivide em categorias enunciativas de ironia, de sarcasmo e de paródia. Sob critérios semânticos, Charaudeau (2006a) elenca os possíveis efeitos de sentido, os quais podem se relacionar com as categorias. São eles: efeito lúdico, efeito de crítica, efeito de cinismo, efeito de derrisão e efeito de brincadeira. Em nosso *corpus*, a categoria com maior incidência foi a ironia. Por isso, vamos começar por ela.

4.3.1.A CATEGORIA DE IRONIA E POSSÍVEIS EFEITOS DE SENTIDO

Segundo Charaudeau (2006a), a ironia é uma categoria problemática, devido às diferentes abordagens que vem sofrendo desde Aristóteles (2003). No entanto, não é nosso intuito desenvolver essa discussão. Restringimo-nos em reproduzir a definição no sentido mais corriqueiro, ou seja, como figura de linguagem e aplicá-la ao *corpus*. Para Charaudeau (2006a; 2006b; 2011a; 2011b), a ironia é um ato enunciativo que faz coexistir o que é dito e o que é pensado numa relação de não correspondência. Assim, o enunciado irônico afirma algo diferente daquilo que realmente pressupõe. No entanto, o “falante deve fornecer ao receptor pistas que lhe permitam entender que o que deve ser entendido é o reverso do pensamento do que é dito”¹³². Em nosso *corpus*, detectamos ironia na maioria das charges sob diferentes nuances, portanto selecionamos aquelas em que a ironia está mais evidente. Trata-se das charges nº 02, 07, 10, 13, 14, 20 (cf. anexo).

Na charge nº 02 (cf. anexo), a ironia está presente no enunciado “O presidente toma uma medida”, referindo-se à atitude insignificante que o presidente da *France Télécom* toma ao presenciar o suicídio de seus funcionários: ele apenas abre um guarda-chuva para se proteger. O efeito de sentido evocado predominantemente é o de derrisão. Este efeito visa à desmoralização do alvo, rebaixando-o, fazendo-o descer da posição em que se encontrava. No caso da charge citada, o presidente da empresa, por sua indiferença diante dos fatos, foi crítica do jornal que o rebaixou no tocante a sua moral.

Na charge 07 (cf. anexo), a categoria de ironia encontra-se no aviso em tarja vermelha com letras brancas maiúsculas onde se lê: “Jornal irresponsável”¹³³. Há uma

¹³² No original: “le locuteur doit fournir au récepteur les indices qui lui permettent de comprendre que ce qu’il faut comprendre est l’inverse de ce qui est dit.” Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Des-categories-pour-l-humour,274.html>. Acessado em 30/06/2018.

¹³³ No original: “Journal irresponsable”

voz que assume a irresponsabilidade através desse enunciado, mas há outra que coloca o humor como condição *sui generis* para a existência do jornal. Isso pode ser verificado na página ao lado que contém os enunciados “jornal responsável”¹³⁴ e “fim do riso”¹³⁵, porém a página encontra-se em branco. Assim, segundo os preceitos de Charadeau (2006), o enunciador forneceu pistas ao público que lhe permitiu perceber que o que deve ser entendido é o reverso do pensamento que está explícito na página ilustrada ao lado.

O efeito de sentido predominante nessa charge é o crítico, pois ao submeter a existência do jornal à condição de ser irresponsável, o locutor que levar o público a entender que não se faz humor sendo responsável. Assim, o enunciador dessa charge propõe ao público uma denúncia de falsas virtudes (no caso, um jornal humorístico responsável) que encobrem valores sociais negativos (a opressão à liberdade de imprensa).

Na charge nº 10 (cf. anexo), a ironia se manifesta pela discrepância entre discutir ideias sobre um determinado assunto e incitar à violência a partir do posicionamento de tais ideias. Assim, uma figura masculina com a camisa nas cores da bandeira do movimento LGBT exibe suas chagas e a sua volta há três balões, apontando para seus ferimentos, cujo conteúdo é relacionado nominalmente a personalidades ativistas de direita que entravam a luta pelos direitos LGBT’s. Os dizeres são “ideias de Boutin, ideias de Copé e ideias de Frigide Barjot”¹³⁶. Desta forma, o que deveria se restringir ao campo das ideias e motivar debates produtivos passa para o plano físico de forma agressiva. O público é levado a entender que as ideias propagadas por tais personalidades na verdade não são ideias, mas armas letais contra a comunidade LGBT.

A respeito do efeito de sentido, nessa charge há a combinação de dois efeitos: o crítico e o de derrisão. O crítico porque há uma proposta ao destinatário de avaliar com desconfiança os valores heteronormativos que se circunscrevem na contra-argumentação do grupo opositor, no caso os conservadores de direita. O de derrisão pelo fato de as ideias que atacam fisicamente o personagem pertencem a personalidades da política francesa rebaixando-as, fazendo circular uma ideia negativa a seu respeito

¹³⁴ No original: “Journal responsable”

¹³⁵ No original: “Fini de rire”

¹³⁶ No original: “idées de Boutin, idées de Copé, idées de Frigide Barjot”

diante da polêmica do casamento entre pessoas do mesmo sexo, já que essa charge foi publicada internamente numa edição em que o assunto de capa era esse.

Na charge nº 13 (cf. anexo), a ironia reside em se desejar “feliz ano novo” e “aprecie sua comida (*quenelle*)”¹³⁷, mas em contraponto com a figura de uma personalidade que tem a *quenelle* enfiada no traseiro. Ou seja, deseja-se de modo gracioso algo negativo e impensável de se fazer com a comida.

O efeito de derrisão é mais uma vez predominante, pois o locutor desmoraliza o seu alvo, no caso o humorista Dieudonné M’bala M’bala, considerado por alguns franceses como antissemita e dono do gesto denominado *quenelle*, por fazer lembrar uma, mas também muito parecido à saudação nazista. A posição constrangedora na qual se encontra a caricatura que o representa desvaloriza-o como pessoa e figura pública que é.

Na charge nº 14 (cf. anexo), a ironia manifesta-se pelo contexto da cena na charge. Nela, há um extremista do islã prestes a cortar a garganta daquele que julga ser infiel. Porém, ironicamente, a figura com a faca no pescoço é Maomé, líder supremo da religião da qual o extremista diz participar. Os enunciados “Eu sou o profeta, idiota!” e “Cale a boca, infiel!”¹³⁸ reforçam o absurdo e teor irônico da cena, além do título que abre a narrativa: “Se Maomé voltasse...”¹³⁹. O efeito de sentido principal é o crítico, já que propõe a denúncia de falsas virtudes, neste caso, ligadas à religião. A ideia do locutor é hostilizar as atividades dos extremistas que se inscrevem na lógica dogmática do islamismo, mas praticam o contrário.

Na charge nº 20 (cf. anexo), o enunciador ironiza um fato subjacente à existência do islamismo, que talvez faça parte do imaginário sociodiscursivo de seus membros: o fato de ser essa uma religião de paz. Isso porque a charge retrata o atentado, atribuído a terroristas que se proclamam mulçumanos, ocorrido em Barcelona, Espanha, no dia 17 de agosto de 2017, com 13 vítimas fatais. A ironia é reforçada no plano escrito, pois no enunciado “Islã, religião de paz...eterna!”¹⁴⁰, a presença das reticências denota hesitação. Ou seja, não se deve confiar totalmente na afirmação, ratificando, mais uma vez, a função da ironia que consiste em apresentar um fato, a princípio, na superfície textual do enunciado, mas que em suas camadas subjacentes, quer afirmar outra coisa,

¹³⁷ No original: “Bonne année, bonne quenelle!”

¹³⁸ No original, respectivamente: “Je suis le profète, abruti!”, “Ta gueule, infidèle!”

¹³⁹ No original: “Si Mahomet revenait...”

¹⁴⁰ No original: “Islam, religion de paix...éternelle!”

geralmente o oposto do que o enunciado diz anteriormente, dando pistas ao interlocutor para se chegar à segunda conclusão. As pistas nesse caso são mais evidentes do que normalmente seriam em outros enunciados. Na charge citada, a frase “Islã, religião de paz...eterna!”, a palavra *eterna*, escrita em letras maiúsculas brancas e grandes, se isola do resto do enunciado no rodapé da página, enquanto a primeira parte dele se mantém acima da imagem de duas crianças mortas.

O efeito de sentido predominante é o crítico, porque, mais uma vez, busca-se denunciar falsas virtudes disseminadas no imaginário social, no caso ter uma religião que seja classificada como de paz. Deste modo, Charlie Hebdo segue sua linha de atuação hostilizando aqueles que acreditam em valores que geralmente as sociedades ditas religiosas não aceitam que se ponham em xeque. Claro que o locutor da charge joga com a possibilidade de atacar esses valores, estendendo o ataque a todos da religião islâmica, já que em seu enunciado não faz distinção dos fiéis comuns e dos terroristas que se dizem fiéis ao islã.

4.3.2. OUTRAS CATEGORIAS E POSSÍVEIS EFEITOS DE SENTIDO

Detectamos outras categorias enunciativas em Charlie Hebdo, mas para evitar exatidão, vamos apenas expor alguns exemplos emblemáticos. Além da ironia, encontramos as categorias de sarcasmo e paródia. Como fizemos na subseção anterior, inserimos os efeitos de sentido no mesmo tópico de discussão sobre as categorias enunciativas.

4.3.3. A CATEGORIA DO SARCASMO

Essa categoria consiste na atribuição de características de exagero ao alvo, o que culminará numa espécie de contrário do eufemismo. Nas charges são comuns a presença dessa categoria, uma vez que o próprio gênero charge carrega em sua etimologia o traço do exagero. Em nosso *corpus*, selecionamos como exemplos de sarcasmos as charges nº 01, 02, 10 e 12. Todas com o traço do exagero contundentes.

Na charge nº 01 (cf. anexo), Maomé, líder supremo do Islã, encontra-se “arrasado” pelos “fundamentalistas”. Essa atribuição exagerada não condiz com uma

figura santa cujo traço característico deveria ser a calma, o perdão e a prudência ao se dirigir aos seus fiéis. No entanto, como manobra de persuasão, o criador da charge o coloca numa relação de exagero. O efeito de sentido predominante é o crítico, pois põe em dúvida um falso valor presente nas representações sociais de um grupo. No caso da charge, o valor da subserviência à religião de forma extrema é questionado pelo próprio profeta, numa alusão exagerada de seu comportamento.

Na charge nº 02 (cf. anexo), a presença do sarcasmo serve para atenuar o fato de haver muitos casos de suicídio na *France Télécom*. No primeiro plano, a figura do presidente segurando um guarda chuva para se proteger da chuva de suicidas. Ao fundo, duas pessoas se jogando do alto do edifício da empresa. O exagero serve para atenuar a discrepância entre os casos de suicídio e a inércia do presidente diante da situação. O efeito de sentido predominante nessa charge, a derrisão, já foi explicado na subseção anterior.

Na charge nº 10 (cf. anexo), a categoria do sarcasmo se manifesta pelo exagero de as ideias, contidas nos balões de diálogo, serem responsáveis pelos ferimentos do personagem. É claro que se pode presumir que as ideias chegando ao personagem como feridas é só metafórica, mas não deixam de entrever o caráter exagerado por relacionar uma coisa (as ideias) automaticamente a outra (às chagas do personagem). O efeito de sentido predominante dessa charge também já foi aludido na subseção anterior.

Na charge nº 12 (cf. anexo), a categoria do sarcasmo está ligada à atribuição exagerada das características da personagem a um macaco. A caricatura representa a ministra da Justiça francesa, Christiane Taubira. É claro que tal atribuição serviu de manobra para desmoralizar a ministra num ato racista. O efeito de sentido nessa charge é duplo. Primeiro tem-se o efeito de derrisão que busca desmoralizar a figura da ministra, através de sua associação a um macaco. Além do enunciado “Maliciosa como um macaco, Taubira encontra a banana”¹⁴¹ reforçar esse efeito.

Porém, se analisarmos as pistas contextuais, concluiremos que os enunciadores das charges de Charlie Hebdo não se comportariam dessa forma, uma vez que o jornal já se consolidou como partidário de uma política que luta contra os preconceitos e tabus vigentes na sociedade. Daí percebemos que a caricatura exposta de modo ultrajante para a ministra produz um efeito de sentido de crítica, pois denuncia a maneira como alguns integrantes do Front National, movimento de extrema-direita, a enxergam ou a tratam,

¹⁴¹ No original: “Maligne comme un singe, Taubira retrouve la banane”

já que Anne Sophie Leclère, partidária desse movimento, postou em seu Facebook uma imagem comparando a ministra a um macaco.

4.3.4.A CATEGORIA DA PARÓDIA

A paródia, segundo Charaudeau (2006a) é uma estratégia enunciativa através da qual o locutor retoma o texto fonte com características particulares sob a ótica do novo enunciador, de modo que o texto não se aproxime tanto ao ponto de ser igual a sua fonte, mas também que não se distancie tanto a ponto de os interlocutores não o reconhecerem como uma paródia. Em nosso *corpus*, detectamos a paródia em duas charges, as quais serão seguidas por seus efeitos de sentido predominantes. Trata-se das charges nº 04 e 06 (cf. anexo).

Na charge nº 04 (cf. anexo), o conjunto de leis punitivas do islã é retomado intertextualmente numa tarja vermelha sobre o nome do jornal Charlie Hebdo com letras brancas, em forma de um trocadilho. Então de “Charlie” obteve-se “Charia”, em referência à “sharia”. Sob este conjunto de leis estão condicionados o comportamento e a conduta dos muçulmanos que, caso desobedeçam, sofrem a punição através de chicotadas. Por isso o enunciado na fala do personagem representando Maomé: “100 chicotadas, se você não morrer de rir”¹⁴².

O efeito de sentido, ao que parece, é desprezioso, sem intenção de depreciar ou criticar alguém, podendo ser classificado como efeito de brincadeira. Porém, parafraseando Charadeau (2006), lembremos o que o autor nos alerta sobre este tipo específico de efeito: a brincadeira é um termo genérico para um sentido específico através do qual se tenta amenizar uma situação séria, aceitando que o que era sério antes, deve ser levado como brincadeira, ou seja, a brincadeira esconde algo que em situação precedente era sério, mas que agora por algum motivo se quer fazer passar por brincadeira. Nesse tipo de efeito, não se propõe um julgamento sobre o outro ou sobre o mundo como no efeito crítico, todavia esse efeito de sentido mascara uma crítica subjacente, uma verdade que, provisoriamente, não se quer falar.

Na charge nº 06 (cf. anexo), por exemplo, a paródia está presente no título da charge quase no topo da página: “Intocáveis 2” e faz alusão a um filme francês que foi

¹⁴² No original: “100 coups de fouet, si vous n’êtes pas morts de rire”

sucesso de bilheteria na França: Os intocáveis 2. O enredo, como já foi explicitado anteriormente, narra a história de dois amigos improváveis: um aristocrata branco, culto e rico e um imigrante senegalês negro com uma série de problemas financeiros e pessoais. Na paródia, o branco foi representado por um mulçumano e o negro foi representado por um judeu ortodoxo. Assim como no filme, esses dois grupos são apresentados como pouco prováveis de relações mais estreitas como a amizade. O efeito de sentido predominante é crítico, uma vez que faz alusão, através da paródia, a uma relação étnica desgastada no cenário francês. Dois grupos que, geralmente, não têm uma relação social muito boa no país que escolheram para viver.

Finalizada a última seção deste trabalho, passemos às considerações finais. É válido lembrar que as categorias enunciativas de humor e os efeitos de sentido não são instrumentos estáticos e correspondentes termo a termo. Suas reações podem variar segundo uma série de fatores como o gênero textual, o recorte do analista, a combinação com outras categorias de análise, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O contrato de comunicação é a primeira
sobredeterminação do sentido de
discurso. E se quisesse terminar com
uma nota ligeiramente provocadora,
diria que de fato não há saber de língua
que não seja saber de discurso, e que
não há conhecimento “prototípico” do
mundo [...] que não repouse sobre o
saber de “crença”.*

Charaudeau

Assim como fizemos no capítulo de análise, nas considerações finais, tecemos, de forma segmentada, alguns comentários acerca das constatações e resultados que obtivemos. Assim, iniciamos esse fim de percurso por uma breve consideração sobre o teor imagético das charges. Depois passamos pelo balanço das emoções visadas nas charges, então falamos dos *ethé* que constituem e dão corporeidade aos sujeitos que enunciam nos textos chárgicos, logo após discutimos as modalidades argumentativas e os registros discursivos que estão disponíveis no *logos* desse gênero discursivo para, então, finalizarmos com as categorias e efeitos de humor presentes nas charges. Esse método para elaborar nossas considerações finais, assim como aconteceu nas análises, é apenas por uma questão didática, de modo a dar mais visibilidade aos resultados obtidos segundo suas categorias de análise. Sabemos, portanto, que o exercício de se separar o *ethos*, o *pathos* e o *logos* é apenas ilusório.

No que concerne à composição imagética das charges, pode-se afirmar que no cerne de sua criação encontram-se elementos que só significam porque fazem parte da participação em dada sociedade. Além disso, cabe afirmar que as imagens, embora sejam suscetíveis de significação, não estamos falando de qualquer tipo de significado. Isso porque o signo imagético está inserido em uma dada sociedade e seu significado passa por um processo equivalente ao da língua natural, ou seja, o valor semântico proveniente do fator sociocultural sempre é uma tônica a ser considerada.

Assim, em prol de uma coerência e fidelidade discursivas, alguns aspectos de análise para a língua falada/escrita têm boa ressonância no âmbito icônico. Como já foi sinalizado neste trabalho, o imagético complementa o verbal. Numa sociedade em que as imagens estão cada vez mais presentes em muitos meios de comunicação, negar o valor do signo imagético seria fechar os olhos à grande parte da significação do ato comunicativo.

Voltando à distribuição dos elementos que compõem a tríade aristotélica, percebemos que o valor prático de manuseio das provas retóricas, *ethos*, *logos* e *pathos*, pode suscitar efeitos variados ao texto, denotando uma série de possíveis interpretativos por parte do interlocutor. O autor do texto, por outro lado, pode querer demonstrar várias intenções como cautela, proximidade, isenção, afeto, acusação dentre uma série de possibilidades.

Embora nossa curiosidade acadêmica tenha se declinado para o *pathos*, pudemos constatar que seu gerenciamento, em forma de emoções, se deu como estratégia de persuasão e esteve sempre atrelado ao *ethos* e ao *logos*, não numa relação equilibrada,

proporcional, mas variante devido à ênfase que locutor queria dar ao seu discurso. Assim, um ato de fala pode apresentar forte patemia, desviando a atenção do *ethos* e do *logos*. Mas também pode parecer não patêmico e ter marca *ethótica* forte. O *logos* também pode marcar (ou não), como índice linguístico, a forte presença desses elementos anteriores. Vale afirmar que tudo isso é mediado segundo os valores que o locutor dá aos saberes de crença e às representações inerentes a eles.

Sobre a aplicação de cada elemento retórica, tivemos que fazer escolhas e adaptações. Sabemos que nem sempre é possível darmos conta da totalidade do ato comunicativo em todas as suas variantes. Por isso, no que tange ao *pathos*, por exemplo, optamos por analisá-lo nas charges sob a perspectiva das categorias de análise de Charaudeau (2010) e de Plantin (2010) em três grandes níveis. O primeiro nível diz respeito aos índices patêmicos diretos, ou seja, palavras que de antemão já possuem grande teor patêmico. O segundo nível diz respeito às palavras que não denotam patemia exatamente, mas que, por pertencerem a campos semânticos vizinhos, suscitam patemias de forma indireta. E, por último, no terceiro nível, tratamos dos casos em que os enunciados não tinham nenhuma pista patêmica, mas, devido ao seu contexto sociodiscursivo, estavam relacionadas ou suscitavam emoção de alguma forma.

Sobre esses níveis, pudemos tirar as seguintes conclusões. No primeiro nível estava concentrado o menor índice de palavras patemizantes totalizando 4 ocorrências. No segundo nível, considerado intermediário, havia uma quantidade maior, 9 ocorrências, quase metade do nosso *corpus*. No terceiro e último nível, encontramos 8 ocorrências. A partir desses dados, concluímos que a concentração das emoções se dá, no discurso das charges de *Charlie Hebdo*, por meio de estratégias intermediárias, ou seja, as emoções surgem nem de um contexto com vocabulário altamente propício, nem de um contexto isento das marcas de patemização. É claro que esses dados podem variar conforme outros critérios de análise.

No que se refere aos *ethé* das charges, nos baseamos em Maingueneau (1997; 2015) e trabalhamos com sua perspectiva sobre as noções de *ethos* dito e o *ethos* mostrado. Em Charaudeau (2008a), aproveitamos a noção da dinâmica do *ethos* relacionada à intersubjetividade dos sujeitos do ato comunicativo como constitutiva do reconhecimento das imagens. De Charaudeau (2008a) apreendemos também as noções dos *ethé* condicionados aos modos enunciativos elocutivo, alocutivo e delocutivo, sem ignorar, é claro, a composição das representações e imaginários sociais. Por último, assimilamos o conceito de *ethos* prévio, termo proposto por Amossy (2014c),

emreformulação do termo *ethos* pré-discursivo. Sobre o *ethos*, chegamos às seguintes conclusões.

Os sujeitos que compõem a dinâmica ética de Charlie Hebdo não são individuais, nem únicos. Eles fazem parte de uma dinâmica ética que representa diferentes níveis de enunciação. Há o enunciador chargista, individual, ser social do mundo. Há o enunciador discursivo, ser da língua, que se enuncia nas charges através de vários modos enunciativos. Há, ainda, o enunciador que atravessa e complementa, de certa forma, os dois primeiros. Trata-se do enunciador ligado à instituição jornalística Charlie Hebdo, afinado às ideologias que formam a identidade do jornal. Porém essa identidade institucional é constituída e construída de forma tácita pelos fragmentos identitários marcados discursivamente por seus sujeitos ao longo da história do jornal.

Essa terceira identidade está alinhada às ideologias dos parceiros de trabalho e, ao mesmo tempo, constituem suas próprias identidades jornalísticas, marcadas por seu estilo individual de criar as charges. Assim, o *ethos* coletivo do jornal contribui para sua consolidação identitária, mas é construído por ela, no dia a dia. Disso resulta uma homogeneidade discursiva que se mantém estável, linguisticamente falando, e que faz com que o jornal tenha a “cara” que tem.

Sobre o *ethos* dito, Charlie Hebdo se autoproclama como perverso, mas essa não é a única autodefinição dada pelo jornal. Charlie Hebdo se autodenomina também um jornal irresponsável, se descreve através de algumas metáforas como “Charlie Hebdo é um soco na boca¹⁴³” ou então “Charlie Hebdo é um jornal irado, é um jornal que ri¹⁴⁴”, ou ainda, “Para ser feliz, Charlie Hebdo desenha, escreve, entrevista, reflete e gosta de tudo o que é ridículo na terra, tudo o que é grotesco na vida¹⁴⁵”. Deste modo o jornal assume um *ethos* leviano, mas como estratégia para dizer, através de suas charges, o que bem entender. Entretanto não só de conotações negativas vive o jornal. O veículo também se auto reconhece como um jornal de esquerda, como uma arma de empoderamento, pronta a fazer justiça através de suas charges e reportagens.

Essas imagens de Charlie Hebdo se confirmaram à medida que nossas análises foram tomando forma. O *ethos* de *bête et méchant*, por exemplo, se ratificou em charges como as de nº 19 e 20 (cf. anexo) em que o jornal zomba da desgraça alheia sem se

¹⁴³ No original: “Charlie Hebdo c’est un coup de poing dans la gueule”

¹⁴⁴ No original: “Charlie Hebdo c’est un journal en colère, c’est un journal qui rit”

¹⁴⁵ No original: “Pour être heureux, Charlie Hebdo dessine, écrit, interviewe, réfléchit et s’amuse de tout ce qui est risible sur terre, de tout ce qui est grotesque dans la vie”

importar com a sensibilidade das pessoas envolvidas direta ou indiretamente com as tragédias. Por outro lado, o *ethos* de jornal de esquerda, envolvido com as causas sociais de minorias ou grupos estigmatizados, pode ser confirmado nas charges nº 05, 09, 10, 12, 16 (cf. anexo), para citar alguns exemplos. Um *ethos* notório de Charlie Hebdo refere-se ao seu anticlericalismo. Não especificamente contra o Islã, mas com todas as religiões. Nenhuma é poupada. Essa crítica pode ser vista nas charges de nº 01, 03, 04, 05, 06, 08, 11, 14, 17 e 20 (cf. anexo).

Sobre os modos enunciativos na construção do *ethos*, o elocutivo, o delocutivo e o alocutivo, constatamos que Charlie Hebdo ainda preserva traços de um jornal mais comum, não subversivo, pois a maioria das charges se mantiveram no modo primordialmentedelocutivo. São elas: charges nº 01, 02, 03, 05, 07, 08, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20 (cf. anexo). O modo delocutivo trata da neutralidade do discurso, ou seja, o modo em que o sujeito enunciador apaga suas marcas elocutivas do discurso, tornando-o supostamente neutro e isento. O modo alocutivo apareceu nas charges nº 05, 06, 09 e 13 (cf. anexo). O modo elocutivo não apareceu com muita frequência.

Em relação ao *logos*, trabalhamos com as noções de modalidades argumentativas e registros discursivos, elencados por Amossy (2008). Nas charges foram encontradas primordialmente as modalidades patética e polêmica e seus respectivos registros discursivos com pouquíssima variação. Eis os números das charges referentes às modalidades em questão: 01, 05, 16 e 17 (cf. anexo). Notamos ainda que, segundo nosso instrumental teórico, as modalidades argumentativas patética e polêmica se servem de vários tipos de registros para angariarem adesão. Os registros mais recorrentes são os próprios patético e polêmico e o registro humorístico com suas categorias. Tal resultado tem a ver com o teor das charges, quase sempre polêmicas e apelando às emoções, ora com a presença do registro humorístico, ora sem ele. Além das modalidades patética e polêmica e seus respectivos registros, detectamos as modalidades pedagógica na charge nº 15 (cf. anexo) e a pedagógica e demonstrativa na charge nº 07 (cf. anexo).

No âmbito do humor, recorremos a Charaudeau (2006a; 2006b; 2011a; 2011b) e utilizamos, de modo combinatório, seu instrumental sobre as categorias de humor e possíveis efeitos de sentidos. Obtivemos os seguintes resultados: a categoria que mais apareceu nas charges foi a ironia, dado o teor polêmico, humorístico e contestador das charges. Sobre os efeitos de sentido, os mais presentes foram a derrisão e a crítica. Também pelos mesmos motivos.

Depois desse balanço, podemos tecer as seguintes considerações sobre as três provas retóricas. As emoções já são pauta de teorizações há muitos séculos, desde os gregos, mas foi em Aristóteles (2003) que ela ganhou ares discursivos. Na linguística, embora seja uma vertente frutífera e promissora para delinear vários caminhos na análise do discurso, há ainda muitas imprecisões teóricas e metodológicas que marcam a fronteira da análise do discurso com outras disciplinas. Estas contribuem para o desenvolvimento das discussões, porém possuem um campo bem marcado de atuação que, se de um lado dialogam livremente com a análise do discurso, por outro, enrijecem suas fronteiras a fim de não se deixarem penetrar por ela. O mesmo vale para a análise do discurso quando a confrontamos com a psicologia, a pragmática e a cognição. Outro ponto a ser superado pela análise do discurso diz respeito à análise da recepção das emoções. Embora autores como Charaudeau neguem essa possibilidade, alguns, ainda que em superfície, tocam no assunto.

A respeito da atuação das emoções nos discursos, vimos que ela está amalgamada com outros elementos e que para sua detecção é necessária a mobilização de várias manobras teórico-metodológicas. No contexto das charges, por exemplo, as emoções desempenham papéis que demandam a análise conjugada ao *ethos* e ao *logos* para no fim se obter sucesso no projeto de persuasão do interlocutor. A partir da análise de nosso *corpus* entendemos que as emoções são primordiais não só para a busca pela adesão ao discurso, mas para a geração de efeitos diversos que vão além do emocionar. Através delas pode-se regular o nível e o tipo de interação que queremos ter com nossos interlocutores. Por exemplo, podemos jogar com o *pathos* a fim de nos aproximar do interlocutor, podemos também nos afastar, argumentar, isentar dentre outras possibilidades.

Além disso, vimos que as emoções estão estreitamente ligadas a noções que giram em torno das representações sociais, dos imaginários sociodiscursivos, incluindo os estereótipos, clichês e saberes de crença que subjazem e sustentam esses elementos. A partir dessas noções, percebemos que algumas emoções por se sustentarem nas representações sociais, surtem efeitos diferenciados em quando são projetadas para outro público. Prova disso é que algumas charges de Charlie Hebdo não fazem muito sentido se veiculadas em nossa realidade discursiva. As charges que tratam de temas relacionados ao caráter de um povo, por exemplo, ou que apelam ao reconhecimento de uma virtude, podem sofrer variação de efeito na contramão do contexto social. Sobre esse aspecto, comenta Maingueneau: “Como a virtude não é considerada da mesma

maneira em todos os lugares por todas pessoas, é em função de seu auditório que o orador se construirá uma imagem, conforme o que é considerado virtude” (MAINGUENEAU, 2015, p. 15).

Vimos também que as emoções podem se associar com outras modalidades argumentativas ou registros discursivos, como a polêmica, a fim de orientar o olhar do interlocutor para uma interpretação específica. Assim, quando nos deparamos com charges do tipo da nº 05 (cf. anexo) onde se pode ler “O amor é mais forte que o ódio” e onde há a figura de dois homens se beijando, entendemos que a modalidade argumentativa está aliada à polêmica em torno de uma causa societária a fim de adesão. As emoções podem ainda aparecer sob a forma de tópicos, índices patêmicos (diretos, indiretos), enfim, há uma gama de possibilidades que o mercado das teorias nos oferece a esse respeito. O fato é que o discurso emotivo não pode mais nos passar despercebido, a menos que fechemos os olhos a ele e caímos na fantasia de um discurso apático.

Sobre o *ethos*, percebemos através de nossas análises que ele pode ser apreendido a partir de vários critérios. O que escolhemos aqui foi apenas uma das possibilidades. No entanto, vimos sua importância tanto para a argumentação quanto para o gerenciamento das emoções sobre nós e orientação sobre os outros. Percebemos como o *ethos* prévio na composição das charges é decisivo no processo de apresentação (e talvez na recepção) do material linguístico e não linguístico. Sua construção passa desde a origem do sujeito (que se impõe no ato comunicativo e por isso é obrigado a apresentar um *ethos*) até a elaboração de vários *ethé* que compõem as charges.

Além disso, há de se reconhecer suas nuances e variantes tais como: o *ethos* que construo no meu dizer é o mesmo que eu mostro? Nas charges analisadas, os enunciadores de Charlie Hebdo se mantiveram fiéis ao projeto subversivo, irresponsável e perverso ao qual se propuseram não só nos escritos do site, mas em toda sua linha editorial. Por outro lado, mantiveram-se implacáveis na defesa de um *ethos* construído ao longo dos anos com base em suas lutas e resistências para não fecharem o jornal mais uma vez e para, apesar dos atentados, trabalharem em prol da democracia e liberdade de expressão.

Cabe sinalizar que o *ethos* se desdobrou em outras instâncias retóricas e ajudou na manutenção do *pathos* e do *logos* ao longo do trabalho. Nas análises feitas, notamos que os fatores patêmicos mantinham como pano de fundo suas estruturas éticas, pois estavam sempre relacionados às imagens que os chargistas queriam apresentar através

das caricaturas. No plano do *logos*, não haveria como argumentar, descrever as modalidades argumentativas sem pensar no *ethos*. A modalidade polêmica, por exemplo, tem forte apelo aos imaginários sociais sem os quais o *ethos* não existe. Enfim, é nesse jogo de espelhamentos que o *ethos* se configura, se perpetua e interage com as outras partes do discurso persuasivo. Sua existência implica o reconhecimento e legitimação do sujeito, aquele que, ao requerer a vez e a voz no ato comunicativo, impõe sua imagem, mas, obliquamente, luta por adesão e apela à empatia.

A partir da análise do *logos*, pudemos perceber que a argumentação pode ocorrer em diferentes níveis por diferentes meios, desde as clássicas até as mais modernas que tentam incluir sua estrutura nos moldes das disciplinas das ciências da linguagem. Pensando nisso, Amossy (2008) nos ofereceu seu referencial teórico para que fôssemos em busca de respostas a fim de entender como funciona a argumentação a partir de instrumentos que combinassem com teor social da análise do discurso. Assim, notamos que as charges combinam diversas modalidades argumentativas e inscrevem diferentes registros que deixam sobressair as intenções subjacentes dos locutores do ato comunicacional. Deste modo, as charges combinam não uma, mas várias categorias e registros em prol de uma adesão baseada não só na racionalidade dos fatos, mas também nos movimentos patéticos e éticos do ato discursivo.

As categorias de humor nos deram um norte acerca do que é fazer humor nos moldes de uma disciplina do discurso. Combinando categorias e efeitos de sentido voláteis, nos sentimos aptos a pelo menos fazer distinções que até então encontravam-se embaralhadas e subjugadas pela intuição que nossa competência linguística nos oferece. Nas charges, a categoria que mais aparece é a ironia e o efeito mais visível é a crítica e a derrisão.

Por fim, percebemos que as leituras não só das charges, mas de todo o material para a produção desta tese nos propiciou a leitura de um mundo que, até então, ocultava-se, relativamente à composição do material verbal e não verbal das charges. Assim, reconhecemos que mesmo o exercício aparentemente neutro, que exija mais imparcialidade e objetividade, é permeado de patemias, pois somos sujeitos patemizadose patemizantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth. O Ethos na Intersecção das Disciplinas: Retórica, Pragmática, Sociologia dos Campos. In: Amossy, Ruth (org.). *Imagens de si no Discurso: a Construção do Ethos*. São Paulo: Contexto, 2014.

AMOSSY, Ruth. A Espécie Humana, de Robert Antelme ou as modalidades argumentativas do discurso testemunhal. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emilia (orgs.) *As emoções no discurso*. v. 1. Rio de Janeiro: Lucerna. 2007, p. 252-271.

AMOSSY, Ruth. As modalidades argumentativas do discurso. In: LARA, Glaucia. Muniz Proença., MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander (orgs.) *Análises do Discurso Hoje*. v 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2008, p. 231-254.

AMOSSY, Ruth. Introdução. In: AMOSSY, Ruth. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2014a, p. 9-28.

AMOSSY, Ruth. O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2014b, p. 119-144.

AMOSSY, Ruth. (org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2014c.

AMOSSY, Ruth. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.

ARAGÃO, Rodrigo Camargo. *São as histórias que nos dizem mais emoção, reflexão e ação na sala de aula*. 2007. 287f. Tese (doutorado). Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Belo Horizonte: FALE/UFMG.

ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ARISTÓTELES. *Retórica*. São Paulo: EDIPRO, 2017.

ARNHEIM, Rudolf. *Visual Thinking*. Berkeley: University of California Press, 1969.

AUCLIN, Antoine. *Ethos e experiência do discurso: algumas observações*. In: MARI, Hugo, MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001, p. 201-225.

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas/São Paulo: Editora Papirus, 1993.

BAKHTIN, Mikail. (Volochninov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, M. M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 2010a.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BALIBAR-MRABTI, Antoinette. *Grammaire des sentiments*. Larousse, 1995.

BARONAS, Roberto Leiser. Formação Discursiva e Discurso em Foucault e em Pêcheux: notas de leitura para discussão. In: *Anais do V Seminário de Estudos em Análise do Discurso*, 2011.

BARTHES, Roland. L'ancienne rhétorique. Aide-mémoire. In: *Communications*, n. 16, 1970, p. 172-223.

BARTHES, Roland. *Fragments du discours amoureux*. Paris. Seuil 1977.

- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Editora. Nova Fronteira, 1990.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *Ce que parler veut dire – l'économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CAFFI, Claudia; JANNEY, Richard. Introduction: Planning a bridge. In: *Journal of pragmatics*. v. 22. 1994a, p. 245-249.
- CAFFI, Claudia; JANNEY, Richard. Toward a pragmatics of emotive communication. In: *Journal of pragmatics*. v. 22. 1994b, p. 325-373.
- CHABROL, Claude. Prevenção e riscos de acidentes nas estradas: administrar o medo e/ou a ameaça? In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato. (orgs.). *Análises do discurso hoje*. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, p. 37-55.
- CHARAUDEAU, Patrick. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho Dias (org.) *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996, p. 5-43.
- CHARAUDEAU, Patrick. La pathémisation à la télévision comme stratégie d'authenticité. In: *Les émotions dans les interactions*, Lyon, Presses universitaires de Lyon, 2000. <http://www.patrick-charaudeau.com/La-pathemisation-a-la-television.html>. Acessado em 30/06/2018.
- CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato. *Análise do Discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001. p. 23-38.
- CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004a.
- CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato (orgs.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004b. p. 13-41.
- CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27.
- CHARAUDEAU, Patrick. Des catégories pour l'humour. *Questions de communication: humor et média. Définitions, genres et cultures*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, n° 10. 2006a. p. 19-41. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Des-categories-pour-l-humour,93.html>. Acessado em 30/05/2015.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006b.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Pathos e discurso político*. In: MACHADO, Ida Lucia.; MENEZES, William; MENDES, Emília (orgs.) *As emoções no discurso*. v. 1. Rio de Janeiro: Lucerna. 2007, p. 240-251.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Editora Contexto, 2008a.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Editora Contexto, 2008b.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, Marcia Attala. (org.). *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009, p. 309-326.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MACHADO, Ida Lucia; MENDES, Emilia (orgs.) *As emoções no discurso*. v. 2. 2010, p. 23-56.

CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu *corpus*, eu te direi qual é a tua problemática. In: *Revista Diadorim*. 10/12/2011a. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Dize-me-qual-e-teu-corpus-eu-te.html>. Acessado em 26/06/2018.

CHARAUDEAU, Patrick. Des catégories pour l'humour. Précisions, rectifications, compléments. In: GARCÍA, Maria Dolores Vivero. (org.) *Humour et crises sociales: regards croisés France-Espagne*. Paris: L'Harmattan, 2011b, p. 9-43.

CHARAUDEAU, Patrick. La situation de communication comme fondatrice d'un genre: la controverse. In: MONTE, Michèle; PHILIPPE, Gilles. *Genres & Textes*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2014, p. 49-57.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. In: *Revista Entrepalavras*. v. 7, nº 1, 2017, p. 571-591.

CHURCH, Jennifer. L'émotion et l'intériorisation des actions. In: PAPERMAN, Patricia.; OGIEN, Ruwen. (orgs.) *La couleur des pensées: sentiments, émotions, intentions*. Paris: Ehes, p. 219-236.

COSNIER, Jacques. *Psychologie des émotions et des sentiments*. Paris: Retz, 1994.

DESCARTES, René. *As paixões da alma*. s/d. Disponível em: <https://professoriediegodelpasso.files.wordpress.com/2016/05/rene-descartes-as-paixoes-da-alma.pdf>. Acesso em: 31/08/2018.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes Editores, 1987.

ELSTER, Jon. Rationalité, émotions et normes sociales. In: PAPERMAN, Patricia.; OGIEN, Ruwen. (orgs.) *La couleur des pensées: sentiments, émotions, intentions*. Paris: Ehes, 1995, p. 33-64.

FRANÇA, Maria Teresa Rego de. A construção lingüística do riso nas crônicas de José Simão. 2006. 314f. Tese (doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – SP.

FREUD, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente; 1905 - versão *online*. Disponível em: http://www.4shared.com/document/bJjy62fN/Freud_-_Obras_Completas_-_Volu.html. Acessado em 29/04/2015.

GALATI, Dario. Radicalisemanticinellesso italiano dele emozioni. In: *Ricerca di Psicologia* 3. Milano: Franco Angeli, 1986.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, 1995.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. São Paulo: Papirus editora, 1996.

KERBRAT ORECCHIONI, Catherine. O *ethos* em todos os seus estados. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato. *Análises do discurso hoje*, v. 3. Rio de Janeiro: Editora Lucerna. 2010, p. 117-135.

LAUSBERG, Heinrich. *Handbuch der literarischen Rhetorik*. Munich: Max Hueber, 1960.

LIVET, Pierre. Évaluation et apprentissage des émotions. In: PAPERMAN, Patricia.; OGIEN, Ruwen. (orgs.) *La couleur des pensées: sentiments, émotions, intentions*. Paris: Ehes, 1995, p. 119-143.

MACÊDO, José Emerson Tavares. *A linguagem humorística das charges e as “diretas já” no traço dos chargistas dos jornais: diário da borborema e jornal da Paraíba*. Dissertação de Mestrado em História. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Editora Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábolas Editorial, 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008b.

MAINGUENEAU, Dominique. A noção de autor em análise do discurso. In: MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010. Cap. 02. p. 25-47.

MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos, cenografia e incorporação*. In: AMOSSY, Ruth(org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.). *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 11-29.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTY, Anton. *Untersuchungen zur Grundlegung der allemeinen Grammatik und Sprach-philosophie*. University of Michigan, 1908.

MELLO, Renata Aiala. *Flaubert, Madame Bovary e Emma Bovary: ecos de ethos*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

MELLO, Renata Aiala. A. *O universo flaubertiano e a pathemizaçõespecular*. Tese de doutorado. FALE/UFMG. 2016.

MENDES, Emília. *Contribuições ao estudo do conceito de ficcionalidade e de suas configurações discursivas*. 2004. 267f. Tese (doutorado) – UFMG, FALE, POSLIN, Belo Horizonte.

MENDES, Emília. Por um remodelamento das abordagens dos efeitos de real, efeitos de ficção e efeitos de gênero. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato. (orgs) *Análises do Discurso Hoje*.v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008, p. 199-220.

MENDES, Emília. Análise do discurso e iconicidade: uma proposta teórico-metodológica. IN: MACHADO, Ida; LIMA, Helcira; LYSARDO-DIAS, Dylia (orgs). *Imagem e discurso*. Belo Horizonte:NAD/FALE/UFMG, 2013.

MICHELI, Raphael. La construction argumentative des émotions: pitié et indignation dans le débat parlementaire de 1908 sur l'abolition de la peine de mort. In: *Émotions et discours. L'usage des passions dans la langue*. Rennes: PUR, 2008.

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. *Ethos discursivo*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

NUSSBAUM, Martha. Les émotions comme jugements de valeur. In: PAPERMAN, Patricia.; OGIEN, Ruwen. (orgs.) *La couleur des pensées: sentiments, émotions, intentions*. Paris: Ehes, 1995. p. 19-32.

PAPERMAN, Patricia; OGIEN, Ruwen. (orgs.) *La couleur des pensées: sentiments, émotions, intentions*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales. 1995.

PAPERMAN, Patricia. *L'absence d'émotion comme offense*. In: *La couleur des pensées, Raisons Pratiques*. EHESS: Paris, 1995.

PIERCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PLANTIN, Christian. *Essais sur l'argumentation*. Paris: Kimé, 1990.

PLANTIN, Christian. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. São Paulo: Parábola, 2008.

PLANTIN, Christian. As razões das emoções. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lucia (orgs.). *As emoções no discurso*. v. II. Campinas: Mercado das Letras, 2010, p. 57-80.

PLANTIN, Christian. *Les bonnes raisons des émotions: principes et méthode pour l'étude du discours émotionné*. Bern: Peter Lang. 2011a.

PLANTIN, Christian; MUÑOZ, Nora Isabel. *El Hacer argumentativo*. 2011b.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

ROMÃO, Sidnei Cursino Guimarães. *Do desafio do humor à sedução do processamento do texto humorístico à luz da Teoria da relevância*. 2008. 378f. Tese (doutorado) – UFMG, FALE, POSLIN, Belo Horizonte.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo*. Eudem, 2000.

SANTANA, Ana Lucia. *Maria Antonieta. Biografias. InfoEscola, Navegando e Aprendendo*. Disponível em: <http://www.infoescola.com/biografias/maria-antonieta/>. Acessado em 25/04/2015.

SCHERER, Klaus Rainer. On the nature and function of emotion: a component process approach. In: SCHERER, Klaus Rainer; EKMAN, Paul (orgs.). *Approaches to emotions*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1984. p. 293-317.

SCHERER, Klaus Rainer.; WALBOTT, Harald; SUMMERFIELD, Angela. (orgs.). *Experiencing emotions: A Cross-cultural Study*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SCHERER, Klaus Rainer. Les émotions: Fonctions et composantes. In: *Cahiers de psychologie cognitive*. v. 4, p. 9-39. Repris in: Bernard Rimé; SCHERER, Klaus Rainer (orgs.), 1993, p. 97-133.

SILVA, Alexandra. *A formação discursiva através de charges*, 2011. Disponível em: http://www.cce.ufsc.br/~clafpl/88_Alessandra_Silva.pdf>. Acessado em 25/04/2015.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. In: *Estudos Lingüísticos e Literários*, v.5 e 6, 1989, p. 42-79.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Uma introdução ao estudo do humor pela lingüística. *DELTA -Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 6, nº 1, 1990, p. 55-82.

TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

UNGERER, Friedrich. Emotions and emotional language in English and German new stories. In: NIEMEYER, Susanne.; DIRVEN, Rene (orgs.). *The language of emotion*, Duisbourg: Gerhard Mercator University. 1995, p. 297-328.

VALE, Rony Petterson Gomes; DE MELLO, Renato. Humor, semiolinguística e piadas: uma proposta de análise. *Caletrosópio*, v. 1, nº 1. 2012, p. 165-182.

VALE, Rony Petterson Gomes. *O discurso humorístico: um percurso de análise pela linguagem do riso*. 2013. 280f. Tese (doutorado) – UFMG, FALE, POSLIN, Belo Horizonte.

VALE, Rony Petterson Gomes. O discurso humorístico: um percurso de análise pela linguagem do riso. In: *Palimpsesto*. Rio de Janeiro, nº 19, 2014, p. 513-515. Disponível em:

<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num19/resumos/palimpsesto19resumos04.pdf>.

Acessado em 18/12/2018.

VALE, Rony Petterson Gomes. Condições para uma análise do discurso humorístico. In: *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 37, nº. 4, 2015.

WIERZBICKA, Anna. The relevance of language to the study of emoticons. In: NIEMEYER, Susanne.; DIRVEN, Rene (orgs.) *The language of emotion*. Duisbourg: Gerhard Mercator University. 1995, p. 227-23.

Referências digitais dos textos e reportagens sobre as charges de Charlie Hebdo:

BBC BRASIL. *Charlie Hebdo: sátiras escrachadas são marca de revista atacada*. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150106_perfil_revista_ru. Acessado em 25/04/2015.

BBC notícias. *Por que as charges de Maomé causam tanta revolta?* Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150114_publicar_charge_charlie_hebdo_rb. Acessado em 25/04/2015.

BOFF, Leonardo. *Eu não sou Charlie, je ne sui pas Charlie*. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/2015/01/10/eu-nao-sou-charlie-je-ne-sui-pas-charlie/>. Acessado em 22/04/2018.

GGN. O jornal de todos os Brasis. *Charlie Hebdo e como inverter o sentido de uma charge, por Diogo Costa*. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/noticia/para-entender-as-satiras-e-as-charges-do-charlie-hebdo>. Acessado em 29/01/18.

GGN. O jornal de todos os Brasis. *Para entender as sátiras e as charges do Charlie Hebdo*. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/noticia/para-entender-as-satiras-e-as-charges-do-charlie-hebdo>. Acessado em 29/01/17.

GRÁFICO, *Jornal Le monde*. https://www.lemonde.fr/idees/article/2015/02/24/non-charlie-hebdo-n-est-pas-obsede-par-l-islam_4582419_3232.html. Acessado em 30/06/2018.

HEBDO, Charlie. Disponível em: <https://charliehebdo.fr/>. Acessado em 20/10/2016.

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150114_publicar_charge_charlie_hebdo_rb. Acessado em 28/04/2018.

La Parola. *Desmistificando o racismo de Charlie Hebdo*. Disponível em: <http://www.laparola.com.br/desmistificando-o-racismo-de-charlie-hebdo>. Acessado em 12/07/2018.

Martin Laurent. *Pourquoi lit-on Le Canard Enchaîné?* In: Vingtième Siècle, Revue d'histoire, n°68, octobre-décembre 2000. p. 43-54. Disponível em: www.persee.fr/doc/xxs_0294-1759_2000_num_68_1_3934. Acessado em 17/07/2018.

O GLOBO, Jornal. *Entre cartunistas de países muçulmanos, 'Charlie Hebdo' recebe solidariedade e críticas*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/entre-cartunistas-de-paises-muculmanos-charlie-hebdo-recebe-solidariedade-criticas-15268667>. Acessado em 01/07/2018.

PASSA PALAVRA, Jornal. *Entendendo as charges do Charlie Hebdo*, disponível em: <http://passapalavra.info/2015/10/106313>. Acessado em 01/06/2018.

SÃO PAULO, Folha. *Painel do leitor: Alá deve estar revoltado com o terror propagado em seu nome, diz leitor*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2015/01/1574190-leitores-comentam-artigo-de-ricardo-melo-sobre-religiao-e-extremismo.shtml>. Acessado em: 28/04/2018.

TERRA, Portal. *Charge do 'Charlie Hebdo' de tremor na Itália causa revolta*. Disponível em: <https://noticias.terra.com.br/mundo/europa/charlie-hebdo-faz-charge-de-terremoto-na-italia-e-causa-revolta,d559abef5252101491ea6935a033a1461m129ztl.html>. Acessado em 30/06/2018.

Universo Racionalista. *Cartunistas da Charlie Hebdo publicaram piada racista com ministra francesa?* Disponível em: <https://universoracionalista.org/cartunistas-da-charlie-hebdo-publicaram-piada-racista-com-ministra-francesa/>. Acessado em 12/07/2018.

VEJA, Revista. Blog Reinaldo Azevedo. *Charlie Hebdo, alvo de ataque terrorista em janeiro, faz uma capa genial sobre a tragédia*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/charlie-hebdo-alvo-de-ataque-terrorista-em-janeiro-faz-uma-capa-genial-sobre-a-tragedia/>. Acessado em 01/706/2018.

ANEXOS

CHARGES UTILIZADAS NAS ANÁLISES E EXEMPLIFICAÇÕES



Charge n° 01 - Capa do jornal Charlie Hebdo, n° 712 (edição especial), de 05/02/2006.



Charge n° 02 – Charge da capa do Jornal Charlie Hebdo, n° 90, de 30/09/2009



Charge n° 03 – Capa do Jornal Charlie Hebdo, n° 983, de 20/04/2011



Charge n°04– Capa do Jornal Charlie Hebdo, n° 1011, de 02/11/2011



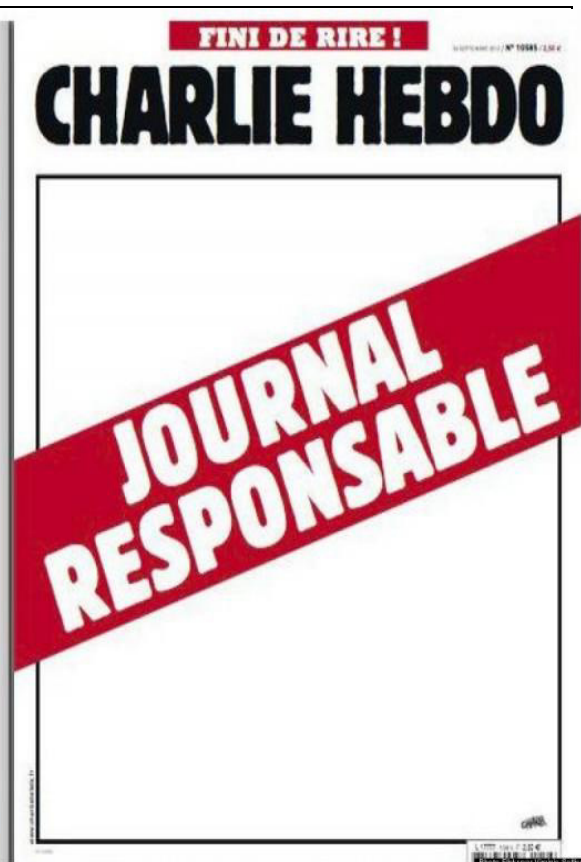
Charge n° 05 - Capa do jornal Charlie Hebdo, n° 1012, de 09/11/2011.



Charge n° 6 – Capa do Jornal Charlie Hebdo, n° 1057, de 19/09/2012



Charge n° 07 – Capa do Jornal Charlie Hebdo, n° 1058, de 26/09/2012





Charge n° 08 – Capa do Jornal Charlie Hebdo, n° 1064, de 07/11/2012



Charge n° 09 - Capa do jornal Charlie Hebdo, n° 1092, de 22/05/2013.

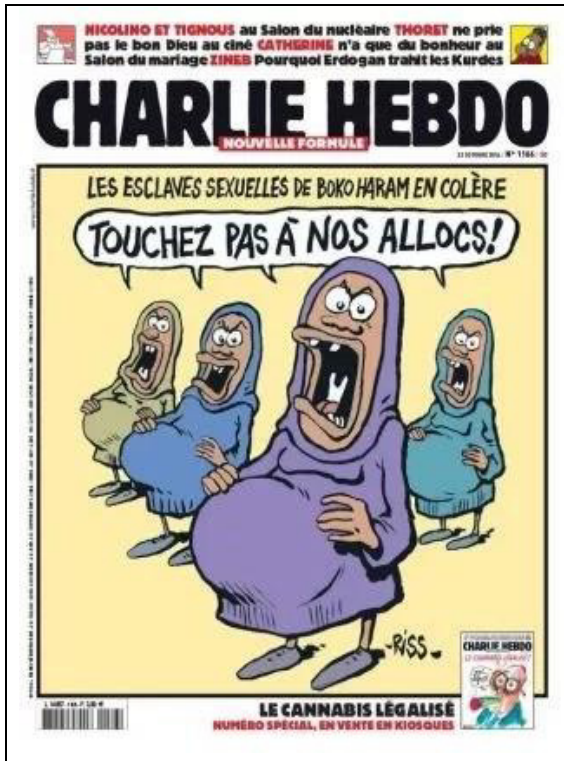


Charge n° 10 – Charge interna do jornal Charlie Hebdo, n° 1092, de 22/05/2013.



Charge n° 11 - Capa do jornal Charlie Hebdo, n° 1099, de 10 de julho de 2013.

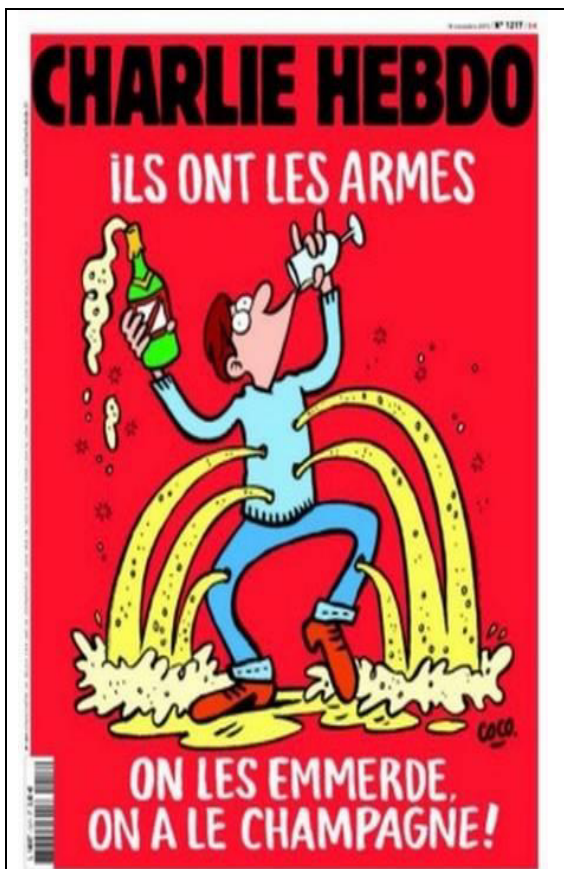




Charge n° 16 - Capa do Jornal Charlie Hebdo, n° 1166, de 22 de outubro de 2014.



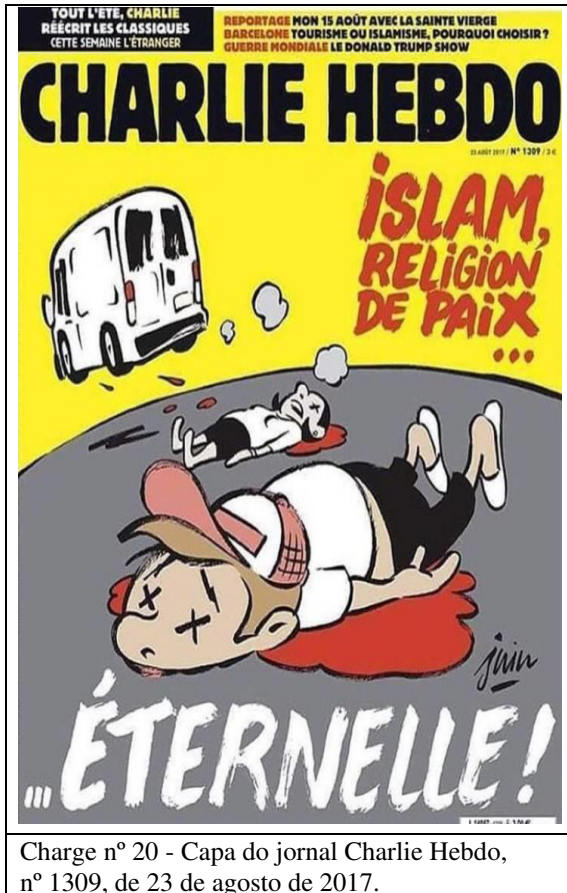
Charge n° 17 – Capa do Jornal Charlie Hebdo, n° 1178, de 14/01/2015



Charge n° 18 – Capa do Jornal Charlie Hebdo, n° 1217, de 11/11/2015.



Charge n° 19 - Charge da última página da publicação do jornal Charlie Hebdo, n° 1255, de 02/09/2016.



Charge n° 20 - Capa do jornal Charlie Hebdo, n° 1309, de 23 de agosto de 2017.

ÍNDICE REMISSIVO DAS CHARGES

Charge 01:	10; 65; 97; 131; 132; 140; 141; 142; 143; 159; 171; 179; 187.	Charge 11:	10; 58; 65; 132; 141; 145; 146; 147; 159; 164; 166; 187.
Charge 02:	10; 64; 132; 137; 138; 141; 142; 146; 149; 159; 164; 176; 179; 180; 187.	Charge 12:	10; 113; 125; 126; 132; 139; 159; 164; 166; 179; 180; 187.
Charge 03:	10; 132; 141; 142; 149; 159; 160; 161; 187.	Charge 13:	10; 55; 72; 133; 134; 135; 169; 176; 178; 187.
Charge 04:	10; 64; 98; 133; 135; 140; 168; 181; 187.	Charge 14:	10; 132; 146; 147; 159; 161; 176; 178; 187.
Charge 05:	10; 85; 86; 112; 131; 135; 141; 144; 159; 164; 171; 172; 187; 189.	Charge 15:	10; 117; 133; 134; 135; 159; 162; 173; 174; 187.
Charge 06:	10; 133; 134; 135; 146; 157; 168; 181; 187.	Charge 16:	10; 33; 57; 63; 131; 141; 142; 159; 163; 171; 172; 187.
Charge 07:	10; 23; 133; 134; 135; 159; 164; 165; 173; 176; 187.	Charge 17:	10; 131; 141; 145; 146; 147; 159; 171; 173; 187.
Charge 08:	10; 133; 134; 135; 141; 143; 159; 160; 161; 187.	Charge 18:	10; 132; 141; 143; 159; 164; 187.
Charge 09:	10; 113; 127; 132; 168; 187.	Charge 19:	10; 50; 133; 134; 135; 136; 139; 141; 145; 146; 148; 156; 159; 164; 167; 186; 187.
Charge 10:	10; 65; 66; 128; 132; 139; 141; 146; 147; 149; 159; 161; 177; 179; 187.	Charge 20:	10; 50; 65; 133; 134; 135; 136; 139; 146; 148; 156; 159; 164; 167; 176; 178; 186; 187.